

MONS. FRANCISCO OLGIATI

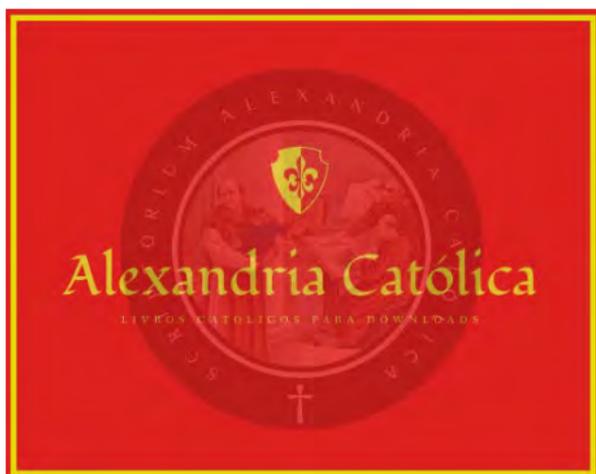
Reitor da Universidade de Milão

As verdades básicas do Cristianismo

Tradução direta da 2.^a edição italiana

pelo

P. Luiz Marcigaglia S. S.



EDITORA VERA CRUZ LTDA.

Matriz: RUA DA QUITANDA, 161 - 2.^o
Caixa Postal 828 — RIO

Filial: RUA CONDE DE SARZEDAS, 100
Tel. 2-6783 — SÃO PAULO



Nihil obstat.

M.^{or} José Procopio de Magalhães, Censor.

S. Paulo, 3 de dezembro de 1942.

Imprimatur.

S. Paulo, 4 de dezembro de 1942.

Mons. José M. Monteiro

Vig. Geral

PREFÁCIO

Há verdades de valor transcendental. Infelizmente acontece que estas verdades arrebatadoras vêm muitas vezes esplanadas aridamente, faltando-lhes então o tom vivo do sentimento profundo dum coração formado na escola da Cruz e da convicção inabalável duma inteligência iluminada por luz sobrenatural.

Estes defeitos deploráveis não existem no livro intitulado: "As Verdades Básicas do Cristianismo".

"As Verdades Básicas", que ora apresentamos aos católicos do Brasil, são as verdades eternas, independentes da compreensão e da aceitação das criaturas; verdades meditadas e vividas por um sacerdote generoso, objetivadas por sua inteligência de escol.

Mons. Olgiati, o Reitor da Universidade Católica de Milão, o sucessor e amigo do P. Dr. A. Gemelli, no-las apresenta vivas, lúcidas e arrebatadoras.

Inteligência superior dirige-se às inteligências de seus semelhantes; coração bem formado apela à nobreza de sentimentos dos seus irmãos da grande família humana; alma culta, cristã, católica e sacerdotal estende a sua mão aos cultos e incultos, confirmando a uns, orientando a outros, comunicando algo da suavidade, que brota das convicções inabaláveis, a todos.

Brasileiros, que acatais os valores sobrenaturais na sua realidade transcendental, percorrendo com a alma e o coração estas páginas sôbre as “verdades antigas e sempre novas”, escritas por Mons. Olgiati, vibrareis harmônicos com milhares e milhares de almas, sobretudo dos povos de cultura latina e cristã, que pronunciam gratos o nome do grande Reitor da Universidade Católica de Milão.

Com alegria oferecemos ao Brasil esta tradução carinhosamente feita da segunda edição do original e revista pelo mesmo tradutor, o Revmo. P. Luiz Marcigaglia, ex-Diretor operoso do Liceu do S. C. de Jesús, mantido pelos Filhos de D. Bosco na capital do Estado Bandeirante.

S. Paulo, aos 12 de maio de 1943.

OS EDITORES.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CAPÍTULO I

A IGNORÂNCIA RELIGIOSA

No livro “As mais belas lendas cristãs”, recentemente publicado por Guido Battelli, lê-se o extraordinário caso dos sete adormecidos de Éfeso.

No tempo do Imperador Décio, sete cristãos, “muito aflitos ao verem os males da perseguição contra os sequazes de Cristo, desprezavam os sacrifícios que se faziam aos ídolos e viviam ocultos em suas casas, entretidos em jejuns, em vigílias e em santas orações. Mas foram por fim acusados como cristãos perante o Imperador, o qual, levando em conta que eram nobres e grandes da cidade, deu-lhes o prazo de vinte dias para deliberarem”.

Deixo de parte as coisas estranhas que se contam na lenda; direi somente que fugiram “para um áspero e alto monte” e se refugiaram numa gruta. Em vão os esbirros do perseguidor tentaram nela entrar. Deus protegeu os seus santos “e enviou primeiro, do céu, trovões, raios, ventos, granizos e chuva, em grande tempestade. Depois, apareceram à entrada da gruta muitos animais ferozes: lobos, leões, ursos, serpentes e dragões, pelo que os perseguidores foram obrigados a abandonar a empresa”. Ordenou, então, o Imperador que a boca da caverna fosse murada, e assim fizeram.

Em resumo: os sete prisioneiros caíram logo em profundo sono e dormiram plácida e centenas de

anos a fio. Só despertaram, julgando ter dormido apenas o espaço de uma noite, quando o Senhor inspirou a um cidadão de Éfeso que fizesse umas excavações naquela montanha. Pode-se calcular a surpresa que lhes causou a cidade totalmente transformada, com o sinal da Cruz colocado sôbre as portas e com uma população cristã jamais imaginada. Haviam dormido a bagatela de 388 anos! Era natural que se quedassem estupefatos e nem acreditassem nos seus próprios olhos!

Estes sete adormecidos são semelhantes às mais elementares verdades cristãs. Também elas dormem no fundo dos livros da Sagrada Escritura e dos Santos Padres. Também elas parecem ter fugido perseguidas por teorias e tempos nefastos, e aguardam a hora do despertar; de um despertar que não seja, como no caso dos perseguidos de Éfeso, seguido de uma tranqüila morte no Senhor, mas que perdue para sempre em todas as consciências.

“Os homens não me amam, porque não me conhecem”: é a queixa que o coração de Jesus fez à sua serva Santa Margarida Maria. É espantosa a ignorância da religião. Poucos, por exemplo, conhecem os primeiros princípios do dogma cristão, que irei expondo em capítulos sucessivos. Os pontos fundamentais do catecismo estão ocultos, como os sete adormecidos de Éfeso, na cova do esquecimento. Será para estranhar, então, que o problema da vida não seja resolvido cristãmente?

1. Tríplice forma de ignorância religiosa

Podemos dividir em três categorias os contemporâneos que, à simples pergunta de um recensea-

mento: “a que religião pertence?”, respondem: “à religião católica”.

1. — A primeira categoria é formada pelos que nada sabem do catecismo e não freqüentam a igreja, nem os Sacramentos. São, às vezes, pessoas ilustradas nalgum ramo de ciência. São até escritores brilhantes e homens da imprensa. Não há muito o redator de um grande jornal, ao descrever com côres vivas uma procissão, dizia que nela era levada “a estátua do Santíssimo Sacramento”! São filósofos ou educadores de fama, que têm a petulância de afirmar que o Cristianismo admite a eternidade do Demônio tal como a eternidade de Deus. São, muitas vezes, funcionários públicos, como o delegado de certa cidade a quem foram pedir licença para uma procissão eucarística: “Que hinos vão cantar durante a procissão?” — indagava ele. — “O “**Pange lingua**”, snr. Delegado”.

— Esse “**Pange lingua**” não é algum canto subversivo? Olhem lá, hein!...

— Não, snr. Delegado; pode estar tranqüilo...

E o homenzinho, com olhar perscrutador e desconfiado, os fixava bem nos olhos para ver se diziam mesmo a verdade. São, finalmente, operários e mulheres do povo, que pensam conhecer perfeitamente a religião, e estão convencidos, por exemplo, de que os **Santos Óleos** são uma espécie de remédio que os enfermos devem engulir!

— Desculpe, snr. Padre, — observam respeitosa-mente. — É impossível dar-lhe os santos óleos: ele já não pode engulir nada!

2. — A segunda categoria é formada pelos que se julgam verdadeiros cristãos. Quando pequenos, a mãe lhes ensinou algumas orações. No tempo de crianças, assistiram às aulas de catecismo em prepara-

ção à Crisma e à Primeira Comunhão. Talvez aprenderam na escola um pouco de religião. Lá de tempos a tempos, vão à igreja ouvir um sermão. É domingo? — Assistem à Missa. Chegou a Páscoa? — Vão se confessar e comungar, cumprem o preceito pascal. Nasce uma criança em casa? — Levam-na a batizar. Vão se casar? — Querem a bênção nupcial do sacerdote. A morte lhes arrebatou um ente querido? — O entêrro deve ser religioso. Que mais se quer deles? Para que tantas exigências? Religião, sim; mas em termos... São, como dizia Manzoni, “os cavalheiros do *ne quid nimis*”. Até aí, sim; mais, não... E estes, em questões de fé, não querem que se passem os limites. Os limites deles, bem entendido...

Quereis uma prova? Dizei a esses cavalheiros: — É necessário divinizar as próprias atividades com a graça; crer equivale a informar cristãmente todas as ações, incluindo o comércio, a política, a leitura do jornal, as relações com as outras pessoas; não se é cristão só quando se ouve Missa, mas é preciso ser tal em todas as contingências da vida. E vós ouvireis cada resposta!...

— “Religião é uma cousa, dizem eles; os negócios, isso é outro assunto. Lugar de padre é na sacristia. Da sacristia para fora, não impera Jesus Cristo, mas os nossos interesses, o prazer, as ambições. Já se foram os tempos da Idade Média. Não somos santos. Deixemos os santos para os sermões dos pregadores e não os misturemos com o ritmo febril da vida moderna”.

E se lhes observais que semelhante religião é a mais absoluta deformação do Cristianismo, vos olharão espantados. Naturalmente, muitos deles, à medida que o tempo passa, principalmente os moços, se atiram de uma vez aos negócios ou aos vícios, e um

belo dia, já não vão à missa, muito menos à desobriga, e são capazes até de dizer que “perderam a fé”... Coitadinhos! Nunca a tiveram, porque nem sequer a conheceram.

3. — Temos ainda a terceira categoria, que compreende os mais decididos e fervorosos entre os cristãos. Muitos deles fazem parte de alguma associação ou irmandade religiosa. Estes, pelo menos, saberão o catecismo? **Feitas poucas exceções, devemos responder que não.**

Em reuniões da juventude, e falando a moços que freqüentam a Comunhão e merecem todos os elogios pela coragem e franqueza com que professam a sua fé, experimentei perguntar-lhes:

— **Que é a “graça”? ou: em que consiste a “ordem sobrenatural” e em que difere da ordem natural?**

As respostas me convenceram de que é enorme a ignorância dos princípios do Cristianismo, até mesmo entre os melhores cristãos, entre os que mais praticam a religião.

Vós que me ledes, se tivésseis de explicar agora o que entendeis por **graça** e **por ordem sobrenatural**... não sei bem qual seria o resultado de vosso exame. E não há dúvida, quem ignora isto e pretende falar em Cristianismo, assemelha-se a quem quisesse ler sem conhecer as letras do alfabeto. No fim desta obra, todos ou quási todos os meus leitores estarão convencidos de que tinham uma grande e urgente necessidade de aprender os **elementos** do catecismo, que julgavam conhecer e não conheciam!

Houve uma vez um estudante muito sabido, que, não estando preparado para o exame, por não ter estudado a matéria, resolvia o árduo problema **colando**. Mas, para que o professor não desconfiasse, mudava,

aqui e acolá, alguma palavra. Podeis imaginar o pitoresco resultado.

Um exemplo: O companheiro vizinho havia escrito que Cristóvão Colombo descobriu a América em 1492. O nosso inteligente estudante copiou, alterando um pouco, da seguinte forma: “Magalhães descobriu a América em 2492”. Como estais vendo, só mudou um nome e um algarismo! Pouca cousa, não é verdade? Ou, como dizem os franceses: “**quantité négligeable**” — quantidade desprezível. Muitos de nossos excelentes associados de organizações católicas, se fossem submetidos a um exame de catecismo — não de teologia — fariam a mesma triste figura. Ao expor alguns pontos fundamentais do dogma — por exemplo, as naturezas e a pessoa em Jesus Cristo — mudam alguma cousa, algum pequeno detalhe, e assim demonstram que sabem religião... como aquele genial estudante sabia história.

E ademais, cá entre nós, sem que ninguém nos oiça: — respondi a vós mesmos:

É ou não é verdade que nada vos importaria, a vós e à vossa vida, se as Pessoas da Santíssima Trindade, em vez de três, fôsem duas ou fôsem cinco?

Mais: É ou não é verdade que, se Deus não houvesse revelado este mistério, viveríeis tranqüilamente sem ele, e nenhuma modificação haveria em vossa vida religiosa?

E que significa tudo isto, senão um desconhecimento completo do catecismo? Não vos parece que deve ser mais profundo do que um abismo vossa ignorância religiosa, se o primeiro dos principais mistérios da fé vos deixa tão olímpicamente indiferentes?

Muitos se lamentam, porque — enquanto, nos primeiros séculos, instruir-se no Cristianismo, nas escolas dos catecúmenos, significava converter-se e os

crístãos daquele tempo contribuíam para mudar a face do mundo, ou melhor, para estabelecer uma nova civilização — agora, pelo contrário, os cristãos de hoje ameaçam retroceder à civilização pagã.

Nada mais justificado do que tais queixas. É que os **cristãos de antanho** conheciam o Cristianismo e os cristãos de hoje não o estudam nunca, talvez convencidos que possuem uma ciência infusa...

Mais ainda. Não falta quem se queixe de que as epístolas de S. Paulo já não são lidas ou de que as obras dos Santos Padres, os grandes luzeiros da Igreja, são quási como proibidas para os **cristãos de água de flor de laranjeira** de nossos dias. Nisto também não há de que a gente se admirar. Como se pode entender S. Paulo, prescindindo do sobrenatural e da graça? Quem não sabe os primeiros elementos da ordem sobrenatural, toma S. Paulo e os Santos Padres, e logo se aborrece, nem mais nem menos do que um pobre matuto a quem entregassem uma tábua de logaritmos! É preciso ter algum preparo para ler e compreender. Do contrário, uma borboleta nos interessa mais que o arco de Tito.

Que mais? Muitos falam contra as degenerações da piedade cristã, contra a superficialidade do formalismo e esse dulçoroso sentimentalismo enganador, que anda por aí. Está direito. Mas, pelo amor de Deus! como quereis que se evitem semelhantes desastres se nos falta a luz, o conhecimento, o pensamento cristão? Não era sem motivo que o pranteado Cardeal André Ferrari não fazia um discurso sem repetir, com a voz aflita do bom pastor: — “Catecismo! Catecismo!” — Não era sem motivo que um sábio do estôfo de S. Roberto Belarmino, com a mesma pena com que escrevera as páginas imortais das “**Controvérsias**”, escreveu também o pequeno catecismo.

2. Catecismo e apologética

Permitam-me um parêntesis e perdoem-me a linguagem rude e franca. Falo de **catecismo** e não de **apologética**. Hoje em dia, para disfarçar a ignorância religiosa, muita gente — desconhecedora da pedagogia cristã e da didática católica — recorre aos cursos de apologética. Pois bem: a apologética pressupõe, tanto em quem ensina como em quem aprende, um conhecimento exato daquilo que se quer defender, e, por conseguinte, só é possível **depois** do estudo completo e profundo do catecismo.

Nos tempos do modernismo fez-se grande estardalhaço a propósito de apologética, preconizando a **necessidade** de novos métodos apologéticos; pretendia-se nada menos do que rasgar a apologia tradicional, para substituí-la **pelo leite e o mel do coração, ou por um apêlo à vida e à ação**. A “mentalidade” contemporânea, dizia-se então, revolta-se contra os antigos argumentos, não se dobra ante os silogismos, os milagres e as profecias. É preciso, diziam os modernistas, tomar como ponto de partida as exigências íntimas e profundas da alma humana e, em nome de tais exigências, apelar para o sobrenatural, com o método da imanência!...

Se isto era um despropósito e uma forma do naturalismo, que foi autorizadamente condenado, não se pode negar a ineficácia e, não raro, os danos da apologética exposta inoportunamente a pessoas sem preparo, que mais entendem a dificuldade do que a solução, e portanto, em vez de aprenderem a verdade, acumulam dúvidas e erros. Eu não condeno, repito, a apologética tradicional. A culpa não é dela, nem do valor in-

trínseco das suas provas, mas sim da leviandade dos que fazem apologética, quando o que falta são as primeiras noções do catecismo.

Não se considera que a apologética é, por si mesma, bastante difícil, pois exige um bom conhecimento da filosofia e da história e a elas se reduz; seu estudo se torna uma coisa simplesmente absurda, quando falta um conhecimento profundo dos ensinamentos da fé.

A apologética importa na defesa da religião. Como se quer defender uma causa que se não conhece? Comece-se a estudar o catecismo. É o único meio para poder depois chegar a uma útil discussão apologética. Os grandes apologistas dos primeiros tempos, Santo Tomaz de Aquino e os mais ilustres cultores da apologética tradicional, demonstraram como a fé é racional — um verdadeiro *rationabile obsequium* — porque não caíram no absurdo que hoje se alastra, isto é, querer levantar um debate sem examinar os termos da questão. **Menos apologética e mais catecismo, eis a palavra de ordem de toda pessoa sensata e séria.** Já é tempo de acabar com essa tolice tão comum, de considerar o catecismo como se fôsse qualquer brinquedo para crianças. Não existe uma fé para a infância e outra para os adultos. O Deus da criança é também o Deus do pai e da mãe de família, é o Deus de Dante e de Volta. Não só aos meninos, mas sobretudo aos jovens, aos profissionais, aos homens maduros, aos estudiosos das ciências, da filosofia e das letras, aos incrédulos que, quando falam ou escrevem sobre cousas nossas, provocam o riso de grandes e pequenos, a todos, enfim, devemos dizer: **Estudai o catecismo! Estudai o catecismo! Depois, se for necessário, nos dedicaremos ao estudo da apologética.**

A presente obra não tem outra finalidade senão esta: não apologética, não discussões teológicas, mas simples enunciado do que ensina o Cristianismo e que a maior parte dos católicos não conhece, embora se trate da cousa mais indispensável a todo homem que de-seja resolver o problema da vida.

3. Exposição orgânica do Cristianismo

— Quer dizer então, concluirá alguém, que nós, homens feitos, professores, industriais, doutos ou quasi doutos, devemos reler o pequeno catecismo que tivemos nas mãos nos anos da nossa infância?

Na verdade, isto não vos faria nenhum mal, já que aquelas paginazinhas andam muito esquecidas. Mas não é esse precisamente o meu pensamento. Julgo que necessitais de uma **exposição elementar** do Cristianismo, que corresponda à vossa cultura. E é esse o objetivo da presente obra, que se propõe oferecer-vos **em germe** o ensino católico.

Um germe lembra logo a idéia de um **organismo** em que existem muitas partes, ou melhor, muitos **membros**, mas cuja multiplicidade vive na unidade.

Não se pode entender um **livro orgânico**, uma doutrina sistemática, um verdadeiro poema, senão por este método: reduzindo a **multiplicidade à unidade**. Num livro há muitos capítulos e cada capítulo contém muitas páginas, muitas linhas, muitas palavras; mas, se é um livro orgânico e não um conglomerado de fragmentos, tem uma idéia única que o informa da primeira à última letra. E ninguém pode afirmar que o entende, se, através de cada parte do livro, não depreende a unidade da idéia inspiradora.

Eis aí porque não é fácil entender Dante e muito menos apreciá-lo. Eis porque penso que a maioria dos meus leitores, ainda que lesse o catecismo, não compreenderia o Cristianismo na sua unidade orgânica.

A doutrina cristã é tão maravilhosamente **una** na **multiplicidade** de seus dogmas, de seus preceitos, de seus Sacramentos, de todas as suas manifestações litúrgicas e de todo o desdobramento de sua inesgotável fecundidade, que, para conhecer a fundo, e não superficialmente, um só que seja dos seus ensinamentos, é necessário considerá-lo em sua conexão com o resto do Cristianismo. O dogma da Trindade está ligado aos demais dogmas. E a vida cristã, por sua vez, não pode prescindir do dogma da Santíssima Trindade. Se até agora, repito, para vós que me ledes, nada significa na prática o mistério de Deus uno e trino, é porque não o estudastes com um método orgânico. Bem sei: o dogma da Trindade não é o da Imaculada Conceição nem o da Infalibilidade Pontifícia. O que se deve crer não é o que se deve praticar. Não se pode absolutamente confundir o natural com o sobrenatural. Um ramo de uma árvore é diverso de outro ramo. Mas, assim como os **vários** ramos são ramos de uma **planta idêntica**, e estão orgânicamente unidos entre si, assim também veremos que é um absurdo explicar um ponto de doutrina, prescindindo dos outros pontos. É um absurdo separar o campo teórico do campo prático, separar o dogma dos mandamentos, as obras da fé, a graça da natureza elevada e redimida. Veremos como, posto um ponto, se ilumina todo o resto, e como também, tirado um ponto, ameaça ruir todo o conjunto.

Também aqueles que estudam o Cristianismo e saem vencedores em certames e concursos de catecismo, muitas vezes estudaram as várias partes da doutrina cristã, mas **separadamente**. Sabem enunciar o

mistério da Encarnação, o dogma da Trindade, os vários princípios concernentes à graça, os diversos Sacramentos e demais pontos. Mas nunca tiveram uma idéia completa do **nexo** que une com admirável harmonia **todo** o ensino e a vida cristã.

É inútil. Não posso considerar verdadeiro dantista o que sabe de-cor toda a **Divina Comédia**, e a comenta verso por verso, e lembra com exatidão todos os personagens e fatos a que alude o imortal Poeta do povo italiano, mas jamais compreendeu a **unidade** das três partes, ou melhor, a alma única, inspiradora de todas as palavras, de todos os versos, de todos os cantos, de todas as invictas e de todas as referências. E assim como não compreenderia o **Duomo** de Milão quem soubesse a origem de cada pedaço de mármore de que se compõe e de cada estátua que o adorna, mas não atingisse a **unidade** harmônica de toda essa multidão de pequenas obras de arte, assim também, para **compreender** o catecismo realmente, de maneira a haurir dele uma instrução educativa e formadora, não basta conhecer superficialmente cada parte do dogma e da moral, mas é mister chegar à **unidade** orgânica, unidade em que o pensamento e a vida, o céu e a terra, o natural e o sobrenatural, a história sagrada e a profana, resplandecem na harmoniosa conexão de um todo, extraordinariamente rico, mas inexoravelmente uno.

Rogo, portanto, ao leitor se arme de paciência e me siga passo a passo. Esta não é uma obra para ser lida aos saltos. Tal método não se poderia aplicar a uma obra de matemática, por exemplo, pois não seria possível entender o desenvolvimento das fórmulas algébricas ou das demonstrações geométricas, senão seguindo ordenadamente a sua exposição. Com maior razão se exige uma leitura **continuada** para um livro de religião, no qual se trata de expor sua vida íntima

e seu interno dinamismo, com critério didático cuidadosamente escolhido e estudado.

Lereis, meditareis, refletireis. E quando chegardes perto do fim, lá pelo capítulo catorze ou quinze, só então compreenderéis a fundo o terceiro e o primeiro. Mas, estou certo, este livro não o lereis uma só vez, porém o haveis de reler e meditar mais vezes, justamente porque ele vos indicará a existência de uma jóia de inestimável valor.

Quero colocar diante de vossos olhos precisamente a divina jóia da fé, que até hoje para vós esteve oculta pelas trevas da ignorância. Não duvido do valor, da beleza e do encanto desta jóia. Só receio que minha débil mão não possa aproximá-la convenientemente dos vossos olhos, ou que me falte luz para iluminá-la suficientemente.

Se preferis outra comparação, dir-vos-ei que sei perfeitamente que meu livro é um barco tosco e pouco atraente; entretanto, o mar que devemos sulcar é tão divinamente belo, que, se embarcais comigo, não podereis deixar-vos ficar a dormir na cabina. Um estremecimento vos sacudirá; e, postados no convés, esquecendo a pobreza do barco, contemplareis extasiados a majestade das águas e dos céus.

RECAPITULAÇÃO

I — A ignorância religiosa é enorme. São inúmeros os que não amam a Jesus Cristo, porque não O conhecem. Todos eles podem-se agrupar numa destas três categorias:

a) Os totalmente analfabetos, que nada sabem de Cristianismo, ainda que, em outros ramos, tenham adquirido uma cultura mais ou menos vasta.

b) Os cristãos “praticantes” e que, apesar disto, só possuem um verniz de religião, sem que ela chegue a nortear sua vida ou nela exerça qualquer influência.

c) Muitos católicos, que fazem parte de associações ou irmandades, mas conhecem muito **superficialmente** a fé que professam e defendem.

II — Diante de tal ignorância religiosa, há mais necessidade de catecismo que de apologética. Antes de entreter discussões à-cêrca das verdades cristãs, é preciso estudá-las.

III — O verdadeiro e único método de estudo consiste, não em examinar **separadamente** as diversas partes do dogma, da moral, ou do culto cristão, mas em buscar e compreender o **princípio de unidade**, que nos demonstrará a harmônica conexão dos dogmas entre si e o nexos entre os dogmas e a vida.

CAPÍTULO II

O PROBLEMA DA VIDA

Pode o homem desinteressar-se de todo e qualquer problema, tenha ou não tenha motivos para isto. Há, porém, um problema que é forçoso encarar e resolver, embora não se queira: é o problema da vida.

Posso me desinteressar da questão social. Posso não lançar nem sequer um olhar sôbre as vicissitudes históricas da China. Posso sacudir os ombros diante das discussões a favor do classicismo ou do romantismo. Posso declarar, como Pascoli, que o meu partido é o dos homens sem partido. Posso atirar uma insolência a todos os filósofos, a todos os sábios e a todos os poetas. Posso declarar que nem quero pensar nestes problemas. Será uma tolice, mas posso pensar assim e tomar esta atitude. Não posso porém descuidar-me do problema da vida.

Fosse eu um cético que ri de todos e de tudo, e vivesse despreocupado e não levasse nada a sério, não seria esta uma solução do problema? Se fosse um pessimista de óculos escuros e enxergasse tudo preto e acabasse disparando um tiro na cabeça, porventura não teria resolvido o problema com este gesto de loucura? Em suma, quem vive e quem morre, vive e morre de um modo determinado: disto ninguém escapa.

As soluções individuais do problema são variadíssimas. Uns levam vida de brutos, outros de santos. Este, como Horácio, quer coroar-se de rosas, porque amanhã há de morrer. Aquele, como Goethe, quer gozar o instante fugaz. Um tende a realizar em si o super-homem de Nietzsche; outro se contenta com viver comodamente de renda, fazendo uma visita diária aos jardins públicos e jogando uma tranqüila partida de bilhar. Uns vivem na estratosfera da cultura; outros preferem a lama dos charcos. Para uns o campo das lutas políticas tem uma atração irresistível; para outros a voz mais poderosa é a da Bolsa, do alpinismo, dos teatros, da agricultura, da oficina e do café, etc. Um enfermo já não saberá que remédios há de experimentar afim de prolongar ainda uns dias a sua dolorosa existência; um homem sadio acabará a sua vida ingerindo veneno. Cada um, afinal de contas, resolve de um modo todo particular o problema da sua existência.

Apesar disso, entre a imensa variedade dos viandantes, cada um dos quais anda como quer, podemos distinguir algumas grandes estradas que os homens percorrem. Já as indiquei num trabalho meu: **Primeiros rudimentos de pedagogia**. E, afinal, basta refletir um pouco para concordar com as verificações que iremos fazendo a seguir.

1. A vida desorganizada

A primeira estrada, que é larga e muito freqüentada, é a escolhida pelos que vivem a sua vida **atomisticamente**.

Ninguém estranhe esta expressão, que é difícil só na aparência,

Não estamos, acaso, no século das organizações? Em nossos dias, tudo se organiza. Organizam-se os operários. Organizam-se os industriais. A Ação Católica é uma organização. Os partidos políticos são outras tantas organizações. Os trusts americanos do carvão são organizações. Agora quasi tudo já foi organizado: a assistência mediante o socorro mútuo, os ex-alunos de um colégio, o comércio, a venda das batatas. O que não está organizado ou o está de modo imperfeito, trata-se logo de organizá-lo com toda perfeição. É a tendência característica de nossos tempos, depois da desagregação da época individualista.

Acontece, entretanto, este fato estranho: muitas vezes, os que organizaram os outros e têm a bossa de verdadeiros organizadores, **não organizam a sua vida**, isto é, vivem **atomisticamente**, executando uma ação após outra, mas sem coordenar a multiplicidade dos atos numa unidade orgânica.

Na obra citada, eu propunha dois exemplos: o do bruto e o do charlatão. Parece que fotografam com fidelidade a situação.

O bruto dorme, acorda, come, bebe, trabalha e descansa. Que diferença encontrais vós entre este modo de viver e o de tantos homens que vegetam, se afadigam, divertem-se e se agitam como brutos? Também esses homens, semelhantes ao animal, vivem **au jour le jour**, para o momento. Hoje acontece um incidente, amanhã outro. O cão um dia agita o rabo, outro dia se enraivece e ladra. Hoje vos lambe a mão, e amanhã morde. Mas, nesta sucessão de atos, não existe um nexó inteligente que una os diversos instantes da vida, de acôrdo com uma idéia ou com um fim determinado. E por isto, a vida, disse Shakespeare, se torna semelhante a uma historieta contada por um idiota: **like a tale told by an idiot**.

O charlatão é o símbolo mais perfeito da vida atomística. Ei-lo no meio da praça, a berrar: — “Senhores e senhoras: se quereis ter sorte, ouvi minhas palavras. Não sabeis que no planeta Marte existem canais e habitantes? E pensais acaso que os terremotos sejam um fenômeno que pode ser impunemente descuidado? Acreditai, senhores e senhoras: não há nada mais importante do que o cultivo da mamona e o emprego dos adubos químicos. Deixemos de lado os problemas do equilíbrio europeu e da paz mundial. Mas não vos parece, meus senhores, que os macróbios deveriam ser aproveitados para prefeitos dos territórios nacionais? O problema é sério e hoje em dia as estações de veraneio, como a moda feminina, deveriam ocupar a atenção nacional, para glória da pátria e prosperidade dos povos. E ademais, meus senhores, quem pode misturar na mesma refeição risoto à milanesa, macarrão à napolitana, batata inglesa, feijão branco, abobrinha, pimentão com xuxu e uma garrafinha de Chianti, tudo em honra da Princesa dos Dólares?”

Estais rindo? Mil perdões. Mas... não sériéis também vós, por acaso charlatães? O charlatão é tal, não porque diga mentiras ou tolices, mas porque enuncia pensamentos desconexos. Falta sentido em suas expressões; não há unidade em suas palavras. E a vossa vida não estará também desprovida de nexos, em suas ações, como a arenga do charlatão?

As senhoras e moças que misturam a Missa, o flirt, o baile de beneficência, o *reveillon* do carnaval, a pregação do brilhante conferencista quaresmal, a moda de andar quási como Eva — revestidas unicamente de sua... inocência — e junto com tudo isto, talvez, a frequência da Comunhão, que têm elas a invejar do charlatão?

Alguns operários que se levantam pela manhã resmungando orações e vão talvez assistir à primeira Missa e logo vão tragar um número bem respeitável de martelos da branquinha, acompanhando a libação de um discreto chorrilho de blasfêmias, e depois, nos dias de festa, vestem na Igreja a opa dos Irmãos do Santíssimo, ouvem o sermão, e a seguir, junto com os amigalhões anti-clericais, ouvem outro sermão muito pouco parecido com o do Pároco, e acabam o dia numa soleníssima borracheira... esses que tais não se parecem com o charlatão?

Certas senhoritas de boa família, que freqüentam os Sacramentos, mas se entregam apaixonadamente à leitura de romances eróticos; certos jovens que pertencem aliás a ótimas associações, mas apesar de se proclamarem católicos, dissipam cretinamente a flor da mocidade e do espírito em vícios vergonhosos e nefandos, porventura não fazem concorrência ao charlatão?

Toda vida, sem a luz de um pensamento, sem o sopro unificador de um princípio inspirador, constituída de mil e mil ações, “semelhantes a bolhas que pululam de repente e se resolvem em nada” — essa vida não passa de uma vida atomística. Pode ser comparada a um cadáver de um náufrago batido pelo vai-vem das ondas, até dar às praias da morte; e não ao piloto que, no rugir da tempestade, sabe governar sua nau com mão firme no leme. Em resumo: a característica essencial de uma vida atomística é a falta de nexos, de unidade e de sentido. E assim como nunca dareis o nome de “livro” a algumas folhas impressas, nas quais houvesse um amontoado de palavras sem sentido, assim não podemos considerar como “verda-

deira vida” a que acabamos de descrever, e que desgraçadamente é a vida de um grande número de inconscientes.

2. A vida organizada

A outra estrada é a percorrida pelos que vivem a sua vida **orgânicamente**, isto é, os que organizam a sua atividade de tal forma que, assim como as inúmeras letras e palavras de um livro constituem um só livro, do mesmo modo a variadíssima multiplicidade de suas ações vem constituir um todo único e coerente.

À primeira vista, vemos, nos que vivem **orgânicamente**, mais ou menos o mesmo que se observa nos que vivem **atomisticamente**. Mas há uma diferença essencial.

Também num jornal se trata de terremotos, de plantio da mamona, de política e de moda, nem faltam às vezes receitas para o cardápio do dia. Não obstante, que impressão tão diversa a de um jornal que apresenta tudo isso sob o aspecto particular de sua orientação e a tirada do charlatão de que falámos!

Quem deseja conseguir alguma coisa na vida, deve organizar-se a si mesmo. Só as pessoas **enérgicas**, os indivíduos de caráter, os que conseguem deixar um sulco de sua passagem no mundo e não se deixam arrastar, passivamente, pelos outros, os que não querem ser vagões de carga, mas sim locomotivas, só estes é que triunfam!

Alguns exemplos práticos, escrevia eu nos **Primeiros rudimentos de pedagogia**, ilustrarão este pensamento.

Um homem vive para os negócios e deles faz o seu centro de atividade. Não vive atomisticamente, mas organiza todos os seus atos em função de seus negócios. Passeia pela sala, olha, sorri, ora grita ou ri para alguém, toma apontamentos, escreve cartas; mas tudo isto está organizado tendo em vista o lucro. Entra um visitante, acolhe-o com toda afabilidade, vai tomar um café com ele, convida-o para almoçar, mas tudo isto com um fim determinado: um vantajoso contrato de compra ou venda.

Vai ao teatro e fala em negócios. Lê os jornais e até se preocupa com as novidades da política, mas sempre em relação aos seus interesses. Vai dormir e pensa no aperfeiçoamento de uma máquina, na malandragem de um empregado, na aquisição de um bom técnico. Talvez chegue a dar uma esmola ao vigário, para as obras da Matriz, mas até isto tem um motivo... econômico. Enfim, organiza a sua vida sob o aspecto dos negócios.

Uma mulherzinha do povo organiza a sua vida; o seu centro de interesse será, por exemplo, o jogo de bicho. Ela também segue os acontecimentos políticos sociais, individuais; reza aos seus Santos, é capaz de jejuar e até se interessa pelos sonhos das comadres do bairro. Mas tudo ela refere à centena ou ao milhar do jogo de bicho. Diga-se o mesmo do artista, do político que aspira a chegar a Deputado ou a Ministro. O mesmo se diga da jovem que anda à caça de um maridinho e que não sossega enquanto não chega a abiscoitar um. Para isto se vale do vestido, do piano da conversa, do baile, das boas maneiras, do olhar sonhador, do sorriso meloso, das mentiras e briguinhas e até das lágrimas; e tudo para chegar à realização do seu sonho. Diga-se o mesmo da boa mãe de família

que quer dirigir a sua casa e educar os seus filhos e tudo encaminha para este fim, desde a súplica até ao castigo, do trabalho da cozinha ao passeio e ao descanso. Em uma palavra: quem se estabelece no campo do bem ou do mal, trate-se de um bandido, de um viciado cego pela paixão, ou de um Cottolengo e de um D. Bosco, vive **orgânicamente**, possui uma idéia central que domina a sua existência, como um foco para o qual converge toda a luz e do qual irradiam todos os raios. E que outra coisa ensinam as obras de Smiles sobre o tema “**Querer é poder**” e as grandes fortunas dos milionários americanos e de qualquer **self-mademan** que criou sua própria vida e posição?

3. As três organizações possíveis da vida

O caminho de **uma vida organizada**, tendo embora um único princípio inicial, se ramifica logo em três grandes vias, que é mister distinguir claramente e que não podem ser senão três.

Ensinam os filósofos que só se podem conceber estas três coisas:

a) o “**não eu**”, isto é, as coisas exteriores, a natureza e tudo o que não é o nosso “**eu**”, como as riquezas, a glória, etc.;

b) o “**eu**”, ou seja, o homem, sua vida íntima, ou melhor, sua vida interior;

c) “**Deus**”, que não pode ser confundido nem com a natureza, nem com o homem, nem com as coisas, nem com o sujeito, nem com o objeto.

Para isso, não é possível nem sequer imaginar outros pontos centrais, outras orientações, fora das seguintes:

a) pode-se organizar a própria vida com um princípio exterior, vivendo **du dehors**, como dizem os franceses, isto é, do de fora;

b) pode-se organizar a própria vida com um princípio interno, vivendo **du dedans**, do de dentro, isto é, subordinando também as cousas externas às exigências de uma vida interior;

c) pode-se organizar a própria vida escolhendo a Deus como princípio unificador e a ele subordinando tanto nossa atividade externa, como nossa vida íntima.

Não é difícil compreender que os dois primeiros caminhos são insuficientes e que portanto é de sumo interesse examinar o terceiro.

1 — Antes de tudo, a vida vivida **du dehors** não basta. Prescindamos, muito embora, do fato das múltiplas falências e insucessos que sobrevêm, pois é sabido que nem todos os candidatos ao prêmio o alcançam e o conservam eternamente, nem todos os artistas conseguem produzir sempre obras primas, e assim por diante. Ao lado de um vencedor que celebra o seu triunfo, há muitos vencidos. Junto ao Capitólio está a rocha Tarpéia!... Nem sempre se pode o que se quer. Até mesmo as vontades mais férreas e tenazes, amiúde se quebram contra a dura realidade. E' sempre perigoso limitar-se a organizar a vida sob este ponto de vista das cousas externas!

Há cousa pior. Ainda na hipótese benigna de um êxito sem contradição e incontesável, sem perigo de quedas, o coração humano nunca está satisfeito. O que já subiu a um píncaro quer escalar outro mais elevado. Nas corridas ciclísticas ou automobilísticas, nunca se diz **basta** no que se refere à velocidade; quem já devorou tantos quilômetros por hora, quer bater outro **recorde** na próxima ocasião. Assim tam-

bém acontece na vertiginosa corrida das riquezas, da glória e do prazer; ninguém se dá por satisfeito. Quanto mais se alcança, tanto mais cresce a ânsia que leva a prosseguir para a frente. E, às vezes, é mais forte o descontentamento, maior o desgosto, a sensação da inanidade das cousas.

Quem tem experiência da vida e não se deixa levemente embalar por utopias fantasistas, bem conhece

“Da carne imunda a atroz tristeza e pejo,
Quando, no gêlo do desgosto, extingue-se
A chama do desejo...”

A luta pela vida, isto é, a conquista da fortuna e do êxito, como aparece a quem já triunfou? Blondel responde com exatidão: “Dois cães que lutam por um montão de lixo, no qual nada encontra o vencedor. E desiludidos assim, não são somente os que envelhecem e morrem no encanto das bagatelas, sem nunca haver penetrado além da superfície de seus sentidos, mas os melhores, os mais experimentados, os mais competentes, os homens de ação triunfante e de pensamento ardente.”

Ainda que se julgassem muito carregadas estas côres, a respeito das quais existe, entretanto, um acôrdo tão eloqüente; ainda que se pretenda admitir que uma pessoa goze e seja feliz em seu triunfo exterior, existe sempre uma sombra terrível e funesta que perturba, envenena e mata todo o gôzo: a sombra da morte.

Ninguém melhor do que o Pe. Graty, no seu livro “Souvenirs de ma jeunesse”, descreveu o estado de ânimo de quem, vivendo du *dehors*, olha de frente a terrível megera, a Morte.

Era jovem, cheio de saúde, de confiança e de alegria. Acabadas as férias, numa tarde de outono, Grady voltou para o colégio. Sentado à beira da cama, entregou-se a deliciosas reflexões sobre o ano escolar que ia começar e, de repente, iniciou em seu interior este solilóquio:

“Eis-me no segundo ano de retórica. Sou o primeiro da classe e do colégio, e quiçá o primeiro dentre os estudantes de Paris. Alcançarei o prêmio de honra? Porventura não poderei ganhar todos os prêmios no concurso geral? Todos é difícil; mas três ou quatro, sim, é muito possível. No próximo ano conquistarei provavelmente o prêmio de honra em Filosofia. Depois iniciarei o curso de Direito. Serei o primeiro dentre os estudantes de Direito? Possuirei tanta ou maior ciência e engenho do que os outros? E por que não? Já verifiquei: os homens trabalham pouco; pouquíssimos têm vontade, perseverança e energia. Reina uma moleza, uma atonia geral. Por conseguinte, vencerei, se eu quiser, à força de ardor, de trabalho e tenacidade. Aprenderei a falar e escrever... serei advogado, um excelente advogado... Conquistarei uma bela posição e uma grande fortuna. Mas uma profissão não basta. E' necessário algo melhor e maior. E' preciso fazer alguma coisa de belo. Escreverei uma obra. Sim! mas a que nível literário me elevará esta obra? Chegarei à Academia Francesa? Não há dúvida... E a que grau de glória? Será como Laharpe ou Casimiro Delavigne? Não estaria mal... mas ainda não basta. Serei como Voltaire, Rousseau, Racine, Corneille, Pascal? Oh! isto seria talvez ambicionar muito! Eis aqui, diante de mim, um formoso porvir! Que fortuna! Coragem e valor!...» Meu pai, minha mãe e minha irmã serão felizes. Terei

amigos. Comprarei uma casa de campo perto de Paris. Casar-me-ei. Oh! como saberei escolher! Como hei de amar!”

O sonho era encantador. Sonhava com pessoas, cousas, acontecimentos e lugares. Via o seu castelo, os amigos, a família, a bela e admirável companheira da sua vida, os filhos, as alegrias, as festas, a felicidade íntima no convívio com os seus.

“Toda a felicidade possível na terra se havia concentrado lá. Mas tal contemplação progredia. Tudo caminhava de bem para melhor. E eu, continua ele, dizia sempre: **“Mais! mais ainda! e depois? e depois?”** Destarte, não podia deixar de verificar que, em tal época de minha felicidade, teria eu tal idade. E comecei a pensar que meu pai já teria morrido... Minha mãe lhe sobreviveria. Mas talvez não mais de uns dez anos. E se minha irmã morresse antes de mim! E se fulano e sicrano morressem! Se eu perdesse minha espôsa!... Têm-se visto homens que sobreviveram a toda a família e aos seus próprios filhos!... Oh! que coisa horrível deve ser! O sol esplendoroso que momentos antes dourava minha imaginação, começava a brilhar com luz muito diferente. Uma grande nuvem escura passou diante do sol. Tudo empalidecia e fui obrigado a exclamar: **Depois de tudo isto, também eu morrerei!** Chegará o momento em que estarei estendido em um leito, me debatarei com a morte e morrerei e tudo estará acabado... Não mais o sol, nem os homens! Ninguém... nada!... Eis aí, pois, a vida! Todos nascem e morrem desta forma. Assim aconteceu desde o princípio do mundo e assim acontecerá sempre. As gerações se sucedem rapidamente, e passam... Cada um vive um instante e desaparece. E’ horrível!... E via estas

gerações passarem e desaparecerem, como rebanhos inconscientes tangidos para o matadouro, ou como as ondas de um rio que se aproximam de um abismo, onde todas se precipitam por sua vez, para ficarem debaixo da terra e não verem mais o sol. Nesse rio via ondas pequenas que surgiam e se encrespavam um instante e num abrir e fechar de olhos refletiam um raio de sol, para se submergirem logo na corrente. Essa pequena onda sou eu. As que seguem, os seres que eu amei; mas tudo se afundou no abismo! Àquela visão, fiquei imóvel e como paralisado de terror e de espanto.”

Então Gratry entrou em si mesmo e invocou o Deus de seus primeiros anos, de quem se esquecera. Se alguém lhe houvesse sussurrado ao ouvido: “É suficiente organizar a vida **du dehors**”, Gratry se teria compadecido dele e lhe teria apontado a morte que corta toda esperança, toda flor e todo sonho.

Contudo, há muitas almas fortes e briosas, mas não crentes, que escolheram outro caminho e se esforçam por se organizarem a si mesmas do ponto de vista do seu “eu”.

Se o nosso pequeno “eu” pode certamente parecer infinitamente pequeno, contudo, observa Pascal, sente a sua superioridade perante esse infinitamente grande, que é o universo material. E fazer de si mesmo o centro de tudo; não se deixar dominar pelos esplendores externos, mas dominá-los; querer conservar-se firme, como Marco Aurélio, em face das vicissitudes, como um promontório, contra o qual incessantemente se quebram as ondas; ser superior, em nome do “gênio interno”, ao prazer e às dores, para terminar um dia a vida — é sempre o autor de “**Souvenirs**” quem fala — “como azeitona madura que cai bendi-

zendo a terra que a sustentou e a planta que a gerou”, pode parecer uma visão e um programa fascinador: à primeira vista, para um espírito nobre e elevado.

Mas também este esforço de organização interior não basta. Nós não somos o Absoluto; não somos o firme “promontório”. O pequeno “eu” humano é fraco, inconstante e anda muita vez mergulhado nas trevas. E embora afirmando-se a si mesmo, não só é sacudido pela onda amarga da desilusão, mas sente também a sua fragilidade e insuficiência. Depois de longos anos de luta, só pode repetir a desconsoladora frase de um positivista, Roberto Ardigó, que, ao degolar-se com uma navalha, murmurava: “**Para que serve a vida?**” A tristeza — reconheceu-o o próprio Caetano Negri — se infiltra em cada observação, em cada palavra de Marco Aurélio e, acrescentamos nós, de todo estóico antigo e moderno: é a tristeza que “envolve na monotonia de um mesmo véu côr de cinza, o mundo inteiro, também nas suas mais variadas e formosas manifestações”. Nunca, tanto como hoje, se pretendeu fazer do homem um Deus, que legisla para si mesmo. Entretanto, nunca como hoje o homem aparece qual ídolo falso e mentiroso, num pedestal oscilante, ostentando, no meio da sua auto-glorificação, toda a sua miséria.

3 — Eis porque S. Agostinho, com uma expressão profunda, por muitos repetida, mas por poucos compreendida, escreveu: “Homem, não saias fora de ti — **noli foras ire; entra em ti mesmo — in te ipsum redi**; e achando-te sujeito à mudança e à relatividade, transcende a ti mesmo — **transcende te ipsum**, organiza a tua vida tomando a Deus como centro.

E’ exatamente esta a tarefa da religião: **Cada um é mais ou menos religioso, na medida com que or-**

ganiza toda a sua existência, toda a sua atividade, sob o ponto de vista de Deus, ao qual se subordinam as cousas materiais e o próprio "eu".

Não basta ter o nome registrado nos livros dos batizados para ser verdadeiro crente. A religião é uma solução do problema da vida, e uma solução completa que não descuida nem o menor gesto, nem o menor ato, nem o menor instante da nossa atividade. A conversão verdadeira e sincera significa uma revolução na própria vida, uma organização da vida do ponto de vista de Deus. E todo este volume não será outra coisa senão uma explicação, um esclarecimento de semelhante solução: **veremos de que maneira o cristão organiza a sua vida e procuraremos saber como ele, diferentemente dos outros homens, deve resolver o seu problema.**

Se alguém, ao percorrer estas páginas, sente o coração agitado, é porque até agora dissipou os seus anos colhendo frutos de tédio, de asco e de remorso. Se o perturba o pensamento do futuro, da morte inexorável que a todos nos espera e para a qual corremos a passos largos; se sente o desejo de **viver**, de viver uma **vida** digna deste nome, evoque as esplêndidas páginas de Manzoni, quando descreve a noite do "**Inominado**".

Uma espécie de terror, uma espécie de raiva, de arrependimento, a imagem viva de Lúcia na mente, e as palavras que ainda lhe ressoavam ao ouvido, o atormentavam, o exasperavam e o perseguiam.

"A que estou eu reduzido! — exclamava. Já não sou homem, não sou homem! Vamos! — disse depois, revolvendo-se furioso na cama, que parecia dura, muito dura, debaixo de cobertas que pesavam como se fossem de chumbo — Vamos! são tolices, que já

outras vezes me perturbaram a cabeça. Passará também esta”.

Vã esperança! Desfilavam pela sua fantasia façanhas e salteadores e “achou-se engolfado no exame de toda a sua vida. Retrocedendo muito, analisando ano por ano, de atentado em atentado, de sangue em sangue, de crime em crime, cada caso se apresentava diante de sua alma consciente e renovada, liberta dos sentimentos que a levaram a praticar tais crimes! Cada caso aparecia acompanhado de uma grande monstruosidade, que aqueles sentimentos não lhe deixavam até então ver. Eram todas obras suas. Era a sua vida, era ele próprio! O horror desse pensamento, que renascia a cada uma daquelas imagens e estava ligado a todas, cresceu até o desespero. Sentou-se furiosamente, raivosamente estendeu os braços, agarrou uma pistola, e... no momento em que ia dar cabo de uma vida que se tornara insuportável, o seu pensamento, surpreendido por um terror, por uma inquietação, por assim dizer, sobrevivente, pôs-se a meditar à cerca do que aconteceria depois da sua morte. Imaginava com espanto o seu cadáver deforme, imóvel, em poder do mais vil indivíduo. A surpresa e a confusão no castelo, no dia seguinte. Tudo em reboição, e ele inerte e sem voz, atirado a um canto como um trapo! Imaginava as conversas e comentários, que se fariam em casa, nos arredores, mais longe, a alegria dos seus inimigos... E absorto nestas terríveis considerações, convulsivamente, ia erguendo e abaixando com o polegar o gatilho da pistola, quando outra idéia lhe atravessou a mente:

— Se essa outra vida, da qual lhe falaram quando criança, da qual sempre falam como se fôsse coisa certa, se essa vida não existisse, se é uma invenção dos

padres, que faço eu? Para que morrer? Que importa o que fiz? É uma loucura matar-me. E se existe essa outra vida!... Perante esta dúvida, em face de tal perigo, eis que se apodera dele um desespero maior, mais negro, mais grave, e do qual não se poderia escapar nem com a morte. Deixou cair a arma, pôs as mãos nos cabelos, batendo os dentes, todo a tremer... E eis que, ao despontar da madrugada, percebeu que lhe chegava aos ouvidos uma onda de longínquos sons confusos, mas com uma expressão de alegria. Pôs-se a escutar atentamente, e reconheceu o repique festivo de campanários distantes... Saltou daquele leito que parecia de espinhos e, meio vestido, correu a abrir uma janela..." Havia chegado àquele lugar o bom Pastor, que aguardava a ovelha desgarrada.

Também hoje, como outrora, a religião faz chegar a todos, cuja vida se revolve entre espessas e agitadas trevas, o convite de seus campanários: "Passou a noite; despontou o belo dia. Abri as janelas! Olhai! Segui a voz de Deus que vos chama e vos espera".

RECAPITULAÇÃO

Todos os homens, mesmo sem pensar nisto, resolvem o problema da sua vida, porque não se pode viver senão de um ou de outro modo.

As soluções do problema podem-se reduzir a duas:

1. Existe a solução atomística, isto é, a vida desorganizada dos que não coordenam nem dirigem os seus atos segundo um único princípio informador.
2. Existe a solução orgânica, a saber, a vida organizada conforme um princípio determinado.

No segundo caso, ao organizar a própria vida, é possível tomar três caminhos, isto é:

a) pode-se organizar a vida segundo um **princípio exterior**, tomando como centro as honras, as riquezas, os prazeres, isto é, o objeto;

b) pode-se organizar a vida segundo um **princípio interior**, tomando como centro o próprio "eu", isto é, o sujeito;

c) pode-se organizar a vida segundo um **princípio divino**, tomando como centro a **Deus**. Os dois primeiros caminhos estão errados. Devemos seguir o terceiro. Por isto, a atual ignorância religiosa constitui um crime: não conhecer a fundo o Cristianismo significa estar na impossibilidade de resolver o problema da vida.

Qual é então a solução cristã deste problema? Antes de enunciá-la, é necessário expor algumas noções a respeito da ordem natural e da ordem sobrenatural.

CAPÍTULO III

A ORDEM NATURAL E A ORDEM SOBRENATURAL

Não é raro o caso de encontrar por aí algum cavalheiro, o qual, por ouvir falar com entusiasmo de alpinismo, de excursões, de altos cumes, de avalanches e tempestades; se persuadiu que é um autêntico alpinista de nascença, e já se embalou no doce sonho de poder escalar, dum só arranco, os píncaros mais elevados. A realidade, porém, é bem outra. Para conquistar as alturas é preciso, não só exercitar-se e adquirir um bom **alpenstock** e encontrar um guia seguro; mas é necessário armar-se de perseverante tenacidade. Os soberbos panoramas e, em geral, a poesia da montanha, estão reservados a vontades fortes, que não retrocedem diante do sacrifício, nem depõem as armas diante dos obstáculos e dos perigos. Enfim, as altas montanhas não foram feitas para as toupeiras.

Ao iniciar aqui a nossa subida, é preciso fazer igual advertência ao meu leitor e treiná-lo logo para a árdua, mas prometedora caminhada, com uma lição que à primeira vista parecerá dura, árida, sem atrativos, e é, no entanto, a única estrada para quem deseja chegar ao alto. Quem não se anima a beber este capítulo a pequenos goles, palavra por palavra, resigne-

se a ficar lá em baixo, no vale, preguiçosamente refestelado na sua cadeira de balanço.

E' o capítulo mais difícil e mais necessário de todo este volume. E ainda que o seu sentido perfeito não possa ser percebido senão quando se tiver chegado ao fim do livro, contudo é necessário apoderar-se dele como de um alpenstock, ou, se preferirem, como de um guia, melhor ainda: é forçoso — e deixemos a comparação de alpinismo — considerer estas páginas como um germe que pouco e pouco se irá desenvolvendo. Que importa se o germe está em terreno feio e se é necessário algum trabalho para estudá-lo? Com um pouco de atenção, poderemos imprimir bem em nossa mente a diferença essencial que há entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, e começaremos a entrever, ainda que de longe, o alto píncaro beijado pelo sol que nos convida a subir.

1. Definição das duas ordens

Antes de mais nada, que se entende por ordem natural e ordem sobrenatural?

1 — Todas as cousas têm a sua natureza. A madeira tem a natureza de madeira. Uma rosa tem a natureza de rosa. Um homem tem a natureza de homem. A natureza é, numa palavra, aquilo pelo qual um ser é o que é, e não é outra cousa. Se este homem, em vez de ter natureza humana, tivesse natureza de asno, seria asno, e não homem. Ainda na linguagem familiar, quando tratamos uma pessoa de asno, a insultamos precisamente porque de modo implícito lhe dizemos: — Tens a natureza de homem,

mas dás a impressão de possuíres a natureza de um jumento de orelhas bem compridas!”

A natureza, portanto, é aquilo que constitui um ser no seu grau e lhe dá a possibilidade de agir de um modo determinado.

O Universo criado, conservado e governado por Deus — ou seja, a grande natureza — outra coisa não é senão o conjunto de todas as naturezas particulares, dirigidas e unidas entre si conforme leis determinadas, que se chamam precisamente leis da natureza. Temos assim essa ordem admirável, que nos arranca um grito de entusiasmo toda vez que lançamos um olhar ao céu estrelado ou a um jardim que sorri na variegada beleza de mil corolas.

Eis aqui a **ordem natural**, na qual todo fenômeno, ainda quando nos seja prejudicial, como acontece com o terremoto, é um momento do desenvolvimento universal, que se cumpre segundo a vontade ou a permissão de Deus.

2 — Para entender agora o que é a ordem sobrenatural, recorramos a um exemplo, lembrando-nos que as comparações sempre deixam alguma coisa a desejar.

Tenho aqui, diante de mim, um tinteiro cheio de tinta. Molho a minha pena e escrevo um terceto de Dante.

Logo distingo duas coisas bem diversas: **a tinta e o pensamento que escrevi.**

A tinta tem leis que correspondem à sua natureza. Posso examiná-la molécula por molécula para determinar sua contextura; posso investigar qual é a sua história, qual a sua origem. Tudo isto não se pode confundir com as leis do pensamento, com a história, as vicissitudes e a poesia de Dante. Nunca me pas-

saria pela cabeça a idéia de que o pensamento de Dante não seja diverso da tinta. Uma cousa é a tinta e outra cousa bem diversa, o pensamento.

Entretanto, desde o momento em que escrevi o **terceto**, embora sejam essencialmente distintos, a tinta fica unida ao pensamento. Foi elevada a outro grau que já não é próprio da matéria, mas sim do espírito. A tinta preta ou de outra côr, não podia por si exprimir o pensamento de Dante, precisamente porque isto não é da sua natureza. Entretanto, quando a emprego para traçar as letras que compõem as palavras dos versos de Dante, não sofre menoscabo nos direitos da sua natureza; pelo contrário, é elevada a uma dignidade maior. Em outros termos, o pensamento não é a tinta; supera-a, mas não a contradiz. **Não há oposição** entre a tinta e o sinal do pensamento, embora haja **diferença de natureza** e nem toda a mancha de tinta exprima um pensamento.

Se depois de traçados no papel os versos do grande Poeta, alguém toma do papel, e observa e perscruta e se limita ao exame da tinta **preta** ou **vermelha**, poderá fazê-lo: na sua investigação, cinge-se à ordem material da tinta, ao seu estudo. Poderá dar-nos uma descrição exata de como a pena deixou escorrer a tinta pelo papel etc., mas não pretenda haver exgotado a realidade. Agora a tinta já não é só tinta. Foi elevada a outro grau e exprime o pensamento de Dante.

Façamos a fácil aplicação disto. Nós, como homens, temos a natureza humana, com todas as leis e exigências inerentes à mesma, como a tinta tem a natureza de tinta, com todas as suas leis e exigências.

Nós, como homens, não temos nenhum direito ou exigência a uma dignidade e a uma grandeza superior

à natureza do homem, assim como a tinta não tem nenhuma exigência a exprimir o pensamento de Dante.

Deus, entretanto, por sua bondade, pode elevar o homem a uma dignidade e grandeza excelentes, superiores, não exigidas pela natureza humana, como eu, por exemplo, posso escrever com a tinta o terceto do grande Poeta.

Se Deus faz isto, já não há somente **uma ordem natural**, na qual o homem tem a natureza humana, e sua atividade que provém dessa natureza; já não existem apenas as leis da tinta e sua história material. Existe, também, **uma ordem sobrenatural**, ou seja, como indica o prefixo **sobre**, uma ordem que supera as exigências e os direitos de nossa natureza humana. A ordem sobrenatural é evidentemente diversa da ordem natural, mas não lhe é oposta: da mesma forma que o pensamento é diferente da tinta, mas não se lhe opõe, tendo ela até a possibilidade de se tornar um sinal do mesmo.

Pois bem: Deus, que não estava obrigado a nos elevar à ordem sobrenatural, de fato nos elevou a ela, como veremos mais adiante. Para entender, ainda que pàlidamente, de que modo escreveu o Divino Artista o poema do seu Amor sobrenatural, com a pobre tinta da natureza humana, é suficiente descrever, com mais clareza, o que seria o **homem na ordem natural** (a tinta no tinteiro) e o que é o **homem na ordem sobrenatural** (a tinta no papel escrito).

2. O homem na ordem natural

„Deus podia deixar o homem na **ordem natural**, isto é, no seu estado de homem.

1 — Neste caso, o homem teria sido uma simples criatura, e não um filho de Deus; nunca teria podido dizer a Deus: “Pai Nosso”.

Sei que esta afirmação causará grande espanto, porque é tão supina a ignorância do catecismo, que toda a gente pensa que, pela sua natureza de homem, tem o direito de saudar a Deus com o doce nome de Pai. Nada mais inexato. Para nos convenceremos disto, é suficiente fazer uma ligeira reflexão.

E’ ou não é verdade que o filho é da mesma natureza que o pai? De um animal nasce outro animal; de um homem nasce um homem. Pai e filho têm idêntica natureza. Só Calígula, um belo dia, nomeou senador a seu cavalo e pouco faltou que não o nomeasse filho seu, mas provavelmente o cavalo continuou sendo cavalo...

Por conseguinte, se deve ser igual a natureza do filho e do pai, nós, enquanto homens, na ordem natural, não podemos dar a Deus o nome de Pai. Para o fazer, deveríamos ter a natureza de Deus, isto é, não a natureza humana, mas a natureza divina. Como porém não possuimos, enquanto homens, tal natureza, somos apenas criaturas de Deus, racionais, na verdade, mas não filhos de Deus por natureza.

Num sentido impróprio e metafórico, as criaturas, devido a certa semelhança com o Criador que as criou segundo as idéias da sua mente, podem chamar a Deus com o nome de Pai: no mesmo sentido em que a “gentil borboleta”, presa entre os dedos da “travessa Teresa” de que fala a conhecida historieta, lhe suplicava: “Oh! solta-me! Eu também sou filha de Deus!” Também as borboletas podem se chamar, imprópriamente, filhas de Deus; mas, na realidade, nada possuem além da natureza de borboletas, e não par-

ticipam da natureza divina, do mesmo modo que as obras do pintor ou do escritor, embora participem da idéia, não participam da natureza e da vida do artista.

2 — Por isso, em a nossa hipótese, o homem criado por Deus e adornado só com os dotes naturais, teria desenvolvido na terra suas energias humanas. E teria tido:

a) A atividade da sua razão, isto é, os vários conhecimentos naturais, as diversas ciências, a filosofia ou especulação natural. Não lhe faltaria também um conhecimento da existência de Deus, que teria deduzido da existência das cousas criadas, pois, assim como do relógio se deduz a existência do relojoeiro, ainda que se não veja, assim, deste grande relógio do universo, a razão pode chegar à afirmação certa do Deus invisível. Assim como quem, da praia do mar, vê ao longe um navio que se dirige ao pôrto, está certo que um piloto o governa, do mesmo modo quem contempla a grande nau do Mundo, pensa no grande piloto, Deus. Teríamos também a certeza de nossa espiritualidade e de nossa liberdade. E tudo isto, pela **razão**, não pela **revelação**.

b) A este conhecimento exclusivamente racional, **teria correspondido** uma atividade puramente humana, individual e social. O indivíduo, a família, a nação, a vida internacional seriam regidos por essa lei moral que está impressa nas consciências. Deveríamos organizar a vida, tomando como centro da mesma, a Deus, autor da ordem natural.

E tudo isto com as forças próprias de nossa **natureza** e com aquele auxílio e concurso divino à nossa atividade de ordem natural, que Deus concede a todas as criaturas, e não com a **graça**.

c) Finalmente, ao morrer, a alma imortal receberia de Deus — seu último fim — o prêmio ou a pena; e o prêmio, como é evidente, seria apenas uma **felicidade natural**, mas não o **Paraíso**.

Na ordem natural, com efeito, o homem, ainda na outra vida não teria direito senão a uma felicidade **humana**, a um conhecimento **humano**, a um amor **humano**, aperfeiçoados, se quisermos, mas sempre no âmbito de nossas exigências de homens. Ao contrário, como veremos, o Paraíso importa num conhecimento **divino**, um amor **divino**, uma felicidade **divina**. O Paraíso consiste na visão **intuitiva** de Deus, isto é, no conhecimento **direto** de Deus; ao passo que a razão humana, ainda que aperfeiçoada, não pode chegar a Deus senão **indiretamente**, mediante um raciocínio, e não o conhece senão de um modo analógico, mas sem nenhum direito de **ver** a Deus, como Deus se vê a si mesmo.

Em que consiste o **limbo**, para onde vão as crianças que morrem sem batismo, senão nesta felicidade natural, que se reduz especialmente a um conhecimento indireto, mas seguro, e a um amor perene de Deus, princípio e fim de todo o ser?

Em conclusão: o homem, na ordem puramente natural, isto é, deixado no seu estado de homem (a tinta no tinteiro) teria tido:

- a) a **razão**, sem a **revelação**;
- b) sua **atividade natural** e o concurso divino natural, sem a **graça**;
- c) e organizando sua vida conforme a lei moral de Deus, criador e juiz, um dia teria conseguido uma felicidade natural, mas não o **Paraíso**.

3. O homem na ordem sobrenatural

Como já observámos, Deus, infinitamente bom, nos amou tanto que não se limitou a criar-nos e conservar-nos em nosso estado de homens, mas quis elevar o homem a um estado superior, à ordem sobrenatural, sem que tivéssemos de nossa parte nenhum direito a isto.

Por nossa natureza somos homens, simples criaturas; mas por um excesso de amor do nosso Deus, fomos transformados, elevados, divinizados; em outras palavras, fomos chamados à dignidade de **filhos de Deus**. E como o filho deve ter a mesma natureza do pai, Deus, para usar uma expressão de S. Pedro, nos faz **consortes e participantes de sua natureza divina**.

Alguns ficarão estupefatos diante destas palavras e dirão: — Como? Por acaso, nós cristãos, somos deuses?

Não hesito em responder: — E não o sabíeis? Ignorais que o Cristianismo nos traz a boa nova de nossa divinização? Nunca lestes as epístolas de S. Paulo, incompreensíveis se prescindirmos deste ponto fundamental? Nunca reparastes nas palavras do Evangelho de S. João, dirigidas por Jesus aos Judeus: “Por acaso não está escrito em vossos livros sagrados: Eu disse: eis que sois deuses?”

Não ignoro que muitos fiéis batizados vivem, não como deuses, mas como animais. Isto, porém, não depende, pelo menos em parte, do fato de não conhecerem claramente a grandeza divina a que Deus os predestinou?

Enquanto os Padres da Igreja, falando da Encarnação, repetiam mil vezes, em seus discursos e homilias ao povo: “**Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus**”, nós hoje não estamos habituados a semelhante franqueza de linguagem. Amiudadas vezes, como se fôssemos estóicos, e não cristãos, se nos recomenda: **Sêde homens!** sem refletir que a primeira ordem do Cristianismo é esta: “**Divinizai-vos, se quiserdes entrar no reino dos céus!**”

Expliquemos com a maior clareza e precisão em que consiste essa nossa divinização.

Podemos distinguir duas espécies de filhos:

- a) o filho natural;
- b) o filho adotivo.

A adoção, como se sabe, consiste na admissão de um estranho na família, de tal sorte que se torna membro da mesma família, toma seu nome e títulos, adquirindo também o direito à herança.

Não obstante, a adoção se limita entre os homens a um ato jurídico, mediante o qual alguém é reconhecido como filho, sem que o íntimo da pessoa sofra alteração alguma.

Ora, também entre os filhos de Deus devemos distinguir:

a) o Filho natural de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o qual, como veremos, encarnando-se e fazendo-se homem, tomou o nome de Jesus Cristo;

b) os filhos adotivos, isto é, nós, a quem Deus não quis deixar no grau de simples homens, só com a nossa natureza humana, mas, como diz S. Paulo, quis predestinar-nos a ser seus filhos (não por natureza, o que é absurdo, mas por adoção). Podemos então dizer a Deus: “**Padre nosso, que estais nos**

céus!” pois que Deus, por sua benignidade, não por nosso direito ou exigência, nos elevou a essa dignidade, adotando-nos como filhos. Mas, ao passo que, na adoção humana, onde há um **homem** que adota outro homem, não sobrevém transformação real alguma na pessoa adotada, aqui, ao contrário, como é um **Deus** que adota um **homem**, e por conseguinte, como não há comunidade de natureza, Deus nos faz seus filhos adotivos, não só com um ato jurídico, mas com uma mudança, com uma elevação da nossa natureza humana, com um dote que investe intrinsecamente a nossa alma, ultrapassando toda substância criada, e conferindo-nos o direito de chamar-nos e ser filhos de Deus, como diz S. João.

Conforme veremos no capítulo seguinte, mediante a graça nos fazemos participantes da natureza divina, somos elevados acima da nossa própria natureza, e nos tornamos semelhantes a Deus. Tendemos para Deus, já não mais como simples autor da ordem natural, mas também como autor da ordem sobrenatural.

Quem aprofundar esta expressão: “**filho de Deus**”, compreenderá a conexão dos dogmas cristãos, a essência da vida cristã, a verdadeira alma da história da humanidade, o último fim a que tendemos. A seguir, não faremos outra coisa senão desenvolver este conceito: **a adoção do homem como filho por parte de Deus pelos méritos de Jesus Cristo.**

Entretentes, já aparecem bem claras as seguintes conclusões:

1. — Embora na ordem natural bastasse a **razão**, na ordem sobrenatural era imprescindível a **revelação**, pois se Deus não nos houvesse revelado este grande e divino dom de seu amor, como poderíamos supô-lo

ou exigi-lo? A tinta não tem exigência alguma a expressar o pensamento de Dante; muito menos o homem, criatura, podia ter exigências ou meios para tornar-se filho adotivo de Deus.

2. — Enquanto na ordem natural bastaria observar a lei moral, escrita por Deus em nossos corações, na ordem sobrenatural não basta a atividade puramente humana. E' indispensavel a graça, a qual, elevando nossa alma, transforma e diviniza nossa atividade moral.

3. — Finalmente, enquanto na ordem natural só teríamos na outra vida uma **felicidade natural**, um conhecimento indireto e analógico de Deus e um amor de acôrdo com tal conhecimento, na ordem sobrenatural ao invés, tendemos ao Paraíso, que outra coisa não é senão a herança dos filhos, isto é, a participação dos filhos na vida divina; de maneira que nós conheceremos a Deus intuitivamente, como Deus se conhece a si próprio, amaremos a Deus como Deus se ama, gozaremos de Deus como goza de si mesmo.

No Paraíso se realizará de modo completo a divinização do homem, embora ele não deixe de ser criatura e seja glorificado de acôrdo com o grau dos seus méritos.

Não se podem confundir as duas ordens: a natural e a sobrenatural. São diversas, ainda que não sejam opostas, nem quebrem a unidade da vida humana. O sobrenatural não destrói a natureza, mas a eleva e aperfeiçoa e por isto a supõe. A graça não anula o homem, mas é a sua potenciação inefável. Assim como a corrente elétrica não inutiliza o toco fio de metal que atravessa, mas dele se serve para

difundir luz, força e calor; assim como o pintor não destrói as côres, mas delas se serve para exprimir a visão do seu gênio; como o enxerto infunde nova vida na árvore, a qual não é destruída, mas vivificada, da mesma forma o sobrenatural não destrói o natural, mas, aperfeiçoando-o, o sublima divinamente. A revelação supõe a razão e lhe acrescenta novas luzes, luzes divinas; a graça pressupõe a natureza e a dota de uma celestial formosura: o **cristão** não é alguma coisa menos do que o **homem**, é algo mais: é o homem divinizado, filho de Deus.

4. A dignidade dos filhos de Deus

Talvez agora, ao terminar esta austera lição, sem flores e sem retórica, depois de entrever fracamente em que consiste o Cristianismo e quão grande é a dignidade do cristão, os leitores começarão a perceber a enorme necessidade do catecismo. O Pe. Terrien, em sua preciosa obra **La Grace et la Gloire**, escreve: “Um filho de rei que não conhecesse nem a sua origem, nem os altos pensamentos que sua condição lhe exige: eis aí a imagem de grande número de cristãos.”

Como deixar de concordar? Ao chegar a este ponto, convido-vos a parar um instante. Pensai um momento na transformação operada em vós por Deus, na renovação maravilhosa e divina dos corações, na regeneração que transforma profunda e intimamente a natureza e as faculdades humanas, na deificação que da criatura faz um filho de Deus e transforma o homem em Deus. Quando começardes a compreender a significação destas palavras: “**Filho adotivo**

de Deus, participante da natureza divina”, prostrai-vos de joelhos. Lembrai-vos dos muitos Padre-Nossos que engrolastes em vossa vida. Provavelmente poucos foram bem rezados... Dizei agora, no silêncio do recolhimento — elevando-vos àqueles céus da alma, cuja beleza foi cantada por Santa Teresa ao comentar o **Pater** — dizei: “Padre nosso que estais nos céus!...” Somos **filhos de Deus**: saudemos nosso **Pai!** “Quando fizerdes oração — ensinou Jesus em dia inesquecível -- dizei: **Pai!** Se Deus nos elevou à dignidade de filhos seus, podemos talvez lhe dirigir uma palavra mais bela e mais sublime?”

Começai agora a penetrar na alma dos Santos. Eles amavam a Deus, porque sentiam o que significa a paternidade divina e a nossa adoção sobrenatural. Um dia, ao entrar uma noviça na cela de Santa Teresinha, parou encantada pela expressão toda celestial do seu rosto. Sórora Teresa, embora estivesse costurando ativamente, parecia arrebatada numa contemplação profunda.

— Em que pensa? perguntou a irmãzinha.

— Medito o Padre-Nosso — respondeu. — **É tão doce chamar a Deus de Nosso Pai!...** — E nos seus olhos brilhavam lágrimas.

Se conhecêssemos o catecismo, rezaríamos melhor. Quero dizer: **rezaríamos**. Porque muitas vezes infelizmente honramos a Deus só com os lábios, enquanto nosso coração está longe do Senhor. E entenderíamos também as palavras do Papa S. Leão Magno, que resumia deste modo o mistério de nossa elevação sobrenatural: “O dom que sobrepuja a todos os dons, consiste em que Deus chame ao homem seu filho e o homem chame a Deus seu Pai.”

RECAPITULAÇÃO

1. Podemos considerar o homem em um duplo estado ou ordem:

a) na **ordem natural**, na qual só teria o que compete à sua natureza de homem;

b) na **ordem sobrenatural**, na qual é elevado a uma grandeza e dignidade superiores aos direitos e exigências da sua natureza humana. A ordem sobrenatural, note-se bem, não destrói, mas supõe e eleva a ordem natural.

2. Na **ordem natural**, o homem teria sido, não filho de Deus, mas **uma simples criatura** e teria:

a) a **razão**, mas não a **revelação**;

b) a sua **atividade humana**, ou um auxílio divino, mas não a **graça**;

c) ao morrer, depois de uma vida moralmente honesta, alcançaria uma **felicidade natural**, mas não o Paraíso.

3. Na **ordem sobrenatural**, o homem é elevado à dignidade de **filho de Deus** (não filho natural, mas adotivo, pois só a Segunda Pessoa da Trindade é Filho de Deus por natureza. Nós somos filhos de Deus pela graça).

Por conseguinte, na ordem sobrenatural:

a) não basta a **razão**; é necessária também a **revelação**;

b) não basta a **atividade humana**; é indispensável também a **graça**;

c) se morrermos em **graça**, não teremos na outra vida uma **felicidade natural**, mas o **Paraíso**.

O Cristianismo não é outra coisa senão o desenvolvimento e a realização desta verdade consoladora e fundamental, que nos ensina a **revelação**: a **elevação do homem à ordem sobrenatural**, por meio da **graça** que nos mereceu **Jesus Cristo**.

Que é a **graça**?

CAPÍTULO IV

A GRAÇA

Em uma das cerimônias do Batismo, tão ricas de significação e de poesia, depois que a criança foi purificada com a água salutar em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, o sacerdote toma uma toalha branca e a põe sobre o novo cristão, pronunciando as seguintes palavras: “Recebe esta veste cândida e imaculada e leva-a sem mancha até o tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que tenhas a vida eterna.”

Difícilmente poder-se-ia imaginar um símbolo mais delicado e expressivo da graça que adorna a nossa alma de candor, fazendo-a divinamente bela e candidata ao céu. Que importa se nossos olhos materiais não contemplam essa íntima beleza, glória e divinização da natureza humana? Também o diamante está oculto, às vezes, sob uma rude incrustação; mas o olhar do garimpeiro não se detém nela, e bem tolo seria quem se limitasse a ver a ganga que o encobre e desprezasse o tesouro escondido.

Muitas vezes, infelizmente, imitamos os bárbaros e renovamos a cena tantas vezes repetida depois do

descobrimto da América ou das explorações da África: ao astuto mercador europeu, que oferecia missangas, gaitas e bagatelas, o selvagem dava em troca ouro e pedras preciosas. Exatamente como nós que, por um nada de ouro e prata, renunciamos à graça. Parece ouvir ainda, como se fôra um lamento dorido, a exclamação de Jesus sentado junto ao poço de Jacó, quando dizia à pecadora de Samaria, com tristeza e doçura: Oh! se tu conhecesses o dom de Deus!

Que é a graça? Eis o problema que devemos resolver neste capítulo. É o problema da nossa dignidade, não só humana, mas também divina; é o problema da nossa grandeza espiritual.

O homem sempre aspirou à sua divinização. Ser como deuses: eis a visão fascinadora que seduziu Eva. Divinizar a natureza foi o programa do paganismo, que adorou o sol e o crocodilo, as estrêlas e os imperadores. Fazer a Deus imanente no homem é a síntese de toda a filosofia moderna, especialmente de Kant a Hegel e Gentile. Sob diversas formas, o vôo de Ícaro se repete sempre na história; e, após um bater de asas, de asas de cera, sobrevém a queda. Não se chega aos astros. Cai-se na lama. Sirva de lembrança e de ensinamento a deusa Razão da Revolução francesa. Quando o homem com as suas fôrças quer se tornar Deus, cai no ridículo da falência e na desolação das ruínas. Só Deus pode elevar o homem, fazê-lo participante da sua natureza, deificá-lo: e Deus faz isto por meio da graça.

Em que consiste, pois, esse tesouro tão sublime, pelo qual se deveria interessar toda pessoa séria, como da cousa mais necessária deste mundo, ao passo que a maioria dos cristãos, principalmente por causa

de tão grande analfabetismo religioso, cuida tão pouco disto?

No pequeno catecismo a graça se define: o dom gratuito do Senhor, dado a nós pelos méritos de Jesus Cristo, para fazer-nos filhos adotivos de Deus, participantes da sua natureza divina, capazes de realizar obras sobrenaturalmente meritórias e de conseguir a vida eterna.

O comentário desta definição servirá para resolver a questão proposta.

1. O dom da divinização

Deus é amor. Já o disseram S. Paulo e S. João. Ninguém compreenderá alguma coisa da graça, se não se colocar no ponto de vista do amor infinito de Deus.

A própria criação é obra do amor, porque nenhum ser tinha direito à existência. Também na ordem natural, o homem teria cantado a bondade do Criador. Na ordem sobrenatural, este canto se intensifica: é o Amor que nos quer transformar, elevar, divinizar. Eis o que significa a expressão: “a graça é um dom”, palavra, como o lembrei, pronunciada por Cristo.

Alguém, dentro da atmosfera naturalista que nos cerca, comparou a graça ao braço de uma estátua maravilhosamente esculpura por Miguel Ângelo para envergonhar aos seus detratores. Os invejosos de Miguel Ângelo, que não podiam suportar em silêncio a grandeza daquele gênio, ouviram dizer um dia em Roma que os operários das escavações tinham achado

uma admirável obra prima da antiguidade: uma estatueta sem um braço, obra que constituía uma delícia para a contemplação artística.

Perante o Papa, acendeu-se logo uma discussão; Miguel Ângelo criticava a pequena estátua, achava-lhe mil defeitos. Os detratores do artista não tinham palavras suficientes para elogiá-la e com fina ironia a comparavam às pobres obras do seu execrado rival... Miguel Ângelo, depois de ter se divertido com o espetáculo, quis encerrá-lo, tirando do bolso o braço que faltava, exclamando: “A estatueta é minha; a prova aqui a tendes neste braço. Vêde como se ajusta perfeitamente!”

Também a natureza — observam alguns — é como a estátua de Miguel Ângelo: falta-lhe um braço; e a **graça** nada mais faz do que completá-la. Existem em nós inclinações imperiosas que tendem ao sobrenatural; aos seus detratores e inimigos, que, para exaltar a natureza, desprezam a graça, dizemos: “Observai: a natureza é imperfeita; falta-lhe uma perfeição mais nobre: o sobrenatural.” Mas, não: as imperfeições de nossa natureza, tão evidentes e inegáveis, requerem, por si sós, um aperfeiçoamento **natural**, isto é, que corresponda ao nosso grau de **homens**, assim como a estátua sem braço reclama, para ser completa, a parte que lhe falta.

A graça, ao invés, é **um dom** em relação à nossa natureza humana, pois não temos a ela direito ou exigência alguma: “**Que exigência poderíamos alegar para tornar-nos como Deus?**” Se Deus nos diviniza, é efeito da sua bondade inefável, **do seu amor**: mas, por favor, não falemos em direitos nossos!

A estatueta de Miguel Ângelo não tem direito à vida, ao movimento, à palavra, ao pensamento. Muito menor ainda é nossa exigência, nosso direito à graça, porque, entre o mármore da obra prima e a vida ou o pensamento, há um abismo menor do que entre o natural e o sobrenatural, entre Deus e o homem.

Nós — ante o dom da graça — não possuímos mais do que a capacidade (chamada pelos teólogos **capacidade obediencial**) de recebê-la, na hipótese que Deus no-la conceda, capacidade que é própria de uma natureza espiritual como a nossa e a angélica, e falta aos brutos, aos seres irracionais e às cousas puramente materiais.

Se quereis penetrar e aprofundar a alma de nossos místicos, ou se desejais inebriar-vos nesses doces e frescos mananciais que são, por exemplo, **Le Laudi**, de **Jacopone da Todi**, temos de meditar e aprofundar estas palavras: “**a graça é um dom do amor divino**”. Então também vós cantareis com esse grande poeta antigo:

Oh! amor, divino amor! — Oh! amor, não és amado...
 Quem for amigo teu, — já vai gozando o Céu.
 E nunca andarás triste — quem já te houver provado.
 A língua e o coração — “amor, amor” dirão!

Então não haverá mais ouvido surdo ao toque da sineta tangida outrora, em um mosteiro de Florença, por uma alma virginal, que exclamava cada vez que puxava a corda: “O amor não é amado! O amor não é amado!”

Este modesto livro não pretende ser outra coisa senão um tanger de sino que ressoe em vosso coração e faça nele ecoar o mesmo grito que brotava da alma de Maria Madalena de Pazzi.

2. O dom divino e os dons humanos

Deus, por pura liberalidade, nos dá este dom, que, por isto, se chama dom **gratuito**, muito diferente dos dons humanos.

Não sei se os leitores se divertiram em estudar alguma vez a psicologia dos que neste mundo fazem um presente. Pobres dons humanos! Como provocam, muita vez, uma palavra de ironia e protesto! Quantas vezes se faz um presente a uma pessoa porque dela se espera alguma coisa! Quantas vezes o presente é semelhante a um depósito na Caixa Econômica, feito por quem amanhã pretende reaver não só o capital, mas também os juros! Muitas vezes, o pretendo altruísmo dos presentes não passa de egoísmo que olha através de uma lente de aumento. Outras vezes o donativo é apenas o pagamento de um favor recebido; não é um “do ut des”, mas um **dou porque já me deste**. Em poucas palavras: é um encontro de contas.

E ainda mesmo na hipótese mais ideal, ainda quando o coração aberto, só por impulso de generosidade, faz uma doação a quem nada lhe deu e nada lhe dará, não é certo, porventura, que então o presente pressupõe a pessoa beneficiada e seus dotes e tem como razão o aperfeiçoamento moral do bemfeitor?

Nada disto acontece com o dom da graça. O homem nada podia fazer para merecê-lo; e Deus, por sua vez, concedendo-o, não aumenta em perfeição ou em felicidade. A natureza humana — que, ao ser elevada em Adão à ordem sobrenatural, não tinha méritos, e depois da queda, ao ser novamente elevada,

só tinha deméritos — recebia um dom de todo gratuito, que lhe foi concedido pelos **merecimentos de Jesus Cristo.**

3. A fonte da graça

O significado destas últimas palavras não poderemos entendê-lo claramente senão a seguir. Sòmente expondo a história da queda e da redenção, se pode chegar à **única fonte da graça: o Verbo Encarnado.**

A divinização dos Anjos e do homem, a justificação dos que precederam a vinda do Messias e dos que o seguiram, a adoção dos filhos de Deus e a glória sobrenatural, é um oceano imenso formado por diversos rios. Todos estes rios têm uma única origem: o Coração de Cristo. O amor de Deus produz a união sobrenatural do homem com Ele, mediante a união pessoal e hipostática de seu eterno Filho com a nossa natureza e com o sacrifício de Jesus. **O homem não se torna Deus senão por meio do Homem-Deus, único mediador entre Deus e o homem.**

É por isto que, em uma das comparações mais expresivas transmitidas pelo Evangelho de S. João, Jesus ensinava: “Eu sou verdadeira videira... Permanecei em mim e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não estiver na videira, assim nem vós se não ficardes em mim. Eu sou a videira e vós os sarmentos; se alguém permanece em mim e eu nele, esse fará muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer”. Unidos a Jesus Cristo,

participamos da sua vida divina. Nossa união com Ele, mediante a graça, é o princípio e o meio de nossa transformação em Deus. Por outras palavras: 'a graça é o laço que deve unir cada um de nós ao nosso Jesus.

Convém nos determos um pouco na consideração desta união com Deus mediante a graça, união admiravelmente explicada por Mons. Vigna com um episódio comovedor.

Conta-se na vida de Murillo que um velho pintor espanhol, estando próximo da morte, mandou chamar um sacerdote para que lhe administrasse os últimos Sacramentos. Atendeu logo o padre e levou também o Viático acompanhado por um menino, o qual, segundo o costume da terra, agitava o turíbulo. Rezou-se longamente e o menino se aproximou do leito com o turíbulo já apagado. O enfermo o olhou, tomou um carvão e desenhou a imagem de N. S. Jesus Cristo na parede branca, ao lado da cama. Então, o menino, depois de ter observado aquilo com o mais vivo interesse, disse ao velho: "Eu também desejaria pintar a imagem de Deus". O velho, pondo a mão sobre a cabeça do pequeno, respondeu: "**Conserva sempre Deus em ti, se quiseres pintar a imagem de Deus.**"

Deus — como sabemos pela filosofia — está presente em tudo, porque tudo sustenta e em tudo opera. Onde quer que haja um ser, aí está Deus. Todas as cousas, sobretudo as cousas vivas, e de modo especial a inteligência humana, possuem o ser e a ação que as faz participantes do ser, da ação e da inteligência de Deus. **Est Deus in nobis:** Deus está no homem, ainda mesmo no ateu que o blasfema. Mas,

com a graça, Deus está presente em nós de um modo mais admirável, enquanto nos transforma com sua divina virtude e nos constitui seus filhos adotivos.

4. Os filhos de Deus

Os teólogos dividem a graça em **atual** e **habitual**. A primeira se reduz a um clarão de Deus que ilumina a mente, a um estímulo da vontade com o qual Deus nos impele. É transeunte como a ação; não é permanente como uma disposição duradoura. Aos pecadores e aos justos, Deus concede em abundância esta efusão de graças atuais, que dirigem e sustentam os primeiros na justificação e conservam e estimulam os segundos no caminho do bem. Não tratamos aqui desta graça, mas da outra, chamada **graça santificante** ou **habitual**, princípio intrínseco e transformador, “qualidade divina, inerente à alma, semelhante à luz cujo esplendor, envolvendo e penetrando as almas, apaga as manchas da culpa e lhes comunica uma radiante beleza”, conforme ensina o Catecismo do Concílio de Trento. Ela opera em nós uma renovação interior e, como diz S. Belarmino, transforma-nos em imagem de Deus, tornando-nos puros e santos, e nos faz participantes da natureza divina, conforme o ensino de S. Pedro.

Eis porque Santo Tomaz de Aquino pôde escrever com razão que “a perfeição que advém a uma só alma, pelo dom da graça, excede a todo o bem espalhado no universo”. Em toda a ordem natural, não obstante as suas belezas, nada há, na verdade, que possa ser comparado à nossa divinização e ao que ela produz. E quem estudou o catecismo não se admira

nem estranha ao ler na vida de Santa Catarina de Sena, escrita pelo Bem-aventurado Raimundo de Cá-pua, seu confessor, como a santa, ao mostrar-lhe Jesus um dia uma alma cuja conversão havia ela alcançado pela oração e penitência, exclamou:

— Era tal a beleza daquela alma que nenhuma palavra a poderia exprimir!

E Nosso Senhor, mostrando-lhe tal esplendor divino, acrescentou:

— Não te parece graciosa e bela esta alma? Quem é pois que não aceitará qualquer sofrimento para ganhar uma criatura tão admirável?

Eis aqui, pois, a boa nova de Jesus, que nos ensinou a orar, invocando a Deus com o nome de Pai: “**Padre nosso que estais nos céus**”; que não excluiu a Madalena, quando disse: “**Vou para meu Pai e vosso Pai**”; que admoestava solenemente a Nicodemos: “**Em verdade, em verdade, te digo, se alguém não renascer, não poderá ver o reino de Deus**”. E ao se admirar o seu interlocutor, respondia distinguindo entre os “nascidos da carne” e os “nascidos do Espírito Santo”.

“Jesus veio ao mundo — proclama-o S. João no prólogo do seu Evangelho — para dar a quantos o aceitassem e cressem em seu nome, o poder de se fazerem filhos de Deus, os quais nasceram não do sangue, nem do desejo da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. O coração do Evangelista exultava ante esta verdade, e em sua epístola chega a estas comovedoras reflexões: “**Vêde com que amor nos amou o Pai concedendo-nos ser chamados filhos de Deus! E o somos de fato. Esta é a razão pela qual o mundo não nos conhece, porque não conheceu a Ele. Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus.**

E ainda não se manifestou o que temos de ser. Mas sabemos que, quando for manifestado o que havemos de ser, seremos semelhantes a Deus, porque o veremos tal como Ele é."

E que outra cousa são todas as epístolas de S. Paulo senão uma prègação constante dos inefáveis mistérios da graça e da filiação divina? Quando escrevia aos Gálatas, anunciava que, "chegada a plenitude dos tempos, Deus mandou o seu Filho... afim de que recebêssemos a adoção de filhos. E porque sois filhos, Deus enviou ao vosso coração o Espírito de Seu Filho, no qual bradamos: **Abba!** isto é, **Pai!** Assim, já não sois mais servos, mas filhos, e como filhos, sois também herdeiros por graça de Deus"...

A mesma doutrina a encontramos desenvolvida nas epístolas de S. Paulo aos Romanos e na que ele dirigiu, da sua prisão, aos fiéis de Éfeso.

As obras imortais dos Santos Padres gregos e latinos nos mostram como, nos primeiros séculos da Igreja, o sobrenatural constituía o objeto principal dos discursos, das homilias e da catequese. É só consultar os magistrais escritos de S. Agostinho, S. Máximo, S. João Damasceno, S. Gregório de Nissa, S. Ambrósio, S. Cirilo de Alexandria, S. Basílio, S. João Crisóstomo.

A contra-gosto, e só para não alongar demasiado este parágrafo, nos abtemos de transcrever aqui preciosas citações desses luminares da Igreja.

Mas ouçamos, pelo menos, a forte exortação que S. Leão dirigiu aos fiéis do seu tempo:

"Reconhece, ó cristão, a tua dignidade! Uma vez que te tornaste participante da natureza divina, não voltes, por um procedimento indigno, à tua antiga baixeza. Lembra-te de que corpo tu és membro e quem

é a tua Cabeça. Lembra-te que foste arrancado ao poder das trevas e transportado ao reino da luz!”

Educados em tal conhecimento dos princípios fundamentais do Cristianismo, já não podiam os cristãos viver como pagãos ou segundo a lei dos sentidos. Sabiam que tinham Deus no seu coração; comoviam-se ao ler no Evangelho que “o reino de Deus está dentro de nós”. **Eles viviam unidos a Nosso Senhor.**

As perseguições e as lutas não conseguiram atemorizá-los. Crianças como Tarcísio, virgens como Inez e Cecília, sorriam com um sorriso novo: era a alegria de almas divinizadas, que exultavam na esperança. Esse mesmo sorriso procuro-o hoje em vão na fisionomia de muitos crentes: eles não sabem, não conhecem o grande dom de Deus.

5. O valor das ações divinizadas

Tratando-se tão somente dos primeiros elementos da verdade e da vida cristãs, evidentemente não posso demorar-me em discorrer sobre as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo, que acompanham a graça. Seria belo, por exemplo, dizer uma palavra a respeito desta nau que é a alma divinizada pela graça dotada de uma força motriz interna e impulsionada também pelo sopro do Espírito que lhe enfuna as velas. Aos que, depois do estudo desta cartilha, desejarem prosseguir no estudo do catecismo, recomendo-lhes a obra de que eu também me utilizo: “**La Grace et la Gloire**” do **Pe. Terrien**. Devo aqui limitar-me às cousas mais elementares, e por isto, sem mais preâmbulos, vou explicar a significação destas palavras: “a

graça... nos torna capazes de realizar obras meritorias.”

Suponho estar diante de uma pessoa honesta, não batizada, um cavalheiro distinto que não só procede bem, mas além disto, não mancha a sua boa ação com nenhum fim oculto pouco nobre. E ao lado desta pessoa, outra em estado de graça, isto é, um cristão sem pecado mortal, que realiza o mesmo ato bom com um fim reto.

Aparentemente, as duas ações são iguais. Na realidade, o seu valor moral é imensamente diverso. Expliquemo-nos com clareza, também para acabar de uma vez com a confusão de **um ato naturalmente honesto** (que certamente não é um mal) e **um ato meritório**, o que é confundir o **homem** com o **cristão**. Como de costume, recorramos a um exemplo.

Rotschild, o famoso banqueiro multi-milionário, toma um **cheque** no qual está escrito: “**pague-se à vista um milhão**” e assina-o. Apresento-me a um banco com o **cheque**. Todos me fazem medidas. O caixa me entrega um milhão. Saio entre gerais, rapapés.

Tomo outro cheque igual ao primeiro e, em vez de incomodar o sr. Rotschild, eu mesmo escrevo a sua firma, e, como a minha letra é melhor do que a de Rotschild, espero confiante. Ai! de mim! Se vou ao banco com tal **cheque**, a coisa é bem diversa. Qual dinheiro, nem reverências! Agarram-me, chamam uns guardas e me mandam para a cadeia...

Por que? A firma não é igual? Não. A mesma assinatura, escrita por Rotschild, tem um valor; escrita por mim, tem outro.

Assim também, o mesmo ato, feito por quem está **em graça**, tem um valor, é meritório em relação à

vida eterna, é reconhecido — estava para dizer — no banco do Paraíso. Feito por quem não está em graça, não é uma falcatrua como a firma de Rotschild falsificada por mim — é um ato bom na ordem natural, mas evidentemente não pode ter valor na ordem sobrenatural.

Quem está em graça é mais do que um simples homem: é um homem divinizado, é filho de Deus. E quem ignora que, na mesma frase, a mesma palavra muda de valor conforme a pessoa que a profere? O ato de um homem tem **valor humano**; o ato do filho de Deus tem **valor divino**.

Portanto, não basta ser homem de bem, viver honestamente, praticar boas obras. Isto é **necessário**, porque a ordem sobrenatural não destrói, mas supõe a ordem natural. Mas não é **suficiente**. É preciso elevar pela graça a atividade humana; em outras palavras: é preciso ser **cristão**. Se fossem meditados estes elementos tão claros da religião, acabariam de uma vez certas objeções já tão rebatidas, como esta, por exemplo: basta viver de acôrdo com a lei moral; não é necessário praticar a religião. **Não se cometeriam tantos pecados mortais com tamanha leviandade**. E, ao julgar as ações de nossa vida, na solução do problema da vida, começaríamos a persuadir-nos de que, sem a graça, dissipamos nossos dias e nossas ações generosas, pois o que provém só da natureza, não tem valor para a vida eterna.

S. Paulo ilustrou esta verdade em sua primeira carta aos fiéis de Corinto com estas palavras: “Se eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse a caridade, não passaria dum metal que soa ou de uma campainha a tinir. E se tivesse o dom da profecia e soubesse todos os mistérios e tudo quanto

se pode saber, e se tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, mas não tivesse a caridade, nada seria. E se eu distribuísse entre os pobres todos os meus bens, e se entregasse meu corpo à fogueira, mas não tivesse a caridade, de nada me aproveitaria.”

Em outras palavras — comenta Marmion em sua esplêndida obra “Cristo, vida da alma” — os dons mais extraordinários, os talentos mais excelentes, as empresas mais generosas, as maiores ações, os esforços mais consideráveis, os sofrimentos mais profundos, carecem de todo mérito para a vida eterna, sem a caridade, isto é, sem este amor soberano da alma para com Deus, considerado em si mesmo, sem este amor sobrenatural que nasce da graça santificante, como a flor desabrocha no seu hastil.

6. A graça e o Paraíso

Depois de ter visto o que é a graça, é fácil entender como nos eleva à ordem sobrenatural nesta vida para fazer-nos conseguir a **vida eterna** ou o Paraíso na outra. A Escritura nunca separa nossa adoção divina de nosso destino à mesma herança de Deus e à sua visão intuitiva. A graça é nisto semelhante aos archotes, ocultos em vasos de barro, que Gedeão deu aos seus trezentos valentes na batalha contra os Madianitas. Quando, no silêncio da noite, quebraram os vasos, o inimigo foi desbaratado e posto em fuga.

Assim também nós: quando nosso corpo, frágil vaso de barro, se quebrar na noite da morte, brilhará a lâmpada de nossa alma, acesa com os resplendores da graça de Deus. O demônio será derrotado e, como os trezentos de Gedeão, cantaremos vitória.

7 Os séculos cristãos e a graça

Todos os séculos cristãos discutiram a respeito da graça e mil debates surgiram e mil erros foram propugnados.

As doutrinas de Pelágio, no século V, propagadas especialmente na África, as quais, para enaltecer a natureza humana e suas forças, negavam a necessidade da graça, assim como o semipelagianismo da Gália e de Cassiano de Marselha, acharam em Santo Agostinho a refutação contundente e nos Concílios a reprovação completa.

Lutero e Calvino caíram no excesso contrário. Para afirmarem os direitos e a necessidade da graça, desprezaram e renegaram a natureza, a liberdade e as boas obras. Mas o Concílio de Trento, com uma condenação, repetida depois contra as teorias de Ario e de Jansênio, lançou seu anátema também contra os reformadores.

A doutrina católica evita os dois extremos. Não nega nem a natureza nem o sobrenatural. Nem Deus, nem o homem. Nem a liberdade, nem a graça.

Os teólogos (como o provam as discussões do século XVI entre as escolas de Molina e dos Bañezianos) discutiram sobre o **modo** com que se unem os dois termos; mas, como se exprime Bossuet, os dois anéis da cadeia foram sempre sustentados com mão firme.

Em nossa época triunfou desgraçadamente o naturalismo. Desde o Humanismo e a Renascença, nada se omitiu para exaltar o **homem** e para rejeitar a **graça de Deus**. O homem deve bastar-se a si mes-

mo, gritam abertamente alguns. A transcendência deve ceder o lugar à imanência. O verdadeiro Deus somos nós, é o pensamento, a razão e a ação humana.

Até os crentes estão sob o influxo desta atmosfera deletéria, adversa ao sobrenatural. Não faltam espíritos superficiais que grosseiramente confundem, por exemplo, a fraternidade da Revolução francesa, com a fraternidade cristã. Esta última importa a nossa adoção divina; elevados à ordem sobrenatural, somos filhos de um mesmo Deus, de um mesmo Pai e por isto somos irmãos. Que relação há nisto com a ideologia revolucionária? Não faltam os que tremem de emoção quando lêem Sêneca, Marco Aurélio ou o apelo de Kant ao dever (como se o dever ou a atividade humana moralmente boa, bastasse e não fosse também necessária a graça que a diviniza).

Por último, não é raro o caso de encontrarmos cristãos que consideram os Sacramentos, isto é, os canais da graça, sob o ponto de vista de um mero naturalismo. Para esses, a confissão é uma ótima escola educativa, devido à humilhação que impõe, ao conforto e conselho que oferece. O matrimônio é um meio excelente para dar solenidade ao juramento de mútua fidelidade dos esposos. A Eucaristia é o delicado símbolo da união de todos os irmãos, reunidos ao redor da mesa comum. Desta maneira se despojam os Sacramentos da sua característica divina, se desconhece a sua sobrenaturalidade, não se dá importância ao efeito principal e essencial para o qual Cristo os instituiu. Isto equivale a dizer que se despreza ou pelo menos não se aprecia a graça...

Um dia, no caminho do Calvário, uma mulher piedosamente delicada, abrindo caminho entre a multi-

dão, chegou-se a Jesus para enxugar-lhe o rosto suave, com uma toalha branca de linho; e o Salvador imprimiu nela a sua augusta efígie. Também nós devemos tomar nossas almas e chegá-las a Ele, para que a sua graça lhes imprima a sua imagem divina e bela. É o único meio para poder **organizar** divinamente **nossa vida**, para poder viver, não como brutos, nem como simples homens, mas como filhos de Deus, para poder dizer com S. Paulo, numa expressão de altivez cristã e com santa alegria: “Vivo, mas não sou eu quem vive, é Jesus Cristo quem vive em mim.”

RECAPITULAÇÃO

O homem é elevado à ordem sobrenatural mediante a **graça**. A graça:

a) **E' um dom de Deus**, pois o homem não tem nenhum direito ou exigência à sua divinização;

b) **E' um dom gratuito**, porque apesar, de toda nossa atividade, nunca poderíamos conquistar um grau acima de nossa natureza humana;

c) **Ela nos é concedida pelos méritos de Cristo**, que é a única fonte da graça, de tal modo que não se pode separar Jesus Cristo da graça;

d) **Ela nos faz filhos de Deus**, pois Jesus Cristo, unindo-nos a Ele e fazendo-nos participantes da natureza de Deus, nos eleva à dignidade da adoção divina;

e) **Ela nos faz capazes de obras meritórias**, enquanto as ações do homem em estado de graça não constituem uma atividade puramente humana, mas uma atividade divinizada;

f) **Dá-nos o direito à vida eterna**, isto é, ao Paraíso.

Depois de ter contemplado os altos cumes da divinização, aos quais o amor de Deus chamou suas criaturas inteligentes, temos agora que assistir a uma queda desastrosa. De um lado temos a criação, a elevação à ordem sobrenatural e a queda dos Anjos; doutro lado, a criação, a elevação e a queda do homem. Dupla⁺ cena; uma e outra incompreensível, se não a contemplamos do ponto de vista do sobrenatural.

CAPÍTULO V

A QUEDA

A realidade das cousas existentes — como verificamos pela nossa experiência, pela razão e pela revelação divina — é semelhante a uma escada que vai do degrau mais baixo até Deus.

Os seres — múltiplos e variados — estão dispostos numa ordem admirável. Começa-se pela **matéria inorgânica**. Daí vai-se à **vida vegetal**, com sua numerosa série de gêneros, espécies, variedades e indivíduos distintos. Passa-se ao **reino animal**, também rico e variadíssimo. Daí ascende-se ao **homem**, o vivente composto de alma e corpo, que vegeta e sente, mas também raciocina. Depois do homem temos os **Anjos**, que são espíritos puros, sem a matéria e sem os sentidos. Finalmente, acima dos Anjos, temos o Espírito perfeitíssimo, **Deus**.

Sòmente os Anjos e o homem, entre os seres desta escala, **podiam** ser elevados à ordem sobrenatural, porquanto, se não repugna que Deus possa elevar uma inteligência criadora a uma visão intuitiva e a um proporcionado amor para com Ele, repugna, ao invés, que uma pedra, por exemplo, possa ver intuitivamente e amar a Deus. Antes de tudo, seria necessário que a esta pedra fosse dada a natureza racional. Só então,

uma tal natureza poderia ser elevada à graça e à glória sobrenatural.

De fato, a revelação nos ensina que Deus elevou às glórias da divinização os Anjos e os homens.

Devemos, portanto, estudar a história de uns e de outros.

I. — OS ANJOS

Embora Deus não fôsse obrigado a criar os Anjos, todavia bem compreendemos que era conveniente existirem estes espíritos, que marcam a passagem progressiva, conforme a lei da graduação, entre o homem e Deus.

A Escritura nos atesta a existência destes seres simples, puros, espirituais, e portanto incorrutíveis, imortais, dotados de inteligência e de vontade. Apareceram a Abraão, a Jacó, a Josué, a Tobias, aos Profetas e a outros. No Evangelho os encontramos a cada passo: levam a mensagem à Virgem, a Zacarias e a José. Em a noite de Natal cantam sôbre a gruta: “Glória a Deus no mais alto dos céus” e auguram “paz na terra aos homens de boa vontade”. Convidam os pastores a irem a Belém. Salvam a Sagrada Família das perseguições de Herodes. Descem ao redor de Jesus, no deserto, depois das tentações de Satanaz. Agitam a água da piscina probática. Consolam a agonia do Getsêmani. Removem a pedra do sepulcro e anunciam a Ressurreição de Cristo.

Freqüentemente aparecem nos Atos dos Apóstolos. O próprio Jesus nos fala muitas vezes deles. O Divino Redentor, ao acariciar as cabecinhas louras das crianças, nos adverte que “seus anjos vêm sempre no céu a face do Pai.”

E assim como o Escriura nos fala destes Anjos bons, do mesmo modo nos põe de sobreaviso contra os Anjos rebeldes, os demônios que, como leões que rugem, nos rodeiam procurando nos devorar.

1. Os Anjos e a ordem sobrenatural

Deus tinha criado os Anjos. E não satisfeito com lhes ter dado uma **natureza angélica**, muito superior à natureza dos demais seres criados, os tinha elevado à **ordem sobrenatural**. Eram também **criaturas**, e Deus quis elevá-los à dignidade de "**filhos**". Foram, porém, submetidos a uma prova, na qual muitos, chefiados por Lucifer, se rebelaram, enquanto outros, seguindo S. Miguel, permaneceram fiéis. Os primeiros foram precipitados no Inferno e são os **demônios**. Os segundos são os **Anjos bons**, que gozam da visão beatífica de Deus.

2. Nós e os Anjos

Não pensemos que estamos separados destas duas classes de espíritos. Como os seres provêm de um Ser único, Deus, é muito conveniente que a grande variedade dos seres não destrua a união dos mesmos. Assim como o espírito humano está em contacto com a natureza, com seus semelhantes e sofre o influxo do mundo exterior e da sua própria carne, assim também pode entrar em comunicação com os Anjos.

Muitas **tentações** que são, na verdade, senão a influência dos espíritos rebeldes, aos quais deve o cris-

tão dirigir as palavras de Jesus: “Afasta-te, Satanás!”? Não se pode negar que muitas outras tentações provêm de nós mesmos, da nossa **carne**, das paixões e também do **mundo** que nos rodeia. Entretanto, também é verdade que o demônio nos tenta a todos, como tentou a Adão no Éden e a Jesus no deserto, depois do jejum de quarenta dias e quarenta noites. Nós, filhos de Deus, somos uma reprovação, uma condenação e um remorso para o demônio. E quantos desgraçadamente caem em suas redes e o acompanham na rebelião!

Por felicidade, também os Anjos bons se comunicam conosco. Não só amam, adoram e louvam a nosso e seu Pai; mas, por amor do Pai, de quem são mensageiros e ministros, nos guardam e defendem.

Nunca estamos sós. Um Anjo está sempre ao nosso lado. E, no entanto, nunca ou quasi nunca pensamos nele.

Este espírito puro nos ama, nos segue, roga por nós, recebe nossas preces e nossas obras virtuosas e as oferece a Deus, nos inspira santos pensamentos, nos assiste ainda quando nos rebelamos contra o Pai e, como bom irmão e fiel amigo, procura reconduzir-nos a Deus.

Se temos consciência deste grande dom de Deus, não esqueçamos nunca o nosso Anjo. É tão belo rezar a ele quando estamos sós, em sua única companhia! É tão doce confiar em seu auxílio nos momentos do perigo e nos combates do bem! Nunca deveríamos dirigir a alguém uma palavra de conselho ou admoestação, sem falar também com o seu Anjo! Dele — como de um meio seguro — deveríamos nos servir para falar a Deus.

A Igreja, no prefácio da Missa, nos convida a unir-nos “a toda a milícia do exército celestial” e a cantar com os Anjos o hino do triunfo, dizendo pere-nemente: “Santo, Santo, Santo sois Vós, ó Senhor, Deus dos exércitos. Cheios estão os céus e a terra de vossa glória. Hosana no mais alto dos céus! Abençoado Aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!”

Os Santos não esqueciam nunca o seu Anjo. Vemos os Anjos junto às Virgens e às Mártires, no momento da luta. Eles defendem a Santa Cristina entre os tormentos. Para eles apela Santa Inez, quando, ao Prefeito de Roma que a ameaçava de morte, responde que não temia, porque tinha consigo um Anjo, um dos ministros do seu espôso Jesus, pronto para defendê-la. Santa Francisca Romana via sempre junto de si o seu Guarda celeste. A bem-aventurada Ângela de Foligno, em seu áureo “**Livro das admiráveis visões e consolações**”, goza da presença dos Anjos, que, com seu aspecto, lhe infundiam uma plácida e suave alegria. E S. Luiz Gonzaga, interrogado, certa vez, porque andava sempre nas ruas um pouco afastado das paredes e muros, respondeu: “Para deixar lugar ao meu Anjo”.

Não deixemos os Anjos só para a fantasia dos pintores, que os materializam em nome da arte, ou para o canto dos poetas, que se extasiam com o seu aspecto fulgurante ou com suas vestes de neve. Imitemos de preferência a Santa Gema Galgani, que professava tanta devoção ao seu Anjo.

Esta virgem de Luca dizia: “Jesus não me deixa nunca só e faz que esteja sempre comigo o Anjo da Guarda”. E porfiava com seu Anjo para gritar mais alto: “Viva Jesus!... e Jesus se mostrava muito sa-

tisfeito”. Amiudadas vezes conversava com seu Anjo: “Anjo querido, como te quero!... Tu me ensinas a ser boa, a me conservar humilde e agradar a Jesus”. Ou então lhe dava esta grata incumbência: “Saúda por mim a Jesus!”

Dirá algum pedante espírito forte: “Isto não passa de carolice!” Será? Parece-me, não obstante, que, se temos fé, não podemos esquecer o nosso Anjo da Guarda. Devemos, com o seu auxílio, recorrer a Jesus. Devemos rezar com mais atenção, pensando no Anjo bom que nos acompanha, a oração **Angele Dei**: “Anjo de Deus, que sois a minha guarda e a quem fui confiado por celestial piedade, iluminai-me, guardai-me, regei-me e governai-me. Amém”.

Se somos como os que têm os olhos abertos somente para a luz do dia, para as cousas sensíveis, se nos parece que mergulhamos numa noite escura, quando a fé nos fala de Anjos, seria então o caso de exclamar: Não temas, irmão, as “trevas da fé”, porque são trevas fecundas. Como só à noite se podem contemplar os milhares de sóis que são as estrelas, da mesma forma só com a fé podemos descobrir os esplendores do céu de Deus, os nossos Anjos.

Mas ai! o caso talvez é diferente: não se pensa e não se crê nos Anjos, porque temos os olhos voltados para a lama. Olhemos para o alto! E’ nas alturas que brilham os astros!

II. A QUEDA DO HOMEM

A primeira página da história da humanidade é em parte semelhante à história dos Anjos.

Aqui também existe a criação, a elevação à ordem sobrenatural, a queda e o castigo. Mas, diversa-

mente do que aconteceu com os Anjos, nós temos a promessa da Redenção e a reparação.

Exponhamos o dogma com toda a singeleza que requer o catecismo, sem nos perdermos em questões exegéticas sobre o primeiro capítulo do "Gênesis", nem em discussões teóricas. A simples enunciação dogmática bastará para responder às objeções dos que se escandalizam com a transmissão do **pecado original** e não compreendem porque nós devemos ser castigados por uma culpa não pessoal; e servirá também de resposta à estranheza que provoca em alguns o fato de **uma fruta**, uma miserável fruta comida por Adão e Eva, ter tido conseqüências tão desastrosas.

Todas estas dificuldades derivam do fato de não considerar orgânicamente o dogma católico, e não conhecer com exatidão o que é a ordem sobrenatural. Depois do que dissemos nos capítulos precedentes, não será difícil compreender o verdadeiro sentido do fato indicado pela Revelação.

1. O homem elevado e o homem decaído

Nas "Orações" de Santa Catarina de Sena, encontro uma passagem magnífica, que me sugere uma comparação.

A humanidade é semelhante a uma árvore; nossos progenitores são esta árvore primitiva no seu germe, em suas raízes, em sua origem. Deles deviam provir flores e frutos e outras inúmeras árvores que constituem a atual floresta da família humana.

Aproximemo-nos da primitiva árvore da humanidade para lhe estudar a história. É evidente que a ruína de toda a floresta que dela derivaria, de tal

forma que nenhuma árvore, por si, poderia depois ser produzida sem o estigma do vírus da origem. Se a fonte está envenenada, ficará envenenada toda a corrente das águas, com seus arroios e ramificações. Assim, se o grande rio da humanidade está contaminado em sua fonte, inexoravelmente sofrerá as conseqüências disto para sempre.

Foi o que aconteceu. Deus criou nossos progenitores e a essa árvore demonstrou sua infinita bondade.

De fato, podemos distinguir no homem, tal como Deus o queria, três categorias de bens:

a) Antes de tudo, Adão e Eva tiveram os bens correspondentes à sua natureza humana, isto é, um corpo e uma alma, juntamente com a razão e a liberdade da vontade. Estes bens, por serem devidos ao homem, enquanto tal, chamam-se **dons naturais**. Deus não estava obrigado a dar-nos mais do que isso, e, se fôssemos deixados na ordem natural, nossa árvore teria as flores e os frutos de uma atividade puramente humana.

Essa

b) Mas, como já notámos, Deus, unicamente por amor, quis elevar-nos a uma ordem superior à nossa natureza, ou, para usar a expressão de Santa Catarina, nos **enxertou nele**. Não quis que as árvores da grande floresta tivessem apenas um frêmito de vida humana. Quis que este frêmito fôsse divinizado. Quis que fôssemos seus filhos. E queria também que ao paraíso da eternidade correspondesse o paraíso da terra. Por isso Adão e Eva, além dos dons da natureza, tiveram os **dons sobrenaturais**, o primeiro dos quais é a graça santificante e habitual.

c) Não satisfeito com isto, a essa primitiva árvore divinizada acrescentou Deus uma terceira categoria de bens: os dons **praeter-naturais**, enquanto a humanidade estaria isenta da dor e das enfermidades, da tirania das paixões ou concupiscência, da ignorância e da morte.

Só por si, esta última classe de dons não diviniza o homem, e se eles não fôsem acompanhados pela graça, nos dariam uma perfeição superior à que compete naturalmente ao homem como composto de matéria e sujeito à corrupção e à rebelião dos sentidos, mas nos deixariam na ordem puramente humana.

Portanto, não podem ser definidos, pelo menos no sentido próprio, como dons **sobrenaturais**; por outro lado, não sendo também devidos essencialmente à nossa natureza, não são tão pouco **dons naturais**. São **praeter**, isto é, fora da exigência da nossa natureza, ainda que a não excedam nem a elevem a outra ordem superior.

Tal era a primeira árvore humana em sua beleza. E Deus unira no primeiro germe os dons sobrenaturais e os praeter-naturais, de tal modo que os nossos proto-parentes, transfundindo nos filhos a natureza, teriam neles transfundido também a graça, a incorrutibilidade, a isenção da concupiscência e da ignorância, a imortalidade.

Adão e Eva não representam somente a si mesmos, mas a todas as árvores da floresta que deles havia de provir. E Adão, como cabeça também de Eva e pai do gênero humano, era o verdadeiro e primeiro guarda e depositário de todos os bens sublimes outorgados por Deus, para serem transmitidos a todos os seus descendentes.

Em tal condição, pois, nossos proto-parentes foram submetidos a uma prova, isto é, a um ato de homenagem, de obediência, de devoção a Deus, a um ato de amor ao Amor Supremo, que tanto os havia beneficiado. Se tivessem obedecido, reconhecendo desta forma ao seu Deus, não só eles, mas todos os seus descendentes teriam as três espécies de bens acima mencionados. Se se revoltassem, Deus deixaria à humanidade os dons da natureza, mas — precisamente porque o homem se rebelava contra Deus — tiraria da primeira árvore, e por conseguinte de todas as outras, os dons sobrenaturais e praeter-naturais, aos quais não tinha o homem direito algum.

Como sabemos, Adão e Eva caíram comendo o fruto proibido. A árvore da humanidade, cuja raiz hauria de Deus a seiva da graça e da imortalidade, uma vez quebrado o vínculo santificador pela culpa sugerida pela serpente infernal, já não estava mais enxertada em Deus. Perdeu a seiva divina da graça santificante e dos outros bens praeter-naturais, e ficou somente com o alimento que lhe oferecia a terra árida, como a planta despojada do Paraíso terrestre de Dante. Depois da culpa, Adão e Eva, e as árvores por eles geradas, teriam sempre a **natureza humana**, mas não os dons da **sobre-natureza** ou da **praeter-natureza**. O grande poeta Manzoni, em seu hino "O Natal", compara o homem decaído

Qual rocha que, do vértice
De abrupta serrania,
Abandonada ao ímpeto
De vasto alude, esbate-se
Em doida correria,

No fundo val despenha-se
E estaca lá, de súbito,
Batendo contra o chão. (1)

Eis o que é o **pecado original**, com que nascem todos os filhos de Adão. Ele não implica em uma ofensa pessoal nossa contra Deus — isto é, feita por nós por um ato livre — mas consiste unicamente na privação da graça, que por vontade divina devíamos ter desde a origem, e por conseguinte na privação da possibilidade da mesma visão beatífica de Deus. Adão e Eva nos transmitiram uma natureza que **deveria ter a graça**, e que, ao invés, já não a tem.

Dir-se-á: se Deus não nos houvesse elevado à ordem sobrenatural, todos nasceríamos **sem a graça**; contudo nasceríamos **sem pecado original**. Como se pode então afirmar que o pecado original consiste somente na privação da graça?

Respondo: se examino a um camarada que trabalha no campo, vejo que ignora a geometria; não tem a menor idéia do que é o teorema de Pitágoras. Falta-lhe a ciência. Não obstante, não o condeno. Sua ignorância é **uma negação** de ciência que não tinha obrigação de possuir, e nada mais. Ao contrário, se examino a um estudante que se apresenta aos exames e de matemática e geometria sabe tanto quanto o tal camponês, a sua falta de ciência não é uma simples negação: é a **privação** de um dote que deveria

(1) Qual masso che dal vertice — Di lunga erta montana — Abbandonato all'impeto — Di rumorosa frana — Per lo scheggiato calle — Precipitando a valle — Batte sul fondo e sta.

ter e que não tem por sua negligência. Por isto, o reprovo com toda a razão.

De maneira idêntica, numa ordem puramente natural, o fato de nascer sem a graça não seria condenável; como não é reprovável a **negação** de ciência no camponês. Mas os filhos de Adão recebem uma natureza que **deveria** estar revestida da graça, e, ao contrário, dela está **privada**. A diferença é enorme e essencial. Assim se entende como S. Paulo pôde afirmar que nós **por natureza** nascemos "**filhos de ira**": nossa natureza, por sua **privação da graça**, carece de um dom que deveria ter e não tem, por culpa do seu cabeça; **carece do sôpro sobrenatural de Deus**, da veste da inocência original, da vida divina participada. Em outras palavras: já não é **uma natureza divinizada, mas uma natureza decaída**.

Neste sentido, como nos ensina S. Paulo e o proclama o Concílio de Trento, o pêcado original tem uma verdadeira e própria razão de pecado, não porque seja uma culpa pessoal nossa, derivada da nossa vontade, mas porque é pecado da natureza que nos foi transmitida por Adão. Como então se torna luminosa a promessa do Redentor feita no paraíso terreal, isto é, o anúncio inicial do dogma da Encarnação!

O homem decaído da ordem sobrenatural (e não só privado dos bens praeter-naturais, que Deus já não quis conceder à humanidade), só com as suas forças naturais não poderia jamais reconquistar as alturas perdidas. Nosso engenho, a boa vontade, todas as nossas lágrimas, os atos de heroísmo mais elevado e da mais profunda abnegação, têm um valor **natural**, e nunca poderiam merecer a graça e os dons do **sobrenatural**.

A pedra, volta a cantar Manzoni,

Onde tombou, lá queda-se,
Pesada e imóvel jaz;
Embora passem séculos,
Não poderá jamais
Rever a luz esplêndida
Do sol, se o gesto amigo
De um forte, ao cimo antigo
A rocha não guindar. (1)

Foi então que ao mísero filho do primeiro erro Deus prometeu a redenção. O próprio Deus se encarnará e vivificará a árvore arruinada da natureza humana. O pecado — que consiste na separação do homem de Deus — vai ser reparado pela união de Deus com o homem, união pessoal ou hipostática na Encarnação do Verbo, união mediante a graça nos que do Verbo Encarnado hão de receber a nova vida.

E aqui não posso deixar de reproduzir uma página de Santa Catarina, pois ninguém melhor do que os nossos místicos, exprime com toda perfeição o dogma revelado e as mesmas sublimes especulações da teologia de Santo Tomaz de Aquino. Continuando a comparação da árvore, assim reza Santa Catarina: “Pelo que Tu, altíssima e eterna Trindade, inebriada de amor e louca por tua criatura, vendo que esta árvore já não podia produzir senão frutos de morte, estando separada de ti, que és vida, deste-lhe o remédio, com aquele mesmo amor com que a criaste, enxertan-

Là dove cadde, immobile — Giace in sua lenta mole, —
Nè per mutar di secoli — Fia che riveggia il sole — Se una
virtude amica — In alto nol trarrà.

do a tua Divindade na árvore morta de nossa humanidade. Oh! doce e suave enxerto! Tu, a suma doçura, te dignaste unir-te à nossa amargura. Tu, esplendor, com as trevas. Tu, sabedoria, com a estultícia. Tu, vida, com a morte. Tu, o Infinito, conosco, seres finitos. Quem te obrigou a esta união com tua criatura para dar-lhe a vida, tendo ela te injuriado tanto? Só o amor. Em virtude deste enxerto se dissipou a morte. Bastou à tua caridade ter realizado esta união? Não bastou. Mas ainda Tu, ó Verbo eterno, regaste esta árvore com teu sangue. Este sangue com o seu calor faz germinar a árvore, se o homem com o livre arbítrio se enxerta em Ti, se ele une e liga a Ti seu coração e seu afeto, ligando e enfaixando este enxerto com a faixa da caridade e seguindo a tua doutrina”.

2. Objeções e respostas

Depois desta simples exposição, será por acaso, necessário refutar as dificuldades que habitualmente surgem contra a doutrina do pecado original?

Não creio, pois carecem de importância.

Argumentam: “Por causa de uma maçã deveria ser tão castigada toda a humanidade?” E não pensam que não se trata de uma fruta, mas de outra coisa muito diferente, de uma grave desobediência!

Também na Idade Média, quando as cidades estavam geralmente cercadas de muros, o general que sitiava e expugnava uma delas, exigia que lhe entregassem, em sinal de vassalagem, as chaves da cidade vencida. Mas a ninguém ocorria a idéia: “Como,

faz-se a guerra por um mólho de chaves? Ide ao ferreiro e ele vos fará quantas chaves quiserdes". Ninguém ousaria dizer semelhante tolice. As chaves — e em nosso caso o fruto proibido — significavam um ato de submissão, cujo valor não pode ser confundido com um pouco de ferro ou com uma maça, tanto mais quando abster-se do fruto de uma só árvore, no meio da riqueza do paraíso terrestre, não devia ser cousa tão difícil. A prova portanto a que nossos progenitores foram submetidos por Deus, se era grave pelo preceito e pela matéria do preceito, isto é, pela obediência, não era grave pela dificuldade de observá-la; por isto Adão e Eva não acharam excusa para o seu pecado.

Mais: aos que objetam que não é justo que soframos por uma culpa que não é nossa, depois da exposição que fizemos não deve ser difícil responder. Suponhamos, escreve Santo Tomaz em seu "**Compendium Theologiae**", que um rei concede a um vasalo um feudo para ele e para toda a sua descendência, mas com a condição de que o vassalo não recuse um determinado ato de fidelidade. Se o vassalo obedece, possuirá para sempre o feudo recebido e o poderá legar à sua descendência. Se, porém, faltar de fidelidade, o rei lhe tira o feudo a ele e à sua posteridade. Nenhum filho do vassalo rebelde poderá dizer que o rei foi injusto, entre outros motivos também porque nenhum déles tinha direito à posse do feudo.

Isto aconteceu com Adão e com todos nós. Não só um feudo, mas dons sobrenaturais e praeter-naturais foram concedidos aos nossos progenitores, com uma condição. Esta condição foi por eles violada, e nós sofremos as conseqüências.

Também hoje, porventura, os filhos não sofrem as conseqüências das culpas ou dos méritos dos pais? A humanidade não é um acervo de átomos e de indivíduos separados, mas uma unidade orgânica, onde o bem de um é o bem de todos, e o mal de um se reflete em todo o organismo social.

Finalmente, se alguém insistisse e se admirasse ou quisesse se irritar contra os nossos progenitores, por terem renunciado, por causa de uma fruta, à vida sobrenatural, seria o caso de convidá-lo a pôr a mão sôbre o coração e interrogar a consciência: por acaso não renuncio aos mesmos bens de um valor infinito por uma bagatela, por uma ninharia? Quantos pecados mortais cometidos por menos de uma maçã! Quantas primogenituras vendidas por um prato de lentilhas!

Esta última reflexão nos leva a acrescentar uma palavra sôbre os nossos pecados pessoais, sôbre as culpas de cada um dos descendentes de Adão e Eva.

III. O PECADO

E' sabido que os nossos pecados podem ser **mortais** ou **veniais**, conforme são transgressões graves ou leves da lei moral. Sabe-se também que, para haver pecado mortal, se requer:

a) matéria grave; b) plena advertência; c) perfeito conhecimento.

Finalmente, ninguém ignora que só o pecado mortal nos tira a graça santificante, e se chama **mortal** precisamente porque dá morte à nossa alma, privando-a do princípio de sua vida sobrenatural. Mas talvez não seja igualmente conhecida a natureza, e, por isso mesmo, a enormidade de nossos **pecados pes-**

soais, que é mister distinguir do **pecado original**, pois deste último não temos uma responsabilidade pessoal (tanto assim que, morrendo uma criança sem batismo, embora não alcance a visão de Deus, contudo não vai para o inferno).

Para compreender o que é o pecado, se há de partir do fato de que Deus, o ser **perfeitíssimo**, criou todos os seres, e estes seres, por sua própria natureza, têm entre si e para com Deus certas relações que constituem a **ordem**. O pecado não é outra coisa senão o rompimento desta ordem querida por Deus. Assim, por exemplo, a blasfêmia é um pecado, porque a ordem exige que a criatura adore e louve ao Criador; e o blasfemo, ao invés, insulta ao seu Deus; a impureza e a desobediência são pecados, porque ferem a ordem. E assim se diga de cada culpa. Toda culpa é essencialmente **desordem**.

1. A gravidade do pecado

Esta **desordem** podemos considerá-la sob três aspectos:

a) **Sob o aspecto do sujeito**, isto é, do homem que quebra a harmonia; e aqui temos o **grau de responsabilidade** da consciência culpada, e por conseguinte a pena íntima do **remorso**, proporcionada à responsabilidade subjetiva de cada um. Neste sentido é exato que o vício traz consigo o seu castigo, como a virtude tem imanente em si o seu prêmio.

b) **Sob o aspecto das cousas**, isto é, da ordem **transtornada**; e aqui aparece o problema do mal, cuja solução consiste em que Deus permite o mal (que sempre se funda em algum bem, pois o puro mal seria o nada), porque da desordem que causa — por

nossa culpa — Ele sabe tirar o bem. “Don Rodrigo” é culpado induzindo o “Inominado” a raptar Lúcia, como Nero é culpado perseguindo os cristãos. Mas Deus se serve do mal produzido pelo primeiro para a conversão do próprio “Inominado”, e se serve do sangue derramado pelos cristãos para a conversão do mundo. Noutras palavras, a Providência em tudo sabe restabelecer a ordem, sempre, não obstante as desordens subjetivas, que ela não impede, mas permite, nas cousas que governa.

c) **Sob o aspecto de Deus**, pois quem quebra a ordem querida por Deus, em última análise, se revolta contra o Criador da ordem. E’ verdade que um ladrão pode roubar, não para ofender a Deus, mas por amor à riqueza alheia; contudo, fazendo assim, como não respeita a vontade divina, ofende a Deus. E até, todo e qualquer pecado implica a negação de sujeição a Deus, e quasi atenta contra o mesmo, que é ordem absoluta. Tudo isto vale, tanto na ordem natural como na sobrenatural.

Qual é então a gravidade do pecado mortal?

a) Sob o primeiro aspecto, o pecado tem uma **gravidade finita**, pois a nossa responsabilidade é sempre limitada, nosso ato é finito.

b) Também do segundo ponto de vista, a gravidade é **indefinida**, pois todo o mal cometido pode-se comparar a uma pedrinha lançada no lago da sociedade, e que produz ondas concêntricas que se vão alargando cada vez mais. O efeito de um mau exemplo não se limita a quem o recebe, mas exerce uma influência cujo alcance é indefinido. De qualquer maneira, aqui também nos achamos diante de uma gravidade limitada.

c) Ao contrário, sob o terceiro aspecto a gravidade de um pecado mortal é infinita. A prova no-la dá Santo Tomaz, com a sua clareza habitual.

A gravidade de uma culpa — diz o grande Doutor — se mede pela dignidade da pessoa ofendida. Assim, por exemplo (para evitar confusões declaro logo que este comentário é meu), Bertoldinho, convocado para o serviço militar no exército, quando tratou de “cretino” a um seu companheiro, soldado raso como ele, não foi castigado; quando, porém, disse a mesma insolência a um cabo, teve dez dias de prisão, e quando a repetiu ao tenente, ao coronel, ao general, os castigos foram subindo em escala progressiva. Bertoldinho protestava e dizia com os seus botões: “a minha culpa é sempre a mesma; não digo mais do que esta palavra: “cretino”. Então, porque esta diferença de penas e castigos? Isto é uma flagrante injustiça!” Sendo, como era, um Bertoldinho, não atinava que a gravidade da ofensa se deduz sobretudo da dignidade da pessoa ofendida; e no entanto a cousa é bem clara.

Pois bem, quando cometemos o pecado, o ofendido é um Deus de uma dignidade infinita. Por isto, também a gravidade do pecado é de certo modo infinita. (E isto, além de outros motivos, explica a eternidade do Inferno, pois a uma culpa de gravidade infinita deve corresponder uma pena eterna).

2. O estado do pecador

Do que acabamos de expor se deduz quanto é trágica a condição do homem pecador. De um lado, tendo sido criado por Deus e destinado a ser seu filho,

o homem tende para Deus; mas, por outro lado, por causa do seu pecado, tem uma dívida de gravidade infinita para saldar. Além do mais, perdeu uma graça que não pertence à ordem natural, mas excede a todas as forças da natureza.

Por conseguinte, o homem pecador é semelhante a uma águia que quer voar em direção ao sol, mas tem as asas cortadas.

Santa Catarina, sempre genial, no seu “Livro da Divina Doutrina”, tem um pensamento felicíssimo. Entre o céu e a terra, entre o homem e Deus, há uma ponte, e o pecado a destrói. Depois de cortada esta ponte — por culpa de Adão em relação à humanidade, e por culpa de todo e qualquer pecado mortal com relação a nós — somos incapazes de alcançar o perdão, e de tornar a unir o céu com a terra. E nós nos voltamos então para as cousas criadas, amando-as e possuindo-as fora de Deus e contra Deus. Estas cousas criadas se assemelham às águas que continuamente correm, e o homem é arrastado como o são as águas. Ele pensa que passem as cousas criadas que ama; e é ele que continuamente se precipita para a morte. Quisera deter-se a si mesmo e as cousas que ama, mas tudo lhe foge e ele corre para a “eterna condenação”.

Devemos então desesperar? Não, pois o Senhor dizia à Santa: “Fiz de meu Filho uma ponte para que todos vós possais chegar ao vosso fim... Contempla a ponte do meu Unigênito Filho e verás a sua grandeza, que se estende do céu à terra, tendo unido com a grandeza da Divindade a terra da vossa humanidade...”

Esta ponte se levanta para o alto e não está separada da terra. Sabes quando foi levantada?

Quando fui levantado no madeiro da Santíssima Cruz, não se separando mais a natureza divina da baixeza da terra de vossa humanidade...”

Volvamos agora um olhar de alegria a esta ponte de vida: a Jesus, rei da história.

RECAPITULAÇÃO

Na escala dos seres — que vai desde a matéria até Deus — encontramos os Anjos e o homem. A história, tanto dos Anjos como do homem, apresenta-nos a elevação deles ao estado sobrenatural e a sua queda.

1) Quanto aos Anjos, nem todos caíram. Os rebeldes foram condenados ao Inferno e são os **demônios**, que nos assaltam com as **tentações**. Ao contrário, os Anjos que permaneceram fiéis durante a prova, são eternamente bem-aventurados na felicidade sobrenatural, e muitos deles são nossos custódios. Assim como devemos repelir os ataques dos primeiros, da mesma forma devemos lembrar e invocar os Anjos da Guarda.

2) O homem também foi criado, elevado à ordem sobrenatural e submetido a uma prova.

Nossos progenitores representavam toda a humanidade, e tinham três espécies de dons: a) os naturais; b) os praeter-naturais; c) os sobrenaturais. Tendo-se rebelado contra Deus, perderam, para si e para toda a sua descendência, os dons praeter-naturais e os sobrenaturais. Daí vem nascermos com o **pecado original**, isto é, sem a graça que deveríamos ter. Destarte, viemos ao mundo, não com uma natureza divinizada, mas com uma natureza decaída.

3) A gravidade do pecado dos nossos progenitores e de todo pecado grave, se é **finita** sob o aspecto do sujeito e

indefinida com relação aos efeitos, é **infinita** em relação a Deus. Na realidade, a gravidade de uma culpa está em proporção com a dignidade da pessoa ofendida; sendo Deus, isto é, o Infinito, a pessoa ofendida, é evidente que a gravidade de um pecado mortal é de certo modo infinita.

Por conseguinte, o homem decaído se achava impossibilitado de reparar adequadamente o mal feito e as suas desastrosas conseqüências, pois não há proporção entre suas forças finitas, de um lado, e a gravidade infinita do pecado e a ordem sobrenatural perdida, do outro lado. O Redentor prometido torna possível a solução do problema. Por isto o Redentor se tornou o centro da história.

CAPÍTULO VI

CRISTO NA HISTÓRIA

Ao traçar as grandes linhas da vida cristã para um jovem amigo, escrevia Lacordaire: **“Nunca percebeste, no curso dos teus estudos clássicos, a magia incompreensível e divina da história? Por que a Grécia é para nós uma pátria que nunca morre? Por que Roma, com seus tribunos e as suas guerras, ainda nos persegue com a sua invencível imagem, e domina, com a sua grandeza já extinta, uma posteridade que não é a sua? Por que os nomes de Milcíades e Temístocles, por que esses campos de Maratona e essas águas de Salamina, longe de serem túmulos envoltos no olvido, são cousas da nossa idade, são coroas entretidas ontem, são aplausos que ainda ressoam aos nossos ouvidos, e comovem ainda as nossas almas?”**

Para onde quer que me volte, não posso me libertar da sua influência: sou Ateniense, sou Romano, de tenho-me junto ao Partenon, e ouço em silêncio, aos pés da rocha Tarpéia, Cícero que discursa e me comove. A história é que faz tudo isto”.

Todo homem culto está de acôrdo com Lacordaire. Só o bruto não tem história. Sentimos gravitar em nossos ombros os milênios do passado, que nos tangem para a frente. E temos consciência de pre-

parar, com nossos livres esforços, um futuro que há de suceder à nossa época. É o eco das memórias passadas repercute na consciência humana; e o indivíduo, o pequeno, o minúsculo ser, sabe que é uma nota no grande canto da humanidade.

E' realmente um canto a história da humanidade? Tem um sentido, um valor?

Os pessimistas à Schopenhauer respondem que não, e chegaram à conclusão de que a história é o imenso manicômio, agitado e convulso, desses pobres loucos que se chamam homens. Extravagâncias e ridicularias, ódios e amores, beijos e murros, tentativas de construção e guerras e chacinas e extermínios, na sua louca sucessão, constituem a história. . .

Por isso negaram a Deus. Se Deus existisse, dizem, não seria mais do que o criador e diretor de um manicômio.

Quem admite a existência de Deus se revolta contra semelhante juízo superficial sôbre os acontecimentos históricos, juízo que se detém perante a desordem aparente e não sabe entender a sua significação. Diante de um campo de batalha, onde a luta é feroz, se nos detivéssemos a cada episódio e pequeno detalhe, tomados isoladamente, chegaríamos à conclusão de que assistimos a cenas desconexas e sem razão de ser. Mas, se daquelas particularidades passamos à unidade do plano que o general está desenvolvendo, então o suposto manicômio torna-se a atuação de um pensamento único e compreendemos o seu profundo valor.

E' o que sucede com o estudo da história. Não nos podemos encerrar no instante que passa, ou em em nosso pequenino "eu"; sentimos o dever de abra-

çar as vicissitudes dos séculos já transcorridos, o momento presente e o futuro. Procurando de que modo deve o cristão conceber a história, faremos uma verificação: para onde quer que nos volvamos ou lancemos um olhar, aparece diante de nós, entre resplendores de luz intensa — embaçada, às vezes, pelas nuvens dos preconceitos ou de nossa cegueira — a figura de Jesus Cristo. Ao clarão desta luz, aprenderemos a compreender os acontecimentos e — no dizer de Francisco Acri — no Cristo veremos resolvidos os enigmas não só da natureza e do pensamento, mas também da história.

1. O conceito cristão da história

Que é a história?

Cada um de nós livremente desenvolve neste mundo a sua atividade individual. Cada individuo é como uma planta na qual crescem as folhas, as flores e os frutos das suas ações. Ou melhor, é como uma pequena nascente da qual deriva um arroio de água.

O conjunto destes arroios, a soma destas ondas individuais forma o grande oceano da história, acrescido, a cada instante, por outras águas, que incessantemente nele se lançam.

Quando é executada uma ação, quando uma onda se junta orgânicamente às demais, o efeito subsequente já não depende de nós, mas é a resultante do novo ato e da história precedente.

Pois bem: se cremos em Deus, se admitimos que foi Deus quem criou os seres, e tudo governa, e a

tudo provê, somos forçados a subscrever estas conclusões:

a) A história não se desenvolve caprichosa e irracionalmente. O homem se agita, — como diz Fénelon — mas Deus o conduz (respeitando, contudo, a liberdade humana). A Providência não só assiste a cada indivíduo, mas também assiste e, muito mais, à resultante de todas as ações individuais, que constituem precisamente a história.

Em outros termos, na história deve haver **uma ordem**, um pensamento, um sentido, também através do mal, dos erros e das culpas dos indivíduos e dos povos. Serve-se Deus do mal, explicou Santo Agostinho, para dele tirar o bem. Por isso, quando contemplamos os suplicios injustos e a morte de Cristo, não dizemos: “A história é irracional”, porque do mal, da dor, da iniquidade de Judas e dos crucificadores, serve-se Deus para salvar o mundo. Quando observamos os primeiros passos das diversas civilizações, não nos limitamos a consignar os defeitos, mas buscamos o nexó entre esses princípios e os ulteriores desenvolvimentos, ou melhor, o nexó entre aquelas auroras tempestuosas e a civilização humana.

b) Para explicar a ordem da história, e para disto ter certeza, **não basta o homem; é necessário Deus.**

E' muito certo, como observam os idealistas contemporâneos, que a história é obra dos homens. Mas também a casa é obra dos pedreiros, e também um livro se compõe de letras. Tirai os tijolos de uma casa e ela desaparece. Mas a casa é algo mais e distinto dos tijolos e do trabalho dos pedreiros, enquanto ela realiza uma idéia, o plano do arquiteto, para cuja rea-

lização contribuíram os pedreiros e os tijolos. O livro é alguma coisa diferente e mais do que os tipos e as palavras que o compõem, enquanto ele exprime um pensamento, que é o princípio vivificador das letras materiais de que se compõe.

Assim acontece com a história. Ela é o resultado das ações humanas; mas é algo mais e diverso delas. É a realização do plano providencial de Deus, através do livre concurso de cada um dos trabalhadores, isto é, de todos os homens.

Pobres de nós se a história fôsse somente obra dos homens! Chegaríamos a um completo caos. Mais ainda. Os indivíduos têm tão poucos méritos no que respeita à história, que ninguém, ao cumprir uma ação, conhece todo o valor que ela assumirá na trama dos acontecimentos históricos. Quem pode prever os efeitos de um ato qualquer? Só o **dedo de Deus** coordena todos os ribeiros no vasto mar, que tem uma voz admirável, que não se há de confundir com a voz dos pequenos mortais.

c) Se a história, portanto, tem um sentido, e este é bem diferente das intenções que levam cada um a agir, qual é a significação da história? Qual é a sua idéia inspiradora que a vivifica e que sintetiza todos os atos dos indivíduos, das gerações, dos povos, em uma grandiosa e solene unidade?

É evidente que, tendo Deus elevado o homem ao estado sobrenatural, a atividade humana, desembocando no mar da história, não pode deixar de ter esta característica. A natureza não basta para explicar a **história**; é necessário o sobrenatural, o qual, como vimos, não destrói a atividade do natural, mas a eleva e diviniza. O cristão que pretendesse explicar e inter-

pretar os acontecimentos históricos prescindindo do sobrenatural, negaria a sua fé.

Note-se bem, para evitar equívocos, que — como o demonstrei em minha obra “Primeiros rudimentos de pedagogia” — nosso conceito cristão da história não é inferior, mas superior ao conceito idealista ou positivista.

Quando estudamos a história, começamos a estabelecer os fatos, a procurar e interpretar os documentos. E dessa multiplicidade de informações chegamos depois à sua síntese, e a concatenamos com todos os acontecimentos que precederam o período estudado ou o seguiram, porque sabemos que o valor de um fato depende, não só do que é o fato em si mesmo, mas também de sua conexão com os demais fatos.

Não podemos, porém, nos deter na significação **natural** do fato. Este aspecto não é sinão um degrau, que é preciso galgar, mas não é o último da escada. Todo e qualquer que seja o momento da história, tem outra significação, quando o consideramos em relação ao **sobrenatural**.

d) E agora, eis aqui a nossa tese, que procuraremos esclarecer: **O verdadeiro dominador da história e seu fim último é Jesus Cristo.** De S. Paulo a Santo Agostinho, de Bossuet a Vito Fornari, Cristo é saudado como a **ordem e a verdade** de todas as cousas, cada uma das quais coopera no seu plano. Ele é a perfeição de todas as cousas, é a lei suprema a que anelamos, é o tipo divino em que se moldam as criaturas, o alvo ao qual tendem, o íntimo significado que elas contêm. Na humanidade, observada não só na exterioridade dos acontecimentos, mas também na in-

timidade de suas aspirações e de seus arroubos, de suas quedas e ressurreições, na sua cultura e em sua vida, em tudo está presente Jesus Cristo, como princípio, centro e fim de toda a história.

Esta tese é essencial, não só para a visão e o estudo da história, mas também para a nossa atitude prática. Se a tese é verdadeira, descobriremos em lugar elevado e glorioso a Divina Pessoa do Mestre, em todo fato da história, também lá onde os outros não vêem sinão desordem. E cada acontecimento lhe escreverá em baixo as palavras que lemos nas catacumbas: **Jesus Cristo é o vencedor!**

2. Jesus Cristo e o povo hebreu

Entremos, pois, um instante na grande biblioteca da história, nesta imensa biblioteca tão rica em volumes. Todo povo, toda idade escreveu um, com seus feitos e suas lágrimas, muita vez com seu sangue. Os volumes vão se juntando aos volumes e assim há de continuar até o fim do mundo.

A parte da biblioteca que não pode suscitar dúvidas de espécie alguma sobre a nossa tese, refere-se a um povo singular, a uma nação privilegiada, assistida de modo sobrenatural por Deus: o povo hebreu.

Cristo é o centro da história deste povo. Todos os fatos, todos os seus acontecimentos, toda a sua vida se refere unicamente ao Esperado dos povos: o Messias. A idade dos patriarcas; a idade do milagre, de Moisés a Samuel; a idade da profecia, de Samuel a Jeremias; a idade da oração, de Jeremias à vinda do Redentor, são apenas uma preparação de

Jesus Cristo. A história, profana, civil, exterior do povo hebreu — como o demonstrou luminosamente Fornari — se sintoniza e serve de invólucro e de sustentáculo ao progresso da história sagrada, religiosa, interior. Através da transformação de Israel em povo, por obra de Moisés, e depois em nação, por obra de Josué, e finalmente em estado com a fundação do reino, preparado pelos Juizes e renovado depois do destêrro de Babilônia, por obra de Esdras e Nemias, nós sentimos que é Jesus Cristo que avança.

Ele “vem ao mundo como chega até nós uma pessoa cujos passos já escutámos anteriormente. O rumor de sua vinda foi fraco e distante a princípio, e depois forte e próximo, mas começado desde o princípio e continuado depois sem interrupção, e por fim tão claro que então todas as cousas pareciam vozes que o anunciavam”.

Como todos os povos, também o povo escolhido teve a sua literatura. E' a parte da Bíblia chamada Antigo Testamento, que constitue a admiração até dos incrédulos. Todas estas páginas inspiradas que referem acontecimentos históricos, cantem embora hinos e esperanças ou ensinem, não são mais do que um prefácio do Evangelho, para usarmos a expressão de Lacordaire, e se tornam incompreensíveis, se prescindirmos de Jesus Cristo, prometido, profetizado, esperado, invocado. Em vão os Faraós tentaram embrutecer os Hebreus com a construção colossal daqueles monumentos de morte, que são as Pirâmides; eles estão destinados por Deus a levantar no seio da humanidade o templo da vida. As vicissitudes mais variadas e dolorosas, do destêrro de Babilônia até a perda da liberdade perante as águias romanas, não des-

troem esse povo que vive animado por uma fôrça interior, sustentado pela certeza de ser o escolhido de Deus para preparar a vinda do Desejado das gentes. A idéia messiânica — como diz Lacordaire — circulava em suas veias como o seu sangue mais puro, e sem ela é impossível explicar a sua fé e os seus destinos.

Também os Hebreus contemporâneos, que esperam o Messias, como se já não tivesse vindo, testemunham com a eloquência de um fato estranho, como estava enraizada nesta nação a expectação do Justo.

Não me estendo sobre esse ponto. Toda a **história sagrada** é uma prova do que afirmo. Desde os campos da Caldéia com as promessas divinas a Abraão, até o juramento de Deus a Isaaque, a Jacó e a Judá; desde os cantos nacionais e religiosos de Davi até as descrições detalhadas do futuro Messias, feitas por Isaías; das margens do Eufrates, do exílio de Babilônia com a profecia de Daniel, ao anúncio de Ageu, podemos dizer que Jesus Cristo foi a alma do povo Judeu. Pretender ignorá-lo ou suprimí-lo da história desse povo, seria como querer entender um livro suprimindo o pensamento que o inspira.

3. Jesus Cristo e os povos antigos

Tudo isto é evidente e nisto estão todos de acôrdo.

Mas, hão de objetar, onde está Jesus Cristo na história dos outros povos? Porventura se encontra entre as superstições da idolatria, entre as obscenidades dos costumes pervertidos, entre os horrores da esca-

vidão, entre o surgir e a decadência dos impérios antigos?

Não há nenhuma dúvida, responde Fornari.

Todos os povos das idades antigas foram os operários da civilização. Através de erros e horrores, trabalharam na construção do mesmo edifício, e cada um continuou o trabalho dos outros. Pereciam os povos, mas ficavam as suas obras e preparavam o porvir. Babilônia e Nínive, o Egito e a China, a Índia e a Pérsia, representam jornadas laboriosas e fecundas da civilização. A Grécia, por sua vez, marca um dos maiores progressos. O grupo dos seus filósofos, especialmente Sócrates, Platão e Aristóteles, a falange dos seus historiadores, como Heródoto, Tucídides, Xenofonte, a glória dos seus poetas, de Homero e Píndaro até Sófocles, Aristófanes e Ésquilo, afirmam nos séculos o primado do pensamento. E Roma, a dominadora do mundo e a reafirmadora poderosa da primazia da ação, tudo sintetiza. Do apólogo de Menênio Agripa até à escritura das doze tábuas; das leis licínias até à extensão do direito romano a toda a Itália, das origens até ao desenvolvimento grandioso e ao triunfo de suas águias e de seus Césares, que podiam afirmar que dominavam o mundo, Roma apresenta este caráter orgânico e unitário.

Horácio, que no *Carmen saeculare* se dirigia ao sol e fazia votos que não pudesse ver nada maior do que a sua Roma; e Virgílio, que exclamava com imortal altivez: *Tu regere imperio populos, Romane, memento* — lembra-te, ó Romano, que nasceste para mandar aos povos; nada mais fazem do que exprimir em forma poética a missão de Roma, onde desembocam juntas todas as civilizações históricas, agigantando-se

numa síntese superior. Foi então que Júlio César reformou o calendário, como se os anos se devessem contar de novo; Augusto ordenou o recenseamento do império, como se faz o inventário dos bens de um morto, cuja herança deve passar a outros.

Entretanto, em Belém de Judá, nascia Jesus. Transcorrerão poucos anos e Roma será a cidade “onde Cristo é Romano”, será a sede do Vigário de Cristo e centro da nova religião. As águias serão substituídas pela Cruz, e a força pelo amor. Há de se operar uma nova síntese segundo o programa de S. Paulo: “Examinai tudo; o que há de bom conservai-o”. O natural não será destruído, mas elevado à ordem sobrenatural. Tudo o que haviam produzido as antigas civilizações, servirá de material para a nova basílica dedicada a Cristo.

Que produziram os povos antigos? Deram-nos as artes, as indústrias, as comodidades, a linguagem literária, a arte, a beleza, a filosofia, a literatura, a poesia, o direito. Desenvolveram a natureza. Mas, infelizmente também a deformaram. Erigindo estes bens finitos à categoria de bens infinitos, considerando como eterno o que é caduco, não somente se precipitaram na idolatria (que outra coisa não é senão uma falsa divinização do que é humano), mas também caíram nos excessos da imoralidade.

Nestes mesmos excessos, porém, ouve-se como um grito a Cristo, que havia de levantar a humanidade tão profundamente decaída. A própria idolatria era expressão de um desesperado desejo do divino. O mesmo desenvolvimento dos valores humanos era a preparação do que ia ser sublimado e divinizado pelo Homem-Deus que, como unia em si as duas naturezas

— a humana e a divina na unidade de pessoa — assim devia unir a civilização e a religião, o homem e Deus, o natural e o sobrenatural.

Por isso, o verdadeiro sentido das civilizações antigas não pode ser compreendido senão por quem as considera em função do Cristianismo, como não podem ser compreendidas as primeiras páginas de um poema em seu sentido completo sinão relendo-as e pondo-as em relação com as últimas páginas do mesmo poema. O homem agia e ignorava que era conduzido por Deus. Os pensadores da Hélade disputavam, e não tinham consciência de que lavravam as pedras para a futura basílica do pensamento cristão. As águias romanas marchavam de triunfo em triunfo, e a Grécia subjugada imbuía da sua cultura o vencedor. "**Graecia capta ferum victorem cepit et artes intulit agresti Latio**", e aquela gloriosa síntese resultante não estava iluminada pela consciência do seu valor e do seu destino final. E enquanto os carros dos triunfadores subiam ao Capitólio, entre as imprecações dos vencidos e os gritos das multidões, Cristo avançava na história. Servia-se das humilhações de uns e do orgulho de outros, para preparar seus caminhos — caminhos de paz, de justiça e de amor. Na plenitude dos tempos, plenitude fixada por Deus, Ele entrou na história, como centro do passado e do futuro e como nova vida da humanidade.

4. A história depois da vinda de Cristo

Depois da vinda de Jesus Cristo, a sua figura brilha dominadora de um modo patente.

Em vão as perseguições o querem sepultar nas catacumbas: Jesus, depois de três séculos de lentas e graduais conquistas, ressurge como outrora, depois de três dias, ressurgira do seu sepulcro em Jerusalém. Em vão a torrente devastadora dos Hunos, dos Godos e dos Vândalos, dos Longobardos e dos outros bárbaros, desce ameaçadora para desarraigar e destruir a planta ainda tenra da Igreja: Cristo os enfrenta, às vezes pela pessoa do seu pontífice, e os afasta (como fez, por exemplo, Leão I com Átila), e sempre os domina, os modifica e com S. Remígio diz a Clovis: **“Incende quod adorasti, adora quod incendisti — Queima o que adoraste e adora o que queimaste”**. Agostinho e os quarenta monges enviados por Gregório Magno à Inglaterra, são o Cristo que vai, evangeliza e triunfa. E através de longos séculos de evolução, de lutas, de contradições, Cristo refulge glorioso, como o verdadeiro dominador da história e o Mestre da vida. O Sacro Romano Império é um ato de sujeição a Cristo. As Corporações Medievais de artes e ofícios, depois de quebradas as cadeias da escravidão e libertados os servos da gleba, recordam o influxo benéfico da idéia cristã no campo econômico. As Comunas livres cantam hinos a Jesus. E à voz de Roma papal responde a saudação de Paris e das Universidades da Idade Média, as **Sumas** de Santo Tomaz de Aquino, o **Intinerarium** de S. Boaventura, as belas catedrais que surgem e se arremessam para o céu, como aspiração das almas para Ele. Nasce Dante em Florença e cria a **“Divina Comédia”**, na qual, em honra de Cristo, se funde a ciência com a teologia, Homero e Virgílio com o Evangelho, o passado e o presente, as grandes idéias e os grandes homens. Em

nenhum outro século, como naquele em que viveram Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, se compreende melhor que o centro da história é Jesus Cristo.

E' verdade: seguiram-se outros séculos nos quais se tentou por todos os meios destronar a Cristo, para substituí-lo por algum ídolo preferido. Do Humanismo e do Renascimento até à Revolução Francesa e da Deusa Razão até à filosofia contemporânea; de Maquiavel à política leiga de nossos dias; do liberalismo econômico ao socialismo e à anarquia; de Bécácio a Anatole France, é uma sucessão de rebeliões em todos os campos, no artístico, literário, civil, econômico, social, científico, filosófico, pedagógico, e demais atividades do pensamento humano. Parece até que a obra de toda a história moderna é uma negação de Cristo e uma preparação para uma nova civilização anti-cristã.

Mas também aqui acontece o que aconteceu na antiguidade: o homem que se diviniza a si mesmo e eleva à categoria de absoluto o seu pequeno "eu", por um lado cai no abismo de desastres individuais e sociais, que lhe mostram o êrro; e por outro, desenvolve, elabora, aperfeiçoa a natureza, preparando assim o material que depois deverá ser elevado, purificado pelo ósculo de Cristo. A própria rebelião contra Jesus prepara os alicerces das suas vitórias futuras. Na vida e no pensamento contemporâneo há todo um frêmito novo e uma nova orientação.

Sentimos que se aproxima a hora de uma nova síntese, na qual o resultado histórico de verdade, de beleza e de bondade da época moderna, deve enquadrar-se na visão e na vida cristã, que floresce no sorriso

de outra primavera. Em todas as partes do mundo, da França à Holanda, da Alemanha à Inglaterra, da Itália à Dinamarca, uma multidão de ilustres convertidos — como diz Papini — sente-se orgulhosa de reconhecer-se também hoje, depois de quatrocentos anos de usurpação, súditos e soldados de Cristo-Rei. Uma atmosfera de sobrenatural começa a substituir em toda a parte os gases asfixiantes de ontem. Exércitos de almas generosas se juntam em torno do Pontífice e combatem sob a bandeira da Ação Católica, para apressar o reino social de Cristo. Com este programa se abre e progride uma Universidade em Milão, a qual, como a proclamar Cristo Rei da história, tomou o nome do Sagrado Coração.

5. Conseqüências práticas

A conclusão deste rápido lance d'olhos pela história já se impõe por si mesma.

1 — Antes de tudo, devemos **reformatar a nossa cultura** e torná-la verdadeiramente cristã.

Escolas e livros, oradores e escritores, se uniram contra o Cristo e pretendem apagar o seu nome da história. Estudamos o latim (isto é, a civilização romana) e o grego (a civilização grega), a economia política e social, a literatura dos diversos povos, a evolução do direito e outras cousas, sem a menor preocupação de compreender a relação de todos estes ramos do saber com a idéia cristã. Se Cristo é o centro da história, não devemos tolerar mais este método; mas, à imitação de Contardo Ferrini, que à mar-

gem do Horácio escreveu a invocação "**Jesus, Senhor!**", devemos examinar, pensar e ensinar todas as cousas em função de nosso Cristianismo.

O material é idêntico para nós e para os adversários, mas a diferença é enorme; pois esses lêem o livro da história ficando na superfície dos fatos e alterando o seu sentido, enquanto nós, em cada página do grande volume, auscultamos uma palpação de um Coração divino, ao qual vão ter, como a um centro, todos os fios do saber e no qual estão ocultos todos os tesouros da ciência e da sabedoria! Em poucas palavras: o catecismo reclama e exige hoje uma verdadeira revolução cultural.

2 — Outra consequência diz respeito **à nossa vida**, isto é, ao modo de julgar os acontecimentos históricos passados e presentes, e criar a história do futuro próximo.

Se somos cristãos, devemos trabalhar pelo triunfo de Cristo. Até o ímpio, repito, **embora não queira**, coopera para isto. Nós, porém, seus filhos, **devemos** levar a Ele a nossa contribuição **com conhecimento, com ímpeto e com amor**. Assim como Cristóvão Colombo, apenas descoberto o continente sonhado, desceu da sua caravela e plantou a Cruz na nova terra, assim nós queremos que se levante e se imponha o sinal da Redenção na terra da história de amanhã. E como S. Bernardino colocava em todas as casas de Sena o nome de Jesus, nós devemos trabalhar para que amanhã se escreva este nome, em caracteres de ouro, na pequena casa de cada coração, em toda instituição civil ou social, em toda iniciativa pública ou privada, em todos os momentos do futuro.

“Cristo não há de ser um Rei escondido nos Tabernáculos, mas um Rei que triunfa em todas as partes, entre os hosanas dos povos e os cantos dos corações.

RECAPITULAÇÃO

A história, não obstante os erros e os extravios dos indivíduos e dos povos, é racional, porque a Providência divina tira o bem do mal.

Tendo sido o homem elevado ao estado sobrenatural, é evidente que se torna necessário o sobrenatural para explicar a história: o centro, o dominador, o último fim da história é Jesus Cristo.

1) Isto o demonstra, antes de tudo, a história do povo hebreu, pois todas as vicissitudes e toda a vida deste povo se relaciona com o Esperado das gentes.

2) Também as antigas civilizações devem ser consideradas em relação ao Cristianismo, já porque desenvolveram a natureza, preparando o que devia ser sublimado e divinizado por Cristo, já porque elas foram sintetizadas em Roma, que devia ser a sede central da Igreja.

3) Depois da vinda de Cristo, a sua figura domina a história, e através de lutas e perseguições, domina e vence.

E' necessário, portanto, reformar a nossa cultura de tal modo que a inspire o pensamento cristão. E' mister dedicar também nossa vida a apressar o triunfo completo de Cristo. Ele deve ser o centro de nosso pensamento e de nossa atividade.

CAPÍTULO VII

A BÍBLIA

Há um livro que nos revela a presença de Jesus Cristo na história; um livro inspirado por Deus, que até “ao espírito cético e agudo de Henrique Heine, como observa João Rosadi, pareceu o livro mais digno de leitura; um livro grande e vasto como o mundo, com as raízes nos abismos da Criação, e a copa nos segredos azues do céu; aurora e ocaso, promessa e seu cumprimento, nascimento e morte, todo o drama da humanidade acha-se neste livro, que é o livro dos livros”: a Bíblia.

Não é este o lugar para catalogar toda a enorme e vastíssima literatura dedicada à explicação, ao comentário e à discussão da Sagrada Escritura. Só lembramos que a Bíblia em suas duas partes — o Antigo e o Novo Testamento — tem Deus por autor, tendo sido escrita sob a inspiração do Espírito Santo.

1. A inspiração

A inspiração consiste nisto: os escritores humanos, denominados hagiógrafos, contribuíram de fato para escrever os diversos livros (tanto assim que

se fala do Pentateuco de Moisés, das Profecias de Isaías, dos Salmos de Davi, do Evangelho de S. João), mas cooperaram só como instrumentos nas mãos de Deus. Atenágoras os compara à cítara que difunde harmonias tocada pela mão do artista. Clemente Romano os assemelha ao embaixador que fala em nome do Rei. S. Jerônimo os iguala à pena que escreve movida pelo autor. Deus é a causa principal dos livros sagrados. Os hagiógrafos são a causa secundária. São “movidos e agitados” por Deus, como se expressa o apóstolo S. Pedro. Mons. José Nogara, em suas “Noções Bíblicas”, ao resumir admiravelmente o que dissemos sobre este assunto, diz que nos escritores sagrados a ação divina compreende três cousas:

a) Antes de tudo, o influxo de Deus **sôbre a inteligência** do hagiógrafo, para que conceba com retidão a verdade a ensinar;

b) um influxo sôbre a vontade, para que queira escrever fielmente;

c) uma assistência especial para que convenientemente exprima com infalível veracidade o que Deus quer.

Jesus convidava os Judeus a aprofundar as Escrituras, apelava para elas como para o testemunho de Deus em seu favor, e asseverava que “a Escritura não pode ser anulada”, e que, ao invés, devia se cumprir tudo o que sôbre Ele “estava escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. “Enquanto não passarem o céu e a terra, não cairá um “i” nem um ápice sequer da Escritura”. S. Paulo escrevia a Timóteo que “toda a Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar os erros, para corrigir

os costumes e instruir na santidade”. S. Pedro recomenda que se lhe preste “atenção, como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que desponte o dia, e a estrêla da manhã nasça em nossos corações”, pois “aqueles santos homens de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”

Infelizmente são muitos os que não usam esta lâmpada, e a colocam debaixo do alqueire. Outros abusam dela com leviandade e usam mal do seu conteúdo. O dever de ler a Bíblia, o modo de a ler, são dois pontos que merecem ser estudados. Todos devemos recorrer a este facho que ilumina, aceso pela bondade de Deus, e transmitido através dos séculos, de uma a outra geração, para que nos conforte e nos indique o caminho da salvação.

2. À leitura da Bíblia

A Bíblia, proclama S. Gregório, é a carta que Deus envia à sua criatura. **É preciso ler, pois, esta carta divina**, na qual, no dizer de S. Ambrósio, encontramos nossas vitórias e nossas alegrias.

Coisa estranha! Devoram-se àvidamente as coisas antigas, lançam-se olhares apaixonados aos grandes monumentos da literatura e da história. Basta a notícia da descoberta de algumas Décadas de Tito Lívio para que se alvorece, não só o mundo dos doutores, mas até os jornais. O delírio de alegria do século XV, quando os Humanistas desenterravam das Bibliotecas os códigos poeirentos e os escritos da antiguidade pagã, tem ainda um forte eco no coração de todas as pessoas medianamente cultas. Um filó-

sofo se envergonharia se não conhecesse as obras de Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel. Um literato se envergonharia de si mesmo, se não tivesse meditado Homero e Virgílio, Petrarca e Dante. Os cristãos, ao invés, não se preocupam em absoluto em ler a Bíblia, em ler, ainda que uma só vez, a carta de Deus à humanidade, em tomar conhecimento desta palavra escrita que, com a tradição oral, constitui a fonte puríssima da Revelação Divina.

Nós, os modernos, substituímos “o livro” por excelência pelos nossos opúsculos e nossos pequenos manuais. Os homenzinhos de hoje, queixava-se Antônio Rosmini, querem os pequenos livros, ao contrário dos grandes Padres da Igreja e dos primeiros prosélitos fervorosos do Cristianismo nascente, que amavam a Sagrada Escritura.

A leitura e o comentário da Bíblia faziam parte da Missa dos catecúmenos; os trechos das lições, das Epístolas, dos Evangelhos que ainda se lêem no Sacrifício Eucarístico, são vestígios do antigo uso. Então a Bíblia era tão venerada e meditada, que os perseguidores tomavam isto como motivo para combater e perseguir os cristãos. No ano de 303, Diocleciano publicava um edito pelo qual obrigava os cristãos a fazerem entrega dos livros sagrados. O próprio Eusébio de Cesaréia refere como “uma grande multidão de mártires” sofreu gravíssimos tormentos e a morte pela Escritura. Santa Irene foi queimada viva por não ter querido obedecer a esta ordem do tirano; muitos crentes traziam sôbre o peito o santo Evangelho.

É magnífica a cena que se narra nos Atos dos Mártires a respeito de Santo Eúplio. Levado à pre-

sença do juiz Calvisiano, por ter sido encontrado com os Evangelhos, respondeu à pergunta do juiz:

— Sim, encontraram-me com eles.

Calvisiano ordenou-lhe que os lesse. Eúplio, abrindo o livro, leu:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição”.

Depois de longo interrogatório, amarraram-lhe ao pescoço o Evangelho, que estava em seu poder quando o prenderam. Ele, tendo dado graças ao Senhor, inclinou a cabeça, que foi logo decepada pelo verdugo.

Todos os Padres, como o demonstram suas obras que nos ficaram, nada mais fizeram que comentar a Escritura. Nela se baseava a sua pregação, pois não queriam que ecoasse a sua palavra, mas a palavra de Deus.

S. João Crisóstomo não passava uma semana sem ler as epístolas de S. Paulo. Bastaria, para não multiplicar as citações, o nome de S. Jerônimo, para lembrar o que para ele significava este livro. Lá, no alto do Aventino de então, sôbre a colina envolta como em um manto de mística beleza e de históricas recordações, reunia-se o casto cenáculo constituído por Marcela, Asela, Paula, Blesila, Paulina, Eustóquio, Leta, Fabíola e outras nobilíssimas virgens e matronas. S. Jerônimo iluminava as piedosas e doutas discípulas, nas mais árduas questões do Antigo e Novo Testamento. Uma biblioteca apropriada servia àquelas almas ardentes de amor pela divina Escritura. O latim, o grego, o hebraico soavam em seus lábios. E, à imitação das outras irmãs em Cristo, Blesila não abandonou jamais nem os Profetas nem o Evangelho durante a longa enfermidade que a devia levar à sepultura. Daquela escola, onde florescia a cultura e um

sistema de pedagogia bíblica, Jerônimo passou a Belém. É sabido como, na solidão de Belém e à sombra dos mosteiros que se multiplicavam na terra de Jesus, coroou a sua obra de tradutor e cultor dos Livros sagrados.

“Oh! volte pois, deve exclamar hoje o cristão com as palavras do cardeal Maffi, volte a Sagrada Escritura a ser o meu livro, e não caia jamais de minhas mãos! Conforte-me Jó com seu exemplo, abalem-me com suas palavras os Profetas, atraia-me S. Paulo com seu zêlo, comova-me Israel com a sua história de dores e de bênçãos, alicie-me S. João com suas esperanças, sustentem-me os Macabeus com sua intrepidez, inspire-me Davi o gemido da oração, e sobretudo atraia-me Jesus no Evangelho. Nada nos deve impedir de fazermos cada dia nossa leitura de uma página, ainda que seja uma só, da sagrada missiva que Deus se dignou enviar-nos.”

3. Os protestantes e a Bíblia

Tal exortação não deixará de espantar a algumas pessoas. Isto pelo simples fato de serem, hoje em dia, quâsi completamente ignorados os princípios fundamentais da religião. Como? — dirão — porventura não é a Igreja Católica inimiga da leitura da Bíblia? A quem devemos, senão aos protestantes, uma verdadeira aluvião de Bíblias, difundidas com abundância em todos os recantos do mundo e do nosso país? Não receio responder, ainda mesmo que aumente o espanto dos que fazem estas objeções: O

verdadeiro inimigo da Bíblia é o protestantismo e não a Igreja Católica, pois que, se não ficamos apenas nas aparências, é fácil verificar os seguintes fatos:

a) O Protestantismo traduz à sua maneira a Sagrada Escritura, introduzindo erros e heresias em sua versão. É claro, então, que a Igreja proíbe a leitura de ~~tais~~ Bíblias. Se é necessário beber água, é também necessária a proibição de bebê-la envenenada.

b) O Protestantismo se ilude, quando julga que favorece o conhecimento da Bíblia, distribuindo edições dela a torto e a direito. Este método é semelhante à tentativa de fazer apreciar e conhecer a Dante, distribuindo gratuitamente a “**Divina Comédia**”. Um livro, — e também o Livro dos livros — é uma coisa morta, se não o vivifica a interpretação. Para um analfabeto, um livro só serve para papel de embrulho. O mesmo volume pode ser ininteligível para um homem de pouca cultura, podendo, o que é pior, ocasionar falsas interpretações. Pois bem: na Escritura, como nos adverte o Apóstolo S. Pedro, “há cousas difíceis de entender”. Por isto a Igreja quer que as edições da Bíblia, em língua vulgar, não só sejam bem e fielmente traduzidas, mas exige ainda as indispensáveis notas explicativas acompanhando o texto. Isto, que à primeira vista parece uma restrição, é uma defesa da Bíblia, proveniente do respeito que devemos à palavra de Deus.

Aos protestantes seria preciso dirigir o convite para meditem estas palavras de S. Jerônimo: “Os agricultores, os pedreiros, os ferreiros, os entalhadores, até mesmo os tecelões e todos os que trabalham os diversos materiais e fabricam cousas de pouca importância, não chegam a ser tais sem um mestre que

os instrua. Os médicos fazem o que se relaciona com a medicina; os ferreiros tratam das cousas concernentes ao seu ofício. Só nas questões concernentes às Escrituras todos se julgam competentes... Pensam conhecê-las a mulher tagarela, o velho abobado, o sofista charlatão e todos os demais. Assim as maltratam e pretendem ensiná-las aos outros sem ^{as} haverem eles mesmos aprendido”.

c) Os protestantes são os maiores inimigos da Bíblia, pois entregam-na a cada indivíduo e lhe deixam liberdade de interpretá-la. Os resultados são conhecidos: cada seita protestante e, freqüentemente, cada pessoa, adota uma interpretação pessoal em contradição com as outras.

Lutero interpretou a Bíblia de um modo; Calvino de outro; os Anabatistas, certos de serem inspirados diretamente por Deus, na leitura dos Livros Sagrados, lhes dão os mais desconexos sentidos. Alguns ao lerem na Bíblia que são “bem-aventurados os que choram”, choramingavam o dia inteiro. Outros, em obediência ao elogio bíblico da alegria, andavam sempre rindo. Para outros o conselho de Cristo: “Tornai-vos semelhantes às crianças”, era uma ordem para proceder como crianças, jogar bola, correr, saltar, e fazer-se lavar o rosto. Não faltavam também os que, tomando ao pé da letra a exortação da Escritura: “Prègai sôbre os telhados”, em vez de professarem públicamente a sua fé, subiam aos telhados, prègando dali, em altas vozes, aos transeuntes. Os teólogos protestantes assassinarão pouco a pouco a Bíblia. Muitos deles, hoje em dia, nem crêem sequer na divindade de Jesus Cristo e nos milagres. O racionalismo

tem feito estragos em suas fileiras. Aos que reprovam seus erros, respondem indiferentes:

“Perdão! Não ensinou Lutero o livre exame da Bíblia? Leio e interpreto livremente. Por que devo me prender à interpretação de Lutero? Se assim fôsse, não teríamos outro remédio senão voltar ao seio da Igreja Católica”.

É inútil: é preciso convencer-nos de que precisamente porque a Bíblia não é a palavra do homem, mas a palavra de Deus, ela não deve ser arrebatada à vida divina que palpita na Igreja de Cristo. Os protestantes que dizem amar a Bíblia, e, entretanto, a separam da tradição e da Igreja, única depositária e intérprete autorizada por Jesus Cristo, assemelham-se a quem afirmasse gostar de minha cabeça e por isso a separasse do tronco. Semelhante separação traz consigo a morte. Por isto, é estranhável que na Igreja do Castelo de Wittenberg, onde em 31 de outubro de 1517 Lutero afixou suas teses e onde descansa hoje em seu sepulcro, se haja colocado no altar, em lugar do tabernáculo, uma Bíblia. Oh! não! O Livro sagrado deve ser posto em conexão orgânica com a Igreja vivente, com a Tradição perene, com a história. Quem o separa de tudo isto, o destrói.

4. O sobrenatural e a Bíblia

Como devemos, portanto, ler a Bíblia, para não desvirtuar o seu significado, para não limitar-nos a um trabalho superficial, para aprofundar o seu sentido? De que modo, em uma palavra, poderemos atingir o seu pensamento íntimo e vivificante?

Ninguém ignora que os livros que compõem a Bíblia são 73, comumente divididos em duas classes: 46 livros do Antigo Testamento e 27 livros do Novo Testamento. Não iremos, neste tratado elementar de religião, enumerá-los nem distingui-los em livros históricos, didáticos e proféticos. O que importa advertir é que todos estes livros, obra de perto de 4000 anos e escritos por diversas pessoas, oferecem uma unidade admirável. Um encadeamento maravilhoso, um progresso lento e contínuo, — onde, no dizer de Lacordaire, toda onda impele a que antecede e arrasta a que segue — fazem destes 73 livros um só livro, que se vai formando, dia a dia, e cresce como uma árvore de diversos ramos, animado por uma só idéia e semelhante à unidade de um poema, não obstante a multiplicidade dos seus cantos.

Esta idéia única e fundamental é a união sobrenatural do homem com Deus, mediante Jesus Cristo e a sua graça. Desde as primeiras palavras do Gênesis: “Deus criou o céu e a terra”, até as últimas do Apocalipse: “a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós”, esta idéia palpita sempre em todos os versículos, em cada palavra, nas vicissitudes históricas referidas, nas predições dos videntes e nos ensinamentos relativos à vida prática. Deus de um lado; do outro o homem, que se afasta de Deus e do seu fim sobrenatural e pela graça a Deus retorna e com ele se une. E, entre Deus e homem, Jesus Cristo, o Homem-Deus, que une o céu e a terra: eis aí toda a Bíblia.

“A Sagrada Escritura — são palavras de Lacordaire, numa carta sobre “Jesus Cristo nas S. Escrituras” — revela ao mesmo tempo Deus no homem e o

homem em Deus. Esta revelação não se faz sentir só nos grandes momentos da Bíblia: encontra-se em toda parte. Deus não se ausenta nunca de sua obra. Encontramo-lo tanto no campo de Boós, com a nora de Noêmi, como em Babilônia no festim de Baltazar. Assenta-se sob o tenda de Abraão, como exausto viajante cansado pela longa caminhada, e repousa no alto do Sinai, entre os raios que anunciam sua presença. Assiste José em sua prisão e coroa a Daniel em seu cativeiro. Os menores detalhes da família ou do deserto; os nomes, os lugares, as cousas, tudo está cheio de Deus. E, do Éden ao Calvário, da justiça perdida à justiça recuperada, seguimos passo a passo todos os movimentos de sua ternura e de sua força”, e em germe se prepara todo o porvir da humanidade.

Aí está descrito o homem na sua história: história de miséria e de sangue, de quedas, de esforços, de impotência. Precipitado das alturas do sobrenatural, a que Deus o havia elevado benignamente, o homem jaz na lama e suspira pelo Redentor.

Desde a primeira página da Bíblia é prometido o Salvador. A promessa “transmitida aos patriarcas, vai adquirindo, de livro em livro, uma clareza tal, que ela enche todos os acontecimentos e os impele ao futuro como uma preparação e uma imagem do que é esperado.

O povo de Deus forma-se no exílio e nos combates. Constrói-se Jerusalém. Levanta-se Sião. A descendência do Messias, destacando-se do fundo primitivo das tribos patriarciais surge e expande-se em Davi, que passa do humilde rebanho de Belém ao trono de Judá, e daí contempla e canta o Filho que deverá nas-

cer da sua posteridade para ser o rei de um reino que não tem fim. Os Profetas retomam sobre a tumba de Davi a harpa dos dias que ainda não chegaram. Seguem Judá em suas desventuras e acampanham-no em seu cativoiro. Babilônia escuta, às margens dos seus rios, a voz dos santos que ela ignora, e Ciro, seu vencedor, lhe fala do Deus que fez o céu e a terra e que lhe ordenou reconstruísse o templo de Jerusalém. E o templo renasce; escuta os gemidos e os ardores dos últimos profetas; e, após um intervalo de muitos anos, depois de haver sido contaminado pelas nações e purificado pelos Macabeus, vê chegar o Filho de Deus nos braços de uma Virgem; e dos seus pórticos ao santuário, e do santuário ao Santo dos Santos, repete-se a palavra suprema do velho Simeão: **Agora, Senhor, deixai partir o vosso servo em paz, segundo a Vossa palavra; porque os meus olhos viram a Vossa salvação, que preparastes ante a face de todos os povos; luz para iluminar as nações, e glória de Israel, vosso povo.**

Jesus Cristo chegou. O Evangelho sucede à lei e aos profetas; e a verdade, realizando o que era figura, resplandesce no passado que ela explica, depois de haver recebido o seu testemunho. Todos os tempos se encontram em Cristo, e sob seus passos a história adquire sua eterna unidade. Ele é tudo. Todas as cousas a Ele se referem e dEle tudo procede. Ele tudo criou e tudo julgará”.

Eis aí a Bíblia. Quem não a lê sob este aspecto, tendo sempre presente a idéia principal que unifica todas as partes em um todo orgânico e perfeito, pensa comprehendê-la, mas realmente nada compreende.

5. Métodos errados ou incompletos

O modo que o catecismo nos ensina para ler a Bíblia, não deve ser confundido com os seguintes métodos:

a) **O método do esteta**, que na Escritura busca tão somente a beleza artística. A Bíblia por certo é bela e Chateaubriand, no **Gênio do Cristianismo**, poderá comparar Moisés a Homero, como outros podem comparar Salomão a Sócrates, Jó a Ésquilo e a Buda. Mas não nos iludamos; como não compreende uma basílica cristã o visitante que, ávido de belezas artísticas, nela entra e se limita a contemplar quadros e estátuas, colunas e arcos, e nem percebe a presença de Jesus Sacramentado e o frêmito de fé das consciências que oram e gemem, assim também — na majestosa basílica construída por Deus mediante o trabalho de tantos arquitetos, quantos são os autores dos Livros Sagrados, — quem só repara na forma estética, arrisca-se a não perceber o sopro de Deus e aquela divina beleza que é a verdadeira fonte de toda e qualquer outra beleza da Escritura.

b) **O método histórico**, que, prescindindo do pensamento central, esmiúça a unidade da obra em partezinhas atômicas, fazendo depois esforços inúteis para uní-las entre si. Também a este respeito, falemos claramente. Existem na Bíblia livros históricos e nada impede, e até é oportuno, que sejam estudados com todos os mais severos critérios da crítica histórica. Mas, assim como seria ridículo quem dividisse a Dante em mil expressões e perdesse de vista a alma do poema; assim como seria uma rematada tolice ma-

tar um homem e parti-lo em pedaços para examinar cada fibra, cada célula, sem chegar a descobrir a vida desse montão de partes mortas, assim também é tola a pretensão do historicismo, que esquece a profunda verdade oculta na Bíblia e nela só procura uma sucessão de fenômenos de tal forma encadeados que os precedentes determinem os subseqüentes. Ficando na superfície e retalhando um organismo vivo, é natural que o historicista não encontre Deus na Bíblia, como o astrônomo com seu telescópio não encontra Deus nas estrêlas. Mas nem com o microscópio se descobre o pensamento nas linhas que se lêem, e não obstante, o pensamento é a razão e o motivo das palavras. Não percebe o historicista que, enquanto tagarela sôbre história, deixa escapar na Bíblia a verdadeira história, isto é, a que descobre a significação profunda de todas as vicissitudes da humanidade e todas as sintetiza.

Que dizer portanto daquele que, entregando-se ao estudo pseudo-histórico da Escritura, estabelece o extravagante critério da impossibilidade do milagre e das profecias, e exclue, a priori, a intervenção divina nas cousas humanas? Se o verdadeiro sentido da Bíblia se refere à união sobrenatural entre Deus e o homem, é evidente que Deus deve intervir na história, não só pelos meios naturais, mas também por meios que superam as forças da nossa natureza.

c) O método filosófico, que, confundindo a revelação com a razão, busca na Escritura um sistema de filosofia e, em virtude deste critério incompleto e errado, chega a afastar da Bíblia o sobrenatural e a reduz a uma teoria moral. Por conseguinte, o mesmo Cristo se torna um sábio, um filósofo, como Sócrates ou Marco Aurélio; sua doutrina se reduz a um moralismo sedutor. Com que direito, por exemplo, se di-

vide em duas a figura de Cristo — o operador de milagres de um lado, e o mestre da caridade de outro, o que ensina a existência do fogo eterno do inferno e o que proclama a necessidade do perdão?

Nós, pelo contrário, por sabermos que o sobrenatural eleva, mas não destrói a natureza, e que a revelação não elimina mas eleva a razão, nós não estranhamos que a Bíblia contenha uma moral e uma doutrina superior a qualquer outro sistema filosófico, mas ao mesmo tempo não fechamos os olhos ao fim principal da Sagrada Escritura, que não pretende dar-nos tão somente uma regra de vida humana e um conjunto de idéias racionais, mas nos revela também a divinição da nossa atividade e a elevação sobrenatural do homem à dignidade de filho de Deus.

d) O **método científico**, que confunde a Bíblia com um tratado de física, de química, de astronomia, etc., esquecendo — como diz o Cardeal Barônio — que a Bíblia nos foi dada, não para nos ensinar como gira o céu, mas como se vai para o céu, isto é, como se chega à posse sobrenatural de Deus.

Enfim, a ignorância dos rudimentos da religião e sobretudo da distinção entre a ordem natural e a sobrenatural, faz com que muitos estudiosos da Escritura sejam como quem sofre de catarata, que não lhes deixa ver senão sombras pálidas, imprecisas e evanescentes. A arte, a história, a filosofia, a ciência, podem ofuscar a vista fraca; mas o olhar da fé não se detém nestas flores, mas abraça todo o jardim, onde, esperado pelos patriarcas, vaticinado pelos profetas, e saudado pela harpa do salmista, Jesus avança e triunfa.

Amemos a Bíblia. Que todos a tratem como algo de sagrado. Repitamos as belas palavras com que o

Cardeal Maffi recomendava a sua leitura em uma Pastoral: “Náufrago em mar tempestuoso — assim escreve o douto purpurado — o infeliz Camões, enquanto nadava com uma das mãos, com a outra erguia fora da água o manuscrito dos **Lusíadas**, o poema que o havia de imortalizar. Entre as ondas que crescem e ameaçam submergir-me, segurarei e erguerei para o alto o poema de Deus: nele está minha guia, minha esperança e minha salvação”.

RECAPITULAÇÃO

O livro que, mais do que qualquer outro, nos revela a presença de Cristo na história, é a Bíblia.

1) É divinamente inspirada; a inspiração consiste no influxo de Deus sobre o pensamento e a vontade do hagiógrafo, para que conceba com retidão e escreva fielmente a verdade, e na assistência especial que Deus lhe concede.

2) Sendo a Bíblia a carta que o Pai nos dirige a nós, seus filhos, devemos lê-la e meditá-la, como o fizeram sempre os cristãos fervorosos. É necessário sem dúvida que o texto que usamos não esteja envenenado de erros (como acontece com as edições protestantes da Bíblia), mas seja aprovado pela Igreja, única depositária e intérprete autorizada por Jesus.

3) O pensamento fundamental da Bíblia, à luz do qual devemos ler o Antigo e o Novo Testamento, é a união sobrenatural do homem com Deus, mediante a graça. Esta é a idéia que infelizmente escapa aos estetas, a alguns historiadores, filósofos e cientistas, que negam o sobrenatural ou dele prescindem.

CAPÍTULO VIII

A SANTÍSSIMA TRINDADE

Já estamos nas altas montanhas.

O homem, das alturas divinas do sobrenatural, havia caído no fundo do vale e na lama. Jesus Cristo desceu até ele para reconduzi-lo ao alto. A história da humanidade, conforme demonstraremos, tem a Cristo como centro. Não poderíamos, porém, conceber nem a Cristo, nem a nossa união sobrenatural com Deus, se o caminho da ascensão às alturas não estivesse iluminado pelo sol da Santíssima Trindade. Ergamos o olhar para este sol. Embora nossos fracos olhos fiquem ofuscados, uma grande luz iluminará nossas almas e nossa vida.

Em geral, os cristãos de hoje pouco se preocupam com a Santíssima Trindade; e também nas explicações do catecismo, muitas vezes nos contentamos com o conhecido episódio de Santo Agostinho e o menino, na praia do mar, que desejava colocar toda aquela imensa quantidade de água em um burquinho, símbolo de quem pretende pôr na minúscula cabeça humana o oceano infinito da Divindade.

Quando muito, recorre-se a alguma comparação. Por exemplo, diz-se que Deus é semelhante ao sol, pois o sol brilha por si mesmo, ilumina com os raios

que dele provêm e além disso **aquece**, e não obstante é um único sol. Exatamente como Deus, o verdadeiro sol, que não tem ocaso, é o Pai que brilha; do Pai é gerado o Filho, seu raio; e de um e outro provém o fogo do Espírito Santo. E os três são o único Deus.

O pior é o fato doloroso de que a Santíssima Trindade nada significa praticamente na vida de muitos cristãos. O Padre? Mas quem se interessa pelo Padre Eterno? Ainda que não existisse, haveria talvez qualquer pequena repercussão na consciência de muitos pretensos crentes?... E o Espírito Santo recebe porventura melhor acolhimento? Quando S. Paulo chegou a Éfeso, falou a alguns discípulos e lhes perguntou: “Recebestes o Espírito Santo?” Os discípulos responderam: “Nem sequer ouvimos falar que exista o Espírito Santo!” Entende-se: a propagação da fé se achava então em seus primeiros passos. Não há de que se admirar, pois a verdade se difundia lentamente. Mas é lícito hoje, depois de vinte séculos de Cristianismo, conhecer só de nome o Espírito Santo e ignorar por completo a sua obra na Igreja e nas almas?

Deixando de lado as disputas teológicas e as subtis indagações sobre este mistério principal da fé — a Unidade e a Trindade de Deus, nós:

- 1 — exporemos brevemente o dogma;
- 2 — investigaremos que relação exista entre a verdade do mesmo e a nossa vida sobrenatural;
- 3 — indicaremos de um modo especial a importância do dogma trinitário em nossa oração.

1. O dogma trinitário

Diz o Símbolo de Santo Atanásio:

“A fé católica é esta: que veneremos um só Deus na Trindade e a Trindade na Unidade;

“Não confundindo as pessoas, nem separando a substância.

“Porque uma é a pessoa do Padre, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo;

“Mas uma é a divindade do Padre, do Filho e do Espírito Santo; igual a glória; coeterna a majestade.

“Qual é o Padre, tal é o Filho, tal o Espírito Santo;

“Incriado é o Padre, incriado o Filho, incriado o Espírito Santo;

“Imenso é o Padre, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo;

“Eterno é o Padre, eterno é o Filho, eterno é o Espírito Santo;

“E não obstante, não há três eternos, mas um é o eterno.

“Como também não há três incriados ou três imensos, mas um é o incriado e um o imenso.

“Igualmente é onipotente o Padre, onipotente o Filho, onipotente o Espírito Santo.

“No entanto, não são três onipotentes, mas um só é o onipotente.

“Assim o Padre é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus.

“E contudo não há três Deuses, mas um só Deus.

“Assim, Senhor é o Padre, Senhor é o Filho, Senhor é o Espírito Santo;

“E no entanto não há três Senhores, mas um é o Senhor.

“Pois como em nome da verdade cristã estamos obrigados a reconhecer singularmente a cada pessoa como Deus e Senhor, em nome da religião católica nos é proibido falar em três Deuses ou três Senhores.

“O Padre não foi feito nem criado nem gerado por ninguém.

“O Filho só se origina do Padre; mas não é feito nem criado por Ele, mas gerado.

“O Espírito Santo se origina do Padre e do Filho; mas não foi feito nem criado nem gerado, mas procede de Ambos.

“Portanto um é o Padre, e não há três Padres; um é o Filho, e não há três Filhos; um é o Espírito Santo, e não há três Espíritos Santos.

“E nesta Trindade nada há de anterior ou posterior, nada de maior ou de menor, mas todas as três Pessoas são coeternas e iguais entre si.

“De modo que por meio de todas as coisas, como já foi dito, se há de venerar a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade.

“Quem quiser pois se salvar, é mister que creia isto da Trindade”.

Este símbolo, que é também, como escreve o Cardeal Newman em sua **Grammar of Assent**, um salmo, um hino de louvores, de profunda homenagem, como de quem se prostra no pó, e “o formulário mais simples, sublime e devoto do Cristianismo”, enuncia limpidamente os termos de nosso mistério: **Em Deus há três Pessoas em uma única natureza.**

Se contemplo os homens, vejo que entre eles há muitas pessoas (Fulano, Sicrano, Beltrano), mas neles é uma só a natureza humana. A natureza, como dissemos, é o que faz com que uma cousa seja tal cousa e não outra. No caso do homem, a natureza é o que determina que o homem seja homem e não uma planta, um mineral, um anjo. Portanto, a natureza humana é idêntica em todos os homens. Se Fulano, Sicrano, Beltrano não tivessem a mesma natureza humana, não seriam homens.

Na enunciação do mistério da Santíssima Trindade — podemos fazer logo a aplicação deste exemplo — não se diz que em Deus há três Pessoas e que estas três Pessoas são uma só Pessoa; não se diz que há três naturezas que constituem uma só natureza. Seria uma contradição e estaria justificada a afirmação do poeta cético Heine ao recomendar que não se entregue aos meninos o catecismo junto com a tábua de Pitágoras. Esta última ensina que o um não é o três e que o três não é o um, ao passo que, segundo Heine, o mistério ensinaria a identidade do um e do três.

Não. O mistério afirma somente que em Deus há uma só natureza em três Pessoas. A natureza é uma; as pessoas são três. Isto mesmo se dá com os homens, nos quais se distingue a identidade da natureza humana na multiplicidade das pessoas.

Entretanto, note-se logo uma diferença. Em nós, a natureza humana está multiplicada nas várias pessoas; ao contrário, em Deus, ela é única, embora participada pelas Pessoas divinas. E' por isso que as pessoas humanas se acham separadas entre si e podem ser numeradas, de modo que podemos dizer dois, três, quatro homens, ao contrário das Pessoas divi-

nas, que não são três Deuses, mas um só Deus, precisamente porque têm comum a mesma e idêntica e indivisível natureza divina.

2. Uma palavra de esclarecimento

Como se pode conceber, perguntarão, uma **natureza única** possuída por **três pessoas**?

Respondemos:

1 — Não devemos pensar que a mente humana possa compreender e explicar a divindade, porque o finito não pode abranger o infinito e é claro — para quem admite a Deus — que nEle há de haver mistérios para a nossa razão. A contradição e o absurdo não podem existir nem em Deus nem nos seres, **mas** o mistério, isto é, a obscuridade, é muito evidente que existe em nossa pequenina inteligência. Deus é o Ser infinito por essência; e nós, quando falamos de Deus ou exprimimos os mistérios da sua vida íntima, distinguimos necessariamente o que nEle se acha unido e formulamos várias proposições, como por exemplo: “Em Deus há uma só natureza. Em Deus há três Pessoas. O Pai gera o Filho. Do Pai e do Filho procede o Espírito Santo”, e assim por diante.

A este propósito, escreve o Cardeal Newman: “Como não estamos em condições de abranger com um só olhar todas as estrêlas do firmamento, mas é mister volver os olhos, ora para o ocidente, ora para o oriente, olhando de novo para o ocidente e voltando outra vez para o oriente, olhando primeiro uma constelação e depois outra, perdendo de vista uma e outra

para olhar uma terceira; da mesma forma, quando fixamos o olhar no céu de Deus, em sua essência, conhecemos uma ou outra verdade em particular, relativa a Ele, mas não podemos abranger, com um só ato do nosso espírito, a síntese das duas verdades num só verdadeiro. Mais: Se dividimos um raio de luz na multiplicidade das côres de que se compõe, cada uma destas côres é certamente bela e agrada; mas se quereis uní-las, só conseguireis produzir uma côr esbranquiçada. A luz pura e invisível só é vista pelos afortunados habitantes do céu. Aqui na terra não temos mais do que simples reflexos, como podem vir até nós através de um diafragma”.

2 — Sem termos a estulta pretensão de compreender e explicar a Trindade, podemos todavia ter uma pálida idéia da única natureza, possuída pelo Padre, pelo Filho e pelo Espírito Santo, de modo que as três Pessoas divinas sejam distintas, mas não separadas entre si, e, embora sendo Deus cada uma delas, não sejam três Deuses, mas um só Deus.

Desde Santo Agostinho até Santo Tomaz, de Laccordaire a Monsabré, todos buscaram um reflexo da Trindade na alma humana, já que fomos criados à imagem e à semelhança de Deus.

Deus — assim discorrem os teólogos — é um espírito. O seu primeiro ato é, pois, o pensamento. Mas diferentemente do pensamento dos seres finitos, que é múltiplo, accidental, imperfeito, e que por isso nasce e morre a cada instante, em Deus — cuja atividade é infinita e perfeita — o espírito gera num instante um pensamento igual a Ele mesmo que o representa todo inteiro, sem que necessite dum segundo pensamento, pois que o primeiro já esgotou o abismo das cousas a conhecer, isto é, o abismo do infinito.

“Este pensamento único e absoluto, primeiro e último nascido do Espírito de Deus, diz Lacordaire, permanece eternamente em sua presença como uma representação exata de si mesmo, ou, para usar a linguagem dos Livros Santos, como sua imagem, o esplendor da sua glória e a figura da sua substância. Ele é a sua palavra, seu verbo interior, como também o nosso pensamento é a nossa palavra e o nosso verbo; mas, diversamente do que se dá conosco, ele é o verbo perfeito, e diz tudo a Deus em uma só palavra, o diz sempre sem se repetir nunca, como S. João o ouviu no céu, quando assim começa o seu sublime Evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus”. E como no homem o pensamento é distinto do espírito, sem que eles estejam separados, assim em Deus, o pensamento é distinto sem estar separado do espírito divino que o gera. O Verbo é consubstancial ao Padre, conforme a expressão do Concílio de Nicéia, que não é mais do que a enérgica expressão da verdade”.

Eis aí o Padre e o Filho na natureza divina; eis aí a significação das palavras: “O Filho é gerado pelo Pai”, é o seu Pensamento eterno, substancial. Eis aí a unidade na distinção e a distinção na unidade. Eis aí as duas primeiras Pessoas.

Mas não basta. Também em nós, a geração do pensamento não é o termo no qual pare a nossa vida espiritual. Depois de pensarmos, produz-se em nós um segundo ato: o **amor** que nos arrasta, nos leva ao objeto conhecido; e em nós o amor, ainda que **distinto** do espírito e do pensamento, no entanto **procede** de ambos e forma uma só coisa com eles. E’ o que acontece em Deus. Das relações entre Deus e o seu Pensamento eterno, resulta o Amor, com que se

amam as duas primeiras Pessoas: e este amor infinito, perfeito, substancial entre o Padre e o Filho, se chama o Espírito Santo, que procede do Padre e do Filho, é distinto dEles, e não obstante é um só Deus com Eles.

As pessoas em Deus não são outra coisa senão as relações subsistentes mutuamente entre Deus, o seu Pensamento e seu Amor (não comuns a duas Pessoas, como a inspiração própria do Padre e do Filho a respeito do Espírito Santo). Por conseguinte, não só o Padre mas também o Filho é Deus, porque o pensamento de Deus se identifica com Deus; o mesmo se diga do Espírito Santo, porque o Amor eterno de Deus é Deus mesmo. E no entanto não são três Deuses, mas um só Deus. Entende-se também que o Padre que gera, não é o Filho gerado, nem o Espírito Santo que procede do Padre e do Filho, como de único princípio. O gerar, ser gerado e o proceder por via do amor, são três propriedades diferentes e não confundíveis.

Mas afora estas propriedades e relações, tudo é comum às três Pessoas: a natureza divina, e portanto a inteligência, a vontade, o poder, a majestade, e as operações fora de sua vida íntima, tanto no mundo da matéria, como no mundo da alma. Só por apropriação se atribuem ao Padre as obras do poder, ao Filho as da sabedoria, ao Espírito Santo as obras da santificação, isto é, só para lembrar mais facilmente as propriedades pessoais do Padre, do Filho e do Espírito Santo, para honrar deste modo e adorar as três Pessoas divinas.

3. A Trindade e os demais dogmas cristãos

Tal é, brevemente exposto, o dogma da Santíssima Trindade, que não foi revelado de modo explícito no Antigo Testamento, mas foi apenas entrevisto como um sol coberto de nuvens, até quando, com a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, foi claramente manifestado.

Chegada a hora da revelação completa, Deus ensinou à humanidade este altíssimo mistério. O dogma da Santíssima Trindade, na ordem puramente natural, não nos teria sido revelado, porque não havia razão alguma para o fazer. Mas na ordem sobrenatural e na vida cristã, se prescindirmos deste dogma, nada entenderemos.

Como enunciar, por exemplo, o dogma da Encarnação, prescindindo da Trindade, uma vez que não foi o Padre, nem o Espírito Santo, mas o Filho que se encarnou?

Como se pode descrever o Pentecostes, ou a vinda do Espírito Santo, sem uma noção da Trindade?

Como se pode pensar no Paraíso, isto é, na visão de Deus como é em si mesmo, sem ter que admitir a conveniência da revelação deste mistério, que começa a nos indicar na terra com a fé o que um dia contemplaremos no Céu face a face?

4. A Trindade e a vida sobrenatural

Há mais ainda. A vida cristã é inconcebível sem a Trindade e quanto mais vivermos sobrenaturalmente, tanto mais compreenderemos o que significa que Deus é Padre, é Filho, é Espírito Santo.

1 — Quando o cristão pensa em **Deus Padre**, não pode se esquecer que o Padre é aquele “do qual depende toda paternidade no céu e na terra”, como diz S. Paulo. Deus Padre comunicou sua vida divina ao Filho, a seu Filho natural, desde toda a eternidade; e, no tempo, no-la comunica também a nós, seus filhos adotivos, enquanto nos eleva ao estado sobrenatural. Por isto, quando dizemos orando: “Padre nosso que estais nos céus”, com a palavra “Padre”, lembramos, sim, a primeira pessoa da Trindade, mas também toda a nossa vida sobrenatural. Portanto, quem se descuida do Padre, se descuida também da própria divinização, isto é, da sua verdadeira grandeza.

2 — Quando o cristão pensa em **Deus Filho**, não pode deixar de se comover profundamente.

A vida divina que deriva do Padre para o Filho, passa do Filho para a humanidade — que Ele une pessoalmente na Encarnação —, e do Homem-Deus se derrama em todas as almas. Nada havia mais conveniente do que isto: que, para dar-nos o dom de nos tornarmos filhos adotivos do Padre, se encarnasse não a primeira ou terceira Pessoa, mas o Filho natural de Deus, o qual deste modo, como observa S. Paulo, se tornava o “primogênito entre muitos irmãos”. Repito: os que nunca pensam na Santíssima Trindade, não podem viver sobrenaturalmente, porque, poderá acaso conceber a vida sobrenatural da graça, quem esquece o Autor da mesma graça, o único mediador entre Deus e o homem?

3 — Finalmente, o verdadeiro cristão não pode deixar de pensar no **Espírito Santo**, no Amor substancial entre o Padre e o Filho.

Se somos filhos de Deus, também nós, pelos méritos de Jesus Cristo, estamos unidos ao Padre e o

amamos. Mas o nosso não é e não pode ser um amor natural. A Deus nos une o amor sobrenatural, que nos é infundido pelo Espírito Santo. O Espírito Santo é que é a alma da Igreja, como Cristo é a sua cabeça, e une a Esposa de Cristo ao Padre Eterno. Ele é quem opera em nossas almas por meio da graça, com a caridade, com suas virtudes e seus dons. O Espírito Santo é o hóspede divino da alma justa. E como poderíamos ignorar a sua presença, se amamos de verdade a Nosso Senhor? Que é o nosso amor se estamos em graça, senão um efeito do Espírito Divino? E quando amamos sobrenaturalmente ao nosso próximo, que outra coisa fazemos senão tomar a Santíssima Trindade por modelo? Como as três Pessoas da Santíssima Trindade são um só Deus, assim todas as pessoas verdadeiramente cristãs devem ser uma só coisa e um só coração. O próprio Jesus Cristo desenvolveu este pensamento no sermão da última ceia e orou desta maneira: "Que eles (os meus discípulos) sejam uma só coisa, como eu e Tu, ó Pai, somos um".

Com muita razão, pois, exclamava Sto. Agostinho: "O mistério da Trindade é um grande mistério e um arcano salutar". Nada, finalmente, mais fecundo para a nossa vida cristã, nada mais essencial para a nossa oração.

5. A Trindade e a oração cristã

As orações da Igreja e a liturgia sagrada são uma contínua evocação da Trindade.

Faço o sinal da Cruz e digo: "Em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo". Canto o "Gló-

ria in excelsis”, ou o “Te Deum” e louvo, adoro, agradeço, suplico ao Padre, ao Filho, e ao Espírito Santo.

Recito o Credo: e proclamo a minha crença em Deus Padre, no Filho, e no Espírito Santo.

Digo o Padre-Nosso e se o digo bem, necessariamente devo pensar na Trindade.

Ouve-se um vagido numa casa; nasceu uma criança. Conduzem-na à fonte sagrada e a batizam em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo.

Quando o Bispo impõe as mãos sobre o confirmando na crisma, o novo soldado de Cristo é assinado com o sinal da Cruz e confirmado com o crisma da salvação, mas sempre em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo.

A Missa é outra contínua invocação da Trindade, à qual é oferecido o Sacrifício, a Hóstia pura, santa e imaculada, o pão santo da vida eterna e o cálix da salvação perene.

Se nos apresentamos ao tribunal da Penitência, o ministro de Deus nos absolve em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo.

A Ordem constitui a quem a recebe, ministro do Deus uno e trino. No Matrimônio é a Trindade que abençoa e sela o juramento dos esposos. E até no leito de morte, depois da Extrema-Unção, o Sacerdote encomenda a alma que se acha próxima a partir deste mundo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo.

Que mais? Todos os hinos da Igreja terminam cantando: “Glória seja a Deus Padre, ao seu único Filho, e ao Espírito Paráclito por todos os séculos dos séculos”. Todas as orações do Breviário e do Missal imploram graças, “por intercessão de Nosso

Senhor Jesus Cristo, que com o Padre e o Espírito Santo, vive e reina por todos os séculos dos séculos". Milhares de vezes, tanto nas preces da liturgia, como nas orações particulares, dizemos: "**Glória ao Padre, e ao Filho, e ao Espírito Santo. — Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto**".

E talvez o nosso coração não tem sequer uma saudação ou uma palpação de amor pela Trindade!... Talvez o próprio **Gloria Patri** o balbuciamos e o mastigamos distraidamente, vergonhosamente... Nós nos interessamos por tantas cousas, pela política e pelo esporte, mas ignoramos "os mistérios principais da nossa fé". Ou, se os sabemos de cor, os repetimos maquinalmente como papagaios...

Muitas vezes, quem contempla o mar sente-se subjugado por uma força misteriosa: é a voz das ondas. O olhar procura atingir o ponto mais distante, mas em vão quer dominar, em vão procura o limite das águas que se estendem ao longe e dão a sensação do infinito. É o que acontece também no mistério da Trindade. Deus nos toma e nos conduz ante o oceano da sua Essência, grande, imensa, infinita. Julgamos atingi-la com o ávido olhar da frágil razão humana, mas sentimos o nada da nossa inteligência e a inanidade da nossa soberba. E como um dia do alto do Palácio Dória, em Gênova, José Verdi e Josué Carducci, arrebatados em contemplação em face do mar da Ligúria, quebraram o silêncio, dizendo cada um: "Creio em Deus!"; assim também nós, ante o misterioso mar do Deus uno e trino, adoremos em recolhimento, e cantemos glória ao Padre, ao Filho, ao Espírito Santo.

RECAPITULAÇÃO

1) O dogma trinitário nos ensina que em Deus há três pessoas em uma só natureza. A teologia ilustra o mistério e vê um reflexo da Trindade Sacrossanta na alma humana, criada à imagem e à semelhança de Deus.

2) Não pode prescindir deste dogma quem deseja ter uma fé, uma vida, uma oração verdadeiramente cristãs.

a) Quanto à fé, não se poderiam compreender outras verdades (por exemplo, a Encarnação e o Pentecostes) sem a Trindade.

b) Na vida nós — **filhos adotivos** de Deus pelos méritos de Jesus Cristo, **Filho de Deus por natureza** — estamos por Ele unidos ao **Padre**, mediante o amor sobrenatural que nos é infundido pelo **Espírito Santo**. Portanto, uma vida cristã que se descuide da Trindade, é um absurdo.

c) As orações da Igreja e da liturgia sagrada se baseiam na Santíssima Trindade.

Não basta. A segunda Pessoa da Trindade se encarnou e se fez homem para nos remir. Como aconteceu isto?

CAPÍTULO IX

O VERBO ENCARNADO REDENTOR DO MUNDO

Jesus se mostrava reconhecido à grande mística beneditina Santa Gertrudes, quando ela se inclinava com profunda e piedosa gratidão às palavras do **Credo**: “E se encarnou por obra do Espírito Santo, de Maria Virgem, e se fez homem”. O mistério da Encarnação e da Redenção — o segundo dos principais mistérios de nossa fé — deveria fazer palpitar de amor todos os corações.

“Chegada a plenitude dos tempos — diz S. Paulo em sua epístola aos Gálatas — Deus enviou seu Filho... para que pudéssemos receber a adoção de filhos seus”. “E o Verbo — prossegue S. João em seu Evangelho — se fez carne e habitou entre nós e nós contemplámos a sua glória, glória qual a do Unigênito do Padre, cheio de graça e de verdade”.

1. O dogma da Encarnação

O Símbolo de Santo Atanásio, depois de ter exposto claramente o dogma da Trindade, enuncia o outro dogma da Encarnação e da Redenção, nestes termos:

“Quem quiser se salvar, deve crer também fielmente na Encarnação de Jesus Cristo.

“A verdadeira fé é esta: que creiamos e confessemos que N. S. Jesus Cristo, filho de Deus, é Deus e homem .

“E’ Deus da substância do Pai, gerado antes dos séculos; e é homem pela substância da Mãe, nascido no tempo.

“E’ perfeito Deus e perfeito homem. subsistindo na alma racional e na carne humana.

“Igual ao Pai segundo a divindade, e menor do que o Pai segundo a humanidade.

“E embora seja Deus e homem, não são dois, mas um só Cristo.

“Um, não pela mudança da divindade em carne, mas pela assunção da humanidade por parte de Deus.

“E’ perfeitamente um, não pela confusão de substância, mas pela unidade de pessoa.

“Pois que, assim como a alma racional e a carne são um só homem, assim Deus e o homem são um só Cristo.

“O qual padeceu pela nossa salvação”.

No comento destas palavras, nos serviremos de Santo Tomaz de Aquino, que, na **Suma Teológica**, dedicou um dos seus mais esplêndidos tratados à Encarnação do Verbo. Naturalmente, só tomaremos algumas das profundas idéias do imortal Doutor. E para torná-las mais acessíveis a todos, freqüentemente as exporemos com as expressões e as imagens dos místicos. Santa Catarina de Sena com o seu “**Livro da divina doutrina**”, com suas “Orações” e suas “Cartas”, a Beata Ângela de Foligno com seu “**Livro das admiráveis visões e consolações**” nos podem dar um grande auxílio nesta tarefa. A primeira voou como

águia nas alturas do dogma; e a outra obteve — como o afirma um seu brilhante tradutor, Luiz Falacara — a graça de poder ver, com os olhos do espírito, todos os tormentos da Paixão de Cristo, até os pedaços de carne que os cravos pregaram no lenho da Cruz, e sofreu todas as dores do Crucificado.

Depois de uma breve observação prévia, estudaremos:

- a) A Encarnação;
- b) a Redenção.

2. A possibilidade da Encarnação

A árvore da humanidade — na comparação de Santa Catarina de Sena, — era pura e bela; mas pela desobediência de nossos progenitores, de árvore de vida que era, tornou-se árvore de morte. Por este motivo, diz a mística senense, a Trindade sacrossanta, em um excesso de amor pelo homem, enxertou sua **Divindade** na árvore morta de nossa humanidade. E como se isto não bastasse, o Filho de Deus encarnado regou a árvore com seu sangue divino.

Embora, por esta imagem, compreendamos logo que um homem enxertado em Deus devia produzir frutos de vida, não poderemos todavia deixar de perguntar: “Era possível a Encarnação? E’ concebível um Deus que se faz homem? Não é isto um absurdo que implica mudança em Deus e quási um aniquilamento da divindade?”

Responde Sto. Agostinho. Também nosso pensamento se encarna na palavra que escrevo no papel, e no entanto, o pensamento não muda absolutamente. Assim aconteceu na Encarnação.

O Pensamento, o Verbo de Deus, puríssimo espírito, tomou a carne humana, vivificou a tinta da natureza humana; o que se modificou e mudou não foi o Pensamento eterno e perfeito do Pai, mas o homem assumido por Ele.

Mais ainda. Meu pensamento permanece em minha mente, ainda depois que o escrevi no papel e o encarnei na expressão verbal. E não são dois; mas um só é o pensamento que está em mim e que se acha no papel. Assim, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, encarnando-se, não abandonou o Pai; é um com o Pai e o Espírito Santo e continua sendo um com Eles, ainda que apareça também sobre a terra. E um só é o Filho de Deus que sempre existe no céu e que viveu outrora na Palestina.

Assim como, rasgando-se ou deteriorando-se o papel, também o pensamento nele escrito desapareceria ou sofreria, embora o pensamento em si nada sofra enquanto tal, assim Jesus Cristo em sua vida e em sua paixão não sofreu enquanto Deus, porque como Deus não podia padecer nem morrer, mas só enquanto homem.

Santa Catarina recorre a outra esplêndida comparação. O Verbo Encarnado, o Deus feito homem é a divindade refulgente em si como o sol, mas velada pela "miserável nuvem" da natureza humana. E' verdade; os profetas tinham predito e indicado claramente a vinda e a história de Cristo; os prodígios por Ele realizados de acôrdo com as suas profecias, eram uma prova apodítica da sua divindade. Contudo, a nuvem da nossa carne, revestindo o Verbo, o ocultou ao olhar superficial que, atrás daquela nuvem, não viu nem saudou o Sol, embora, uma vez ou outra, o esplendor de um milagre ou da palavra divina rompesse a obs-

curidade e revelasse a sua presença. E a Santa exclama: “Contempla, ó minha alma, e verás o Verbo em nossa humanidade, como se fôra uma nuvem. A Divindade não é ofendida pela nuvem, isto é, pelas trevas da nossa humanidade, mas está escondida dentro do Sol. E assim como o céu sereno fica oculto às vezes pelas nuvens, assim também o esplendor divino, a divindade do Verbo assistia aos sofrimentos do seu corpo, mas, depois da Ressurreição, transformou em luz as trevas de sua humanidade, e, de mortal que era, a tornou imortal”.

3. O Verbo Encarnado

Deixando de lado, por um instante, as imagens, e voltando ao dogma, podemos enunciá-lo assim: **No Verbo Encarnado, Jesus Cristo, temos duas naturezas — a natureza divina e a humana, e uma só pessoa: a pessoa divina.**

Que em Jesus existam duas naturezas é coisa clara. A natureza, como dissemos, é aquilo pelo qual uma coisa é o que é, aquilo pelo qual Deus é Deus, o homem é homem, uma flor é flor. Por isto, sendo Jesus Cristo verdadeiro Deus, deve ter a natureza divina; e sendo verdadeiro homem, deve possuir a natureza humana.

Se em Jesus Cristo, por outro lado, houvesse duas pessoas, não seria um, mas seriam dois seres. Por um lado Deus — a Pessoa Divina; por outro lado, o homem — a pessoa humana, isto é, já não teríamos o Homem-Deus. Tudo isto é muito evidente.

O mistério consiste nisto: como assumiu Deus a humanidade, de modo a haver, na unidade da pessoa, as duas naturezas?

O gênio de Santo Tomaz, no tratado já citado, quis projetar um feixe de luz nas trevas sagradas que a mente humana adora reverente, à espera das celestes revelações da visão beatífica.

Deus, diz o Angélico Doutor, é o Ser por excelência. “Eu sou Aquele que sou”, isto é: Eu sou o mesmo Ser, disse Deus a Moisés. Noutras palavras: qual é a natureza de Deus? E’ o Ser perfeito. Por conseguinte, em Deus o ser não se distingue realmente da natureza divina.

Nas criaturas, e portanto também no homem, a cousa é diferente: a natureza humana não é o mesmo ser por essência. Em nós uma cousa é a natureza e outra o ato de existência pessoal. Nosso ser é limitado, imperfeito, criado, e se distingue realmente da nossa natureza.

Pois bem: segundo a teologia tomista, sabemos que em Jesus Cristo, o Ser divino, isto é, o Verbo divino, faz subsistir a natureza humana, sem necessidade de que esta tenha seu ato de existência criada. O Ser do Verbo, que faz subsistir a natureza humana, eis Jesus Cristo, no qual, por isto mesmo, há duas naturezas (a humana e a divina; esta última se identifica com o Ser divino) e uma Pessoa única, a Pessoa divina, enquanto existe um Ser único (não dois Seres, o Ser criado e o Ser incriado, mas só o Ser incriado) e enquanto este único Ser sustenta a natureza humana, sem que por isto mude em si mesmo, mas só enquanto é o termo da natureza humana, assim como não se modifica o sol pelo fato de seu raio fazer desabrochar a flor, à qual dá vida e cores.

Não devemos, porém, nos aprofundar demais, nestas inquirições, que não se devem confundir com o dogma. O dogma nos afirma que Jesus é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, e que o Homem-Deus é uma só Pessoa, a Pessoa divina. A ilustração da enunciação dogmática corresponde ao campo da teologia e a ela deve recorrer quem desejar conhecimentos mais amplos do que as noções elementares desta obra.

De preferência, convém logo esclarecer melhor como Jesus Cristo, em virtude da sua dupla natureza, pode ser chamado realmente “filho do homem”, e também “filho de Deus”; e como, pela unidade de pessoa, as ações humanas de Jesus Cristo têm uma dignidade e um valor divino, porque são ações da Pessoa divina.

Este é o ponto essencial que se há de advertir: nossas ações têm um valor humano limitado, finito; as do Homem-Deus, ao contrário, têm um valor infinito. A importância de um ato depende da dignidade da pessoa que o executa. Um sim nos lábios de um rei pode significar a salvação de um condenado à morte. Em meus lábios, neste caso, não teria valor algum. E nada, absolutamente, entenderemos de Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto não estivermos profunda, íntima e intensamente convencidos desta verdade: qualquer pequeno gesto, todo pensamento, toda palavra, toda aspiração, qualquer sofrimento, toda oração, enfim toda flor que desabrocha na sua natureza humana, tem um valor infinito, pela razão da subsistência divina do Verbo.

Aproximemo-nos, pois, com afeto ao “doce e amoroso Verbo, Filho de Deus”, ao mais formoso dentre os filhos dos homens, ao nosso bem-dito Salvador, que

libertou a pobre humanidade, ao Cordeiro manso e imaculado, que através dos séculos fez palpitar os mais puros corações, arrebatou as almas mais nobres, purificou, vivificou e divinizou a consciência humana. Acheguemo-nos com Santa Margarida Maria ao seu Coração, porque ninguém, melhor do que o seu Coração, nos pode manifestar o que é a Encarnação e a Redenção.

4. Os motivos da Encarnação

A Encarnação é a união de Deus com o homem, é o fato de ter sido assumida a natureza humana pela Pessoa do Verbo, para unir o homem a Deus mediante a graça. Deus se aniquila para nos divinizar; desce para nos fazer subir. Prescindindo dos conceitos expostos, isto é, da ordem sobrenatural, de nossa divinização e historicamente da queda do homem — não se entende o que foi o fato da Encarnação — “o parentesco”, como o define Santa Catarina, entre a humanidade e a divindade, para reparar a morte do homem e para o elevar sobrenaturalmente à vida divina.

Quais foram, pois, os motivos da Encarnação? Não é possível responder de modo perfeito a esta pergunta, porque, ao falar de Deus, não devemos esquecer a fraqueza da nossa razão. A Beata Ângela de Foligno observa justamente que em Deus não há uma perfeição desligada das outras perfeições, mas existe harmonia e fusão de todas as perfeições. O Poder, a Justiça e a Misericórdia se harmonizam entre si, e a palavra que melhor sintetiza esta Vida divina é o Amor. Só à luz do Amor se pode tentar discorrer sobre a Encarnação,

1) Por amor, Deus nos tinha criado; por amor nos tinha elevado ao estado sobrenatural; por amor se fez homem o Filho de Deus para divinizar os filhos dos homens. Deus amou tanto o homem — diz o Apóstolo S. João — que nos deu o seu Unigênito para que todos os que creem nele, não pereçam, mas tenham a vida eterna. E os Santos Padres, a uma só voz, enquanto não hesitam em proclamar que Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus e fosse divinizado pela graça que brota daquela única fonte, que é Jesus Cristo, põem como princípio de toda explicação o Amor e a Bondade infinita de Deus.

2) Històricamente este desenvolvimento do amor divino, esta chuva da bondade divina, se derramou sòbre uma humanidade decaída, de modo que o fim da Encarnação, de fato, **não foi sòmente a elevação do homem à ordem sobrenatural, mas também a reparação do pecado**; a graça de Cristo foi, portanto, **graça reparadora**.

O amor que Deus nos tem, resolve o problema que de outra maneira seria insolúvel para o homem. Por um lado, a **justiça divina** exigia uma reparação da culpa, e por outro, a **fraqueza humana** era impotente para satisfazer de modo adequado, pois que, sendo a culpa, como vimos, de uma gravidade infinita, não podia ser reparada pelo homem, cujos esforços são apenas de eficácia natural e finita. Interveio então a **misericórdia**. Deus quis ajudar o homem, quis dar-lhe o perdão. Deus podia remir-nos de mil maneiras: mas o seu Amor escolheu uma — a Encarnação, com a qual ficaria perfeitamente satisfeita a justiça, e a misericórdia teria a sua manifestação suprema. Jesus Cristo deu ao Pai uma reparação de um valor infinito

pelos nossos pecados, e por seu intermédio a misericórdia e a justiça se abraçaram, unidas pelo Amor.

No Verbo Encarnado, portanto, na expressão de Santa Catarina, temos “a barquinha para livrar a alma do mar tempestuoso e conduzi-la ao porto da salvação”. “Pela enxertia da Divindade na nossa humanidade, a árvore de morte voltou a ser árvore de vida e de vida divina, e voltou a florescer, como a árvore despojada do Paraíso de Dante. Desta maneira, o Amor de Deus escreveu o seu poema, isto é, o seu “livro no madeiro da Cruz, não com tinta, mas com Sangue e com as palavras das dulcíssimas e sacratíssimas chagas de Cristo. E quem haverá tão ignorante e tão curto de entendimento que não o saiba ler?”

3) Finalmente, o amor explica porque a reparação de Jesus Cristo tenha sido executada com a Paixão e com a Morte de Cruz.

Por si só, como já advertimos, a menor ação, ou sofrimento, a mais leve humilhação, como também um só desejo do Coração de Cristo teria bastado para nos resgatar, pois são os seus atos de um valor infinito. O Pai Eterno, porém, para fazer brilhar cada vez mais o amor do seu Filho, quis que fôssemos santificados no sangue de Jesus, e reclamou, como expiação do pecado, as penas, a paixão e a morte de Cristo. Só quando Jesus do alto da Cruz pôde exclamar: Tudo está consumado, “consumatum est”, só então se completou a satisfação e a obra de nossa salvação chegou a seu termo.

O doce Verbo, escreve ainda Santa Catarina, como a águia que tem sempre o olhar fixo no sol, contemplou o sol da eterna vontade do Pai e então, “como ébrio de amor do Pai eterno e de nossa salvação, to-

mou o jugo da obediência, e para cumpri-la bem se saturou de opróbios, de escárneos e de impropérios. Aquele que sacia a todas as almas, sofreu a sede. Para nos revestir da graça divina, se despojou da vida do seu corpo e se tornou como um alvo sobre o madeiro da Santa Cruz”.

Prossegue a Santa: “Para qualquer lado que me volte, encontro inefável amor”. O amor faz descer “a altura da Divindade a tão grande baixeza, qual é a nossa humanidade... O amor fêz que habitasse no presépio entre os animais. O amor fêz com que fosse saturado de opróbios. E por amor, o doce Jesus quis levar a cruz de muitas atribulações... O amor o fêz correr com pronta obediência até a humilhante morte da Cruz”. “Quem o imobilizou na Cruz? Não foram cravos, nem Cruz, nem pedra, nem terra que sustentaram a Cruz de pé, porque não eram suficientes para sustentar o Homem-Deus. Foi o amor que ele tinha à glória do Pai e à nossa salvação”. É o que dissera o próprio Cristo: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”.

5. A Redenção

Agora, após estas reflexões, é fácil compreender em que consista a Redenção.

O Verbo Encarnado aceitou tomar sôbre si todos os nossos pecados, e voluntariamente se pôs em nosso lugar, satisfez nossa dívida superabundantemente. A humanidade, diz o Apóstolo S. Pedro, foi resgatada “não com as coisas corrutíveis, como o ouro e a prata, mas com o sangue precioso do Cordeiro sem mancha,

o sangue de Cristo, que foi predestinado já antes da criação do mundo". O Padre colocou toda a nossa iniquidade sobre o Homem-Deus e Ele sofreu e morreu por todos os homens, pelos que o haviam precedido e pelos que depois dele viriam.

Cristo obteve nossa Redenção por um grande preço, na expressão de S. Paulo. Prescindindo da sua vida privada e pública, basta pensar um pouco na Paixão para compreender quanto Jesus sofreu por nós. Os tormentos daquelas horas de agonia e de angústias se podem dividir em três classes:

a) As dores dos seus membros imaculados. A flagelação que o tornou uma só chaga; a fronte coroadada de espinhos, a cabeça ferida, chagada, coberta de sangue e exposta ao ludíbrio, cingida por uma coroa de espinhos; a subida ao Calvário sob o peso da Cruz, as quedas, a crucificação, as três horas lentas de agonia no patíbulo infame e a morte, foram uma sucessão de dores inenarráveis. Não podia ser maior a crueldade dos ferozes verdugos. O Deus humanado sofreu um mar de dores. Mesmo hoje, depois de tantos séculos, basta aplicar atentamente o ouvido para que escutemos ainda o eco dos golpes de martelo a caírem inexoravelmente sobre os cravos que traspassavam as mãos e os pés do Justo.

b) Também a alma de Jesus foi invadida de amargura, causada pelas mesmas circunstâncias da Paixão. A traição de Judas, o abandono dos Apóstolos, a tríplice negação de Pedro, a ingratição de um povo beneficiado, que poucos dias antes o aclamava com hosanas e agora vociferava o **Crucifige!** pospondo-o a Barrabás; as humilhações que lhe infligiram indivíduos hipócritas como Anás e Caiús, cruéis como Pilatos e a soldadesca e até uma pessoa imunda

como Herodes; as blasfêmias dos inimigos, o insulto dos sacerdotes do templo, a visão do futuro em que milhões e milhões de almas fariam irrisão do seu nome e calcariam aos pés o seu sangue divino, e sobretudo o encontro com sua Mãe, debulhada em lágrimas amargas, tudo concorria para tornar mais angustiosa e terrível a expiação de nossos pecados.

c) Isto era pouco ainda em comparação com a imensa dor que se despenhou sobre Jesus como uma violenta tempestade lá, entre as oliveiras do Getsêmani, lançando-o de bruços por terra, numa agonia mais horrorosa que a morte, banhado num frio suor de sangue.

Na alma divina de Jesus se desenrolou um drama como jamais viu e nem verá a terra. O Homem-Deus — o Inocente, **a mesma Inocência**, a mesma Pureza, a mesma Bondade por antonomásia, naquele momento sentiu sôbre si **todos os pecados dos homens**. O espantoso acúmulo de culpas, como o chama Bossuet — que se haviam cometido antes dEle e que se cometeriam depois da sua morte; os pecados de todas as criaturas, das nações, das famílias, dos indivíduos; as coisas mais cheias de opróbrio, as mais obscenas vilezas, as mais inomináveis vergonhas, as ignomínias mais detestáveis, as imoralidades mais indecentes, toda esta onda de lama, atirava-a Deus sôbre seus ombros e a fazia pesar sobre o seu coração imaculado. Sentiu então que substituíra os culpados e pareceu-lhe desaparecer naquele oceano de imundícies e de crimes.

O contraste mais vivo e angustioso lacerava a sua alma puríssima, que sentia naquele momento a mais repugnante náusea. “Pai! — exclamou — se é possível, passe de mim este cálice. No entanto, não

se faça a minha vontade, porém a Tua”. Mas o Pai foi inexorável. Devia beber o cálice da amargura, porque, como disse S. Paulo, com enérgica expressão, “Ele que não conhecia absolutamente o pecado, Deus tornara-o o **pecado**”, sendo Ele a vítima divina para a expiação do pecado, e semelhante aos pecadores em sua natureza humana assumida, e representando não só os pecadores, mas, em certo modo, o próprio pecado.

Então souo sangue e sentiu que se lhe partia o coração, triturado sob os golpes da divina Justiça e da fragilidade humana. Falando deste momento, Jesus havia de dizer um dia a Santa Margarida Maria: “Nesse momento sofri interiormente mais do que em todo o resto de minha Paixão, vendo-me em abandono geral do céu e da terra, carregado com os pecados de todos os homens. Compareci ante a Santidade de Deus que, sem levar em conta a minha inocência, me quebrantou em seu furor, fazendo-me beber o cálice que continha todo o fel da amargura de sua indignação, como se Ele houvesse esquecido o nome de Pai para sacrificar-me à sua justa cólera. Não há criatura que possa compreender a grandeza dos tormentos que eu então sofri”.

Tudo isto, se dum lado nos lembra que cada um de nós foi a verdadeira causa das dores de Cristo e da sua crucificação, por outro lado nos proclama também a doce e consoladora verdade de que Ele morreu por todos, e que, como o define S. Paulo, Ele é o mediador entre Deus e os homens. Só de Cristo depende a nossa salvação, o perdão e a santificação. Por isto mesmo, é também a cabeça de todos os eleitos, aos quais salvou por meio do seu sacrifício.

A Cristo Redentor, portanto, se aproximam todas as almas. E assim como — a comparação é de Santa Teresinha — quando se atira uma gota d'água num braseiro ardente, ela desaparece num segundo, assim também, no fogo do divino amor de Cristo, lancemos nossos pecados, certos de que eles serão destruídos. Passaram-se vinte séculos e as gerações humanas continuam voltando-se para o Crucificado, e Ele a todos espera com cabeça inclinada, com os braços abertos, como para nos dar o seu divino abraço, com o lado aberto para nos mostrar o Coração, diz Santa Catarina, “para que o afeto da alma seja levado até as cousas altas e o olhar do entendimento fixe a sua contemplação nesta fogueira”. Com a voz do coração e do sangue, repete Cristo a cada um de nós: “Vós não sois feitos senão de amor”.

O grande espírito de S. Paulo se perdia neste oceano de amor e algumas expressões imortais das suas epístolas nos dão uma prova da sua comoção. Quando diz: “Se alguém não ama a Nosso Senhor Jesus Cristo, seja anátema”; quando se ufana de não se envergonhar do Evangelho e de prègar a Jesus Cristo e Cristo Crucificado; quando proclama que não há salvação senão no Redentor, e por isto a sua vida é Cristo, S. Paulo não faz outra cousa senão levantar o seu grito de amor que vivifica toda a sua doutrina teológica inspirada sôbre a Encarnação e a Redenção.

No Crucificado se fixam os pensamentos e os afetos dos bons. Francisco de Assis receberá em seus membros o sêlo glorioso do martírio divino e todos os Santos levarão os estigmas impressos em sua consciência. As mais sublimes abnegações, os mais generosos heroísmos, os mais desinteressados sacrifícios, encontram no Cristo que pende da Cruz, a inspiração

e a fôrça. Os próprios blasfemos, como aconteceu um dia no Calvário, acabam batendo no peito como o centurião, e confessando: “Verdadeiramente, este é Filho de Deus”. Algum literato de mau gosto poderá por vezes divertir-se em comparar a morte de Cristo com a de Sócrates, ou com a morte de outros homens célebres; mas nunca se conseguirá encontrar alguém, por mais ilustre e famoso, que possa repetir o que Jesus repete há séculos a todas as almas: “**Eu sou a ressurreição e a vida**”.

6. A grandeza divina de Cristo

Há um abismo entre Cristo e qualquer outro homem. Bem o compreendeu o poderoso Imperador que nos primeiros anos do século XIX teve em suas mãos os destinos da Europa. Na solidão do seu desterro — assim o descreve Newman em uma das últimas páginas da sua obra prima — já próximo da morte, parece que se exprimiu da seguinte forma:

“Eu me habituei a conservar vivos na minha memória os exemplos de Alexandre e de César, com a esperança de igualar suas empresas e deixar uma lembrança perene no espírito dos homens. Entretanto, pensando bem, em que sentido se pode afirmar que César vive? Em que sentido vive Alexandre? Quem os conhece? Quem se preocupa com eles? Na melhor hipótese, pouco mais se sabe além de seus nomes... e esses mesmos nomes, outra coisa não fazem senão voar estouvadamente por este mundo lembrados de vez em quando, por qualquer associação de idéias. Sua pátria principal são as salas de aulas,

e seu lugar mais importante está nos livros escolares. São esplêndidos temas para exercícios literários.

“Pelo contrário (teria prosseguido o Imperador), em todo o mundo não há senão um nome que realmente vive. É o nome de alguém que passou a sua vida na obscuridade e morreu da morte de um malfeitor. Desde esse dia, já passaram mil e oitocentos anos; mas ele ocupa ainda um lugar no espírito dos homens.

“As nações de índole mais diferente, sob o império das mais diversas circunstâncias, entre povos cultos como entre inteligências brancas, em todas as classes sociais, domina o Possuidor desse grande nome. Nobres e plebeus, ricos e pobres, todos o reconhecem. Milhões de almas o invocam, confiam na sua palavra e guardam na sua presença o mais profundo respeito. Em sua honra se construíram suntuosos e inumeráveis templos. A sua imagem, que o representa na hora da sua mais profunda humilhação, passa triunfalmente desdobrada aos ventos, pelas orgulhosas cidades, nos pequeninos povoados, ergue-se nas encruzilhadas e nos cumes dos montes. Ele santifica os palácios antigos, os escritórios e as alcovas. Ele constitui o assunto das obras primas dos maiores gênios da arte. Ele é trazido no coração durante a vida. Ele é apresentado aos olhos semi-cerrados do moribundo. Há pois alguém que não é um simples nome, uma simples função, mas uma verdadeira realidade. Morreu e desapareceu, e entretanto está sempre vivo. Vive como um forte pensamento propulsor de gerações que se sucedem, como verdadeira força motriz de milhares de acontecimentos grandiosos. Suavemente, ele obteve o que outros, com uma longa

vida de lutas, não conseguiram. Porventura, poderá Ele ser algo menos do que um Deus?"

Assim falava Napoleão. Também nós nos perguntamos: Quem pode jamais duvidar da divindade de Jesus Cristo?

RECAPITULAÇÃO

1) O dogma nos ensina que no Verbo Encarnado, Jesus Cristo, há duas naturezas — a natureza divina e a natureza humana, e uma só Pessoa: a Pessoa divina. A teologia, com o gênio de Santo Tomaz, comenta este enunciado dogmático, ilustrando a possibilidade da Encarnação e procurando de que forma se pode conceber a unidade da pessoa na dualidade das naturezas.

2) As ações humanas de Jesus Cristo, sendo ações da Pessoa divina, têm um valor infinito; teria sido, pois, suficiente a menor destas ações para nos remir. O Padre, porém, para nos dar outra prova daquele amor que é o motivo da Encarnação, quis que Jesus nos remisse com a paixão e com a morte de cruz. E Jesus assim fez.

3) Jesus tomou sobre si todos os nossos pecados, pon-do-se voluntariamente em nosso lugar, fazendo-se Mediador entre Deus e os homens. Sofrendo tormentos de três espécies diversas, nos alcançou o perdão e elevou nossa natureza à ordem sobrenatural, da qual havia decaído.

Para Ele, Redentor do gênero humano, volvem os séculos o seu olhar de reconhecimento e o saúdam como Rei de Amor e Deus dos corações.

CAPÍTULO X

MARIA

Lê-se na obra *De Musica*, de Santo Agostinho, que todo homem é semelhante às sílabas de um poema, cada uma das quais percebe o seu próprio som, mas não percebe a melodia para cuja formação concorre. É verdade. Cada um de nós, ainda que contribua com uma sílaba, jamais compreenderá toda a beleza do poema de amor que os séculos cantam a Maria.

Nas montanhas da Judéia, “a branca filha de Jessé, toda envolta em resplendores de ouro”, tinha lançado ao futuro esta profecia: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Podia parecer ridícula ou louca semelhante expressão nos lábios de uma obscura donzela.

Nós, entretanto, “destinados ao amor, nascidos na escola das cousas celestiais”, sabemos muito bem que a esta voz “o futuro respondeu obediente”. Das pinturas das catacumbas às agulhas do *Duomo* de Milão, de Dante a Manzoni, das imagens suaves de Giotto e do Angélico aos quadros de Rafael; do *Stabat Mater* de Pergolesi e de Rossini à *Ave Maria* de Gounod, a arte, a música e as letras, saúdam a Maria. O próprio Heine a chama “a mais bela flor da poesia”; Byron se comove à hora do melancólico cre-

púsculo, quando do pinheiral de Ravena ouve os sinos do mosteiro vizinho. Carducci afirma que, “quando ressoa nos ares a humilde saudação, descobrem a cabeça os pequenos mortais e inclinam a fronte Dante e Aroldo” (1). E enquanto a Igreja lembra as vitórias de Lepanto e de Viena, todo crente imita a Cristóvão Colombo. Este, ao empreender a viagem que descobriu a América, batizava a maior de suas caravelas com o nome de Maria e nós lhe consagramos o barco pequenino de nosso coração.

(1) Desta célebre “Ave Maria” de Carducci temos o gosto de transcrever aqui a seguinte tradução, da lavra de D. Aquino Correia, da Academia Brasileira:

Ave, Maria! Quando na aura aflante,
Corre esta humilde voz os horizontes,
Dos vis mortais, como de Aroldo e Dante,
Curvam-se as fronte.

Uma de flautas harmonia linda
Passa entre a terra e os céus que além se coram:
Espíritos talvez dos que são inda,
Dos que já foram?

Um doce esquecimento da oprimente
Vida, um suspirar fundo pela calma,
Um gosto de chorar, suavemente
Invade a alma...

Cala-se a fera, o homem, tudo, e quando,
Róseo, no azul se esfuma além o dia,
Cantam na torre os sinos ondulando:
Ave, Maria!

Para saber quem é Maria, havemos de estudá-la levando em conta a idéia principal, que forma a base desta cartilha do Cristianismo, isto é, sob o aspecto da **união sobrenatural com Deus**. Nenhuma criatura humana esteve mais do que ela unida a Deus, mediante a graça de Jesus Cristo. Na Virgem não se encontram milagres ou manifestações ruidosas. Toda a sua grandeza e seus privilégios, fonte de sua glória, se cifram nesta união.

Ela é a **Imaculada**, e, como todos sabem, a Conceição Imaculada não é outra coisa senão a isenção da culpa original, isto é, o fato de que nunca a alma de Maria esteve privada da graça e da união com Deus. Ela é a **Virgem**, e nos dá a verdadeira e profunda significação da virgindade, isto é, a entrega completa da criatura ao Criador e sua união com Ele. Ela é a **Mãe**, que, mediante a união com Deus na Encarnação, une todos os homens — todos os seus filhos — com o Pai. E se lançamos um olhar à **Corredentora**, não encontraremos outra cousa a não ser a união de Maria com Jesus em seus mistérios: a Assunção é a união perfeita com Deus no céu; o culto da **Virgem** através dos séculos tem por objeto e finalidade a união com Deus e a graça. Enfim, uma só nota divinamente bela ressoa e canta nesta música. E sem as noções do sobrenatural, dadas nos capítulos precedentes, seria impossível tentar compreender, embora de longe, aquela que Santa Gertrudes invocava desta maneira: “**Ó lírio branco da Trindade resplandecente!**”

1. A Imaculada, a Virgem, a Mãe

O dogma cristão nos ensina que Maria é:

1 — **A Imaculada**, a toda bela e sem mancha, cuja veste é cândida como a neve e cuja face é resplandescente como o sol. Muitos que ignoram completamente a religião, confundem o dogma da Imaculada Conceição com o outro da sua Virgindade. Ignoram que, enquanto todos os filhos de Adão nascem com o pecado original, só Maria foi concebida na graça santificante, sem a mancha do pecado original.

Era conveniente, **em relação ao demônio**, que Aquela que lhe havia de esmagar a cabeça jamais tivesse estado um só momento sob o seu domínio, e que sempre houvesse existido uma “inimizade” absoluta e plena entre ele e esta mulher. Era justo, **relativamente a Jesus**, o Redentor, o puríssimo Homem-Deus, que trouxe a graça ao mundo, era justo que sua mãe nunca houvesse sido profanada pelo pecado. Era significativo, **em relação a nós**, que a onda de lama que nos envolve a todos, respeitasse a Maria, nossa Mãe, resplandescente em sua ilibada pureza, como um programa, um exemplo, um aviso.

Vou roubar um formoso pensamento do Cardeal Maffi.

“As descrições do eclipse ocorrido nas planícies lombardas no ano de 1842 notam que nenhuma criatura, desde a ervazinha tenra até o homem, pôde se subtrair à impressão do terror provocado por aquela densa e imprevisita escuridão. Que acontecia? Em Milão reinava uma noite profunda, mas quem lançava um olhar para o horizonte dos Alpes, contemplava o

cume do Monte Rosa dourado pelos raios do sol. Noite nas planícies e luz nas alturas. Quanto nos falam de Maria estas alturas! Enquanto se agita e define a terra, Maria está em segurança. Enquanto cai a noite nos vales, o sol ilumina os montes, e sobre aqueles píncaros prediletos do Senhor, o sol da graça jamais se obscureceu”.

2 — **A Virgem**, “bela, vestida de sol, coroada de estrêlas”, como canta Petrarca.

Por que somente uma Virgem devia dar ao mundo Jesus? A razão é clara. A virgindade não é só um fato material, mas possui uma significação moral de valor muito elevado. **Ser virgem quer dizer não ter uma única fibra do próprio coração que não vibre só e exclusivamente para Deus.** Porventura é concebível que a Mãe de Deus não tenha sido sempre virgem?

Ao resplendor da luz que se difunde da Virgem Maria, saudamos o crescimento e a multiplicação dos lírios do mundo. O paganismo havia caído nos vícios mais baixos. Cristo, como afirmação mais eloquente da união do homem com Deus, suscita almas virginais, como escreve S. Jerônimo na **Carta a Eustóquio**, para que, sendo adorado pelos Anjos no céu, possa ter outros anjos que o adorem na terra.

Bem depressa se difundiu pelo mundo a virgindade. A pena e a voz dos Santos Padres lhe exaltaram a beleza. A virgindade arranca da pena de Santo Ambrósio uma página imortal ao descrever uma noite de Natal, em que sua irmã Marcelina se consagrava a Deus na basílica de Santa Maria Maior, na presença do Papa Libério.

Ainda hoje, depois de tantos séculos, a mesma cena se renova, e a “mesma mão — escreve Monta-

lembert, ao encerrar o último volume dos seus “**Monjes do Ocidente**” e ao se recordar de uma das suas filhas que se fêz religiosa — ainda hoje vem roubar de nossos lares e arrancar de nossos corações desolados, as nossas filhas e as nossas irmãs. Cada dia, milhares de caríssimas criaturas saem dos castelos e dos casebres, dos palácios e das vivendas humildes para consagrarem a Deus o coração, a alma, o corpo virginal, os afetos e a vida. Cada dia, donzelas de nobre estirpe, de coração generoso, e outras de coração mil vezes maior que a sua fortuna, se entregam, na manhã da vida, a um Espôso imortal. Nós mesmos que comentamos este espectáculo diário, o vimos e o sentimos. O que tínhamos visto apenas nas evocações da história e contemplado nos livros, um dia aconteceu diante de nossos olhos, que derramaram lágrimas de paternal angústia. Quem é pois este invencível amante, morto há tantos séculos num patíbulo e que continua atraíndo para si a juventude, a beleza, o amor? Que se mostra às almas com um esplendor e uma atração à qual não podem resistir, e as assalta de improviso e as faz sua conquista? Que leva, palpitante ainda, a carne de nossa carne e se sacia com nosso sangue mais puro? Quem é esse? É um homem? Não, é um Deus. É o amor dessas almas é a resposta que elas dão ao amor de um Deus que foi crucificado por amor delas”, que um dia quis um virgem por Pai adotivo, um virgem para apóstolo predileto, os puros de coração para seus mais íntimos amigos, e uma Virgem para sua Mãe.

3 — **A Mãe**, “a bem-aventurada e doce Mãe, — usando as palavras de S. Catarina de Sena, em suas **Cartas** — que nos deu a flor do doce Jesus”.

Não é possível sequer imaginar uma criatura **mais** unida a Deus do que a Mulher que foi o “**paraíso da Encarnação**” e que, na exaltação de um amor reconhecido, entoou o **Magnificat**. O Espírito Santo desceu sobre ela e a transformou em templo do Deus vivo, dando a natureza humana a quem é Filho eterno de Deus e seu filho verdadeiro.

Havia-se preparado para Deus; viveu, orou, trabalhou e sofreu por Deus; sua existência foi associada a todos os mistérios da Redenção e da graça, às alegrias, às aflições e às vitórias de Jesus. E assim como pela graça Jesus é nosso irmão, e como veremos, constituímos um só corpo místico com Ele, assim também a Mãe de Jesus é nossa Mãe, conforme a expressão do Divino Agonizante do alto da Cruz. Justamente — como observava a própria Virgem Santíssima a Santa Gertrudes — o Evangelho denomina a Jesus o **primogênito de Maria** e não o filho único, pois que, depois de Jesus, seu dulcíssimo Filho, ou, para falar com mais exatidão, nEle e por Ele, Ela a todos nos gerou nas entranhas da sua caridade e nos tornámos seus filhos e irmãos de Jesus Cristo.

É evidente que toda esta grandeza de Maria depende de Jesus Cristo e das graças que, **pela previsão** dos méritos do Redentor e, depois da Paixão, **pela aplicação** dos mesmos, foram concedidas à Virgem Santíssima.

Destarte, honrar a Maria eqüivale, em última análise, a honrar a Jesus. Se isto se pode repetir em relação a todos os Santos e constitui até a razão de ser do culto que lhes tributamos, deve-se afirmar, de modo especial, da “Virgem Mãe, filha de seu Filho, humilde e elevada mais do que qualquer criatura, termo fixo do eterno desígnio”. E é sempre da sua íntima

união sobrenatural com Cristo que provém a eficácia daquela intercessão materna perante Deus, que arrancou à alma de Dante estes versos:

Donna, se' tanto grande e tanto vali,
che qual vuol grazia ed a te non ricorre,
sua disianza vuol volar senz'ali.

La tua benignità non pur soccorre
a chi domanda, ma molte fiato
liberamente al domandar precorre.

In te misericordia, in te pietate,
in te magnificenza, in te s'aduna
quantunque in creatura é di bontate.

Isto é:

Senhora, tão grande és, e tão potente
que mercês implorar sem teu auxílio
equivale a querer voar sem asas.

Tua benignidade não sufraga
Sòmente a orações; mas com freqüência
Com generosos dons as antecipa.

Em ti misericórdia, em ti piedade,
Em ti munificência, se coadunam,
E quanto tem mais nobre a criatura. (1)

Pois que participa em grau maior da graça divina, Maria tem também grande parte no amor, na piedade e no poder de seu divino Filho.

(1) "A Divina Comédia fielmente vertida do texto pelo Barão da Vila da Barra (obra póstuma) — Rio de Janeiro, 1888".

2. A devoção a Maria e o sobrenatural

A verdadeira devoção a Maria— já agora a conclusão surge espontânea — não deve limitar-se a um frêmito de ternura ou a uma admiração de um estetismo poético, mas é mister que seja sobrenatural. Maria é grande pela graça; e se prescindirmos da sua particular divinização, não é possível nem sequer invocá-la convenientemente com nossa oração.

Por exemplo, mil vezes rezamos a **Ave-Maria**, e talvez nunca pensámos na significação profunda da saudação de Gabriel: “Ave, ó cheia de graça, o Senhor é convosco”. Graça e união com Deus, eis aí a Virgem; por isto é bem dita entre as mulheres”; por isto lhe suplicamos: “rogai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte”. Quem sabe quantos dos meus leitores já não rezaram um número imenso de Ave-Marias durante a vida e só agora percebem que na Ave-Maria nós pedimos uma morte na graça de Deus!

Mais. Uma das orações mais caras à alma cristã, é o **Angelus**, que rezamos quando nasce e quando morre o dia e quando o sol está no meio da sua carreira. Pois bem, no **Angelus**, para honrar a Virgem, dirigimos o pensamento ao centro da história, ao Verbo Encarnado, que habitou entre nós quando Maria, ao anúncio do Anjo, respondeu o seu fiat. E oramos para obter a graça: “**Gratiam tuam quaesumus, Domine, mentibus nostris infunde... Nós vos suplicamos, ó Senhor, que infundais em nossos corações a vossa graça**”.

E quando no **Rosário** entretecemos uma coroa de rosas, e meditando os mistérios lhe recitamos, tão

repetidas vezes, a saüdação do coração, que é que fazemos, senão considerar Maria unida a Jesus, aspirando ao mesmo tempo a obter nossa união sobrenatural com Deus?

Conta-se na vida de um frade muito devoto da Virgem — o B. Josio de Saint-Bertrin, que viveu em Saint Omer no século XII — que uma noite foi encontrado morto na cela. Cinco rosas brancas cobriam seu rosto sorridente e em cada uma estava escrito: Maria!

Estas rosas florescem nos lábios, mas têm as raízes no coração divinizado pela graça.

RECAPITULAÇÃO

1) A criatura que atingiu a mais íntima e mais elevada **união sobrenatural** com Deus, é Maria, a cheia de **graça**. Ela é, com efeito, entre outras cousas:

a) A **Imaculada**, isto é, foi concebida sem pecado original e teve sempre, por especial privilégio, a **graça** em seu coração.

b) A **Virgem**, que foi sempre toda e só de Deus.

c) A **Mãe** do próprio Autor da graça, Cristo Jesus.

2) Portanto, nossa devoção a Maria deve ser sobrenatural. Se quiséssemos prescindir da graça, não compreenderíamos a verdadeira grandeza de Maria, nem saberíamos invocá-la convenientemente.

CAPITULO XI

A IGREJA

Não é possível separar Jesus Cristo da sua Igreja. A “Mãe dos Santos”, a “imagem da cidade excelsa”, “o campo dos que esperam”, a Igreja do Deus vivo, que durante tantos séculos sofre, luta e reza e levanta as suas tendas em toda parte, é e continua sendo a obra prima do Divino Artista. Jesus, escreve S. Paulo, amou a sua Igreja e deu-se a si mesmo para santificá-la.

Que é a Igreja? Como devemos entendê-la em sua natureza, em sua vida, em sua atividade, em sua história do cenáculo às Catacumbas, dos primeiros triunfos até às vitórias sempre renovadas?

Repitamos mais uma vez: é impossível tratar semelhantes problemas com suas questões anexas, se não se parte da idéia fundamental da ordem sobrenatural, da graça que nos mereceu Jesus Cristo e da qual participamos mediante a Igreja, que Ele instituiu para este fim.

1. A Igreja é um organismo cuja cabeça é Cristo.

S. Paulo, depois de ter tomado, na Epístola aos Colossenses, a Pessoa de Cristo como argumento prin-

cipal, discorre na outra — na Epístola aos de Éffeso — sobre a Igreja como prolongamento de Cristo no tempo e no espaço.

Para S. Paulo, a Igreja é um **organismo** e é necessário compreender bem este conceito, ilustrado com a palavra inspirada do Apóstolo, para penetrar cada vez mais a fundo, não só no pensamento do Criador e da Igreja, mas também na sublime unidade da doutrina e da vida cristã.

Segundo S. Paulo, portanto, devemos distinguir o **Cristo natural**, o Verbo Encarnado, o sacerdote e a vítima do Calvário, aquele que nos resgatou sofrendo e morrendo por nós, e o **Cristo místico**, isto é, a Igreja, que está unida ao Cristo natural, como os membros à cabeça. **Cristo é a “cabeça suprema da Igreja, que é o seu corpo”**; todos os fiéis que, em virtude do batismo, fazem parte da Igreja, são **os membros** deste organismo divino. E como no organismo se observa **variedade** de órgãos, diversidade de colocação, de estrutura e de funções, e ao mesmo tempo há uma unidade pelo princípio comum da vida e do movimento, assim na Igreja temos esta unidade junto com a multiplicidade variada dos seus membros. “Longe de prejudicar à unidade, comenta Prat em seu formoso trabalho **“La théologie de S. Paul”**, a diversidade a embeleza e a completa. O corpo, observa S. Paulo, não é um só membro, mas muitos membros. Se fôsse todo um só membro, onde estaria o organismo? Diversidade de órgãos e identidade de vida: tal é a fórmula do corpo humano, e tal também a fórmula do corpo místico.”

Por isto, todos os fiéis de Cristo, desde a Igreja triunfante (os bem-aventurados do Paraíso), até a

Igreja padecente (as almas do Purgatório) e a Igreja militante (os crentes desta terra), são uma só cousa em Cristo Jesus e constituem com ela a unidade do corpo místico.

Abramos um parêntesis. Este ensinamento mil vezes e em mil formas repetido na Escritura, como, por exemplo, quando Jesus recorre à alegoria da vinha, comparando-se a si mesmo à vide e nós aos ramos, — implica a consequência de que, se queremos deveras viver sobrenaturalmente, havemos de estar unidos à Igreja.

Quem está separado da Igreja, está separado de Jesus Cristo, é um membro amputado do organismo e que se decompõe, é um ramo sêco que se converte em lenha para o fogo. **Fora da Igreja não há salvação**, não há participação da vida sobrenatural de Cristo. As heresias e os cismas cortam uma parte deste organismo, e por isso levam à ruína.

Verdadeiramente, na teologia distinguimos o corpo e a alma da Igreja: o corpo é o organismo externo e visível; a alma é a vida, é a graça que palpita interiormente. E nada impede que uma pessoa de boa fé pertença à alma sem pertencer ao corpo da Igreja.

Isto, porém, constitue uma exceção e não suprime, mas confirma a vontade de Cristo, que nos obriga a viver no organismo, cuja cabeça é Ele. A união com Deus, a graça, Jesus Cristo, a Igreja, não são pontos separados, de maneira que se possa escolher um deles, deixando outro, mas todos têm tal conexão entre si, que um explica o outro.

2. A alma da Igreja é o Espírito Santo

Todo corpo vivo deve ter não só uma cabeça, como também uma alma vivificadora. Pois bem: se no organismo da Igreja, a cabeça é a pessoa adorável de Jesus Cristo, a alma é o Espírito Santo.

“O Espírito Santo, — diz Prat resumindo o pensamento de S. Paulo com as mesmas palavras da Epístola aos Efésios — não só habita na Igreja e em cada um dos justos, como em seu próprio templo, mas está aí como um princípio de coesão, de movimento e de vida.”

“Ele não opera em nós como se estivesse fora de nós, mas se une tão intimamente à nossa atividade interior, que nossa ação é sua e a sua é nossa, e, desta maneira, vivemos por meio dele e somos movimentados por Ele. Efetivamente é Ele que, fazendo subir do nosso coração aos nossos lábios o nome de Pai, atesta que nós somos filhos de Deus. Assim como a forma substancial especifica o ser, assim a presença do Espírito vivificador em nós nos confere a dignidade sobrenatural, a nossa filiação adotiva. Já que o Espírito Santo é o Espírito de Deus, por meio dele nos conformamos à imagem do Filho de Deus, porque aquele que adere ao Senhor tem com Ele um mesmo Espírito, porquanto se acha envolvido na mesma atmosfera de vida divina. Por isto S. Paulo, sempre que fala de nossa transformação sobrenatural, tem o cuidado de fazer intervir o Espírito Santo...

“O batismo e a confirmação nos incorporam ao Cristo místico, mediante um influxo do Espírito Santo, que nos põe em comunicação vital com a cabeça e em

relação orgânica entre nós, dupla relação que S. Paulo, numa expressão muito acertada, chama de **comunhão do Espírito**".

3. Os membros da Igreja

Antes de explanarmos este último conceito da **comunhão dos santos**, permita-se-nos uma observação.

Assim como um membro pode participar da vida de um organismo de um modo perfeito, ou pode estar atacado de paralisia, ou pode até ser amputado do mesmo organismo; como um ramo pode estar vivo ou sêco, e pode também ser cortado da planta; assim, no que se refere à nossa participação na Igreja, podemos considerar estes diversos casos:

a) Há os **membros vivos** da Igreja, unidos a ela mediante o batismo, a fé e o vínculo da graça e da caridade. São membros nos quais circula plenamente a vida divina.

b) Há os **membros mortos**, unidos à Igreja pelo batismo recebido um dia, e pela fé, mas privados da graça, que é a vida da alma. Recebem algum benéfico influxo, mas não podem participar da vida interior da Igreja — como os ramos secos não participam da vida da planta, ainda que para eles seja um bem estarem unidos materialmente à mesma, enquanto podem reviver e receber dela alguma influência.

c) Há os **membros não somente mortos, mas também separados da Igreja**, e que, por conseguinte, não participam de nenhuma riqueza espiritual do divino organismo fundado por Cristo.

Sòmente a primeira classe de membros — os membros vivos, que não têm pecados graves, isto é, que possuem a graça — são vivificados pelo Espírito Santo, alma da Igreja, e gozam da Comunhão dos Santos.

4. A Comunhão dos Santos

O dogma da Comunhão dos Santos é consequência do conceito da Igreja, que já explanamos com S. Paulo.

Se a Igreja é um organismo, segue-se que seus membros experimentam um mútuo influxo, de modo que o bem feito por um, redundando não só em proveito próprio, como também do organismo inteiro, ou melhor, de todos os membros vivos. Quem pertence à Igreja goza desta comunhão ou participação dos bens espirituais que nela existem e florescem.

Os méritos infinitos de Jesus Cristo, os méritos preciosos da Virgem e dos Santos, todas as boas obras feitas pelos verdadeiros fiéis, Sacramentos recebidos, orações rezadas, mortificações, atos de virtude, esmolas, sacrifícios, etc., transformam-se em vantagem comum a todos os membros que estão em graça, isto é, que vivem a vida sobrenatural. Desta maneira — diz S. Paulo — “crescemos em tudo, nAquele que é a cabeça, o Cristo; por meio dEle todo corpo bem ordenado e estreitamente ligado cresce e se desenvolve na caridade, com auxílio mútuo dos membros que operam cada um segundo a sua própria medida”.

Maravilhosa sociedade esta que não trata os homens como átomos separados, e agitados pelo vento, mas os reúne todos como irmãos em uma só família,

em um só organismo, “cuja cabeça é Cristo”, o Qual nos une ao Pai, mediante a graça e o sôpro vivificante do Espírito Santo. Daí a necessidade de, para explicar a Igreja, ter algum conhecimento da Trindade, e considerar a Igreja em relação à ordem sobrenatural, à nossa filiação adotiva, à nossa redenção, à nossa união com o Filho de Deus.

5. As notas da Igreja

Não podem agora constituir um enigma as notas que o catecismo indica como sendo características e essenciais da verdadeira Igreja de Cristo.

a) A verdadeira Igreja deve ser uma, porque, havendo um só Deus, uma só Fé, e um só Batismo, não pode haver senão uma Igreja. Além desta unidade de doutrina deve ter a unidade de regime, porque Jesus Cristo quis que a Igreja por Ele fundada estivesse reunida sob o govêrno de um só chefe.

Quem se rebela contra os legítimos Pastores, representantes de Cristo, se rebela contra Cristo e se separa da Igreja. Nem se há de estranhar se as seitas protestantes se multiplicam de maneira alarmanente, se dividem e subdividem ao infinito, pois que também um membro amputado do organismo se decompõe fatalmente.

b) A Igreja deve ser santa, sem mancha e imaculada. Santa é a cabeça, Jesus Cristo; santo é o Espírito que é a sua alma; santa é a doutrina; seus Sacramentos difundem a santidade; os membros da Igreja, quando são membros vivos e possuem a graça, são e se chamam “santos” na Escritura. Porventura é possível conceber as cousas doutra forma, se levarmos em conta que toda a obra sobrenatural tem

por fim a nossa santificação pelos méritos de Jesus Cristo e com a graça do Espírito Santo? '

c) A Igreja é **católica**, isto é, universal, não no sentido absoluto (pois que o próprio Cristo predisse as perseguições contra a mesma), mas no sentido relativo. Cristo, o dominador do mundo, tem seu corpo místico que, de fato, reúne em si membros espalhados por todos os lugares da terra, e, **de direito**, deve reunir a humanidade inteira.

d) Finalmente, a Igreja é **apostólica**, enquanto, desde os Apóstolos (que, por sua vez, desde a pedra angular do Fundador divino foram seu primeiro fundamento), até hoje e para sempre, numa sucessão ininterrupta, Cristo vive nela e a governa e a dirige.

Nada de separação entre a terra e o Céu, entre os homens e Deus; nada de trincheiras entre os homens, como se tivessem de viver num individualismo egoísta; nada de divisões no espaço e no tempo; mas ao contrário o triunfo da unidade e do amor, conforme a oração de Jesus: "Ut sint unum. que todos sejam uma coisa só como Nós, ó Pai, somos um".

É necessário partir deste ponto central para elucidar as diversas doutrinas. A **Tradição** não pode ser desprezada, pois nada mais é que uma conseqüência deste conceito da Igreja que se perpetua nos séculos. A derrota dos inimigos da Igreja, o "**portae inferi non praevalerunt**", a **indefectibilidade**, resplandecem com luz meridiana; quem poderá vencer a Cristo vivo na sua Igreja? O poder de **magistério**, de **ministério**, de **regime** da Igreja, são conseqüências diretas dos princípios já estabelecidos. E por isto também a Igreja é **infallível**, porque de outra maneira deveríamos dizer que sua cabeça, Jesus Cristo, pode errar. E — para chegar a uma questão prática — as

maravilhas do apostolado cristão mediante, por exemplo, o heroísmo de nossos missionários, aparecem em sua verdadeira fisionomia. Sobretudo, da simples e elementar exposição que estamos fazendo do catecismo, não pode deixar de provir um efeito prático: o amor a **Jesus Cristo mediante o amor à Igreja**. Não se pode amar a cabeça se se desprezam e se ferem os seus membros. É precisamente o amor a Cristo o que infunde força, entusiasmo e generosidade em todos os que trabalham pela Igreja, que se sacrificam, por exemplo, pela **Ação Católica**, e oram e lutam pelas suas vitórias.

É de todos conhecido o esforço generoso que, de tempos para cá, se vem fazendo para poder preparar — ainda que inicialmente — a união das Igrejas separadas com a mãe comum.

O movimento iniciado para tal fim cresce de dia para dia.

No seu leito de morte, o Cardeal Mercier ofereceu o seu anel de ouro a Lord Halifax, como símbolo e penhor de uma unidade futura.

Em todas as partes do mundo se elevam orações e se fazem sacrifícios para apressar o cumprimento do que disse o divino Mestre: “Tenho outras ovelhas que não são deste redil; também a essas devo eu guiar, e elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”.

RECAPITULAÇÃO

1) A Igreja, fundada por Jesus Cristo, é um **organismo** no qual se há de distinguir:

- a) a **cabeça**, que é o próprio Cristo;
- b) a **alma**, que é o Espírito Santo;

c) os **membros**, que são os cristãos.

Estes membros podem ser:

a) **membros vivos**;

b) **membros mortos**;

c) **membros separados**.

2) O conceito da Igreja como organismo nos explica:

a) o dogma da Comunhão dos Santos;

b) as notas da Igreja (unidade, santidade, catolicidade, apostolicidade);

c) a verdade de que fora ,da Igreja não há salvação. Não podemos estar sobrenaturalmente unidos a Deus, se não mediante a união com Jesus Cristo e com a Igreja. Os filhos adotivos, que constituem um só organismo com o **Filho** natural de Deus, sua Cabeça, estão unidos ao **Pai** pela graça vivificante do Espírito Santo.

CAPÍTULO XII

A IGREJA E A NOSSA UNIÃO SOBRENATURAL COM DEUS

Depois de termos descrito, a largos traços, este divino organismo da Igreja, devemos procurar conhecer algumas das suas palpitações, algum aspecto da sua atividade sobrenatural, alguma função e algum movimento que nos dê uma pálida idéia da sua admirável vitalidade. Poderemos assim compreender sempre melhor de que maneira a Igreja, na qual estamos unidos sobrenaturalmente a Jesus, nos une a Deus.

1.º — Este divino organismo cuja cabeça é Cristo, cuja alma é o Espírito Santo, e do qual somos os membros, eleva a sua voz ao Pai, tem a sua oração, que se chama a **liturgia**. Convém pois que, antes de mais nada, procuremos conhecer com exatidão seu valor e significado.

2.º — Unidos neste corpo místico, vivemos e nos desenvolvemos sobrenaturalmente, participando da vida de Cristo e da sua graça. Ela nos é comunicada por muitos meios e nós continuamente haurimos da sua plenitude. Mas o meio principal ordinário e seguro de tal participação da graça, são os **Sacramentos**. Quem os rejeita, espezinha a vontade de Cristo e não participa da vida sobrenatural. As diversas teorias

que exaltam o culto individual e privado, olvidam o fato de que, até na ordem natural, deveriam os homens prestar homenagem a Deus também com atos exteriores, como indivíduos e como sociedade, porque dependem só de Deus, não só quanto à alma, mas também quanto ao corpo, e não só individualmente, mas como coletividade. E se esquecem também de que toda atividade nossa, embora interna, nobre e elevada, não pode, de per si, elevar-se acima da natureza. Perguntamos então: que são os Sacramentos?

3.º — O maior dos Sacramentos é, sem dúvida, a Eucaristia, o sol da vida cristã. Os outros Sacramentos nos dão a graça; a Eucaristia nos dá o próprio autor da graça, Cristo Jesus. A este respeito convém dizer uma palavra, tanto mais que, se todos os Sacramentos produzem a nossa união sobrenatural com Deus, na Eucaristia é o próprio Filho de Deus quem, mediante o **Sacrifício**, une a sua Igreja ao Pai e, mediante a **Comunhão**, se une a nós, para divinizar nossas almas, para nutri-las com sua Carne imaculada, para fortificá-las com o seu Sangue divino.

4.º — Finalmente, na Igreja estão os que Jesus escolheu como instrumentos ativos de nossa divinização e que, justamente para alcançarem tal fim sobrenatural, têm o poder e o dever de nos instruir, dirigir e ministrar-nos os Sacramentos. É a **Hierarquia** sagrada, que devemos estudar, é a santa falange do Vigário de Cristo, dos Bispos e dos Sacerdotes.

Ao contemplar toda esta vida da Igreja, não esqueçamos nunca o nosso fio condutor: a união sobrenatural do homem com Deus, que constitue o programa e explica toda e qualquer função e atividade desse grande organismo.

I. A LITURGIA

Avulta e se propaga em nossos dias um vigoroso e consolador movimento litúrgico. Convém portanto conhecer a verdadeira natureza da liturgia para dissipar certas idéias sedutoras, que podem deslumbrar com seu falso brilho, mas que desconhecem e deturpam o valor e a significação da vida litúrgica da Igreja.

1. O que não é a liturgia

Três erros principais correm em nossos dias sobre a liturgia e são difundidos até em obras literárias e em romances famosos.

a) Alguns confundem a liturgia com o **prazer estético** e com o senso artístico que comove alguns espíritos cultos e excita raras e delicadas emoções perante os ritos da Igreja.

Triste verdade!

Infelizmente muitos penetram no templo com grande erudição científica, com o mais refinado gosto pelo simbolismo — com as portas da alma abertas ao sôpro da beleza, à fascinação da arte, ao perfume do incenso — sem penetrarem na fonte da vida litúrgica. Não se atinge o sobrenatural com a superficialidade, ainda mesmo que, como no nosso caso, seja uma superficialidade dourada.

b) Há até alguns bons católicos que confundem a liturgia com o conjunto das **cerimônias** que se desenvolvem durante a ação litúrgica. Certamente, o cerimonial é necessário, como são indispensáveis a um

orador as regras da gramática; mas, que se diria — pergunta um ilustre beneditino, o Pe. Beaudin — de um crítico literário que não procurasse nos discursos de Bossuet senão a aplicação das regras gramaticais?

c) Mais: a ordem histórica dos ritos, a significação dogmática e simbólica das ações litúrgicas, contribuem muito para tornar compreensível e fecunda a participação nos sagrados mistérios e nas cerimônias; mas tudo isto é apenas a casca, é a parte exterior; não é a alma da liturgia.

2. Que é a liturgia

Para entender esta alma da liturgia, se há de partir do princípio de que o cristão não é uma coisa isolada, um indivíduo separado do mundo sobrenatural, mas é um membro da Igreja, isto é, do corpo místico de Jesus Cristo. Unido, por meio da graça, à Igreja e a Cristo, sua cabeça, o cristão deve ter consciência de tal união, se quiser viver na plenitude da vida divina que palpita neste organismo.

Este organismo, isto é, a Igreja, “com a sua vida íntima, o seu pensamento, suas aspirações, tradições e toda a sua alma, se transfundiram em sua linguagem, que é a oração”, e precisamente na oração litúrgica.

Observe-se: há uma forma de oração, a oração individual, que cada um faz quando se recolhe dentro de si mesmo, pensando em Deus e meditando; longe de ser supérflua, é a condição indispensável para chegar à outra oração da liturgia, que é oração coletiva, oficial, revestida necessariamente de um elemento exterior, feita por pessoas autorizadas, isto é, pela hierarquia estabelecida por Cristo,

Eis aí o que é a oração litúrgica: por ela o homem já não fica entregue às suas forças naturais para glorificar a Deus, nem abandonado a si mesmo, ainda quando tenha a graça sobrenatural em seu coração; já não é “uma gota d’água tomada isoladamente”; mas está unido a Jesus Cristo e a toda Igreja e participa da força e da imensidade deste oceano. Por isto — como escreve D. Chautard — “sua oração se diviniza e atinge todos os séculos, desde a criação dos Anjos e sua primeira adoração, até nossos dias. Vai desde Adão e seus afetuosos colóquios no Paraíso terrestre com o seu Criador, às oblações de Abel, de Melquisedeque, de Abraão; da Páscoa israelita, das orações reparadoras de Davi, e de todos os Santos da antiga Lei, até o Calvário, centro da liturgia — e até a Eucaristia, seu vivo memorial.

“Esta oração abrange todas as gerações de almas santas, que a Igreja criou desde o dia de Pentecostes; e até... se identifica com o Verbo, mediante esse divino louvor que brota incessantemente da fornalha de Amor infinito, que é a Santíssima Trindade”.

Assim oravam os primeiros cristãos. Quando de noite se reuniam para assistir ao Sacrifício e receber a Comunhão, sentiam-se verdadeiros irmãos em Cristo, isto é, unidos no organismo da Igreja juntamente com Ele. E com Cristo e com a Igreja ofereciam ao Pai a Hóstia e o Cálice.

3. A liturgia e o dogma

Eis porque toda a liturgia da Missa, que floresceu nos primeiros tempos e se conservou substancialmente idêntica até nossos dias, é um hino à Trindade, por-

quanto que outra cousa devem fazer os filhos adotivos de Deus, unidos a Cristo, seu filho natural, sinão louvar o Pai em união com o Espírito Santo? Então não era só o Pontífice, o representante da hierarquia, que orava; mas vibravam em côro uníssonos com ele todas as almas dos que assistiam. E é por isso que as orações litúrgicas empregam sempre o plural em suas expressões; isto é, não dizem: “**Eu** te ofereço, ó Senhor”, mas “**Nós** te oferecemos”. Assim como o pão que comemos resulta de muitos grãos de trigo unidos entre si para formarem uma só substância, e assim como o vinho é feito de muitos bagos de uva espremidos para produzirem uma só bebida, assim os fiéis — advertia S. Agostinho — sentem-se unidos entre si e com Cristo, e com Cristo oram e se imolam. Em uma palavra, “a piedade do povo cristão, e portanto suas ações e sua vida, repousavam sobre as verdades fundamentais que constituem a alma da liturgia: a oferta de todas as cousas para a glória do Pai, do Filho, e do Espírito Santo; a meditação necessária e universal de Cristo; o lugar central do Santo Sacrifício eucarístico na vida cristã; a missão da hierarquia em nossa união com Deus; a realização visível da Comunhão dos Santos”. Todos estes dogmas — lamenta o Pe. Beaudin — estão hoje como adormecidos no fundo das almas; o povo cristão já não os conhece, e por conseguinte, a piedade litúrgica se reduziu a uma participação mecânica, passiva, e muitas vezes morta e distraída, às vezes totalmente absorta na leitura de algum livro, enquanto se assiste à Missa e às funções sagradas.

Fazemos votos para que o movimento litúrgico, tão rico em promessas nos tempos presentes, prossiga em sua obra de um tão promissor despertar; e, sem ex-

cessos de perigosos exageros, comece a acordar os que dormem, fazendo ecoar o toque de alvorada de uma sólida cultura catequística. Será o melhor meio para atualizar as esperanças de um Santo Pontífice, Pio X, que, falando da liturgia, dela esperava o reflorescimento do verdadeiro espírito cristão.

II. OS SACRAMENTOS

Comentando a passagem do Evangelho de S. João, onde se menciona o soldado romano que com uma lança atravessou o lado de Cristo morto na Cruz, o pensador de Hipona imagina subir a um monte elevado, em busca de uma fonte fresca e pura. E sobre o monte Calvário, da fonte do Coração de Cristo, brota a água santificadora “sem a qual não se pode chegar à vida”. São os Sacramentos que nos conferem a graça, aplicando-nos os frutos da Paixão: “quem bebe desta água já não terá sede”, mas terá a vida eterna.

Em toda esta obra, fizemos soar uma única nota: a nossa divinização. Os Sacramentos são o meio pelo qual podemos e devemos obter (se não a temos ou se a perdemos) e aumentar (se já a possuímos) a graça que diviniza nossa alma.

1. Número dos Sacramentos

Muitos, ao discorrerem sobre os Sacramentos, insistem de preferência sobre o fato de serem sete. Isto não é absolutamente inútil, como não é inútil contar as palavras de um telegrama. Mas, assim como num

telegrama de sete palavras, é necessário chegar ao **único** pensamento que estas palavras exprimem, assim também é mister ter presente que todos os Sacramentos significam e produzem nossa divinização mediante a **graça**.

O Batismo nos faz **nascer** para a vida da graça, nos torna filhos de Deus e herdeiros do céu, nos incorpora à Igreja.

A Confirmação **fortifica** em nós a vida sobrenatural e nos arma soldados de Cristo. E como se nasce e se chega à virilidade uma só vez, por isto estes dois Sacramentos, como também a Ordem, não se repetem.

A Eucaristia **nutre** nossa alma, é nosso alimento, e com ela Jesus Cristo nos sustenta e nos transforma nEle, divinizando-nos cada vez mais.

A Penitência **remedeia** a perda da graça ou seu empobrecimento, purificando-nos do pecado.

A Extrema-Unção com a graça nos **prepara** na passagem para a eternidade e nos **conforta** nas angústias e nas lutas da enfermidade, alcançando-nos a saúde, pois é um remédio sobrenatural nas horas mais graves da vida.

Estes são os Sacramentos que se referem ao **indivíduo** e que aumentam a vida divina em cada um de nós. Como porém o homem é também membro de uma sociedade, Jesus Cristo instituiu o Sacramento do Matrimônio para santificar e elevar sobrenaturalmente a família, e o Sacramento da Ordem para prover ao bem espiritual comum e à administração da graça.

Não nos detenhamos em expor como três Sacramentos — o Batismo, a Confirmação e a Ordem — imprimem na alma o **caráter indelével** de filhos, de soldados e de ministros de Deus; nem de que modo os sete Sacramentos instituídos por Jesus Cristo se

dividem em Sacramentos dos vivos e Sacramentos dos mortos, segundo tenham por fim infundir em nós a primeira graça ou aumentá-la.

Não é este o objeto da presente obra. Desejamos, de preferência, mostrar o nexó entre o sobrenatural e os Sacramentos, nexó tão essencial que, se alguém quisesse prescindir da ordem sobrenatural, deformaria ou não compreenderia a própria noção de Sacramento.

2. Definição de Sacramento

Um artista célebre como Palestrina, Mozart, Wagner, Verdi, sente em sua alma uma esplêndida melodia que o arrebatava e encanta. Toma uma folha de papel e a enche de sinais, de claves, de notas. Estas notas exprimem a música que vibra em seu coração. Se um camponês analfabeto, que não conhece outra harmonia além do latido de seus cães e do relincho de seus cavalos, toma em suas mãos o precioso papel, nada entende; vira e torna a virar o papel, olha aqueles sinais cabalísticos e acaba lançando-o fora.

Vós, ao contrário, parais reverentes e comovidos. Essas notas escritas vos exprimem um canto inefável, que arrebatava a vossa alma. Mediante esses sinais, o artista vos comunica sua vida íntima, sua alegria intensa, a beleza embriagadora de sua genial criação.

Eis aí o que são os Sacramentos. Neles encontramos matéria, como a água no Batismo, o crisma na Confirmação. Há também palavras, isto é, a forma. “**Eu te batizo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo**”, e assim por diante. Tudo isto não passa de um sinal.

Se nunca soubestes o que é o sobrenatural, se nunca aprendestes o que é a graça, se a divina melodia do divino Artista — Jesus Cristo — é por vós desprezada, esses sinais vos parecerão cabalísticos, misteriosos, e quasi diria, charlatanescos. Ai! Talvez vos iludís, imaginando que raciocinais como homem superior, quando pensais: “Que adianta ungir com óleo a fronte de um moribundo?” E no entanto, procederíeis neste caso como aquele camponês analfabeto de que já falámos. A vossa ignorância é incapaz de perceber a música do sobrenatural. Era conveniente que a nossa divinização, que a comunicação da vida íntima de Jesus Cristo nos fôsse manifestada com algo tangível e exterior. Na mesma ordem natural, passamos do **material** ao **espiritual**, e quando vemos uma bandeira não vemos somente um pedaço de pano, mas — ainda mesmo sem ter lido o **Sartor Resartus** de Carlyle — pensamos na pátria que essa bandeira representa; com mais razão ainda, devia ser assim ao tratar-se de uma realidade sobrenatural.

Então, já não deve ser para nós um enigma insolúvel a definição do catecismo que diz: “Os Sacramentos são os sinais sensíveis da graça, instituídos por Jesus Cristo para santificar as nossas almas”.

3. Os Sacramentos significam e produzem a a graça.

Vi uma vez, numa sala, uma artística estatueta de Dante. O poeta segurava uma pena e com um gesto expressivo a molhava em seu coração. Essa estátua me fez refletir. Explicou-me o sentido de dois princípios:

- a) Os Sacramentos **significam** a graça;
- b) Os Sacramentos **produzem** a graça em nós.

Na verdade, a pena de Dante, naquela pequenina obra prima, não era para mim uma pena qualquer: era um **sinal**, pois que me indicava a **Divina Comédia**. E era também alguma coisa mais. Até um rótulo pode ser um sinal e servir de indicação; mas o rótulo não entra absolutamente na produção da mercadoria indicada. Ao contrário, a pena de Dante foi um instrumento nas mãos do Poeta, ou, se queremos usar um termo filosófico, foi uma **causa instrumental** na estrutura do imortal poema.

Não é porventura o que se dá com os Sacramentos?

a) Jesus Cristo quis usar as cousas sensíveis — como a água, o azeite, o trigo, o vinho, a palavra, a imposição das mãos — para **significar** a graça sobrenatural que Ele outorga às nossas almas. A água, por exemplo, que se usa no batismo, é o símbolo externo do que sucede na intimidade profunda de uma consciência, que é lavada e purificada da culpa original, e em virtude da graça se torna bela e pura.

b) Mas estes sinais, não só simbolizam a graça, mas a **produzem** também: e assim como a santa Humanidade de Cristo se tornou o instrumento de que se serviu a Divindade para fazer aparecer a verdadeira vida por todas as partes, assim também os Sacramentos são sinais sensíveis dos quais se serve Jesus Cristo, como de meios e instrumentos, para conferir a graça.

Por isto não devemos acreditar que um ato material e humano seja a **causa principal** de um efeito sobrenatural, como é a graça. Não; só Deus é causa eficiente e só Jesus Cristo é causa meritória da graça. Os Sacramentos são **causas instrumentais**, como o cin-

zel em relação à estátua, e como a pena em relação à idéia expressa no papel.

Em outras palavras: os Sacramentos não excitam somente à fé — como querem os protestantes — mas possuem uma verdadeira eficácia em ordem à graça sobrenatural. Independentemente do valor e do mérito pessoal de quem o administra, o ato sacramental nos dá a graça — ou, como se exprime o Concílio de Trento, a confere *ex opere operato*, e não *ex opere operantis* — em virtude do ato e não do agente.

4. O sujeito e o ministro dos Sacramentos

Dir-se-á: mas para alcançar esta graça significada e produzida pelos Sacramentos, não são talvez necessárias algumas condições no sujeito que recebe o Sacramento e no **ministro** que o confere?

Sem dúvida alguma; é preciso porém fazer uma distinção. Não se deve confundir a condição com a causa.

Um exemplo. Tenho um quarto fechado e escuro. E' dia. Fora brilha refulgente o sol. Dentro só há trevas. Pratico um orifício no escuro da janela e num instante penetra um feixe de luz intensa. Qualquer um neste caso admite que o orifício é a **condição** necessária para que entre a luz do sol; ninguém, entretanto, sustentará que o orifício é a **causa** da luz! Ainda que se abrissem mil orifícios, não se iluminaria o quarto se não existisse o sol!

Apliquemos a comparação ao Sol de Deus que, mediante os Sacramentos, penetra na escuridão de nossa pobre natureza humana, para reavivá-la' com a luz da divinização sobrenatural. O sujeito e o mi-

nistro são semelhantes àquele orifício; eles podem impedir o acesso do sol da graça na alma; para recebê-la devem ter certas condições; mas não são eles a causa da luz. Não haveria proporção entre o seu ato **humano** e o efeito **sobrenatural**.

O sujeito deve ter as devidas disposições — disposições diversas, conforme se trata de Sacramentos de vivos ou de mortos. Assim, por exemplo, quem se aproxima da Comunhão deve estar em graça de Deus, e se tivesse cometido um pecado mortal, não basta fazer um ato de contrição ou de dor perfeita, mas deve confessar-se. Mais: Para fazer uma hipótese nada improvável: se alguém vai se confessar sem a dor dos pecados, ou com a vontade de continuar no pecado e permanecer inimigo de Deus, não pode obter o perdão e a graça, pois que põe um obstáculo. Assim também à diversidade das disposições de quem se aproxima da Comunhão, segue-se uma diversidade na graça conferida.

Quanto ao ministro, deve ter a intenção de conferir um Sacramento como o faz a Igreja, e não, por exemplo, simular ou imitar, por qualquer motivo, o gesto sacramental.

Tudo isto é inegável. Mas quem não vê que as **disposições do sujeito** e a **intenção do ministro** são **simples condições** e não **causas** da graça?

5. Conclusão

Depois desta exposição, se quiséssemos lembrar as objeções e a desastrada prática de muitos a respeito dos Sacramentos, nos encheríamos de horror ao verificar as tristes conseqüências da ignorância religiosa.

Mostramos como os Sacramentos são meios para a nossa divinização e, por isto, quanto mais freqüente e devotamente os recebemos, mais aumenta em nós a graça.

Alguns ainda perguntam: “Por que devemos nos aproximar dos Sacramentos? Porventura não podemos orar a Deus por nossa conta e ser honestos também sem eles?” Não queiramos saber se os que assim desarrazoam, são sempre pessoas de bem. Registramos apenas o fato que ignoram completamente o que é a graça, o sobrenatural, a divinização à qual Deus nos quer elevar, e o nexó essencial entre a graça e os Sacramentos. Se se conhecessem pelo menos os primeiros princípios das verdades básicas do Cristianismo, saber-se-ia que toda honestidade natural não pode por si só produzir em nós o menor grau da graça: toda a tinta do mundo jámais por si só poderia criar o mais insignificante pensamento.

III — O SACRIFÍCIO E A COMUNHÃO

Na memorável noite em que Cristo foi traído, tomou o pão e o vinho, benzeu-os e os distribuiu aos seus Apóstolos dizendo: “Tomai e comei; este é o meu Corpo... Tomai e bebei; este é o meu Sangue... Fazei isto em minha memória” A Eucaristia estava instituída. Até o fim dos séculos, Jesus Sacramentado permaneceria conosco em nossos altares.

Um apóstolo do movimento litúrgico na Itália, o Pe. Caronti, na introdução do seu **Missal festivo para os fiéis** (que desejaríamos em mãos de todos os que assistem, especialmente aos domingos, à Santa Missa),

observa justamente que aquela ceia “foi na antiguidade o protótipo das reuniões litúrgicas”.

“Os Apóstolos, à imitação de Jesus, logo se reuniram para a oração e para a fração do pão, o que passou a ser considerado nas gerações cristãs, como coisa indispensável para o culto que se deve tributar a Deus e para a própria vida da Igreja.

“A Santa Missa foi assim justamente considerada como o ato principal e mais importante da religião, do qual todos se consideravam obrigados a participar. A Eucaristia foi e continua sendo esse sol divino, em torno do qual se movem e se desenvolvem todas as almas remidas pelo sangue de Jesus, e que desejam conseguir a herança da vida eterna”.

Desde aquela noite, a Hóstia e o Cálice da salvação foram e são levantados para o céu em todo canto da terra; desde aquele momento, — como disse um dia Jesus a Santa Matilde — nenhuma abelha se atirou sobre o cálix das flores para libar-lhe o mel com tanta avidez, como o Coração divino se volta para as nossas almas desejosas de o receber. Para o Tabernáculo voa o pensamento de todas as consciências cristãs. Em torno do Altar se comprime o povo crente, para oferecer, junto com a Igreja e com o Sacerdote, o Sacrifício a Deus. A Hóstia de Jesus explica tudo: das Catacumbas aos heroísmos dos Mártires, das Basílicas grandiosas à abnegação sublime do apóstolado, da Virgindade que ora e trabalha aos castos Ministros do Cordeiro que se apascenta entre os lírios. As crianças se aproximam do seu Jesus vestidas de branco e recebem nessa tenra e inocente idade o seu primeiro beijo; homens e mulheres procuram o Pão descido do céu e lhe pedem auxílio; povos e cidades o levam em triunfo; a cada instante irrompe de milhões de cora-

ções a saudação ao bom Mestre: “Seja louvado e agradecido a todo momento o Santíssimo e Diviníssimo Sacramento”.

Não bastam algumas páginas; nem a vida inteira, nem toda a eloquência humana seriam suficientes para falar dignamente do mistério eucarístico. Daremos pois tão somente um rápido olhar ao Sacrifício da Missa e à Santa Comunhão.

1. A Santa Missa

Todos os povos, todas as religiões tiveram os seus **sacrifícios**. O sacrifício, se estudamos a sua natureza, apresenta-se em primeiro lugar, como **oferecimento e destruição da vítima**. Com isto, o homem reconhece a sua sujeição a Deus e o seu nada diante da perfeição infinita do Criador. O ato da destruição é um verdadeiro gesto de adoração, ao qual se juntam outros significados, isto é, o agradecimento à Divindade pelos benefícios recebidos, a súplica para obter favores e proteção, a propiciação que invoca misericórdia para os pecados cometidos.

Todos os sacrifícios da Lei antiga eram figuras do grande sacrifício do Homem-Deus sobre a Cruz. Como diz S. Paulo, “Jesus Cristo se oferece a si mesmo a Deus por nós, como uma oblação e como vítima de suave fragrância”, realizando assim o ato mais sublime e prestando ao Pai a mais perfeita homenagem.

O sacrifício do Calvário, por ser de valor infinito, é de todo suficiente. Jesus, porém, quis instituir a Santa Missa pelos seguintes motivos:

a) Para **renovar** o seu Sacrifício, oferecendo-se a si mesmo ao Pai em todas as Missas e imolando-se de maneira incruenta sobre os nossos altares. A dupla consagração do pão e do vinho, realizada com dois atos separados, significa a mística imolação do Salvador, de modo que a Missa é um verdadeiro sacrifício. Cada vez que se celebra uma Missa, é Jesus Cristo quem se sacrifica. O Sacerdote não é mais do que o ministro e por isto ele não diz: “Este é o Corpo, o Sangue de Jesus Cristo”, mas: “Este é meu Corpo, este é meu Sangue”.

b) Para **lembrar** o Sacrifício do Calvário. No Sacramento admirável — para usar a linguagem da Igreja — Deus nos deixou a lembrança da sua paixão. E todas as vezes que assistimos a uma Missa, devemos reviver em nós o drama divino do Gólgota.

c) Para **aplicar** aos fiéis os frutos da imolação cruenta sôbre a Cruz.

Assim é que, entre o Altar e o Calvário, existe um nexó essencial. “O sacrificio que se realiza na Missa — diz o Catecismo Romano — e o que foi oferecido na Cruz, não são nem podem ser mais do que um só e idêntico sacrificio”, embora, diversamente do que acontece na Missa, Jesus Cristo no Calvário se tenha sacrificado com a real efusão do seu sangue. E se queremos chegar às fontes da graça, devemos participar da Santa Missa, com a qual nos é dado oferecer a Deus uma homenagem de valor infinito, uma adoração perfeita, um hino de agradecimento digno dEle, uma reparação adequada às nossas culpas e uma súplica de imensa eficácia.

2. A Comunhão

Nos sacrifícios da antiga Lei, não havia somente a oferta e a destruição da vítima; havia também a participação no próprio sacrifício, ou a **comunhão**. Na destruição, o homem se voltava para Deus; na comunhão Deus se voltava para o homem, enquanto o homem, ao comer uma parte da vítima que se tornava santa e sagrada, se apropriava, de certo modo, da virtude divina.

Também no Sacrifício por excelência, na Santa Missa, a participação ou comunhão é o último ato que encerra a ação sacrificial. E como a vítima é o Homem-Deus, assim recebemos em nosso coração a Jesus Cristo, que se imolou no Calvário e cada dia se imola sobre nossos altares.

O ensino de Jesus não podia ser mais claro. Quando prometeu e quando instituiu a Eucaristia, usou palavras que são de uma clareza absoluta. E o dogma, quando nos obriga a crer que depois da consagração o pão não é mais pão e o vinho já não é mais vinho; mas a substância do pão e do vinho, em virtude das palavras da consagração, se mudou na substância do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo; quando nos diz que, por concomitância, sob as espécies do pão e sob as espécies do vinho, está presente de modo verdadeiro, real e substancial Jesus Cristo, não só com seu Corpo ou com seu Sangue, mas também com a Alma e com a Divindade, nada mais faz do que traduzir as expressões do divino Instituidor da Eucaristia.

A teologia estuda o que é fornecido pela revelação e discutindo as diversas maneiras de presença, lem-

bra-nos que uma pessoa pode estar presente num lugar localmente, como os corpos materiais: pode estar presente com o pensamento em diversos lugares; esse mesmo pensamento, manifestado em palavras e impresso, pode ser reproduzido em mil exemplares e estar presente em mil volumes, permanecendo sempre um só pensamento. E a teologia acrescenta que Jesus não está presente sob as espécies do pão e do vinho em **nenhuma destas maneiras**, mas de um modo misterioso, o modo sacramental, que pode ser comparado ao modo por que está presente a substância. Como na verdade a substância está toda em todo o corpo e toda em cada parte, assim Jesus Cristo está todo presente na Hóstia inteira e em todas as partes da Hóstia, permanecendo, embora, um único Jesus.

Nesta **Cartilha do Cristianismo**, porém, não queremos discutir estes problemas. Basta advertir que também no Sacrifício da Missa — isto é, na união do homem com Deus — está incluída a Comunhão, isto é, a união de Deus com o homem. Deus quis vir à nossa alma, precisamente para divinizá-la cada vez mais, para conservar nela a vida da graça sobrenatural, para aumentá-la, para reparar as culpas veniais e os defeitos que lhe empanam o brilho e para encher-nos de todas as bênçãos celestiais e do gozo.

“**Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e Eu nele**”, disse Jesus Cristo. Com a Comunhão, já não vivemos nós, mas é Jesus Cristo quem vive em nós. Nele nos transforma e nunca como então estamos tão unidos ao nosso Deus.

Um feixe de luz se projeta sobre este mistério de amor infinito, se o estudamos à luz dos princípios expostos a propósito da ordem sobrenatural. Nossa divinização por meio de Cristo nos explica porque nosso

Redentor, não contente com se haver sacrificado por nós, quis tornar-se nosso alimento.

A preciosidade da Missa e da Comunhão; a importância da propaganda para a freqüência de uma e de outra; e mais ainda, para a Missa e a Comunhão diárias; a conveniência de comungar — salvo o caso de utilidade ou de necessidade — não antes ou depois, mas dentro da Missa, junto com o Sacerdote, são todas cousas que já devemos considerar evidentes.

Tagore, o famoso poeta indú, numa linda poesia descreve um mendigo que narra a sua feliz aventura. “Fui mendigar de porta em porta, pelas ruas da aldeia, quando o teu carro dourado apareceu ao longe, como um sonho faustoso. Maravilhado, perguntei a mim mesmo: — Quem será este Rei de todos os reis? — Minhas esperanças cresceram desmesuradamente e pensei que enfim haviam chegado para mim dias alegres. Parei, à espera da esmola que é dada sem ser pedida e das riquezas que são lançadas em toda a parte e se atiram ao pó. O carro parou na minha frente. Teu olhar caiu sôbre mim e tu desceste amável e sorridente. Sentia que o momento feliz da minha vida tinha enfim chegado. Então, improvisamente tu me estendeste a mão direita e disseste: — Que tens para me dar? — Ah! que gracejo foi esse de estender a mão a um mendigo para pedir! — Fiquei confuso e indeciso. Depois tirei lentamente do alforje o mais pequeno grão de trigo e to dei. Mas qual não foi a minha surpresa, quando à noite, ao despejar o alforje no chão do meu tugúrio, descobri no mísero montão, um minúsculo grãozinho de ouro! Chorei amargamente e lamentei não ter tido a generosidade de te dar tudo o que eu tinha”.

Também nosso Rei dos reis, Cristo, Senhor nosso, veio até nós. pobres mendigos, estendeu sua mão e tomou nosso grãozinho de trigo. Mas Ele não se contentou só em convertê-lo num grãozinho de ouro, mas o transformou nEle próprio, para oferecer a si mesmo ao Pai e oferecer-se a nós, afim de que entre Deus e o homem não houvesse separação, mas uma santa e inefável união.

IV. — A HIERARQUIA

Não é necessário ser crente para admirar a magnífica organização da Igreja Católica, com o seu Papa, centro supremo, para o qual convergem todos os corações do mundo, com os seus Bispos espalhados por todos os recantos da terra, unidos num forte organismo, e com a cândida falangê dos seus Sacerdotes. Basta transportar-se com o pensamento até Roma à cúpula do templo máximo da Cristandade, lançada para a abóbada azulada dos céus pelo gênio de Miguel Ângelo e de lá olhar ao redor em todas as direções, para sentir a divina beleza desta unidade da Igreja, a qual, assim como com o rodar dos séculos, vê os seus Pontífices e os seus Ministros transmitirem uns aos outros o facho ardente aceso pelo Cristo, assim, na extensão do espaço, domina todos os povos e todas as almas.

Lacordaire experimentava um frêmito de entusiasmo ante este pensamento e escrevia: “Este Vigário de Deus, este Supremo Pontífice da Igreja Católica, este Pai dos Povos e dos Reis, este sucessor de

Pedro, o pescador, vive, ergue entre os homens a sua fronte cingida de tríplice coroa, sobre a qual gravita o peso sagrado dos séculos. Em sua côrte residem os embaixadores das nações; a todos os homens ele envia seus ministros e até àqueles lugares que ainda hoje quasi não têm nome. E quando das alturas do seu palácio lança o olhar em derredor, seus olhos descobrem o mais esplêndido horizonte do universo; ele contempla o solo pisado pelos Romanos, vê a cidade que eles edificaram com os despojos do mundo inteiro, feita centro de todas as cousas em suas duas formas primárias, o espírito e a matéria; a cidade para onde foram ter todos os povos, onde se reuniram todas as glórias e para a qual peregrinaram, pelo menos uma vez, embora de muito longe, todas as imaginações cultas; olha o túmulo dos Apóstolos e dos mártires, a união augusta de todas as memórias: Roma!"

Não é em vão que o obelisco da Praça de S. Pedro traz gravadas estas palavras: "**Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat**" — A união dos Sacerdotes e dos Bispos com o Papa constitue uma das provas mais brilhantes dessa vitória de Cristo.

No entanto, muitos contemplam com espírito diverso esta cena admirável. O esteta goza e admira. Um imperador, como José II, descobre um ótimo *instrumentum regni*, para ser explorado. O anti-clerical, freqüentador das tabernas, vê com terror o exército do obscurantismo e a "negra prole da barbárie e do mistério". Nós, guiados pelo catecismo, examinaremos o grandioso fato em relação ao sobrenatural, compreendendo assim o pensamento do Fundador.

1. A hierarquia e o sobrenatural

Seria erro madornal deixar de um lado tudo quanto dissemos da nossa divinização, da graça e do Autor da mesma, Jesus Cristo, e de outro lado, sem conexão alguma, a hierarquia católica. Aqui também brilha a unidade do organismo na variedade dos ofícios e funções, ligados — como os meios estão ligados ao seu escopo — ao fim último, que é a santificação das almas e a sua união sobrenatural com Deus.

Jesus fundara a sua Igreja, e nós, como vimos, não podemos achar salvação senão neste corpo místico, que se desenvolve através dos séculos. Sendo tal a sua vontade, Jesus Cristo deveria prover:

a) à conservação e à propagação da sua verdade revelada — a boa nova da nossa divinização mediante seus méritos — para preservá-la dos erros e dos perigos da ignorância;

b) à difusão da sua graça santificadora, único meio de salvação que o amor de Deus estabeleceu;

c) ao govêrno desta sociedade santa dos fiéis, a qual, como todo organismo social, necessita de uma autoridade visível e de uma direção.

Por isto, é lógica a passagem da ordem sobrenatural para a hierarquia e todos os ensinamentos da doutrina cristã, a propósito do Papa, do primado de S. Pedro, da infabilidade pontifícia, dos Bispos, do sacerdócio católico, de sua missão e de seus ofícios, não são mais do que conseqüências do conceito fundamental, onde nada há de supérfluo ou destoante.

2. O Papa

O **Papa** é o Vigário de Cristo. Cristo está presente em sua Igreja, é sua cabeça, mas é invisível. Por isto quis escolher a Pedro e seus sucessores para que lhe fizessem as vezes na terra. Só a Pedro disse: “Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus. Tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e tudo o que desligares na terra será desligado no céu”.

A Igreja é o edifício: Pedro é o fundamento e é quem tem as chaves, isto é, o chefe supremo. Tem o **primado** sôbre os outros Apóstolos — e portanto sôbre todos os Bispos do mundo, que são os sucessores dos Apóstolos — conforme se depreende também das outras palavras de Cristo: “Simão, Simão, eis que Satanás pediu para vos joeirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que não desfaleça a tua fé; e tu, uma vez convertido, **confirma os teus irmãos**”. Depois da conversão, é indefectível a fé de S. Pedro, que recebe a missão de confirmar os outros na fé e com isto o ofício de Superior, de Mestre e de Chefe.

Além disto, se considerarmos que Cristo pouco antes da ascensão disse a Pedro: “Apascenta os meus cordeiros (isto é, os meus fiéis); apascenta as minhas ovelhas” (isto é, todos os Apóstolos e seus sucessores), não se pode duvidar de que o constituiu Pastor supremo de todo o rebanho, isto é, de toda a Igreja, de todos os crentes, sem exceção alguma.

Também com relação à infalibilidade do **Papa**, Jesus Cristo não podia ser mais explícito.

A infalibilidade (que a ignorância religiosa confunde às vezes até com a impecabilidade do Papa) consiste no seguinte: quando o Papa fala *ex cátedra* — isto é, como Pastor de toda a Igreja universal — sobre cousas **de fé** ou **de moral**, declarando **definir a verdade** contida na Escritura ou na Tradição, não pode errar.

Sobre isto, diz muito bem Mons. Bonomelli: Segundo o ensino de Jesus Cristo, “a Igreja está fundada sobre Pedro, isto é, sobre o Pontífice, de modo que a segurança da mesma depende da segurança do Pontífice; se o Pontífice pudesse transformar-se em mestre de erro, não seria pedra fundamental, mas pedra de ruína e de tropeço.

“Mais: Jesus diz que os poderes do inferno não prevalecerão contra a Igreja. E por que? Porque a Igreja está fundada sobre Pedro, sobre o Pontífice. Por conseguinte, a contínua vitória da Igreja depende da vitória do Pontífice. Ora, se o Pontífice pudesse ensinar o erro, longe de conduzir a Igreja à vitória, a levaria à derrota”. E ainda mais: “Jesus Cristo entrega ao Pontífice as chaves da Igreja e afirma que ele ratificará nos céus o que o Pontífice julgar na terra. Não faz exceção alguma: a promessa é **absoluta e amplíssima**. Não há dúvida que Jesus Cristo só pode ratificar a verdade. Logo o ensino do Pontífice e sua sentença devem ser isentos do erro, como está isenta de erro a sanção de Jesus Cristo. Não basta: Jesus Cristo declara ter orado para que a fé de S. Pedro e, por conseguinte, do Papa, não desfaleça nunca. Ora, a oração de Cristo não pode ser vã e suas palavras demonstram que obteve o que pediu. Logo, a fé do Papa pode ser, deve ser posta à prova, mas não pode desfalecer. É tão certo que não pode falhar a fé do Papa, que Jesus Cristo lhe ordena que

nela confirme os seus irmãos, isto é, os Bispos, afim de que confirmados por Ele, possam sustentar a luta contra Satanás. Logo, a segurança dos Bispos na fé deriva da fé do Pontífice. Ora, se o Pontífice pudesse errar nas cousas da fé, como e em que cousa poderia confirmar os Bispos e a Igreja universal? Teria sido ridículo, da parte de Jesus, impor a Pedro a obrigação de confirmar a Igreja na fé, se o próprio Pedro tinha necessidade de ser confirmado. E mais ridículo seria ainda obrigar toda a Igreja a se deixar confirmar na fé por um Pedro que, podendo errar, podia confirmá-la no êrro.

“Jesus confere ao Pontífice o ofício de apascentar e reger toda a Igreja, todos os cordeiros e ovelhas do seu rebanho, e portanto obriga toda a Igreja, todos os cordeiros e ovelhas, a receber a sua palavra e as suas leis. Suponhamos por um instante que o Pontífice pudesse levar ao êrro o rebanho de Jesus Cristo: que aconteceria? Aconteceria que toda a Igreja seria colocada na absurda alternativa ou de desobedecer ao Pontífice, contra a expressa vontade de Jesus Cristo, ou de seguir o Pontífice também no êrro. Não se pode conceber semelhante cousa. Logo, há de se admitir que o Pontífice é **infalível**, para que seja racional, por um lado, o direito do Pontífice de impor o que se há de crer, e por outro lado seja racional o assentimento dos fiéis.”

Em resumo: o Papa é o representante de Jesus Cristo e, como tal, tem o primado sôbre todos e a infalibilidade. Ele é o “doce Cristo na terra”, como o define Santa Catarina de Sena. No branco Pontífice se acha presente Jesus que fala, como na Eucaristia se acha presente Jesus que se cala — conforme a bela expressão de S. Francisco de Sales. O amor, o obsê-

quio, a obediência e o devotamento filial, o entusiasmo pelo Papa, é para nós crentes a mesma coisa que o amor, o obséquio, a obediência a Cristo Jesus.

Há alguns anos, o Pe. Mathéo Crawley era admitido à presença do Santo Padre e ouvia palavras de bênção, de confôrto e feliz augúrio pelo seu jubileu sacerdotal. Agradecendo, disse o padre ao Papa que lhe ficava imensamente grato pela sua bondade, por que o sorriso do Papa era para ele igual ao sorriso de Jesus.

Assim devem falar, pensar e fazer os verdadeiros cristãos.

3. Os Bispos

A Igreja é o reino de Deus, e por seu intermédio devemos participar dos bens sobrenaturais. É evidente que nem todos os poderes santificadores se podiam concentrar numa só pessoa, dado o número dos fiéis. Por isto, “o Espírito Santo pôs os Bispos para governar a Igreja de Deus”.

O campo de ação sobrenatural destes Pastores das diversas dioceses — ao invés do campo de ação do Papa — é limitado. E demais, os Bispos estão subordinados ao Sumo Pontífice que, embora não possa suprimir o episcopado, pode contudo remover um Bispo.

O Bispo é um sucessor dos Apóstolos e portanto Jesus lhe repete aquelas palavras: “Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos despreza, a mim despreza.”

Ele é o Doutor, o Mestre da verdade cristã, é o Pai do sacerdócio, e é quem ordena os novos ministros de Deus. É o Pai dos fiéis aos quais aperfeiçoa

pela Confirmação, é o juiz das almas que lhe são confiadas.

Ao redor do próprio Bispo se congregam os verdadeiros cristãos, como ao redor do próprio Cristo. Devemos venerar^o no Bispo, não a sua pessoa, mas a pessoa de Cristo, como no embaixador não se considera o indivíduo, mas a nação representada.

Por isto dobramos o joelho diante do Bispo, como o dobraríamos diante de Cristo.

Lembro-me que nas festas jubilares do Cardeal Ferrari, celebradas pouco tempo antes da sua morte, a Juventude Católica Feminina de Milão havia coberto de flores o túmulo de S. Carlos, sôbre o qual o Purpurado ofereceu o santo Sacrifício. Nesta ocasião, Mons. Cazzani, Bispo de Cremona, em um discurso comentou essa gentileza da seguinte forma: "Todos os fiéis e de um modo especial a juventude, devem cercar o seu Pastor com as flores do afeto, da oração e da vontade resoluta e decidida. Feliz o Bispo que pode congrega no Altar onde celebra, os corações de suas ovelhas e oferecê-los a Deus, junto com o coração de Cristo, santificados e formados sobrenaturalmente!"

4. Os Sacerdotes

Como o Bispo não pode atender pessoalmente a todas as necessidades da sua grei, é ajudado pelos Sacerdotes, que ele delega para a grande missão. Quem olha o Sacerdote não com os olhos da carne, mas com um olhar sobrenatural, não pode deixar de nele ver o ministro de Deus, que renunciou à família para se dedicar à família das almas, como instrumento da divinição das mesmas.

O Sacerdote **consagra** o pão e o vinho. E Cristo se encarna em suas mãos para viver sacramentalmente entre nós.

O Sacerdote nos **absolve** de nossos pecados e oferece Deus e a graça às almas que foram introduzidas no reino do sobrenatural por meio do batismo; deve cuidar delas e assisti-las até no leito de morte para entregá-las a Deus.

O Sacerdote **prega** e Jesus se encarna na palavra sacerdotal, como exclamava Bossuet, e desce às nossas inteligências.

Porventura, é possível definir o Sacerdote prescindindo da ordem sobrenatural da graça e de Jesus Cristo?

Almas boas, que ledes estas páginas, se não sois Sacerdotes, dificilmente sabereis o que é um Sacerdote e quais são as palpitações do seu coração agradecido a Jesus, que o escolheu para tanta grandeza! Nunca o compreendi tão intensamente como na manhã em que, ao receber o Subdiaconato, consagrei para sempre minha vida ao Senhor.

Ainda conservo indelével na minha alma a lembrança daquele dia memorável, quando, na paz serena da madrugada, saí do seminário com um numeroso grupo de outros jovens levitas para dirigir-me ao Duomo, a grande catedral de Milão. A cidade dormia ainda; poucos os transeuntes. Só pareciam saudar-nos com júbilo os primeiros raios do sol de maio, que beijavam a multidão de estátuas e as infinitas agulhas da basílica, que, dir-se-ia, “abrem as asas em ânsias de voar para o céu”.

A cerimônia começou com todo esplendor e magnificência do rito. Jovens vestidos de branco, ouvimos a solene advertência do Bispo: “**Adhuc liberi**

estis, ainda estais livres, escolhei, decidi". Nesses momentos (era em 1907) aquela palavra significava mais ou menos o seguinte: "Não sabeis, jovens, que em uma nação vizinha se desencadeou a perseguição religiosa? Ignorais que Cristo é combatido em todas as partes e que amanhã vos aguarda o desprezo e quiçá a morte?" O mundo, os primeiros rumores da vida febril que se faziam sentir fora do templo, pareciam acrescentar: "Jovens, que tendes o sorriso dos vinte e um anos, que fazeis? Por que renunciar à vida, à primavera em flor? Se quereis vos coroar de rosas, **"adhuc liberi estis, sois livres"**."

Mas aquelas vozes não achavam eco em nossos corações juvenis. Outra era a voz que ressoava só, dominante, avassaladora: "Ó cândidos filhos do ideal, avante! avante! Invocai o auxílio de Deus!"

Então nos prostrámos com a fronte no chão e, débil como um lamento, começou o canto das ladainhas: "**Kyrie, eleison! Criste, eleison!** Senhor, tende piedade de nós! Cristo Jesus, tende piedade de nós! **Sancta Maria, ora pro eis, Virgem Maria, rogai por eles!**" Brotava a ardente oração entre nossas lágrimas mais ternas, mais puras, mais formosas, entre o pranto de nossas mães, que tanto haviam rezado e sofrido e viam abençoado o seu sonho e a sua esperança... O canto se espalhava pelas amplas naves; subia, subia, até às arcadas, até à cúpula audaz, até Deus, para tornar a cair logo sobre os brancos levitas comovidos, como um augúrio de alegria celestial.

Poucos momentos depois, o grande sino do Duomo anunciava à cidade já desperta, que uma nova plêiade de jovens havia jurado fidelidade ao Rei dos virgens. A voz do grande sino se perdeu, decerto, entre a indiferença. Mas, quem a escutasse, teria en-

tendido toda a poesia e a grandeza do sacerdócio, para o qual nós caminhávamos naquela manhã, com o coração jubiloso.

RECAPITULAÇÃO

Para compreender como a Igreja une seus filhos a Deus, é preciso lançar um rápido olhar à liturgia, aos Sacramentos, à Missa, à Comunhão e à hierarquia:

1) A liturgia não se deve confundir:

- a) com a beleza estética do culto;
- b) com o conjunto das cerimônias;
- c) com a erudição histórica sobre o culto.

Ela é a oração coletiva da Igreja, mediante a qual toda a Igreja, animada pelo Espírito Santo, e em união com Jesus, seu chefe, se dirige ao Pai. É um absurdo, portanto, pretender compreender a liturgia e vivê-la, prescindindo do sobrenatural e do dogma.

2) Os Sacramentos são canais da graça sobrenatural e se definem: os sinais sensíveis que não só significam, mas também produzem a graça, não como causa principal, mas como instrumentos escolhidos e queridos por Jesus Cristo. No sujeito e nos ministros dos Sacramentos são necessárias algumas condições, as quais porém nunca são a verdadeira causa da graça.

3) A Eucaristia foi instituída por Jesus Cristo:

a) para ser o Sacrifício da nova Lei, que renova e lembra o sacrifício da Cruz e nos aplica os seus frutos;

b) para que, participando do Sacrifício, recebamos na Comunhão a Vítima divina, Jesus, verdadeira, real e substancialmente presente na Hóstia consagrada, para ser nosso alimento sobrenatural.

Com a Missa Jesus nos une a Deus; com a Comunhão Ele se une a nós; com uma e com outra, quando temos as devidas disposições, a graça aumenta em nossas almas.

4) Para conservar, defender e propagar a verdade da Revelação, para difundir a graça e para reger a sociedade santa dos fiéis, Jesus Cristo quis na Igreja uma hierarquia, cuja instituição tem, por isto, uma finalidade de caráter sobrenatural.

O Papa tem o primado sobre todos os Bispos e fiéis, é o Pastor supremo dos crentes e é infalível, quando, como mestre de todos os cristãos, define cousas de fé ou de moral.

Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos, Doutores da verdade cristã, Pais do sacerdócio e dos fiéis, Juizes das almas confiadas aos seus cuidados.

Os Sacerdotes são os ministros de Deus que consagram o pão e o vinho, nos absolvem de nossos pecados e nos pregam a doutrina de Cristo.

Quem observa a Igreja sob qualquer aspecto, vê como o sobrenatural é a chave que abre todos os segredos da sua vida e a explicação de toda a sua atividade.

CAPÍTULO XIII

A VIDA CRISTÃ

Nas páginas dos seus **Colóquios**, conta-nos Josué Borsi o episódio seguinte.

“Foi durante o eclipse de 1842. Um pobre menino do município de Sieyès (Baixos Alpes) apascentava o seu rebanho. Como ignorava completamente o acontecimento que se aproximava, viu muito aflito que o sol se escurecia pouco a pouco, e nuvem alguma ou neblina havia no céu que pudesse explicar o fenômeno. Quando a luz desapareceu de todo, a pobre criança, cheia de espanto, começou a chorar e pedir socorro. Chorava ainda, quando reapareceu o primeiro raio do sol. Reanimado ao vê-lo, o menino juntou as mãos, exclamando no seu dialeto meridional: **Ó beou souloul! — Oh! belo sol!**”

Borsi, lembrando o eclipse da sua fé, que havia obscurecido a sua mocidade e o sol de Jesus que a iluminou de novo, comentava com uma singela e sublime palavra a graciosa anedota: “Oh! Jesus, oh! belo sol!”

Muitíssimos cristãos, mais desventurados que o pastorzinho de Sieyès, vivem nas trevas. O sol do sobrenatural é desconhecido por seus corações. Os dogmas para eles nada significam. Raras vezes rece-

bem os Sacramentos. E mesmo quando, em alguma confissão bem feita, readquirem a vida da graça, são como cegos: até na radiosa festa de um belo dia de primavera, não percebem a luz que inunda sua alma; não têm consciência da sua divinização.

Que grande cousa é a consciência, a compreensão e a visão clara do que se é e do que se deve fazer! Um pai, uma mãe, um mestre que tenham a **consciência** de sua missão procedem de modo bem diverso de quem nunca teve tal estado de ânimo. Em qualquer batalha quem tem a convicção da bondade de uma causa, combate com um valor bem diferente daquele que é arrastado à força a uma luta, cuja significação não compreende. E ninguém pode confundir a pretensa religiosidade, toda exterior, de uma ou outra prática de piedade feita mecânicamente, com a fé que tudo contempla à luz da religião cristã.

Depois de haver descrito, ainda que pàlidamente, o que é a ordem sobrenatural e a graça, devemos agora conquistar a consciência, a compreensão deste sol. Em outras palavras, devemos ver como resolve o problema da sua vida, como organiza a sua existência o crente que sabe que é **filho de Deus**. O filho de um rei é educado com este critério: "Lembra-te da tua dignidade e procede em tudo de conformidade com ela". Nós, filhos de Deus, não podemos subtrair-nos a este dever. Quando termina o eclipse da ignorância religiosa, quando resplandece o sol da Verdade, conscientes da nossa grandeza divina, necessariamente devemos exclamar a cada instante, com a fé e com as obras: "**Oh! Jesus, oh! formoso sol!**" A fé nos faz crer as verdades reveladas por Deus, não por sua intrínseca evidência, mas pela autoridade de Deus, que as revela, que não pode enganar, nem ser enganado.

As obras nos fazem viver de acôrdo côm os ensinamentos da fé.

Não devemos viver esquecidos de Deus, mas a oração deve unir-nos a Jesus e ao Pai; a **natureza** há de nos aparecer iluminada com a nova luz de Cristo; a **vida** deve ser bafejada por Ele; a **dor** deve ser sofrida cristãmente.

Eis aqui os pontos que vamos estudar:

1. — Que método devemos seguir para tornar mais intensa a nossa união sobrenatural com Deus?

2. — Com que olhos — terminado o eclipse e resplandecendo Deus sobre nós com a graça — deve olhar a natureza e as cousas quem tem consciência da sua elevação sobrenatural?

3. — Com que olhar deve o **filho de Deus** considerar a vida, suas vicissitudes, e por conseguinte, com que espírito deve organizar a sua atividade de todas as horas, de todos os momentos?

4. — Como deve o cristão suportar as suas dores?

A oração, a natureza, a vida, a dor, são fios que devem unir nosso coração ao Coração de Cristo no Tabernáculo. Também através destes fios telefônicos passará nosso grito de alegria: “Oh! Jesus, oh! formoso sol!”

I. — O CRISTÃO E A ORAÇÃO

Uma plêiade de almas generosas e vibrantes, que se dedicam ao apostolado cristão e à Ação Católica, me incumbiram de contar como foi que se tornaram entusiastas do telefone e de expor os motivos que as levam a trabalhar para dar uma solução

satisfatória ao **problema telefônico** entre nós... Alguém, por certo, há de rir perante esta estranha união de idéias: o telefone e a oração. O telefone, pelo menos em algumas cidades, é esse aparelho inventado para desespero do gênero humano, capaz de levar à loucura até o indivíduo mais pacato deste mundo. Isto é certo, e a tal respeito há um consenso universal indiscutível.

O telefone de que vamos falar, porém, é muito diferente e faz até milagres. Desde o dia em que alguém se torna assinante, começa uma era nova na sua vida, e experimenta uma espécie de benéfica revolução. Todo o nosso ser se transforma e parece que um sôpro vivificante, até então desconhecido, nos agita e alégra. Todos os que o experimentaram — todos, sem exceção alguma — estão de acôrdo com esta asserção, e ainda acrescentam que só então, pela primeira vez, compreenderam claramente a religião.

Conta-se que um dia dois estudantes, que se dirigiam à Universidade de Salamanca, cansados pararam junto a uma fonte para repousar e matar a sede. Numa pedra, ali perto, leram estas palavras: **“Aqui está sepultada a alma de Pedro Garcia”**.

— Como se pode sepultar uma alma debaixo de uma pedra? exclama um dos moços. Soltou uma gargalhada e prosseguiu seu caminho. O companheiro parou e, cheio de curiosidade pela estranha inscrição, removeu a pedra, cavou a terra e encontrou um tesouro!

Também vós, se não sois superficiais e meditais atentamente este capítulo sôbre... telefone, achareis um tesouro, que talvez hoje vos faz falta e vos tornará mais ricos espiritualmente. Permitti-me, pois,

que vos narre, com toda singeleza, a experiência religiosa destas almas, os seus propósitos e esperanças.

1. A união com Deus

Há alguns anos, um poeta, que ainda não era crente, João Bertacchi, cantava “O Telefone” nestes versos, que parecem um anélito e um lamento:

Um homem fala ao telefone. Alguém
Que eu não vejo nem ouço, lhe responde.
Reza um homem no altar! fala com Quem
Para mim cala, para mim se esconde.

Se um tênue fio, uma distância imensa
Faz que transponha quem se queda imoto;
Se basta o fio duma santa crença
Aos corações, para transpor o ignoto,

Dai-me também o fio que consegue
Transpor o mundo e a vida humana até;
Dai-me esse tênue trâmite que chegue
Ao Distante que fala e não se vê. (1)

-
- (1) Parla un uomo al telefono; qualcuno
ch'io non odo né veggo a lui risponde.
Prega un uomo all'altar: parla com Uno
che per me tace, che per me si asconde.
Oh! se basta a varcar tanta distanza
un tenue filo a chi pur resta immoto;
se il tenue filo d'una pia speranza
basta pei cuori valicar l'ignoto,

Também as pessoas acima mencionadas sentiram esta doce necessidade. Sua vida religiosa decorria lânguida e ensossa. O seu Cristianismo consistia em balbuciar alguma oração distraidamente, em freqüentar em épocas fixas e como por inércia a Igreja, a Missa, os Sacramentos, no mecanismo exterior de alguma prática piedosa ou na repetição maquinal de alguma fórmula. A fé não era a alma de suas almas, nem sequer chegava a vivificar os seus próprios atos religiosos. Era como uma folha morta na superfície de um lago, agitada e movida pelo vento das circunstâncias e do ambiente. A folha tornava-se cada vez mais inútil, prestes a submergir de todo, e o lago da própria vida não se ressentiria absolutamente e continuaria com a maior indiferença, sulcado pelos barcos e lanchas, isto é, por toda a habitual atividade cotidiana.

Um dia, essa religiosidade aparente e exterior se lhes tornou insuportável também a elas. Um curso de instrução religiosa, que poderia ser a doutrina reunida nestes capítulos, lhes abriu os olhos. Compreenderam o que significa a **graça**, o que quer dizer **filhos adotivos de Deus**; aprenderam a rezar o **Padre Nosso**, que antes nunca haviam entendido, embora estivessem muito convencidas de que o entendiam, e só então experimentaram usar uma espécie de fio telefônico entre a sua consciência e o Tabernáculo, entre o seu pequeno coração e o Coração de Jesus.

Date a me pure il fil che si dilunga
oltre il giorno dell'uomo e la sua sede..
datemi il tenue tramite che giunga
al Lontano che parla e non si vede.

Quando estamos em graça, quando o pecado mortal não tira a beleza de nossa alma remida pelo Sangue de Cristo, estamos unidos a nosso Deus (e toda obra que não seja pecaminosa se refere virtualmente a Ele). A graça santificante é como um fio divino que nos une a Ele e que só pode ser cortado pela culpa grave. Todavia, se este fio é suficiente às crianças batizadas que não podem pecar; se basta, a nós e a elas, para sermos filhos de Deus, nós, contudo, que temos também o uso da razão e com nossa vontade podemos cortar esse fio de vida sobrenatural, estamos obrigados não só a conservar a graça, mas também a fazer render esse grande tesouro orando e vivendo cristãmente. Assim como não basta possuir uma inteligência e uma vontade, mas devemos desenvolvê-las e aplicá-las, assim também nossa união com Deus, alcançada mediante a graça, não deve permanecer na imobilidade dos túmulos, mas viver no fervor da ação e da palavra de um coração reconhecido Àquele que é a própria vida.

Destarte, começaram a... telefonar. A cada ato livre que executavam, a cada dor que suportavam, a cada acontecimento que sobrevinha, dirigiam uma saudação ao Coração do seu Deus e ao Deus do seu coração, para usar uma expressão de Santa Margarida Maria. A ordem dada por S. Paulo na carta aos fiéis de Corinto: **“Ou comais ou bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus”**, esta ordem repetida pelo Apóstolo na outra carta aos Colossenses: **“Qualquer coisa que façais, em palavras ou obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por seu intermédio ao Deus Pai”**, já não era para elas letra morta. Unidas a Cristo pela graça, se uniram a Ele numa intensa vida interior, mediante a oração que

brotava do fundo das suas almas, que iluminava com uma nova luz todos seus atos, que embelezava e santificava a própria atividade material, o trabalho, o sofrimento e os mil incidentes de cada dia.

Não se julgue que, depois desta ressurreição espiritual, a sua vida tenha mudado **exteriormente** de modo sensível. Não! Exceto o pecado, continuaram a viver como dantes: os mesmos trabalhos, as mesmas diversões, as mesmas pessoas com que tratavam, a mesma coisa em tudo que aparece exteriormente. Interiormente porém, que diferença radical! A sermos sinceros devemos confessar que experimentaram a sensação de se terem transformado em outras pessoas! Tal a alegria da nova vida religiosa!

Antes porém de descrever esta nova vida, expliquemos praticamente de que maneira essas pessoas fazem funcionar o seu **telefone**. Nada melhor do que isto, dará uma pálida idéia da mudança profunda operada por este método, que afinal de contas, **nada tem em si de novo nem de difícil**.

Que tiveram de especial, de essencial, de característico os verdadeiros místicos, essas almas de **elite da humanidade**, cujo culto ressurgem em nossos dias, depois de uma época de grosseiro materialismo, que tiveram de particular, senão uma união com Deus tão intensa que não só falavam com seu Senhor, mas também o Senhor lhes falava, às vezes, diretamente, ou ao menos indiretamente fazia ouvir a sua voz a seus corações? Que esplêndidos telefonistas foram os Santos!

2. Método e exemplos

“Não poderia conceber uma vida sem oração, um despertar pela manhã sem encontrar o sorriso de Deus,

um reclinar a cabeça à noite sem recliná-la antes sobre o peito de Cristo". Estas expressões de Contardo Ferrini resumem o programa de um dia cristão.

Logo ao abrir os olhos na paz da aurora, se há de saudar ao Deus do Tabernáculo. Conta Montaigne que, quando era pequeno, seu pai o fazia despertar ao som da harpa, afim de que sua alma se enchesse de harmonia e passasse o dia harmoniosamente. Nós também, se ao despertar pela manhã dirigirmos um pensamento ao Coração que encerra as melodias do céu, havemos de orientar bem a barquinha de nossa atividade diária. Como o orador grego, que antes de abrir a boca na praça de Atenas, fazia que um músico lhe desse a nota, para falar aos seus concidadãos com voz bela e graciosa, peçamos também nós ao divino Artista, ao despontar da aurora, a nota que nos acompanhe durante as horas do dia. Quem adquire o doce costume de começar o dia com um pensamento dirigido ao Senhor, compreenderá a exquisita poesia dos mosteiros da Palestina, nos tempos de S. Jerônimo. onde o estudioso de Belém habituara as virgens a saudar o despertar pela manhã com o brado da **Alleluia!** (louvor ao Senhor!). E porventura também hoje, o doce badalar dos sinos que tocam as **Ave-Marias** não nos convida a sacudir o torpor e voar para os céus de Deus?

A esta primeira telefonada segue-se outra imediatamente: o oferecimento das ações diárias ao Coração de Jesus, santo método, hoje tão difundido e praticado, graças à fecunda associação do "Apostolado da Oração". Conheceis a comparação que faz S. João Crisóstomo entre as nossas ações e uma carta? Observa o eloqüente Padre da Igreja: Se escreveis uma carta sem lhe pôr o endereço, é impossível que

chegue ao destino. E acrescenta: Cada ato que praticamos durante o dia, é semelhante a uma carta; ponhamos-lhe também previamente o endereço: A Deus, isto é, ofereçamo-lo a Ele. E assim, à medida que vamos escrevendo essas cartas, o Anjo bom que nos acompanha as levará a Jesus e lhe dirá: "São dirigidas a Vós, Senhor!"

Santa Gertrudes, a grande mística beneditina do século XIII, me sugere um pensamento mais belo ainda: Ela considera o Coração de Jesus como um turbulo cheio de brasas ardentes, imagina lançar nele as próprias ações, como se fôsem grãos de incenso destinados a se transformarem em nuvens de orações agradáveis ao Pai. "No turbulo de ouro de vosso Coração divino — dizia — onde arde para vossa glória o suave perfume do eterno amor, lanço meu coração como um grãozinho pequenino de incenso, desejando com todo o ardor de minh'alma que, embora indigno e vil, o sôpro do Espírito Santo o inflame de sua vida". Não é porventura este o meio seguro de conservar para a eternidade nossa atividade caduca, que parece inexoravelmente arrastada pela vertigem do tempo?

O bom telefonista, enquanto se veste, pensa no Tabernáculo e ao rezar **as orações da manhã** — pouco importa que sejam breves — as diz conservando a união com Jesus. Nada têm de oração essas palavras balbuciadas às pressas, mal engroladas, reduzidas aos mínimos termos, acompanhadas de um gesto confuso, com pretensões a sinal da Cruz, sem que este palavrório semi-inconsciente seja acompanhado pelo coração! Às vezes, infelizmente, assim procedemos para com Deus, tratando-o da maneira mais incorreta e inconveniente. Sejam francos: com ninguém usamos tão pouca atenção como às vezes fazemos para com Deus!

Quando falamos a uma pessoa, pelo menos prestamos atenção ao que dizemos. Só quando falamos com Deus nos esquecemos das regras mais elementares da boa educação!

Ao contrário, o bom cristão anda por uma rua, atravessa uma praça, e, enquanto vai o seu caminho, sem que ninguém o perceba, dá uma telefonada ao Tabernáculo distante.

Estranhais isto? E no entanto, quantas almas juvenis oram hoje nas estradas de nossa pátria!

Atravessam as cidades, as vilas e as aldeias; gente vestida com elegância ou pobremente; são operários, estudantes, profissionais, são empregadas ou senhoritas, camponesas ou mães de família. Ninguém se dá tonta disto, porque nada revela exteriormente o que se passa em seus corações. Sob o céu de nossa pátria, tantas vezes profanado pela grosseria da blasfêmia, ergue-se tácita e gentil a voz dos corações cristãos. Experimentai e vereis como é fácil e como é belo, em meio ao rumor febril e ensurdecido do comércio, no estridente vozerio dos vendedores e entre ameaças dos veículos, enviar da rua uma saudação ao Jesus de nossas igrejas, ainda que seja um simples cumprimento!

Entra-se na igreja e por vezes se deixa fora a alma... Não quero perder tempo fotografando a atitude de muita gente na casa de Deus. Essas Missas a que se assiste encostado a uma coluna, suspirando pelo momento da bênção final, passando em revista as pessoas, talvez criticando e comparando vestidos e elegâncias, não são porventura as Missas dominicais de muitos que se consideram bons cristãos, praticantes, exatos cumpridores de seus deveres religiosos?

Ao invés, quem aprendeu a telefonar, mal transpõe os humbrais do templo, já lança um olhar ao Tabernáculo. Já lá chegaram tantas saudações, tantos olhares expressivos da alma, tantos extremecimentos do coração!

Toma a água benta e, comenta Ernesto Hello, como a heroína de Betúlia, exclama: “**Senhor, minh’alma se volta para Vós como a terra sedenta de água**”. Não é bela a gota de orvalho que nas manhãs primaverais pende das folhas do campo e brilha iluminada pelos raios do sol nascente? Também a gota de água benta, que tomamos ao entrar na igreja, brilha em nossa fronte, se a iluminamos com a luz de Deus! Símbolos do orvalho dos favores celestes, sinal da purificação interior que em nós se opera, se o acompanha a dor das culpas veniais, esse sinal da cruz já não é somente um ato material, mas é o início de uma conversação que se prolonga por todo o tempo que permanecemos na Igreja, enquanto dura a Missa, a Visita ou a função litúrgica a que assistimos.

Por que muitos cristãos se queixam de que não sabem orar na Igreja? A razão é muito simples: não sabem telefonar quando estão longe da Igreja. Quem, fora da Igreja, sabe telefonar a Jesus Cristo, quando se acha junto ao altar não encontra sérias dificuldades para conversar com o Rei e Amigo do seu coração, que se imola ao Pai, ou se oculta sob os brancos véus de uma Hóstia, dentro do Cibório.

O tempo que se passa na Igreja é limitado: é necessário atender logo às ocupações, aos deveres e ao trabalho. E o fio telefônico invisível nos pode acompanhar sempre com grande vantagem nossa. S. Bernardo expôs a doutrina de que todo o nosso trabalho deve ser uma oração. A superficialidade arregala os

olhos com grande admiração e pergunta: “Porventura havemos de andar sempre rezando?” Respondermos que sim. Por acaso não está escrito no Evangelho: “É necessário orar sempre”? E havemos então de andar todo o dia de joelhos? E nos Bancos, no Parlamento, nas oficinas, no campo?... Não, meus amigos, não é isto!

“Não é o que diz: Senhor, Senhor! que entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do Pai”, o que cumpre o seu dever cristãmente, nos adverte Jesus. A mãe de família que ficasse na Igreja durante diversas Missas absorta em longas orações e deixasse em casa os filhos sem os cuidados necessários, não teria a aprovação de Deus. E então? Então, com o telefone se resolve tudo. O cristão em graça, quando trabalha como logo veremos, tem uma atividade santificada, divinizada; portanto, se no princípio do trabalho e de vez em quando dirige o seu pensamento a Deus, oferecendo-lhe tudo o que faz, pois que trabalha de acôrdo com a vontade de Deus, não é evidente que, neste caso, o trabalho mesmo adquire uma fisionomia nova e se transforma em oração? Não estais vendo que essa telefonada matutina, isto é, a reta intenção inicial, se não foi depois retirada, influe em todo o dia e santifica as nossas orações?

Midas, filho de Górdio, antigo rei da Frígia, na Trácia, obtivera dos deuses o poder de converter em ouro tudo o que tocasse; o telefonista cristão, que quer multiplicar seus méritos e adquirir novos e maiores, tem a possibilidade de transformar em ouro todas as suas ações, cada gota de suor, cada sacrifício, cada esforço, cada sofrimento. Se no lugar em que se encontra se ouve uma imprecação ou uma blasfêmia, ele diz uma jaculatória. Se comete um erro, trata de repará-

lo e oferece os próprios defeitos involuntários ao Único que sabe dele se compadecer. Se toma o trem e contempla os fios telegráficos estendidos ao lado da via férrea, lembra-se que Perosi imaginava colocar nesses fios as notas musicais do seu gênio de artista; ele há de pôr outras notas, as notas de amor por seu Deus. Cada torre que aparece e cada Igreja que vê é um convite para telefonar. Ao sentar-se à mesa, não se esquece das já citadas palavras de S. Paulo e também então se lembra de seu Deus e imita S. Teresa do Menino Jesus, que no refeitório imaginava estar sentada e comer no meio da Sagrada Família de Nazaré. Enfim, sempre se lembra de Deus. Fala, ri, diverte-se, conversa, mas continua a sua telefonada. Se a fera das paixões rugir em seu coração, ele sabe como pedir auxílio ao Aliado que nunca falha. E quando, à noite, se recolhe para descansar, voa até ao Deus que alegrou o seu dia afanoso e reza desta forma: “Guardai-me, Senhor, como a pupila dos vossos olhos, protegei-me à sombra de vossas asas!” Ou também: “Visitai, Senhor, esta casa! Afastai dela todas as inírdias do Inimigo! Os vossos Anjos nela habitem e a guardem em paz junto com os meus entes queridos! Desça sempre sôbre nós a vossa santa bênção”.

3. **Objecções e êrros**

Prevejo algumas objecções.

Poesia, exclamará alguêm, digna duma fé ingênua e do sonho infinito dos místicos! Isto porém não é para nós. Não somos trapistas nem carmelitas. Somos gente de negócios, homens do mundo, gente de casa: somos mecânicos, banqueiros, engenheiros,

empregadas, professoras, operárias. Como poderemos ser como esses... telefonistas?

Quando ouço esta objeção, sacudo a cabeça. Acaso, ao vos convidar a ser telefonistas, vos disse eu que deveis deixar vossas famílias, vossas ocupações, vossos empregos? Não. Tudo o que pertence à vossa atividade exterior, pode continuar. Será preciso somente evitar o mal. Por exemplo, o banqueiro que por acaso roubasse, deveria deixar de roubar; a empregada deveria atender melhor às suas ocupações e assim por diante. Nada pois de extraordinário. Não se trata de tomar o hábito de frade ou o véu de monja. Nada disto. Trata-se de imprimir um sentido cristão à nossa vida. Pensar de quando em quando em Deus com uma jaculatória; oferecer-lhe as ações do nosso dia; orar na Igreja de uma maneira digna desta palavra, serão porventura cousas impossíveis e só para as almas místicas entregues à contemplação? Não tendes também vós uma alma para salvar? Não ides algumas vezes à Igreja pedir graças? Não dizeis que acreditais em Deus? Se acreditais, como podeis deixar de recorrer a Ele e tornar-vos um bom telefonista? Continue a mãe de família cuidando de sua casa. Prossiga nas suas construções o engenheiro. Cumpra cada um às obrigações do seu estado. Mas todos, sem exceção, podem e devem acabar com esta vida cristã só de nome, que repugna aos olhos de Deus e à nossa própria consciência.

Dirão talvez: Mas eu não sei rezar! Nunca rezei de verdade em toda minha vida! Frequentei as Igrejas e os Sacramentos, mas não sei falar com Deus...

Respondo: Não estranho isto. Ide ao telefone e aprendereis logo a rezar. Explico-me.

Para telefonar a Deus não são necessárias fórmulas especiais, nem longas orações. Lembremo-nos daquele bom velho (um pobre campônio analfabeto) de quem fala o santo Cura d'Ars. O bom homem ficava longas horas na Igreja, imóvel diante do Tabernáculo. Um dia o santo lhe pergunta: "Que fazeis durante este tempo? Que orações rezais? Que dizeis a Nosso Senhor?" O velhinho surpreendido, respondeu: "Não digo nada. Nenhuma oração. Eu olho para Ele e Ele olha para mim."

Que excelente método! Oxalá o imitassem todas as almas boas!

Agora, uma palavra para evitar alguns erros e preconceitos.

Antes de tudo, o bom assinante deste sistema telefônico detesta os pescoços tortos, repudia os sucessores dos fariseus, que, ao rezar fazem caretas para chamar a atenção e provocar a admiração dos outros, franzem a testa, reviram os olhos, põem tal máscara de compunção, que seria capaz de espantar todos os gatos da vizinhança...

Quem está unido a Deus traz consigo a fonte da alegria; e até mesmo na dor se resigna e compreende como S. Paulo pôde dizer: "Tenho superabundância de gozo entre as minhas atribulações". Se nós que trazemos a Deus no coração, não estamos contentes, quem o poderá estar na terra?

Não devemos chamar a atenção. Estamos rindo, brincando? Pois é esta também boa ocasião para dar uma telefonada rapidíssima a Jesus mesmo sem mover os lábios. Basta fazer vibrar o coração. É só isto o que Ele deseja!

E vós, almas boas, não vos queixeis por não saberdes orar ou por atravessardes um período de aridez.

Também o sofreu, e terrível, Santa Teresa do Menino Jesus. Ela, porém, foi uma telefonista original: comparava sua aridez de espírito à escuridão de um túnel pelo qual Deus queria que passasse o trem da sua vida; e ainda mergulhada em densas trevas, enviava uma saudação ao sol, suspirando por contemplá-lo.

Além disso, nunca se repetirá bastante: quem aprende a telefonar, aprende a fazer bem todas as suas práticas de piedade. A Comunhão da manhã, por exemplo, adquire outro aspecto. As telefonadas do dia anterior e da manhã são a melhor preparação para a Comunhão; e o trabalho oferecido a Deus se torna um esplêndido hino de ação de graças. A Comunhão é o momento em que, depois de tantos recados telefônicos, Jesus vem à alma e com ela se une íntima e sacramentalmente. É o momento em que Ele fala e abençoa. Já não há, neste caso, uma separação entre a Comunhão e o resto do dia. Tudo está harmônicamente unido e é por isto que se torna fácil comungar bem, com frequência e fervor.

Diga-se outro tanto da Confissão. Se usamos bem do nosso telefone, a dor dos pecados não será coisa tão árdua. Basta pensar em Jesus, em seus castigos, em seu Coração, em sua Paixão, em seu belo Paraíso e no seu Amor, e tudo está feito.

Não existem dificuldades insuperáveis para habituar-se a telefonar. Em pouco tempo se toma prática. Superadas as primeiras dificuldades, os progressos são rapidíssimos. Falai a Deus como falais a um amigo, a um pai, a um benfeitor. Não é preciso usar frases estudadas, palavras rebuscadas. Falai com toda a singeleza e espontaneidade do amor filial.

Lembro-me de que, num colégio de Irmãs Marcellinas de Milão, prèguei o Retiro Espiritual às meninas

que estavam se preparando para receber o primeiro beijo de Jesus Eucarístico. Ainda me parece estar vendo diante de mim aquelas pequerruchas, pendentes de meus lábios, ansiosas pelo dia da Primeira Comunhão. No princípio do Retiro lhes disse: “Minhas filhinhas, esta noite ireis para vossas casas e chegará a hora do descanso. Sereis capazes de vos lembrar de uma cousa? Dai um nó em vosso lencinho, para não esquecer... Pois bem; quando estiverdes na vossa caminha, depois das orações da noite, voltai-vos para o vosso Anjo da Guarda e dizei-lhe assim: Olha, meu querido Anjo, faze-me um favor. Vai um instante à capelinha do Colégio, onde farei, dentro de poucos dias, minha Primeira Comunhão. Vai ter ao Tabernáculo de Jesus; leva-lhe o meu beijo e a minha saudação. — E vos lembrareis disto, minhas filhinhas?”

Todas aquelas fisionomias comovidas me responderam que sim. Naqueles olhinhos inocentes parecia brilhar um raio de luz do santo Anjo. E prossegui: “Pensai, filhinhas, que cena maravilhosa haverá esta noite em nossa capela. Tudo silêncio e trevas. Ninguém estará aqui. Só estará presente Jesus que pensará em vós e olhará para vós, para vossas casas e para o vosso pequeno coração. Diante d’Ele, a lâmpada... Estais vendo esta lâmpada, com a sua pequena chama trêmula, que fala a Jesus, quando nos calamos e estamos mergulhados no sono? E virão os Anjos... Entrarão um a um... Hão de se aproximar do Tabernáculo; e levarão a Jesus o vosso beíjo, a vossa saudação, o vosso sorriso... E Jesus ficará muito satisfeito. E vos lembrareis de fazer isto, filhinhas?”

— “Sim, sim!” exclamaram com os olhos aljofrados de lágrimas suaves e puras, que o divino Amigo

das crianças terá recolhido, como as recolhia outrora sob o céu da Palestina.

Cumpriram a palavra. A cada prática, lembrava-lhes a promessa e o Anjo. E notei, pela expressão do rosto e do olhar das pequeninas, que não falei em vão. Essas pequerruchas, não eram também telefonistas?

4. Votos e esperanças

Um dos fins desta obra, como já terá percebido claramente quem me seguiu até aqui, é fazer conhecer e difundir cada vez mais esta união com Deus, união que nunca deveria faltar a nenhuma alma verdadeiramente cristã.

Infelizmente são muitos os que se dizem cristãos, ao passo que do Cristianismo não conhecem nem os primeiros elementos; que se consideram crentes sem jamais terem encontrado, como diz Contardo Ferrini, “o sorriso de Deus”, sem nunca terem saboreado “a festa dos santos pensamentos”. “Lançados num mundo corrompido e louco, no meio da fascinação da vida dissipada que nos cerca por todos os lados, entre o vício supersticioso e as doudas blasfêmias”, se não queremos perecer, temos que recorrer às “comunicações íntimas”, aos “abraços de Deus. Será uma lembrança dos pensamentos da manhã que aflora à mente entre os trabalhos do dia e nos consola. Será um olhar ao nosso Pai, no meio das ocupações diárias; será um ato de amor que se evola quasi inadvertidamente de nossos lábios, mas é recolhido pelos Anjos, mas arrebatada o coração de Deus; será finalmente o que S. Paulo chama a **conversação nos céus**, e que ele assinala como um dever do cristão”.

Nas suas homilias sobre o Evangelho de S. João, o Crisóstomo compara a alma do Evangelista a uma lira tocada pelo Espírito Santo para arrancar dela um canto suave e melodioso. Não se deve pensar que só a alma do Discípulo amado seja semelhante à lira. Cada uma de nossas almas, se se acha em graça de Deus, está sob o influxo do Espírito Santo, que diviniza toda a nossa atividade e a transforma em música divina.

A música das almas: eis o nosso ideal! Hoje em dia muitas almas não sabem cantar, e até não conhecem sequer as notas do solfejo espiritual.

Este livro lhes dirá, com brevidade e clareza, toda a beleza do íntimo canto religioso, em comparação do qual nada são as suaves melodias do canto gregoriano e as harmonias de Palestrina. Uma cruzada de orações acompanha estas pobres páginas: almas formosas, consciências virginais, espíritos generosos, que sofrem por amor de Cristo, oram intensamente enquanto vós percorreis estas linhas. Talvez ao ler esta obra sintam vossos corações um eco desse cântico, a cujas vozes deveríeis unir-vos.

Com a publicação desta obra, se inicia uma nova campanha pela cultura religiosa e pela... divulgação do telefone. Se estes esforços e trabalhos forem abençoados pelo Coração de Jesus, nossa pátria contará logo milhares e dezenas de milhares de telefonistas cristãos. Dos campos desta alma parens frugum — como a chamou Virgílio — enquanto a camponesa recolhe as espigas de trigo, cantará em seu coração: **Louvado seja a todo momento o Santíssimo e Diviníssimo Sacramento!** De cada oficina, de cada praça, de cada escola, de cada hospital — e não só dos Seminários, dos Conventos ou dos Mosteiros — partirá uma saudação ao Cristo Jesus e uma súplica

que invoque o seu reinado social no mundo. Das catacumbas de Rôma e dos sepulcros dos santos, a voz dos mártires, dos grandes e dos antepassados se há de confundir num só côro com o hino dos filhos, conscientes de sua grandeza e de suas tradições. O hino está prestes a ser entoado. Escutai e percebeis que ele vem anunciar a todos a radiosa aurora de uma nova pátria cristã, que avança para o futuro, com o olhar fixo nesse Coração onipotente, que conhece as vitórias do amor.

RECAPITULAÇÃO

A graça habitual nos diviniza e nos une a Deus. A oração deve fazer com que todos os nossos atos livres sejam vivificados por Deus e dirigidos a Ele, como ao centro de todas as cousas.

O método prático para organizar a vida neste sentido, consiste não só em conservar a graça no próprio coração, mas também em voar freqüentemente, com o pensamento e o coração, ao Tabernáculo.

E' preciso dirigir uma silenciosa saudação a Jesus especialmente:

- a) ao despertar, para que Jesus receba a primeira palpação de nosso coração;
- b) oferecendo, pela manhã, todas as obras que fizermos durante o dia, ao Coração de Jesus;
- c) antes de rezar as nossas orações;
- d) caminhando pelas ruas e praças;
- e) ao entrar na Igreja, enquanto tomamos água benta e fazemos a genuflexão;
- f) durante o trabalho;
- g) quando se ouve uma blasfêmia ou quando uma conversa má nos fere os ouvidos;

- h) ao sentar-nos à mesa e quando nos recreamos;
- i) à noite, antes de dormir, de modo que Deus receba o primeiro e o último beijo do dia.

Quem assim vive e santifica as suas ações e o seu trabalho, praticando esta união com Deus, pode repetir as palavras do autor da Imitação de Cristo: "Estar com Jesus é um doce paraíso".

II. O CRISTÃO E A NATUREZA

Jamais esquecerei uma hora de minha vida, quando, pela primeira vez, compreendi o verdadeiro significado, a alma — se é lícito me exprimir assim — de todo o pensamento de Santo Agostinho. Este gênio, que é um dos maiores pensadores da humanidade, me sacudiu tão fortemente naquela noite de estudo, com suas profundas elucubrações, me deslumbrou com uma explosão de luz tão vívida que, vivesse eu ainda mil anos, sempre me haveria de lembrar da profunda impressão que recebi.

Hei de ter ocasião de falar nisto em outro lugar. Aqui direi somente que, diante do Universo, diante da natureza com todas as suas belezas e diante de todas as cousas grandes ou pequenas, eu era um verdadeiro analfabeto. E Sto. Agostinho me ensinou a ler, ou melhor, a soletrar.

Colocai um livro nas mãos de um analfabeto. Seus olhos recebem a mesma impressão sensível que os vossos. Ele vê algumas cousas pretas sobre o branco da página, alguns sinais e só. O sentido das palavras escapa ao seu alcance. Aquelas páginas são mudas para ele. Dai o mesmo volume a quem sabe ler. Seu olhar se aviva. Percebeu uma idéia, talvez

uma melodia de amor e de beleza. Estes sinais são para ele como as cordas vibrantes de uma harpa.

Pois bem: a natureza é um livro. Nós freqüentemente somos analfabetos: não sabemos entender essas páginas maravilhosas, escritas por nosso Pai, para nós, para os seus filhos. S. Agostinho, ao contrário, lia, compreendia, se enchia de entusiasmo e cantava. Onde nossos olhos vêem um só objeto, uma pedra, um inseto, uma planta, uma montanha, ele, penetrando no sentido dessa letra ou sílaba material, descobria um raio: o raio iluminador do pensamento divino, da divina Verdade, do Verbo. Deus é um sol (assim ele expunha o dogma da criação); se este sol não existisse, nós não teríamos nenhum raio, nenhum ser, nenhuma cousa. A criação, que importa na passagem de um ser do nada para a existência, é obra de Deus. E tudo o que existe, é por Ele conservado; pois que, podeis acaso imaginar um raio que brilhe separado do sol? Cada cousa, pois, é um resplendor de Deus. Pobre analfabeto! não fiques na superfície, no símbolo, no sinal exterior. Aprende a ler no grande livro da natureza! Tu, filho de Deus, nela saudarás o teu Pai!

1. Os métodos no estudo da natureza

Ninguém medianamente culto pode deixar de admitir que muitas vezes o homem seja analfabeto diante da natureza. Não é mister ser muito inteligente para reconhecer a ignorância e leviandade humana, fria e impassível diante das maravilhas que encerra até um pequeno grão de trigo.

Não está nisto o ponto de divergência, mas sim no método de ler, de interpretar a natureza.

1. — Existe um método, que se chama **método científico**. O sábio observa, perscruta e reflete. Os fenômenos que caem debaixo dos sentidos, são estudados por ele, em si mesmos e em suas relações. Desta forma, chega a utilizar e a dominar a natureza. E quem não admira os progressos da ciência moderna?

2. — Há outro, que se poderia chamar o **método estético**. O artista examina a natureza. O mar, por exemplo, oferece um espetáculo muito diverso ao químico que analisa a água e ao poeta inglês Swinburne, que, num trecho de "**Tristram of Lyonesse**", nos sussurra ao ouvido: "O rápido mar brilhava — e estremecia como asas abertas de anjos — impelidos para a frente pelo sopro do sol; — e uma lenta e doce brisa desfolhava todas as néveas e frágeis corolas de espuma — como numa chuva de rosas marinhas — espalhadas, pétala por pétala, sobre aquele verde canteiro — que as tempestades e os ventos do Oceano revolvem e sulcam; — pois que, róseos e afogueados, ao redor da proa que avança, — esvoaçam os frcos e os salpicos rendilhados, — que desabrocham como flores atiradas por Deus — para murcharem por sobre as águas ardentes". Que diferença entre este sentimento da natureza e a fria severidade de um cientista!

3. — Finalmente, existe outro método, o **método cristão**, que, como sempre, não é a negação dos outros dois (o sobrenatural nunca destrói a natureza), mas une-os, eleva-os, supera-os.

Se o cristão reflete sobre o que significa a palavra "criação", reconhece em todo ser a imagem de Deus, isto é, a presença efficacíssima, a obra inteligente

e a infinita bondade de Deus. E quando considera a sua elevação à ordem sobrenatural, saúda na natureza, a casa, que o Pai criou para seus filhos. Todas as cousas são como asas que Deus nos oferece para voar ao seu Coração paternal em um arroubo de amor.

Nihil sine voce: não há nada mudo e sem voz, na gráfica expressão de S. Paulo. Tudo canta a bondade de Deus, dizia o poeta inspirado dos Salmos: “Os céus narram a glória de Deus. O firmamento revela as obras de suas mãos. O dia nos fala da glória do Criador; a noite descobre as suas maravilhas... Deus fez dos céus uma tenda para o sol e o sol sai como um espôso de sua câmara nupcial e se alegra com o atleta que vai correr no torneio... Deus meu, Deus meu, quão admirável é o vosso nome sôbre a terra!... Quando contemplo o céu que é obra de vossas mãos, a lua e as estrêlas que criastes, que preparastes, não posso deixar de exclamar: Quem é o homem para que vos lembreis dele?”

O Pai proveu o necessário aos seus filhos. Com a natureza, pensou no pão material e alimento cotidiano. Todos os frutos da terra, todos os alimentos nos falam de Deus. Deus toma da natureza a água e o azeite, o pão e o vinho, como matéria dos seus Sacramentos, como para nos lembrar que a ordem natural deve ser elevada a uma ordem mais alta e divina.

A doença e a morte são, de fato, também para a alma cristã, um golpe doloroso, que nos separa do mundo; mas não nos fazem maldizer a natureza: dão-nos a liberdade para que possamos voar até o Pai, que nos espera.

Esta foi sempre a atitude dos verdadeiros crentes. “Há um fato na literatura antiga, observa Con-

tardo Ferrini, ao qual, julgo, não se prestou a atenção que ele merece. Qual foi o povo antigo que teve mais arraigado o sentimento da natureza e melhor o exprimiu em sua literatura? Porventura a Grécia?. Não, a não ser que queiramos citar colégas de Teócrito, nas quais, porém, o excessivo artificialismo prejudica a manifestação da natureza... Ao contrário, o sentimento da natureza se apresenta de um modo evidentíssimo na Bíblia... Os cantos de Davi são disto uma prova. E também Cristo se serviu do grande livro da natureza externa... “Eis os lírios do campo que nem fiam nem tecem; nem Salomão, com toda sua glória, se vestiu com tanto esplendor! Eis o sol que se alevanta solene e majestoso, no horizonte da Palestina...; é o Pai comum que o faz surgir para os bons e para os maus, e, como emblema da misericórdia de Deus, nos ensina a caridade universal. Oxalá nos fôra dado a nós esse espírito interior que de cada coisa toma ocasião para elevar-se a Deus e pensar umas vezes em sua ternura, outras em sua sabedoria ou em sua beleza. E imagina quão belo há de ser o reino dos eleitos, se tantos sorrisos do céu embelezam a terra”.

Este terceiro método — o método cristão — não suprime, mas sobrenaturaliza os outros dois.

Se o Pai criou e conserva todo o universo e tudo quanto ele encerra, é evidente que na natureza há de haver a ordem e que o sábio, com suas pacientes investigações, deve descobri-la. E’ possível ser fervoroso cristão como Alexandre Volta, que acompanhava as procissões eucarísticas com uma vela acesa e explicava o catecismo aos meninos, e ao mesmo tempo se pode ser o inventor da pilha. A luz elétrica não apaga, mas supõe a luz de Deus. E’ possível destacar-se

no campo científico como Ampère, e ao mesmo tempo recitar o Rosário ou tomar entre as mãos a cabeça do jovem Ozanam, exclamando: "Ozanam! Ozanam! como Deus é grande!"

Stoppani ouvia a voz de Deus nas pesquisas da geologia; Schiaparelli na contemplação dos astros; Henrique Fabre no estudo dos insetos; milhares de cientistas em todos os diversos ramos da ciência.

Assim também, o sentido cristão da natureza não contradiz, mas eleva a emoção estética a divinas vibrações. A natureza, apreciada em sua imanente poesia de beleza, é um pálido reflexo da divindade resplandecente. "Se embevecidos em tanta beleza — observa o livro inspirado da Sabedoria — os homens fizeram das criaturas um Nume, saibam que é muito mais belo o Senhor de todas estas cousas, o Criador delas, o **pai da beleza**".

Em uma palavra, a visão cristã da natureza não importa numa diminuição, mas num acréscimo de toda visão humana. O cristão não é menos que o homem, mas é algo mais: é o homem divinizado. A natureza, tal como a contemplamos nós, cristãos, implica a ciência, a beleza, a fé. E assim como na Acrópole de Atenas, entre a magnificência e o esplendor dos seus templos e o sorriso da arte, se podia celebrar a glória da Grécia, a bela; nós, com muito mais razão, entre o verdor das campinas, diante da imensidade do mar ou sobre os cumes nevados dos montes, que se vestem de púrpura ao beijo do sol nascente, podemos cantar a glória do Pai, que tudo criou mediante seu Filho, como está escrito: "Tudo foi criado por seu intermédio; e sem Ele nada foi feito".

2. Conselhos práticos

Quisera pedir ao leitor que pare um instante, ponha a mão na consciência e pergunte a si mesmo: “É realmente este o modo com que eu, cristão, contemplo a natureza?”

Talvez a resposta seja desoladora. Mas a culpa não é toda nossa. Ela cabe à educação errada que se dá à juventude atual, à qual se ensinam com todo cuidado os primeiros princípios da matemática, da literatura, das ciências, das línguas, sem juntar-lhes os primeiros princípios do Cristianismo.

Que culpa têm estas almas juvenís, que no fundo são generosas, delicadas e nobres, se ninguém as ajudou a decifrar o pensamento de Deus, escrito na natureza? Como os hieroglifos egípcios permaneceram mudos até que os estudiosos do século passado os interpretaram e nos ensinaram a compreendê-los, assim a natureza continuará sendo um hieroglifo inútil para as consciências não educadas cristãmente.

“O sentimento da natureza — permitam-me outra citação de Contardo Ferrini — esse precioso dote das almas privilegiadas, deveria ter uma parte importantíssima em nossa educação. Pobre juventude que cresce engrouvinhada, raquítica de corpo e de espírito, sem idéias e sem coragem, que não conhece outros passeios a não ser os das Avenidas, e nem outros horizontes além dos balcões, nem outros espetáculos da natureza senão os que leu nos livros! Pobre mocidade, sem consciência e sem dignidade, que se ocupa de modas, romances, teatros e cinemas, e ainda não se aventurou à beira de um abismo, nem escalou os cumes da montanha!... Aprenda a gozar o sol nas-

cente, contemplado no cabeço de um monte; o sol que morre no ocaso e incendeia as vastas geleiras; o luar que brinca no vale solitário; colha a flor que cresce no limite das neves perpétuas, e exulte com tantos sorrisos do céu entre a horrorosa magnificência das montanhas!” Nossos Alpes sobretudo — parece exclamar do alto do Vaticano o Sumo Pontífice Pio XI juntamente com Ferrini — nos fazem sentir a proximidade de Deus e suas maravilhas: “Deus fala no cimo nublado do monte, no fragor da torrente da montanha, no horror dos íngremes rochedos, no candor das neves perpétuas, no sol que tinga de púrpura o ocidente, e do vento que desgrenha a cabeleira dos vetustos abetos. A natureza vive animada com o sôpro onipotente de Deus, sorri à alegria dele, se obscurece com sua ira, ela ainda jovem no meio de mil vicissitudes, como é perenemente jovem o sorriso de Deus”.

É necessário habituar-se — lentamente, mas com perseverança tenaz e vontade firme — a ler cristãmente na natureza. Todos os dias façamos algum exercício desta leitura. Nunca nos deitemos à noite sem lançar um olhar às estrêlas... Pobres almas dissipadas e superficiais, amiúde vos queixais de que ainda não encontrastes um livro de orações que vos ajude a rezar bem! Contemplai o céu estrelado! Eis um livro de orações, escrito por Deus. Experimentai a lê-lo e as estrêlas, como todas as cousas diziam um dia a S. Agostinho, vos convidarão a amar a Deus: “Senhor, tudo me diz que vos ame!” Aprenderéis deste modo a usar este divino fio telefônico, que é a natureza; e penetrareis finalmente, de uma vez por todas, na alma do verdadeiro S. Francisco, que não é esse S. Francisco do racionalismo, do panteísmo, e muito menos o S. Francisco de certa enfermija literatura

franciscana de nossos dias, mas o S. Francisco **cristão**, o S. Francisco dos estigmas, que amava a Deus e a cada passo o via em sua verde Úmbria, no irmão lobo e na irmã cotovia.

Admiremos a beleza do seu famoso “Cântico do Sol”, através da insuperável tradução de Augusto de Lima: (1)

“Excelso, onipotente, bom Senhor,
a Ti todo o louvor;
sòmente a Ti pertençam
toda a honra, toda a glória, toda a bênção.
Nenhum mortal, ainda que o orgulho dome,
nenhum é digno de dizer teu nome.

Louvado sejas, meu Senhor,
com todos estes seres que criaste,
a começar pelo irmão sol, engaste
da luz que gera o dia, e do esplendor
da tua glória — imagem, meu Senhor!

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua e irmãs estrélas,
que formaste no Céu com tanto amor,
tão claras e tão belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,
pelo ar, nuvem, orvalho... firmamento;
pelas quatro estações, com que asseguras
nutrição e saúde às criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água, que se arrasta,
útil, humilde, preciosa e casta.

(1) “S. Francisco de Assis — poema — Belo Horizonte — 1930”.

Louvado sejas, meu Senhor,
 pelo irmão fogo, fonte de calor,
 que aclara a noite, e afasta a morte,
 belo, jocundo, varonil e forte.

Louvado sejas,
 pela nossa irmã, a terra maternal,
 cujas entranhas benfazejas
 produzem o tesouro vegetal
 de árvores, ervas, frutas de ouro e flores,
 cheias de aroma e tintas de mil côres.

Louvado sejas, meu Senhor,
 porque, por teu amor,
 há quem perdoa e sente
 todos os males pacientemente.
 Feliz o que na paz perseverar,
 porque no Céu Deus o há de coroar.

Louvado sejas, meu Senhor,
 a Ti, todo o louvor,
 porque nos deste a nossa irmã, a Morte,
 a inevitável morte corporal.

Infeliz o que morre na má sorte
 do pecado mortal.
 Ao que morre feliz em tua graça,
 nunca a outra morte há de causar desgraça.

Louvai e bendizei, todos, o meu Senhor;
 Louvai-o e agradecei-lhe com amor
 a infinita bondade,
 e, cheios de humildade,
 louvai e bendizei o meu Senhor! (1)

-
- (1) *Laudato sie, mi Signore, cum tucte le tue creature,
 spetialmente messer lo frate sole,
 lo quale jorna, et allumini per lui.*

RECAPITULAÇÃO

1. — A natureza é um livro escrito e composto pelo Pai celestial para nós, seus filhos.

2. — Procuram interpretá-lo: o cientista que em seu estudo dos fenômenos aspira a descobrir e coordenar as regras ou leis da natureza; o artista, que admira a beleza da criação; o cristão, que, na ordem dos fenômenos e no esplendor do universo, ouve a voz da mesma Sabedoria incriada e vê um raio da Beleza divina.

**Et ellu é bellu e radiante cum grande splendore:
da te, Altissimo, porta significatione.
Laudato si, mi Signore, per sora luna e le stelle,
in cielo l'hai formate clarite et pretiose et belle.
Laudato si, mi Signore, per frate vento
et per aere et nubilo et sereno et onne tempo,
per lo quale a le tue creature dai sustentamento.
Laudato si, mi Signore, per sora acqua,
la quale é multo utile et humile et pretiosa et casta
Laudato si, mi Signore, per frate focu,
per lo quale enn'allumini la nocte.
ed é bellu et jocundo et robustoso et forte.
Laudato si, mi Signore, per sora nostra madre terra
la quale ne sustenta et governa
et produce diversi fructi con coloriti fiori et herba.**

**Laudato si, mi Signore, per sora nostra morte corpo-
da la quale nullo homo vivente puó scappare. [rale**

**Laudate et benedicete mi Signore et ringraziare
et servitel'ò cum grande humilitate.**

3. — Nós, com exercícios graduais, devemos aprender a ler no livro da natureza com o método cristão, lembrando-nos em toda parte da presença de Deus, criador e conservador de todas as cousas e nosso Pai amantíssimo.

III. O CRISTÃO E A VIDA

Um bom frade capuchinho falava uma vez de um seu irmão, que tendo sido nomeado Bispo, fazia, em sua diocese, verdadeiros prodígios de apostolado e de bem. Para exprimir toda a sua admiração, saiu-se o bom do frade com esta expressão: “Quereis saber de uma cousa? Esse irmão Bispo **crê em Deus**”.

Riram por um instante àquela espontânea e ingênua saída, pois não é nada extraordinário que um Bispo creia em Deus. Era só o que faltava! E no entanto, a expressão daquele capuchinho é muito profunda. Pode-se crer em Deus só com os lábios e se pode crer em Deus também com a vida.

A vida do verdadeiro cristão não deve ser outra cousa senão um ato de fé no seu Deus, pronunciado, não com palavras, mas com os atos. O homem justo, diz a S. Escritura, vive de fé. Isto equivale a dizer: o filho de Deus, justificado e divinizado pela graça, “vê a Deus em todas as cousas e vê todas as cousas em Deus”, como se exprime S. Francisco de Sales. Por conseguinte, aos seus olhos tudo brilha com os resplendores do Paraíso, e sua atividade é inspirada cristãmente.

Ele — acrescenta o Pe. Mathéo Crawley — quer **viver divinamente**, não como simples homem, mas como filho de Deus.

Muitas pessoas, quando ouvem ou lêem estas idéias, não sabem que se trata de princípios **elementares** do Cristianismo, e dizem que são normas muito boas para os santos, para as monjas de clausura, para os ermitães do deserto. Devemos, pois, explicar o sentido deste programa, que há de ser um programa comum ao poeta, ao carpinteiro, ao rei, ao são e ao doente, ao deputado, ao estudante, à mãe de família, ao guarda civil, a todos. Um cristão que não vive divinamente é apenas caricatura de cristão, ou melhor, é um traidor de Cristo.

1. — Antes de mais nada, é conveniente lembrar mais uma vez que, **para viver divinamente, é necessário ter a graça no coração.** Quem possui a graça, seja um príncipe ou um varredor de rua, é filho de Deus, tem Deus em si; suas boas ações já não são puramente humanas, mas são divinizadas. E note-se — como diz muito bem Marmion — “que não somente as ações que pela sua própria natureza se referem diretamente a Deus — tais como as práticas de piedade, a assistência à S. Missa, a Comunhão e outros Sacramentos, as obras de caridade espirituais e corporais — mas também as ações mais ordinárias e triviais, os incidentes mais vulgares de nossa existência cotidiana — tais como o comer, descansar, atender às próprias ocupações e negócios, cumprir na sociedade as diversas obrigações de homem e de cidadão — todas estas ações que se repetem cada dia e vão literalmente tecendo, em sua monotonia e habitual sucessão, a trama de toda a nossa vida, podem ser transformadas, **por meio da graça e do amor**, em atos muito agradáveis a Deus e ricos de merecimentos. Também o grão de incenso é um pouco de pó sem consistência; mas lançado sobre as brasas, se transforma em agradável per-

fume. Quando a graça e o amor se apoderam de tudo em nossa vida, então nossa existência é como um hino p^{er}ene à glória do Pai celestial; ela se torna, para Deus, por meio da nossa união com Cristo, como um turíbulo do qual se evola uma fragrância que lhe é agradável”.

Não se há pois de julgar a atividade e a vida humana pela materialidade exterior das ações, mas pelo princípio interno que as vivifica. Se este princípio é a graça e a fé que opera pela caridade, nossa atividade é imensamente preciosa, é divina e nós **vivemos divinamente**. Só o pecado, isto é, a rebelião contra Deus, não pode ser santificado, “pela contradição que o não permite”; mas todos os outros nossos atos livres — desde o humilde trabalho do que espana um móvel, até o de quem dirige um Estado — podem ser a atuação deste programa que enunciámos, e que **todos os cristãos** — não só as monjas e os cenobitas — devem seguir. É nesta vida, vivida na graça, e com estas ações sobrenaturalmente meritórias pelo influxo atual ou virtual da caridade, que a própria graça santificante aumenta em nós. Assim como há um desenvolvimento do organismo físico, assim também há um desenvolvimento e progresso da vida espiritual. E também nesta, infelizmente, pode haver interrupção, fraqueza, anemia, cansaço, frieza (pecados veniais) e também a morte (pecados mortais). “Cresçamos por meio de todas as cousas”, nos recomenda S. Paulo: todo ato divinizado pela graça e informado pela caridade, prepara e opera em nós o crescimento divino, o aperfeiçoamento do filho de Deus que se diviniza cada vez mais, tornando-se sempre mais semelhante ao Pai.

2. — **Para viver divinamente, não basta adquirir a graça, mas é necessário também fazer a vontade de Deus.** Eis o segundo ponto, que afinal forma um só

preceito com o primeiro, porque não se faz a vontade de Deus sem estar em graça, e não se pode perseverar na graça sinão fazendo a vontade do Pai.

O significado desta segunda idéia é bem claro. Somos homens; se fizéssemos a nossa vontade, viveríamos humanamente com todas as conseqüências de uma tal existência, limitada à visão das cousas e às nossas fôrças. Ao contrário, quando vivemos conforme a vontade de Deus, nossa vida se desenvolve divinamente.

Assim é que vive divinamente o operário quando trabalha, o estudante quando estuda, o deputado quando assiste a uma sessão parlamentar, e assim por diante, se nisto fazem o que Deus quer deles. Por isso, é claro que não viveria divinamente um mestre, que — em vez de ficar na escola e cuidar dos seus alunos — os deixasse entregues a si mesmos ou a vigilantes sem consciência, ficando horas e horas na Igreja diante do Santíssimo Sacramento, quando a vontade de Deus quer outra cousa. Os santos não são santos pelos prodígios ou cousas maravilhosas que realizaram, mas só porque fizeram a vontade de Deus. Eis aí porque é santo um Vicente de Paulo ou um Cottolengo e Santa Teresa do Menino Jesús: os dois primeiros, em suas obras imortais de caridade para com o próximo, faziam o que Deus queria deles; esta última era, no silêncio do Carmelo, “uma bola nas mãos de Jesus”, e com a sua vontade outra cousa não fazia senão cumprir a vontade de Deus.

Portanto, o operário, o comerciante, a empregada, a costureira e o poeta, não só podem viver divinamente, mas até, se Deus os quer no lugar em que estão e eles quisessem fazer a própria vontade, desejando cousas em si grandes e melhores, às quais, porém, Deus não os chama, se enganariam. Se o comer-

ciante, contra a vontade de Deus, quisesse tornar-se um grande poeta; se um empregado, preso pelos laços da família da qual deve cuidar, quisesse tomar o hábito de frade, estaríamos diante de um desastre.

Não acontece sempre assim em todas as atividades quando, em vez de fazermos a santa vontade de Deus, fazemos a nossa pouco santa vontade?

E' a grande lição que S. Boaventura deu a um fradezinho do seu convento. O pobre leigo olhava com admiração o Padre Boaventura, pois sabia ser muito sábio. Um dia não se pôde conter e lhe disse: "Como sois feliz, Padre Boaventura, pois sois Mestre de teologia e conheceis tantas cousas que eu nem sequer entendo!..." O santo sorriu e respondeu: "Vê, meu caro irmão; se uma velhinha ignorante ama a Deus mais do que eu e faz a sua vontade com mais amor do que eu, acredita que essa velhinha é mais feliz do que eu com toda a minha ciência". Então o frade, em sua ingenuidade sublime, se pôs a gritar: "O' boa velhinha, ama a teu Deus, porque se o amares mais do que o meu Padre Boaventura, serás maior do que ele!"

Nossa vida está organizada cristãmente, quando amamos e cantamos o hino do divino amor no trabalho, ainda que modesto, do nosso dever cotidiano.

O amor divino, que é a caridade, a terceira e a maior das virtudes teologais, coordena então os atos das outras virtudes para o último fim, e lhes dá a forma e o mérito, como alicerce e raiz que os sustenta e os nutre. Quanto mais amamos a Deus, quanto mais conformamos a nossa vontade com a sua, quanto mais rezamos (não com os lábios, mas com os atos) o "fiat voluntas tua" do Padre-Nosso, tanto mais somos cristãos, isto é, santos. "Os santos — diz o Padre Mathéo — são cálices de amor".

Deste modo se resolve o problema da vida. Cada um deve indagar qual é a vontade de Deus a seu respeito, e pensando que Deus é nosso Pai e nós seus filhos, deve lançar-se em seus braços com devoção e afeto, tendo fé nele e seguindo o caminho por ele traçado. O verdadeiro ato de caridade não consiste na fórmula que sempre se reza, nem, muito menos, nos suspiros e nos gemidos de uma indolente e caprichosa sensibilidade; mas consiste em realizar a vontade do Pai, manifestada na condição, no estado, nas vicissitudes da vida e nas circunstâncias em que nos colocou ou permitiu que fôssemos colocados.

“Eis aqui, concluiremos com S. Agostinho, o breve preceito para bem governar teu coração: Faze o que Deus quer e não queiras que Deus faça o que tu queres”. A súplica do Padre-Nosso: “seja feita a vossa vontade”, não deve ir acompanhada pela cláusula: **contanto que seja igual à minha..** “Se entras na oficina de um ferreiro, prossegue o pensador de Hipona, não te atreverias a criticar os foles, a bigorna e martelos. Se, ao contrário, entrar um ignorante que não sabe a razão das cousas, tudo critica. Aquele que, sem possuir a perícia do ferreiro, tem ao menos o bom senso, que dirá consigo mesmo? Os foles não estão aqui sem razão; se eu o ignoro, o ferreiro saberá porque. Numa oficina, tu não te atreverias a censurar o ferreiro; e ousarás, neste mundo, fazer censuras a Deus?” Como o Filho de Deus que pôde afirmar com verdade: “Não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”, também nós — filhos do Pai celeste — devemos viver conformando nosso coração à vontade divina.

Portanto, a vida está cristãmente organizada, quando, na alegria e na dor, no descanso e nos dias de fadiga, no fugaz perfume das flores e nas prolongadas

borrascas, somos iluminados pelo sol divino. Nisto consiste a resignação, que não é fatalismo, mas, ao contrário, é luta e ascensão, tendo sempre presente Deus, a sua vontade, o seu amor.

Quem vive desta forma, recebe no íntimo de sua alma o beijo de uma serenidade e de uma felicidade celestial. A vida cristã deve ser um paraíso; entre dores neste mundo, sem lágrimas no outro. Com efeito, que é o Paraíso senão a visão de Deus? Aquí devemos ver a Deus com a fé ativa, e lá o contemplaremos face a face. Mas a vida terrena e a celeste, não podem deixar de ser organizadas senão de acôrdo com este centro: Deus, autor da ordem sobrenatural.

RECAPITULAÇÃO

1) O cristão é o homem divinizado; deve, pois, **viver divinamente**. Cada um, a todo momento da sua existência e em qualquer condição social, pode e deve cumprir este programa.

2) Para viver divinamente, é necessário:

- a) ter e conservar a graça na alma;
- b) fazer a vontade de Deus.

Eis aí, pois, resolvido o problema da vida: **devemos organizar a existência tendo a Deus como centro, qual autor, não só da nossa natureza, mas também da ordem sobrenatural**. Em outras palavras, não devemos limitar-nos a viver como homens honestos (ordem natural), **mas devemos viver como homens divinizados** (ordem sobrenatural). Não basta ser homens de bem; devemos ser cristãos.

IV. — O CRISTÃO E A DOR

A vida organizada cristãmente é vida de alegria. Esta conclusão, que brota espontaneamente de tudo quanto expusemos, causará grande surpresa a

muitos. Como?! — perguntarão. — Pode alguém ser feliz aqui na terra, entre tantos espinhos, entre amarguras e desilusões, entre desejos não saciados, enfermidades e separações, traições e dores?

O cristão não pode duvidar. O cristão não professa um fátuo otimismo, não nega as lágrimas e o mal. Apesar de tudo, exclama com S. Paulo: “Regosijai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! Que todos os homens conheçam a vossa moderação!... É a paz de Deus, que excede toda inteligência, guardará vossos corações e vossos pensamentos em Cristo Jesus”.

A fé nos mostra em tudo, e portanto na dor também, a vontade de Deus; a esperança nos indica a riqueza dos sacrifícios em relação a uma recompensa eterna; o amor transforma também o sofrimento em gozo.

Se aprendermos a sofrer cristãmente, acharemos a verdadeira e completa solução do importantíssimo problema da dor, que é preciso estudar **à luz do sobrenatural**.

1. Diversos modos de sofrer

Todos sofrem. Não há exceção a esta regra. Até aquele que cinge a fronte de rosas sente o pungir dos espinhos.

Há, contudo, várias maneiras de sofrer: pode alguém sofrer como bruto, como filósofo ou como cristão.

1) — Antes de tudo, como um bruto. E' o método mais comum até entre os que se dizem crentes. Que diferença haverá entre um cão enfurecido ou um

leão ferido e muita gente batizada, quando sofrem? O desespero, esforços **instintivos** para livrar-se da dor; não palavras pròpriamente, mas urros ou gemidos lancinantes; vencidos e aviltados, sofrem **à força**.

E no entanto, o mundo continua o seu curso; as estrêlas parecem rir de nossas lágrimas e os homens, até os mais chegados a nós, reproduzem a cena que aconteceu uma vez, no castelo de Chantilly.

Vatel, o cozinheiro do príncipe de Condé, acha-se muito atarefado, porque o próprio rei com o seu séquito chegara ao castelo. Mas, oh desgraça! naquela noite, na vigésima quinta mesa faltava o assado. O pobre Vatel estava inconsolável. E foi mister toda a eloqüência e todos os elogios do seu amo para dar-lhe um pouco de coragem e confôrto. Na manhã seguinte, depois de uma noite de insônia, levantou-se. Esperava-o uma triste surpresa: os fornecedores de peixe só haviam trazido uma quantidade insuficiente. Vatel não pôde resistir a tanta desventura; tomou da espada e suicidou-se.

Pouco mais tarde chegavam outros fornecedores trazendo todo o peixe necessário. O rei, os do séquito e o príncipe de Condé se compadeceram do pobre Vatel; ao meio dia, porém, estavam todos alegres e à noite ninguém mais se lembrava dele. O corpo do suicida nem tinha esfriado de todo; mas no castelo de Chantilly reinava a mais louca alegria.

Esta história é de todas as épocas e de todos os dias. Milhões de míseros Vatels sofrem, não encontram paz, nem alívio e se entregam ao despêro. E depois de uma existência sem sol, toda cheia de tempestades e de desilusões, morrem, desaparecem. Um as flores, um funeral e, às vezes, um discurso... E depois, nada mais. Há porventura, entre os meus leito-

res, alguém que se aflija pelos sofrimentos dos que viveram há duzentos, cem ou cinqüenta anos?

2) — Como este método é desastrado em si e em suas conseqüências, alguns sábios de todos os tempos quiseram enfrentar e resolver, **como homens, como filósofos**, o problema angustioso da dor. Infelizmente não chegaram a um acôrdo em suas conclusões. Muito pelo contrário! A religião de Buda, a qual, para arrancar pela raiz a triste planta da dor, nega e suprime a vida e quer mergulhar no Nirvana da inação e de uma aquiescência insípida e ignorante; a filosofia de Schopenhauer que proclama a irracionalidade do Universo e a caprichosa e inevitável evolução criadora da Vontade cega; o sonho de **Eduardo von Hartmann** de levar todos os homens a um suicídio universal, que extermine para sempre a humanidade; as teorias que se podem encontrar em **Jácobo Ortis** de **Hugo Fóscolo**, em "**Die Leiden des jungen Werther**" de Goethe, nos Cantos de Leopardi ou na musa de Byron, não são por certo comparáveis ao sistema de Leibnitz, para o qual o nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis. Os estóicos pregam a austeridade na dor; o homem, em nome de suas próprias forças e da afirmação de sua dignidade, deve suportar todo sofrimento sem lamentações e até sem lágrimas; a sensibilidade é uma fraqueza feminina; o coração é preciso destruí-lo. Hegel e seus sequazes explicam a dor como um momento necessário do "vir a ser", como antítese da tese, ou melhor, da alegria com a qual a dor forma a síntese da realidade concreta... Nós reconhecemos que, com a filosofia se pretende passar do nível do **bruto** ao nível do **homem**. Verificamos, contudo, a fraqueza de todas estas doutrinas, embora elas incitem o homem a não viver **fora de si**, mas a organizar-se a si próprio. Não queremos fazer aqui

tal crítica; isto pertence à filosofia cristã. Basta-nos salientar a ineficácia prática de todas estas soluções, destinadas a um pequeno grupo da aristocracia do pensamento, enquanto a dor, como a morte, são inexoravelmente democráticas.

3) — Existe, enfim, um terceiro modo de sofrer: **sofrer como cristãos**, isto é, sofrer como devem fazer os filhos de Deus, ou, para ser mais preciso, como sofreu o Filho de Deus. É a divinização da dor, consequência necessária da divinização da vida. É subir, não só do bruto ao homem, mas do homem a Deus. É imitar os aviadores, os quais, quando os ameaça a tempestade, **em vez de baixar à terra** com perigo de destruir o aparelho e perder a vida, **sobem acima das nuvens e da atmosfera agitada** e se aproximam do sol.

Não é difícil perceber que, no pensamento e na vida cristã, tudo está ligado entre si: o dogma da graça e da nossa elevação à ordem sobrenatural com a Cruz de Cristo e com a santificação da dor. A solução deste último problema se reduz a um comentário desta expressão: “Somos filhos de Deus”.

2. A solução do problema da dor

Os verdadeiros cristãos — os Santos — sentiram por vezes, mais do que ninguém, os estigmas da dor. E, no entanto, foram felizes.

É S. Paulo quem o diz aos fiéis de Corinto: “Estou cheio de consolação, meu coração transborda de gozo no meio de todas as minhas tribulações”. São os Mártires que padecem toda espécie de torturas e até a morte mais atroz, com o sorriso nos lábios. E’ S.

Francisco que exclama: “Tão grande é o bem que espero ter, que toda a dor me é um prazer”.

É Santa Teresa que propõe a Deus o dilema: “Ou sofrer ou morrer”. É Santa Maria Madalena de Pazzi que prefere orar assim: “Não morrer, mas sofrer”. São milhões de almas que abraçaram, beijaram e por vezes invocaram a sua cruz.

Como se explica isto? Donde provém esta resignação diante da dor e, às vezes, o desejo de sofrer?

Penetremos numa destas almas cristãs — sejam elas ignorantes como uma pobre mulher analfabeta, ou doutas como Santo Agostinho — e procuremos sondar sua vida interior em relação à Trindade Santíssima.

Aguilhoada pela dor, a alma cristã assim raciocina:

1. — Sou filha de Deus; isto é, **Deus é meu Pai**, e um pai que é a própria bondade e a mesma perfeição. Se me envia a cruz, é um bem para mim; não devo revoltar-me. Toda sofrimento é semente de glória. Cada lágrima santificada significa um paraíso mais belo, um grau de graça mais elevado, um canto de amor mais intenso por toda a eternidade. E, demais, cometi pecados e a dor é um remédio. Certamente o remédio é amargo: e com isto? Ele me é oferecido pelo Pai que me ama e deseja purificar-me. Então direi com o autor da Imitação de Cristo: “Senhor, se me quereis na alegria, bendito sejais; se me quereis na dor, sêde igualmente bendito”. “É bom — adverte S. Agostinho — que te submetas à vontade de Deus. Às vezes, é vontade de Deus que estejas são; às vezes, que estejas enfermo. Se quando estás bem te é agradável a vontade de Deus, e quando estás mal te é desagradável, não tens retidão de espírito, porque não desejas conformar a tua vontade à vontade de Deus, mas sim torcer a vontade de Deus para

tua vontade. A vontade de Deus é reta, mas a tua está torta. É a tua que deve ser endireitada de acôrdo com a dEle, e que não a dEle que se há de acomodar à tua. Estás muito bem neste mundo? Louva a Deus pelas consolações que te dá. Estás mal? Louva a Deus porque te corrige e te prova... Deus sabe o que faz.

“O açoite que te fere talvez te seja útil. Como podes saber onde está a gangrena, quando o cirurgião corta, passando o bisturi entre as carnes infeccionadas? Não é ele quem conhece a arte de operar e sabe até onde deve chegar? Por acaso, teus gritos devem fazer com que o médico desista de cortar o que é necessário? Tu gritas, mas ele corta. Será cruel porque não atende a teus gritos, ou é mais caritativo dilatando a ferida para que sares? Diz o Filho de Deus: “Não busco a minha vontade, mas a daquele que me enviou”. E tu queres fazer a tua vontade? Seja o teu coração reto e procura conformá-lo à vontade de Deus. Se alguma vez te perturba a fragilidade humana, há de consolar-te a bondade divina”.

Este arrazoado de S. Agostinho teria todo valor também na ordem puramente natural; muito mais persuasivo se torna, se refletimos que somos **filhos de Deus**, por Ele amados até o excesso e elevados a uma dignidade divina! O Pai nos ama. Os sacrifícios que exige de nós redundam em nosso proveito.

2. — Podemos acrescentar também que **redundam em proveito dos outros irmãos**.

Na ordem sobrenatural, como já vimos, sendo filhos de um mesmo Pai, constituímos **uma só família** composta de muitos irmãos, cujo primogênito é **Jesus Cristo**. Ele era a própria inocência; e não obstante sofreu e morreu. Mas as suas dores foram a salvação de todos nós. **A paixão** e as dores do Re-

dentor nos mereceram a graça. Também nós devemos sofrer uns pelos outros: o justo ora e sofre pelo pecador. E assim convém, porque o pecador é também nosso irmão, é um filho de Deus.

As almas cristãs oferecem seus sofrimentos e suas lágrimas pelo bem comum, em união com as dores de Jesus. Quando assistem à Missa, por exemplo, não esquecem a palavra de S. Agostinho: “Não procureis fora de vós a hóstia para ser oferecida ao Senhor; essa hóstia a encontrareis em vós mesmos”, em vossas dores. O sacrifício de Jesus santifica os nossos sacrifícios, e assim como, na Missa, o pão e o vinho se transformam e se transubstanciam em Jesus, da mesma forma, no sacrifício da alma cristã, se realiza outra transubstanciação: a hóstia da dor é apenas um véu que oculta uma oferenda divina a Deus pelos outros filhos seus.

“Se o grão de trigo não cai em terra e não apodrece e não morre, fica só; ao contrário, se apodrece e morre, chega a dar muito fruto”. Somos nós — comenta o Padre Mathéo em sua obra “O Rei do Amor” — o pequenino grão de trigo; só o sacrificio é fecundo; só o grãozinho moído e pulverizado se converte em farinha para hóstias.

Destarte a dor se transforma: começa a converter-se num ato de amor ao próximo, numa vitória sobre o próprio egoísmo, num gesto divino de caridade. Poder-se-á estranhar então que as almas delicadamente cristãs, em vez de a amaldiçoarem, bendigam a dor?

3. — Não basta. A dor, para quem vive sobrenaturalmente, se torna um fio telefônico mais forte que nos une a Deus com um hino de amor, que é a mais bela saudação dos filhos a seu Pai e que nos é inspirado pelo **Espírito Santo**.

Nós amamos, sofrendo. Foi dito que a verdadeira prova do amor é o sofrimento. Quando oferecemos a Deus a nossa dor, a divinizamos.

É bem este o espírito que animou a todos os Santos. Não seria inútil ler com este critério os atos dos **Mártires**, que foram os homens da dor. Então não estranharíamos as expressões de S. Inácio, Bispo de Antioquia. Conduzido em cadeias para Roma no ano 107 da era cristã, “receioso de que a caritativa solicitude de seus irmãos lhe impedisse chegar depressa até Deus pela porta de martírio, escreveu à Igreja de Roma a seguinte carta: “Receio que o vosso amor me prejudique... Nada melhor podereis oferecer-me do que deixar imolar-me a Deus enquanto o altar está preparado, e do que agradecer, todos juntos ao Pai, em Jesus Cristo, por ter julgado um Bispo da Síria digno de ser chamado do Oriente ao Ocidente para ser martirizado... Escrevo isto às igrejas e o digo a todos, que espontaneamente e da melhor vontade morro por Deus! Conjuro-vos a que não useis para comigo de uma benevolência inoportuna. Permiti-me que eu seja alimento das feras, e por seu intermédio consiga a posse de Deus. Trigo de Cristo, seja eu moído pelos dentes das feras para me converter em cândido pão de Cristo. Acaríciai de preferência as feras, para que sejam minha sepultura.” E assim prosseguia nos sublimes acentos das imortais esperanças e do amor a Jesus Cristo.

Eis aqui resolvido o problema. A dor se transforma em amor. No Coração divino, ensinava Jesus a Santa Margarida Maria, “tudo se transforma em amor, até as maiores angústias.” As amarguras da vida — diz o padre Mathéo — tocadas pelo Amor, tornam-se doces... Aqui na terra só os santos são verdadeiramente felizes.” A natureza pode estar con-

vulsionada, pode ter a sua agonia, seu Getsêmani, sem que se lhe perturbe a paz íntima e sobrenatural da alma. E demais, nesta vida de santidade não se leva sozinho a própria cruz; Jesus Cristo a leva conosco, e mais do que nós.” Ele, acrescenta S. Francisco de Sales, nos carrega a nós mesmos, junto com a cruz, em seus braços.

Assim sofre o cristão, o filho de Deus remido pelo sangue de Jesus Cristo. Sofre, não insensível, mas resignado, conformando sua vontade com a vontade divina, ainda quando não conhece as razões particulares por que Deus permite o mal.

Agora é necessário parar um instante, para ver se o catecismo tem uma aplicação prática em nossa vida.

Observa Santa Teresa que três quartas partes das orações que os homens dirigem a Deus poderiam reduzir-se a esta invocação: Da cruz e dos sofrimentos, livrai-nos, senhor! — Ao invés, dizia o Divino Mestre a Margarida Maria: “Recebe a Cruz que eu te dou; planta-a em teu coração, tendo-a sempre diante dos olhos e levando-a entre os braços dos teus afetos... Levá-la entre os braços significa abraçá-la amorosamente, todas as vezes que se apresenta, como o penhor mais precioso do meu amor.”

E o padre Mathéo comenta: “Sim, não arrastéis a Cruz, abraçai-a! Quando se tem medo da Cruz, é inevitável encontrá-la, mas não se encontra com ela o divino Crucificado. Se a carregardes, bem depressa ela vos carregará. Os braços ensanguentados do Salvador vos sustentarão. A Cruz será o vínculo indissolúvel entre o seu Coração e o vosso. Sereis felizes sofrendo...” Bem o sabia Santa Madalena de Pazzi quando beijava as paredes da cela dizendo: “Tu me enganaste, Senhor! Disseram-me que aqui só acharia

cruzes, espinhos e abandonos. Vim e Te encontrei e contigo já não há mais agonia, já não há mais Calvário.” A quem sofre cristãmente (e que é, diante de tal sofrimento, a dor do estóico e do filósofo?) acontece o que se deu com Santa Rosa de Lima, quando, ainda menina, passeava com o Menino Jesús, por uma avenida da cidade. O menino corria pela avenida, procurava e colhia flores e as levava para Rosa. Ela teceu uma coroa e a pôs sôbre a cabeça do Menino Deus. Jesus, porém, tomando a coroa, a pôs na cabeça de Rosa, dizendo: “Não, minha querida pequena espôsa, as rosas são para ti; para Mim, a coroa de espinhos.”

RECAPITULAÇÃO

1. — Todos padecem na terra. Mas há diversas maneiras de sofrer. De fato:

- a) Uns sofrem como brutos;
- b) Outros, como homens, como filósofos;
- c) Outros, como cristãos, isto é, como filhos de Deus.

2. — O verdadeiro cristão, quando sofre, considera a dor:

a) **em relação ao Pai**, que quer o nosso bem, como filhos que somos e por conseguinte, se nos faz sofrer, é para nos purificar de nossas culpas ou para aumentar nossos méritos para o Céu;

b) **em relação ao Filho**, o qual, para nos elevar à dignidade de filhos de Deus, sofreu e morreu por nós, ensinando-nos que também nós devemos sacrificar-nos pelo bem de nossos irmãos;

c) **em relação ao Espírito Santo**, que, como vimos, é o Amor substancial do Pai e do Filho. A dor pode tornar-se, se nós quisermos, o mais belo ato de amor para com Deus, pois o sofrimento é a verdadeira prova de amor.

3. — Por conseguinte, o cristão tem a resignação à vontade de Deus, santifica a dor e a transforma divinizando-a.

Eis aí, pois, resolvido o problema da vida: devemos organizar a existência, tendo a Deus como centro, qual autor não só da nossa natureza, mas também da ordem sobrenatural. Em outras palavras, não devemos limitar-nos a viver como homens honestos (ordem natural), mas devemos viver como homens divinizados (ordem sobrenatural). Não basta ser homens de bem; devemos ser cristãos.

CAPÍTULO XIV

CATECISMO DA MORTE

Até agora discutimos o problema da vida e perguntamos a nós mesmos como devemos viver. Isto não basta: devemos perguntar também **de que modo se deve morrer.**

Os néscios, disse Pascal, como não podem suprimir a morte, não pensam nela. Mas isto não adianta!

A vida humana muito bem comparou-a Homero a uma árvore cujas folhas, dantes verdes, logo murcham, desprendem-se, caem e desaparecem ao longe arrastadas pelo vento.

O filósofo imita a Filipe de Macedônia, que diariamente fazia com que o criado lhe repetisse estas palavras bem conhecidas: **“Lembra-te, ó rei, que hás de morrer!”**; o filósofo admira Marco Aurélio, que, às margens do Danúbio, após um dia de combate, no silêncio da noite, meditava na morte: **“Lembra-te — lê-se em suas Memórias, — lembra-te dos homens ilustres do passado, de Alexandre, Pompeu, Caio César, Heráclito, Demócrito, Sócrates. Depois pergunta a ti mesmo: Onde estão agora?... Considera as gerações humanas e todas as nações e vê quantos lutaram e se sacrificaram para morrer pouco depois. A lembrança de todas as cousas é logo tragada pelo abismo do tempo... A idade é como um rio de cou-**

sas que acontecem, é como uma corrente que semeia estragos. Mal se vê uma cousa e já passou, e passa outra e outra passará... Logo ouvirás uma voz e uma ordem: — Embarcaste, navegaste, chegaste; desembarca!”

O cristão não só pensa na morte, como para ela se prepara sem se entristecer. S. Luiz Gonzaga esperava o momento supremo com seu **Laetantes imus** — **vamo-nos alegres!** Suárez murmurava na agonia: “Nunca pensei que fosse tão doce morrer!” Nenhum verdadeiro crente repetirá desolado, diante da eternidade, o que disse Roberto Ardigò: “Para que serve a vida?” Não. Ainda quando se quebra o ramo da vida, o pássaro voa e canta o hino da imortalidade.

Sem temores descabidos e sem covardias, encaremos a morte de frente e como cristãos, com toda serenidade. Vejamos como o Cristianismo nos ensina a enfrentá-la.

1. O sobrenatural em face da morte

Virá para todos nós a hora em que devemos partir deste mundo. Não sabemos **quando**, nem **como**, nem **onde morreremos**. De uma só cousa temos plena certeza: havemos de morrer. Pobres e ricos, soberanos e súditos, papas e operários, moços e velhos, doutos e ignorantes, todos estão sujeito a esta lei: “a flor já viçosa em seu hastil, cai junto com a florzinha ainda em botão, quando é vibrada a foice que iguala todas as hervas do prado”.

De outra coisa também podemos ter certeza: quando o anjo da morte se aproximar de nós, nesse momento extremo no qual — até Voltaire o reconhecia

— sempre se diz a si mesmo toda a verdade, não nos arrependemos de ter vivido como cristãos. Diver-
timentos, prazeres, riquezas, crachás e comendas, di-
plomas e jóias, vestidos da última moda, para nada
nos hão de servir. Talvez só nos sirvam de remorso.
Alguns deverão resolver-se a fazer seu testamento;
queira Deus não mereçam uma inscrição mortuária,
como a que foi gravada na lápide de certo avarento:
**“Aqui jaz Tacanho Sovinil de Pandurães — que du-
rante toda a sua vida sempre somou — nunca dimi-
nuíu — sempre multiplicou. — Os herdeiros reconhe-
cidos dividiram.”**

Poucos dias, poucas horas, poucos instantes; de-
pois, tudo estará acabado para nós nesta terra. Mé-
dicos famosos, conferências, remédios e operações,
para nada servirão. Os cuidados e as lágrimas dos
entes queridos serão impotentes. **Só nos confortará
o pensamento de termos vivido na graça de Deus, de
termos divinizado nossa vida, de termos feito sobre-
naturalmente o bem e o nosso dever. Tudo o que
expusemos neste modesto compêndio nos aparecerá
então como a grande verdade consoladora: a união
com Deus, mediante a graça que nos adquiriu Jesus
Cristo com seus méritos, nos tranqüilizará. Felizes
de nós se o sobrenatural não tiver sido em nossa vida
uma palavra vã!**

2. Os últimos Sacramentos

Um costume criminoso se está introduzindo e em
alguns lugares já se introduziu. Quando uma pessoa
cai doente e piora, os parentes tratam de ocultar-lhe
o seu verdadeiro estado. Não querem assustá-la, re-

ceando perturbar-lhe o espírito; conseqüentemente, deixam-na morrer sem preparação. Quando muito, chamam a toda pressa o Sacerdote, só quando o enfermo já perdeu os sentidos, para dar-lhe a Extrema-Unção. E o pobre Sacerdote acode e muita vez só pode administrar o Sacramento **sob condição**, porque não sabe se está diante de uma pessoa viva ou um cadáver!

Que deveríamos dizer de um guia que, vendo um alpinista à beira do abismo, não o puxa depressa para trás, sob o pretexto de não assustá-lo? Abençoado susto, se ele salva uma vida!

O mesmo se há de dizer em nosso caso: Uma alma se aproxima inconscientemente do abismo do inferno. Como é possível que os que lhe querem de-veras possam deixá-la cair, sob o tolo pretexto de um hipotético momento de susto? Morre-se uma só vez; e da morte depende uma eternidade. Por isto, o cristão que medita na morte, não pode deixar de formular estes três propósitos:

a) viver sempre em graça de Deus, para que a morte o encontre preparado, se sobrevier de improviso. Caindo em pecado grave, tratará logo de recuperar a amizade de Deus, ou por meio de uma boa confissão ou, pelo menos, com um ato de contrição perfeita, acompanhada do propósito de se confessar quanto antes;

b) quando estiver enfermo, não se fará de rogado para receber o Sacerdote, nem se conformará com as chamadas “**bênçãos**”, mas pedirá ele mesmo os Sacramentos, especialmente se as pessoas da família ou alguma alma boa lhe insinuar esta idéia. Não cometerá a tolice de alimentar ilusões e apresentar-se ao juízo de Deus sem preparação. Se melhorar de

sua enfermidade, nada perderá por ter recebido os Sacramentos. Se piorar, terá o espírito calmo, tranqüilo e satisfeito, como verificamos sempre nós Sacerdotes, depois de administrarmos os auxílios religiosos aos enfermos;

c) quando algum de seus entes queridos ou algum amigo se encontrar em perigo de morte, não guardará o silêncio do traidor, não provocará as maldições que, desde o inferno, lhe dirigirá talvez amanhã aquela alma, que se perdeu por culpa dele. Mas imitará o nobre e corajoso exemplo de Alexandre Manzoni, que, em 1850, escreveu uma carta delicada e clara, a um querido amigo enfermo, o barão Trechi, para adverti-lo do seu estado de saúde e convidá-lo insistentemente a pôr a consciência em paz com Deus.

1. — **A última Confissão.** — O representante de Deus se aproximará de nosso leito. Pela última vez lhe abriremos nossa consciência e imploraremos o perdão de Jesus. A mão sacerdotal nos apresentará o crucifixo para beijar e se erguerá sobre nós dizendo: “Eu te absolvo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo”. A paz inundará nosso coração.

Na última confissão sobretudo, nos lembraremos do que ensina o Catecismo: **a Confissão nada vale e não se alcança o perdão dos pecados, sem a dor de ter ofendido a Deus e o propósito de não mais o ofender.** Por isto, também quando se preparam os enfermos para a Confissão, não devemos ser superficiais, nem contentar-nos com o ato material da Confissão: “Confessou-se; cumpriu seu dever de bom cristão”, ouve-se dizer.

Não; não basta confessar-se. É preciso fazê-lo com as devidas disposições. Quando se está enfermo, nem sempre é possível um exame de consciência, nem

a acusação integral dos pecados, mas — sob pena de nulidade do Sacramento — deve haver **sempre** o arrependimento, a dor sobrenatural dos pecados cometidos.

Alguns relegam a sua confissão para o fim da vida. Que desatino! Prescindindo mesmo do fato de que, deixando passar os anos sem a graça, dissipam a sua existência, prescindindo do perigo de morrer repentinamente e ser surpreendido pela morte como por um ladrão que não anuncia a sua vinda, há sempre, naquelas horas angustiosas, a dificuldade de pôr em ordem uma consciência atrapalhada e de excitar um sentimento sincero de dor, depois de tantos anos de glacial indiferença. Atendamos à nossa consciência enquanto estamos com saúde. Não tentemos a Nosso Senhor e não nos esqueçamos de que, se nos confessamos bem durante a vida, o último beijo do perdão de Jesus Cristo será doce e consolador.

2. Quem está gravemente enfermo tem o **dever absoluto** de receber o **Viático**. Não se trata de uma determinação eclesiástica, mas de um preceito divino. A Eucaristia é nosso alimento durante a vida e é o bom viático quando a morte se aproxima.

Jesus virá à nossa casa. Talvez o tenhamos visitado milhares de vezes em suas Igrejas: Ele virá pagar nossas visitas. Penetrará entre aquelas paredes que foram testemunhas de nosso trabalho, de nossas orações, talvez de nossas culpas. O sacerdote, em nome de Jesus, nos desejará a paz e logo nos oferecerá a Hóstia sagrada que nos dá a graça e o Autor da graça: “Recebe o viático de Nosso Senhor Jesus Cristo, que te defenda do inimigo maligno e te conduza à vida eterna”.

As pessoas que conhecem os primeiros princípios do Cristianismo, quando estão enfermas não se limi-

tam a receber uma só vez a Jesus na Comunhão, mas, aproveitando as grandes facilidades concedidas aos doentes com relação ao jejum, procuram ter freqüentemente, mesmo guardando o leito, a alegria da união eucarística, conscientes do aumento de graça que o próprio Autor da graça confere a quem O recebe. Quando estão com saúde não deixam de acompanhar o Viático, sempre que é possível, e quando comungam o fazem como preparação à última Comunhão e à sua morte.

Façamos votos para que, no dia em que nos for levado piedosamente o S. Viático, possamos saudá-lo com os sentimentos, se não com as palavras, de Santo Tomaz de Aquino, que, tendo adoecido durante sua viagem para ir ao Concílio de Lyon, tendo-se recolhido ao Convento de Fossanova, apenas a Hóstia santa havia passado a soleira da cela, exclamou: “**Eu te saúdo, ó preço de minha redenção! Recebo a Ti, por cujo amor estudei, velei e me afadiguei. A Ti, a quem sempre prèguei e ensinei... Tu és o Rei da glória, ó Cristo! Tu és o eterno Filho do Pai**”.

3. Jesus Cristo instituiu um Sacramento especial para os enfermos: a **Extrema-Unção** ou os **Santos Óleos**, que ninguém deve descurar.

Tão espantosa é a ignorância do catecismo que alguns julgam ser a Extrema-Unção um meio de apressar a morte dos agonizantes!... Outros há que julgam conveniente que este Sacramento seja administrado ao enfermo quando já inconsciente! Enfim, se fizéssemos, entre o povo cristão, um inquérito sobre a Extrema-Unção, topariamos com idéias tão curiosas e extravagantes de arrepiar os cabelos.

Este Sacramento foi instituído para confortar e aliviar a alma do enfermo nas supremas angústias,

dar-lhe forças nas últimas lutas, infundir-lhe uma doce confiança na Divina Bondade e dar-lhe coragem para suportar a dor e as doenças. A Extrema-Unção aumenta — como todos os Sacramentos dos vivos — a graça santificante, e se quem a recebe está em pecado mortal e não pode confessar-se, porque perdeu o uso dos sentidos, mas tem pelo menos a atrição, neste caso o Sacramento apaga a culpa grave e restitue a graça. Além disso, tira os pecados veniais e a fraqueza das fôrças espirituais, bem como as inclinações derivadas dos maus hábitos. Finalmente, dá a mesma saúde do corpo, quando isto convém à saúde da alma.

Portanto, não se deve esperar que o enfermo chegue à fase desesperadora da enfermidade para administrar-lhe a Extrema-Unção, porque então se exigiria para curá-lo um milagre, que razoavelmente não podemos esperar de Deus. Há de se recorrer a este santo remédio, quando a enfermidade é grave, ainda que se alimentem esperanças. Longe de apressar a morte, a Extrema-Unção é um meio efficacíssimo para implorar a saúde corporal, se for da vontade de Deus. O próprio Apóstolo S. Tiago o diz: “A oração da fé salvará o enfermo”.

3. A agonia e a morte cristã

Chegará finalmente o último instante. E a Igreja, boa mãe, não nos abandonará: quer tomar nossa alma para mais purificá-la e entregá-la a Deus. E' este o fim da **Bênção papal** e das orações para a **Encomendação da alma**.

A **Bênção papal in articulo mortis** é uma bênção especial dada pelo Sacerdote ao enfermo em nome do

Papa, e a ela está ligada uma indulgência plenária de todos os pecados cometidos, de tal maneira que a pessoa que a recebe com as devidas disposições, ao morrer voa imediatamente ao Paraíso, sem passar pelo Purgatório.

Para ganhar esta indulgência, além das condições comuns, é necessário que o enfermo: a) invoque devotamente com os lábios, ou, se não puder, pelo menos com o coração, o nome de Jesus; b) aceite das mãos de Deus, paciente e resignado, a morte como castigo do pecado.

A morte entretanto avançará a passo lento, mas inexorável. No momento da separação dolorosa, a voz da Igreja se levantará ainda uma vez, para recomendar a Deus, com terníssimas expressões, à alma do moribundo:

“Parte, alma cristã, — nos dirá o Sacerdote enquanto agonizamos e os nossos entes queridos nos rodeiam chorosos — sai deste mundo, em nome do Padre que te criou, em nome do Filho que por ti sofreu, em nome do Espírito Santo de quem recebeste a graça; em nome dos Anjos e dos Arcanjos, dos Patriarcas e dos Profetas, dos santos e das santas de Deus. Que tua morada seja sempre na paz e na santa Sião... Alma querida, eu te entrego nas mãos de Deus... que o céu venha ao teu encontro e te dê o seu abraço... que o doce Jesus te mostre sua face, alegre e benigna... Vai, goza no grande exército dos bem-aventurados a doçura da contemplação perene de Deus”.

E morreremos... O relógio de nossa vida há de parar para sempre. Nosso coração já não palpitará mais. Nossa alma se separará do corpo. Estaremos diante do divino Juiz.

4. Depois da morte

O primeiro encontro com Jesus... — O Jesus do nosso coração, por quem temos vivido e sofrido, olhará para a nossa alma. Um instante — e o **juízo particular** está feito; a sentença será pronunciada. Será a palavra justa e definitiva, que selará para sempre a nossa sorte. Essa sentença, nós mesmos a escrevemos durante a nossa vida. Deus não nos deixa faltar as suas graças. Depende de nós preparar-nos para um futuro que durará eternamente.

Enquanto isto, na casa da morte, o **nosso cadáver** será preparado. Em nossas mãos rígidas hão de colocar um Crucifixo. Virão depois os parentes e os amigos. Alguém talvez saude nossos despojos com uma oração e uma lágrima de gratidão pelo bem que fizemos. Logo, **um caixão, o acompanhamento, o funeral**. Pela última vez entraremos na Igreja, que conheceu nossas orações, nossas visitas, nossas Comunhões. As súplicas do Sacerdote nos acompanharão ao cemitério.

Antigamente também os fiéis rezavam durante os funerais. Agora, não se sabe porque, preferem conversar... Nem sequer a terrível majestade da morte impressiona a leviandade humana! E às conversas durante o acompanhamento, por vezes se juntam, como remate, os discursos no cemitério, os elogios, os panegíricos, as piedosas mentiras. E o mundo continua sua marcha. Os mortos são enterrados e os vivos logo se consolam.

Poucos dias, poucas semanas, e as lembranças se amortecem, começam a desaparecer por completo. Porventura vos lembrais das pessoas falecidas há um século ou há meio século? O mesmo acontecerá a cada

um de nós. Ninguém mais se há de interessar pela nossa pobre pessoa, exceto os vermes.

Talvez, lá em nosso túmulo coloquem uma lápide, uma Cruz, uma lâmpada, uma coroa. Durante alguns anos — se não mudarem os costumes — alguém irá lançar um olhar à nossa sepultura no dia de Finados. Já se sabe: no carnaval a gente vai ao corso e ao baile; no dia de Finados, ao cemitério...

Pobres cemitérios hodiernos! Como são diferentes dos primitivos cemitérios cristãos, das catacumbas! Lá se orava, aquí se tagarela alegremente. Lá as lápides dos mártires e dos heróis ostentavam tosammente esculpidas as palavras mais simples e humildes da fé: — **Vivas in Cristo! In pace!**... Aqui até se profanam as sepulturas com inscrições mentirosas, ridículas, e por vezes até com monumentos pagãos e obscenos...

Vem-me à lembrança a longa enfermidade e a morte do pranteado e inolvidável Cardeal Ferrari, o grande Arcebispo de Milão. O câncer lhe corroia a garganta. Não podia falar. A traqueotomia o havia enclausurado em seu quarto como em um cárcere, com a respiração difícil e ofegante. Tinha vivido como Bispo e como um grande. Como Bispo e como grande quis morrer. Durante muitas semanas, enquanto o seu admirável organismo resistia, houve um desfile interminável de pessoas de todas as idades, de todas as condições sociais e de todos os partidos. As crianças lhe cobriam o leito de flores; todos lhe enchiam o modesto quarto de orações.

Diante do Pastor — que nunca esteve tão eloqüente como no leito da sua longa e muda agonia — o ateu curvava a fronte diante de Deus, o incrédulo dobrava os joelhos e inclinava a cabeça ao gesto suave da bênção paterna; homens e senhoras choravam.

Quando o céu contou com mais um santo, um jornal liberal de Milão descrevia a inefável paz daquele solene ocaso, com estas palavras: “Ele nos ensinou a **viver e a morrer**”.

Seria impossível sintetizar numa expressão mais eficaz o fim do Cristianismo e o programa que deve ter cada um de nós.

RECAPITULAÇÃO

O Cristianismo nos ensina não só a viver, mas também a morrer.

1. A morte, meditada à luz sobrenatural, é o caminho pelo qual o cristão é admitido na **glória**. A visão beatífica só a alcança quem morre em estado de graça. Por isto, a coisa mais importante e essencial é **morrer em graça de Deus**.

2. Para alcançar esse fim, o verdadeiro cristão trata de estar sempre sem pecados mortais, afim de que, se a morte sobrevém de improviso, não seja ela o início de sua eterna condenação. Quando está seriamente enfermo, se apressa em receber os últimos Sacramentos: a **Confissão**, o **Viático**, a **Extrema-Unção**.

A **Bênção papal** tem por fim purificar a alma do enfermo de toda pena devida pelos pecados cometidos; e com as **orações da encomendação da alma**, a Igreja nos entrega à Trindade, pedindo para nós o Paraíso.

CAPÍTULO XV

O ALÉM

Um dia, na Universidade de Paris, um jovem, rico de talento e de esperanças, sentiu que lhe batiam no ombro; voltando-se para ver quem era, ouviu estas palavras: **“Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?”** Era Inácio de Loiola quem dirigia a Francisco Xavier esta solene admoestação de Jesus Cristo. Pouco tempo depois, o estudante se tornava o grande missionário das Índias e do Japão e o grande santo.

O problema do além, como se impôs a S. Francisco Xavier, se impõe também a nós, pois todos tremem ao pensar no que há de acontecer depois da morte. Ainda quando alguém, na aparência, demonstre tranqüilidade e pouco caso, no seu íntimo sente algum calafrio.

A fé ensina que na morte não acaba tudo; pelo contrário, é então que a vida começa. Nossa alma — e também a razão confirma a doutrina cristã — é imortal. Com o último suspiro, cessa o **tempo da prova** e se entra no que os teólogos chamam de **estado de termo**.

Aqui semeia-se; depois da morte já não é possível semear mais nada. Ninguém pode então adquirir novos méritos. É o tempo da colheita e da retribuição.

ção. “Vem a noite — ensina Jesus no Evangelho — em que ninguém pode trabalhar”.

Criados por Deus, caminhamos para Deus. Durante a vida mortal, é necessário decidir: queremos estar unidos a Deus por meio da graça e com toda a nossa alma? Queremos estar separados de Deus pelo pecado mortal? No primeiro caso, teremos na outra vida o Paraíso; no segundo, nos espera o **Inferno**. (O Purgatório, como explicaremos, não é mais do que um lugar de passagem). Em ambos os casos, o prêmio ou o castigo serão eternos.

1. Premissas necessárias

Esta **eternidade**, tão clara e repetidamente afirmada por Nosso Senhor em sua revelação, não é cousa que devamos estranhar, se nos colocarmos no ponto de vista do amor de Deus.

Deus nos amou e nos ama infinitamente; as provas do seu infinito amor são muitíssimas no campo da natureza e da sobrenatureza a que nos quis elevar. Ele nos criou, nos remiu, nos santificou para nos unir eternamente a Ele. Quer a união de nossos corações e a união sobrenatural das almas com Ele neste mundo, para começar aqui na terra a união perfeita do céu.

O universo com suas belezas, o sangue de Jesus com sua eficácia, a Igreja com seu apostolado nos orientam e nos impelem para Deus, que é nosso primeiro princípio e nosso último fim.

Deus entretanto respeita a nossa liberdade; não quer forçar-nos. Quer uma adoração livre e consciente. E nós, se refletirmos no **seu infinito amor**, devemos reconhecer:

1.º que é imensa a nossa estultícia, quando nos revoltamos contra Ele, quando, isto é, em vez de unir-nos a Deus, nos afastamos dele e nos voltamos para as criaturas, buscando em vão o que possa encher o nosso coração, que é feito para Deus e, por conseguinte, **“está inquieto, enquanto não descansa em Deus”**;

2.º que é infinita a gravidade de nossos pecados, como procurámos demonstrar num dos capítulos precedentes, pois que se mede a gravidade da culpa pela dignidade da pessoa ofendida; e sendo um Deus de infinita grandeza o ofendido, claramente se deduz que será também infinita a nossa culpabilidade. Por este motivo, o inferno é eterno: a justiça exige que — depois do período da misericórdia — haja proporção entre o pecado e o castigo;

3.º que é inqualificável a nossa ingratição para com Deus, quando nos revoltamos contra Ele. Deus nos deu tudo o que temos; elevou-nos à dignidade de filhos seus; divinizou-nos; morreu por nós na Cruz; cumulou-nos de graças; até o último instante nos persegue com seu amor sem limites. Quem morre em pecado mortal, a um Amor infinito opõe até o último momento, uma ingratição infinita. Se os sofistas, em vez de discutir a possibilidade do inferno eterno, meditassem estas duas cousas: de um lado, o infinito amor divino e de outro a infinita ingratição humana, suas objeções lhes morreriam nos lábios.

A outra vida, portanto, já não nos dá a possibilidade de nos livrar do pecado ou de adquirir novos méritos. A união ou separação de Deus será definitiva. Diremos agora uma palavra a respeito de tal união ou separação, com alguma referência ao Inferno, ao Purgatório e ao Paraíso, não nos esquecendo nunca de que também nestes assuntos, só poderemos enten-

der o verdadeiro ensino do Cristianismo se procederemos tendo à vista a doutrina relativa à graça e à ordem sobrenatural.

2. O Inferno

Como Dante em sua viagem de além-túmulo, desçamos também nós ao Inferno pelo pensamento.

O homem deve estar **unido a Deus** em razão da ordem natural e sobrenatural. O Inferno, ao contrário, não é outra coisa senão a **definitiva e eterna separação de Deus**.

Se fôssem infinitamente maiores as penas que agora sofrem os condenados, mas não sofressem esta pena — que os teólogos chamam a **pena do dano** — não existiria o Inferno. O Inferno, nesta hipótese absurda, desapareceria. As almas boas que vivem na graça e em união com Deus compreendem desde agora esta verdade. Pelo contrário, o pecador que, engolfado hoje nos sentidos e nas cousas perecedoras, não pensa em Deus, esse não chega a compreender como o verdadeiro Inferno possa consistir na separação do Senhor... Parece-lhe que se pode prescindir de Deus, sem maiores transtornos. Não pensa que, quando a alma está separada do corpo, quando já não é arrastada pela fascinação das futilidades desta terra, ao comparecer diante de Deus terá plena consciência de suas ilusões culposas. A maldição divina — que há de pesar sobre ela por toda uma eternidade — será o seu verme roedor e o seu primeiro tormento.

Jesus Cristo e a Igreja nos advertem que no Inferno há também a **pena dos sentidos**, isto é, o fogo e outros castigos, que torturam o condenado, para pu-

ni-lo das faltas cometidas. Visto como nesta vida nós pecamos usando também do nosso corpo; pecamos não só afastando-nos de Deus, mas também voltando-nos para as criaturas, é justo que sejamos castigados também desta maneira. ●

É supérfluo discutir como é em si o fogo do Inferno. Sabemos que, embora não haja uma definição dogmática a esse respeito, a S. Penitenciária proibiu absolver os que sustentam que é metafórico o fogo do inferno, ao qual tantas vezes alude Jesus. E' inútil discutir sôbre o modo com que o fogo atormenta as almas, antes e depois da ressurreição dos corpos. O que é certo é a sentença comum da Igreja que insiste sôbre a existência de um fogo verdadeiro e real, bem distinto, já se vê, do que nós usamos, mas um fogo criado pela justiça de Deus.

O pensamento do Inferno e das suas penas, se há de despertar em nós salutares sentimentos de temor, não deve naturalmente lançar-nos no desespero. Deus nos criou para unir-nos a Ele no amplexo do amor. Se nós estamos unidos a Ele, mediante a graça, evitando o mal e fazendo o bem sobrenaturalmente durante nossa vida, temos a obrigação de alimentar a **esperança cristã** no coração. Porventura não é a esperança uma virtude teologal? Como poderia Deus nos castigar com uma separação eterna, se o amamos, se pensamos nEle, se nós abraçamos a Ele, se continuamente nos santifica o seu Sangue, se a graça prossegue sempre na obra da nossa divinização? Em resumo: o inferno não deve nos trazer dúvidas angustiosas e desconfiança de nossa salvação; mas outras lições práticas deve dar-nos, isto é:

1) a fuga do pecado mortal, que, com a perda da graça, nos faz começar o inferno nesta vida;

2) a necessidade de estarmos unidos ao Coração de Jesus, que tanto nos ama e ao qual nunca dirigimos em vão nossa prece e nossa saudação;

3) a obrigação do apostolado, para salvar os que correm perigo de condenação. Quem trabalha e se sacrifica pela salvação espiritual do próximo assegura a sua própria salvação. Diz S. Agostinho: **“Salvaste uma alma? Predestinaste a tua”**. E a razão é simples: o apostolado é um ato de amor a Deus, porque leva nossos irmãos a Ele; o sinal mais certo de estarmos unidos a Deus, é conduzir uma alma ao seu Coração, para que erga conosco o grito do amor e da gratidão.

3. O Purgatório

Canta o Salmista:

“Como o cervo sequioso suspira pelas fontes das águas, assim a minha alma suspira por vós, ó meu Deus!

“Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando irei e aparecerei na presença de Deus?”

“As lágrimas são meu alimento dia e noite, enquanto me dizem cada dia: Onde está o teu Deus?”

“Recordo-me, e choro a minha sorte, do tempo em que ia ao tabernáculo de Deus, entre os cânticos de júbilo e ações de graças de uma multidão em festa.

“Por que estás triste, minha alma? e por que te perturbas? Espera em Deus, que ainda te será dado louvá-lo; Ele é a minha salvação e o meu Deus”.

Não são estes os brados que se erguem do Purgatório? Dificilmente se poderiam melhor exprimir os sentimentos daquelas almas que, apesar de estarem

na graça, não se unirão a Deus na visão beatífica, até que se tenham purificado completamente.

Sem nos determos na existência do Purgatório, nos sufrágios pelos mortos feitos por Judas Macabeu, no ensino de S. Paulo na epístola aos Coríntios, e sem pararmos nas invocações das Catacumbas (**Deus refrigeret spiritum tuum — Deus refrigerare o teu espírito**), em Santo Agostinho que aplica o Santo Sacrifício por sua mãe defunta, em Santo Ambrósio que reza depois da morte do Imperador Teodósio, e em toda a tradição eclesiástica — desde a noite em que o eremita de Cluny levou o seu Abade a fazer uma comemoração anual dos defuntos, até o conhecido decreto de Bento XV sobre as três Missas no dia de Finados — faremos algumas considerações sôbre as almas do Purgatório.

Em primeiro lugar, cometido um pecado, é necessário distinguir entre a **culpa** e a **pena**.

Mesmo nos tribunais humanos, não se confundem essas duas cousas. Se mato uma pessoa, o ato constitue uma **culpa**, e logo é castigada com uma **pena**, suponhamos, de vinte anos de prisão.

A culpa, como já vimos, pode ser **mortal** ou **venial**, conforme nos tira ou não a graça santificante, que é a vida da alma.

A pena que Deus nos inflige pelas nossas culpas, pode ser **eterna** (isto é, o inferno) ou **temporal** (como acontece quando se comete um pecado leve). Quando nos confessamos, depois de ter caído em culpa grave e o fazemos com as devidas disposições, alcançamos o perdão da **culpa** e também da **pena eterna**; mas quási sempre fica por satisfazer uma **pena temporal**, em reparação do mal já feito. É por isto que o confessor nos impõe a **satisfação** ou penitência, ao nos absolver. Por isto, oferecemos ao Senhor, em expia-

ção, o bem que fazemos. E' por isto que tratamos de ganhar as **Indulgências**. As indulgências, com efeito, não são mais do que a aplicação dos méritos de Jesus Cristo e dos tesouros espirituais da Igreja, em favor dos que cumprem determinadas condições. As indulgências servem **para satisfazer a pena temporal**, que ainda fica depois de perdoada a culpa e a pena eterna.

Postas estas premissas, é evidente que, se alguém morre em pecado mortal, deve sofrer uma pena eterna e vai para o inferno.

Se morre depois de ter expiado suas culpas, mortais e veniais, e de ter satisfeito a todas as penas devidas pelas suas faltas, terá o Paraíso.

Se, porém, morre, tendo na consciência somente pecados veniais (que não tiram a graça) ou precisando ainda descontar uma pena temporal por culpas graves já perdoadas ou por culpas leves, não pode ser condenado ao inferno, nem pode entrar no Paraíso: deverá passar pelo lugar da purificação, que precisamente se chama Purgatório.

São dois os tormentos das almas do Purgatório; elas sofrem:

a) **A pena do dano**, enquanto ficam separadas de Deus. Contudo, esta separação não deve ser confundida com a dos condenados, porque as almas do Purgatório possuem a graça, estão unidas a Deus pelo afeto e pelo vivíssimo desejo, embora estejam aflitas por não poderem se lançar nos braços do Senhor, a quem não hão de ver sinão depois da completa expiação. Portanto, não estão desesperadas; pelo contrário, sofrem com resignação e esperança.

b) **A pena dos sentidos**, pois é justo que, tendo os sentidos participado da culpa, a alma deve ser cas-

tigada também dessa maneira. É sentença respeitável e mais comum da Igreja, que no Purgatório há também o fogo, mas esta doutrina não é de fé.

Como na outra vida não é possível adquirir mérito algum, as bem-ditas almas do Purgatório não podem obter a libertação com seus próprios esforços. Mas, estando nós unidos a elas mediante a graça de Jesus Cristo, que nos une a todos em uma família e em um só organismo, podemos sufragá-las, aplicando-lhes os frutos de nossas boas obras. Como Pedro Cláver e outras pessoas generosas que se dedicaram ao resgate dos escravos, pagavam o preço da liberdade, assim nós — mediante as orações, as mortificações, as boas obras e a aplicação das indulgências e especialmente do Sacrifício da Missa — quebramos as cadeias dessas almas prisioneiras e lhes damos asas para voarem a Deus, por quem tanto suspiram.

Esta é a doutrina da Igreja, que, sempre boa mãe, nos convida, na recitação do “**De Profundis**”, a pensar no abismo no qual as almas nossas irmãs suspiram por Deus, e com o **Requiem** nos faz orar assim: **Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno e brilhe para elas a luz perpétua**”.

Também neste caso, apressando a união bem-aventurada das almas do Purgatório com Deus, fazemos um ato de caridade que aumenta a graça em nosso coração, isto é, nos une sempre mais ao Senhor. **União com Deus e graça**, eis aí duas palavras que resumem tudo: se fôsem bem compreendida não se veria o triste espetáculo deplorado por um poeta francês que, passeando entre os túmulos de um cemitério, murmurava: **“O verdadeiro túmulo dos mortos é o coração dos vivos”**.

4. O Paraíso

Nos dolorosos tempos do seu cativo, como nos lembra um salmo, o povo hebreu sentava-se à margem dos rios de Babilônia e chorava suspirando e pensando em Sião. Suspendia seus instrumentos musicais nos salgueiros que cresciam à beira das águas, e quando os opressores, que o haviam escravizado, lhe pediam que cantasse alguns hinos da pátria distante, respondia: “Como é possível cantar os cânticos do Senhor em terra estrangeira?”

Eis aí a resposta que se há de dar a todos os que, nesta terra de exílio, querem ouvir falar do Paraíso. “Não podemos imaginar — diz S. Paulo — o que Deus reserva para os que o amam, porque nem o olhar humano viu, nem o ouvido escutou, nem coração algum experimentou essas maravilhas”. O próprio Dante, ao iniciar a terceira parte do seu Poema, invocava auxílios especiais. Se, no dizer de S. João Damasceno, “balbutiendo resonamus divina”, com mais razão ainda, ao falar do Paraíso, nos limitamos a balbuciar algum pensamento e a comentar as doces expressões do Apóstolo S. Paulo, que escrevia aos fiéis de Éfeso: “Não cesso de me lembrar de vós em minhas orações para que Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, ilumine os olhos do vosso coração, afim de que saibais qual é a esperança a que vos chamou e quais são as riquezas da glória de sua herança reservada aos santos”.

Que é o Paraíso? É a união perfeita de nossa alma com Deus, na ordem sobrenatural. Dissemos que a graça é a semente da glória. Por meio da graça nos tornaremos filhos de Deus e portanto seus herdeiros.

ros. Neste mundo, a fé nos faz conhecer a Deus melhor do que a razão. A esperança nos infunde a confiança de chegar ao céu pela bondade de Deus, a quem amamos com a **caridade sobrenatural** difundida em nossos corações pelo Espírito Santo; e esta posse de Deus, esta nossa divinização inicial nos oferece a maior **felicidade** de que podemos gozar agora.

Tudo isto não é mais do que uma preparação, cujo complemento há de ser o Paraíso, quando cessar a fé e a esperança, sendo substituídas pela visão de Deus, e quando a caridade há de ser amor perfeito e imutável, quando a **felicidade** há de tornar-se plena e completa, sem sombra de dor, quando enfim, numa palavra, “havemos de ver a Deus face a face, como Ele é”, e o possuiremos para sempre.

Neste mundo, nunca somos completamente felizes. Frequentemente, como o cão da fábula de La Fontaine, nós corremos no encalço de umas sombras e nos afogamos. Sempre, depois de havermos conseguido alguma cousa, experimentamos a sua insuficiência. E deve necessariamente ser assim, porque, sendo limitado e finito todo bem criado, não nos podemos satisfazer com ele e aspiramos continuamente a algo mais. Só quando tivermos alcançado a Deus, o Ser infinito e perfeito, teremos a felicidade. Então nada mais — fora de Deus — poderemos desejar. Possuindo a Deus, teremos tudo e jamais poderemos exgotar este oceano sem praias e sem fundo. Elevados à ordem sobrenatural, possuiremos a Deus como têm o direito de possuí-lo seus filhos. O seu conhecimento será o nosso conhecimento. O seu amor será o nosso amor, o seu gozo será o nosso gozo. Assim como o Filho está unido ao Pai mediante o amor do Espírito Santo,

assim também nós, incorporados a Cristo, estaremos unidos ao Pai pela graça do Paráclito.

Tudo, portanto, contemplaremos em Deus, desde suas perfeições e sua vida íntima, até a humanidade do Verbo, os Anjos, toda a história e toda a realidade. E assim como Deus goza de uma beatitude perfeita, porque se conhece e se ama a si mesmo, assim também nós seremos eterna e totalmente felizes, porque conheceremos e amaremos a Deus e estaremos sempre com Ele.

Nossa felicidade será completa, apesar de bem diversa em cada indivíduo. **O grau da visão, do amor e do gozo nos céus estará na proporção do grau de graça e da caridade em que morrermos.** E precisamente de acôrdô com isto, nos será concedida aquela **“luz de glória”**, que tornará possível à nossa alma a contemplação de Deus.

Se refletirmos um pouco, percebemos logo a equidade e a beleza desta doutrina.

É certo que o sol é um só; entretanto, bem diversa é a visão que dele têm os olhos de cada pessoa. Assim também há um só Deus, Sol divino; mas é evidente que as almas hão de vê-lo de modo diferente, na proporção da sua capacidade individual, cuja medida é dada pela graça e pela caridade que cada um possui.

Quem esteve mais unido a Deus durante a vida mortal, quem mais o amou, é evidente que então o amará e gozará em grau maior. Não seria justo que S. Vicente de Paulo e S. João da Cruz fôsem no céu iguais ao pecador que com dificuldade se converteu na hora da morte.

Esta diferença não será prejudicial ao Paraíso, pois, como se exprime Santa Teresa do Menino Jesus, todas as flores são formosas e o esplendor da rosa e

a candura do lírio não tiram o perfume da humilde violeta, nem a maravilhosa singeleza das florinhas do campo. O céu é belo, não obstante a diversidade das estrêlas. Assim também, no eterno jardim do Senhor, no céu das almas vivas, a variedade e a diferença não diminuem, mas lhe aumentam a beleza.

Quanto a cada alma em particular, nenhuma se sentirá diminuída em sua felicidade por ser inferior às outras, porque no Paraíso nossa vontade será a vontade de Deus e seremos felizes em fazer esta vontade. Se tivéssemos diversos dedais de capacidade diferente, prossegue Santa Teresinha, e os enchêssemos de água, todos estariam perfeitamente cheios e não desejariam nem uma gota a mais, pois todos teriam água na proporção de suas dimensões. Assim também os bem-aventurados são felizes e não ambicionam maior felicidade, porque cada um deles está cheio de Deus, na proporção da sua própria capacidade, isto é, da graça adquirida no tempo. E podemos acrescentar que, em vez de inúteis indagações àcerca do Paraíso, seria melhor que cada um de nós — correspondendo à graça divina — tratasse de preparar para a sua alma um Paraíso mais belo. **Se pensássemos, por exemplo, que cada Comunhão a mais que fazemos dignamente, nos alcança um aumento da graça, e por ela teremos maior felicidade no céu, uma visão mais profunda de Deus e um hino de amor mais terno, uma união mais ardente por toda a eternidade; se, repito, refletíssemos nisto, quem de nós deixaria por negligência uma Comunhão? E diga-se o mesmo de toda dor sofrida com resignação cristã, de toda boa ação realizada e de todo Sacramento recebido com as devidas disposições. Só assim apreciaremos o tesouro da graça. o dom de nossa divinização que nos mereceram os sofrimentos daquele “divino Encanto”,**

daquela “doce atração de nossas almas” que é Jesus. como o saúda Tertuliano. Só então, no esplendor da glória e na intimidade do gôzo, compreenderemos toda a significação das palavras de Cristo saídas do seu Coração: “Permanecei, permanecei no meu amor”.

5. O Juízo universal

O amor infinito de Deus não se contentará com glorificar a alma dos filhos fiéis, nem sua justiça se limitará a castigar a alma dos filhos rebeldes.

Também o instrumento de nossa santificação ou de nossa condenação, **nosso corpo**, no fim do mundo será chamado a receber o prêmio ou o castigo. Como Cristo ressuscitou ao terceiro dia depois da morte, também nós ressuscitaremos e, conforme revelou Jesus, todos seremos convocados para o solene e último julgamento, o **Juízo universal**. No meio da confusão dos réprobos e da alegria dos escolhidos, Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, celebrará o seu definitivo triunfo, desfraldando a bandeira da Cruz. Então estará acabado o teatro deste mundo. A história da humanidade estará terminada com a vitória de Cristo, e será esta a significação grandiosa daquele dia. O Purgatório acabará; o Inferno encerrará em si para sempre os condenados; no Paraíso os filhos de Deus serão abismados no oceano da Divindade e resplandecerão com o mesmo brilho do Sol divino.

Sobre o túmulo de um pensador francês, Pe. Gratry, o Cardeal Perraud cantava assim a feliz imortalidade da alma cristã: “Quando numa formosa noite de verão se vê, das praias do mar, descer lentamente o sol no horizonte, há um momento em que o globo

de fogo se atira sobre as ondas e parece extinguir-se. Mas é apenas ilusão. O sol não se extingue; continua a sua radiante carreira e vai iluminar outros mundos". Assim também, as almas feitas de luz e de paz, também o cristão parece extinguir-se com a morte e submergir-se no oceano do nada; e não obstante se torna mais luminoso e penetra no mundo das claridades imortais. Agora, nosso fraco olhar não chega até lá em cima. Mas passará o inverno e chegará a primavera. Naquele dia, o germe da graça terá desabrochado para nós em flor de glória; e o Filho de Deus vivo, Cristo Salvador, de cujo corpo místico somos membros, nos unirá a seu Pai, mediante o amor do Espírito Santo.

Nossa divinização será consumada e nosso gôzo será eternamente perfeito.

RECAPITULAÇÃO

1) A alma é imortal. Separando-se do corpo, já não poderá mudar o estado em que se encontra no momento da morte. Não haverá então possibilidade alguma de arrependimento reparador ou de aquisição de novos méritos. A morte, portanto, é o momento do qual depende a eternidade.

2) Quem morre sem a graça, em pecado mortal, é condenado ao Inferno, isto é, à separação eterna de Deus (pena do dano) e a outros tormentos (pena dos sentidos).

3) Quem morre em graça de Deus, mas tem culpas veniais, ou uma pena temporal a cumprir pelos pecados cometidos, vai para o Purgatório e aí fica até que a Justiça divina seja satisfeita.

4) Os que morrem em graça e não têm nem culpas veniais, nem penas para descontar — como também as almas do Purgatório quando termina sua expiação — são admitidos

no **Paraíso**, ou seja, na visão intuitiva de Deus, no amor perfeito e imutável, na felicidade completa. O grau da visão, do amor e da felicidade está em proporção com o grau da graça adquirida na terra.

5) No fim dos tempos, no Juízo universal, Jesus Cristo encerrará a história da humanidade e terá seu justo e completo triunfo. Todos os filhos de Deus, que se conservaram fiéis durante a provação desta vida, constituirão com Jesus Cristo a Igreja triunfante e, mediante o Filho, unidos ao Pai com o amor do Espírito Santo, por todos os séculos eternos, estarão no gôzo da divinização já realizada.

CONCLUSÃO

Ao iniciar a leitura deste compêndio das verdades básicas do Cristianismo, talvez algum dos meus leitores conhecesse realmente as noções fundamentais da religião, mas algo descosidas, em desordem, algo instáveis e flutuantes, como ovelhas tresmalhadas.

Uma idéia única, central, viva, deveria agora brilhar em a nossa mente. Uma idéia capaz de organizar em um só todo os vários ensinamentos da fé e da moral católica: a idéia da nossa elevação à ordem sobrenatural, à dignidade de filhos de Deus, destinados à união com Deus mediante a graça na terra, e a glória no céu.

Partindo desta verdade fundamental, lançámos um olhar à história da humanidade, à queda original, ao Redentor, à revelação, à Trindade sacrossanta, à Encarnação, à Igreja, aos Sacramentos, à Hierarquia, à oração, à natureza, à atividade humana, à dor, à morte e ao outro mundo.

Pareceu-nos que cada um destes pontos se tornou luminoso, lançou alguma luz sôbre os outros, e, por sua vez, foi por eles iluminado, de tal forma que tivemos a impressão de haver mergulhado num mar de luz. Ao passo que antes, talvez, não víamos nenhum nexo entre os diversos dogmas, nem entre os dogmas, a moral e a oração, entre o natural e o sobrenatural, entre a cultura sagrada e a profana, entre a fé e a nossa

atividade cotidiana, deveríamos agora, ao invés, sentir **uma única harmonia**, resultante embora de mil vozes diversas, mas que exprime, um idêntico e divino pensamento. Já deveríamos conhecer a verdadeira solução do problema da vida. **O sobrenatural talvez ontem era para nós uma cousa sem sentido ou de pouca importância. De hoje em diante deve constituir a nossa maior preocupação e ser a alma da nossa alma.**

Terão conseguido este objetivo as minhas pobres páginas? Assim o espero. E faço votos para que aconteça a esta obra o que tanto extasiava a Contardo Ferrini ao contemplar o Monte Rosa.

Refere o seu biógrafo, Pellegrini, que aquela grande alma sentia uma profunda e justificada predileção pelo mais belo dos montes italianos.

Em direção à Itália volve o Monte Rosa "a sua frente vasta e majestosa, resplandecente de eternas geleiras; olha sublime para os cumes dos montes menores que se alinham em larga fileira aos seus flancos, como a fazer-lhe coroa, ou se agacham a seus pés e diminuem progressivamente, à medida que se afastam até se perderem na interminável planície do Pó, cheia de verdejantes prados e de louras messes maduras. Quando, porém, o lindo sol da manhã beija com seus primeiros raios essa cândida frente toucada de neves perpétuas, um incêndio se atea entre aquelas neves e se tingem de vermelho as eternas geleiras, fulgurantes qual chama de amor, a iluminar as belas terras da Itália. Eis o monte que Ferrini amou acima de todos os outros. Quantas vezes e com que afetuosa nostalgia, o contemplava ele desde os bastiões de Milão, pela manhã, esbraseado no seu incêndio, e logo depois radiante de cândidos e calmos resplendores!"

Também eu mostrei, nestas páginas, um monte maravilhoso, infinitamente mais belo que o Monte

Rosa: o monte da fé e da graça, que nos convida às divinas ascensões. Ergo minhas preces para que o Sol, que irradia do Coração de Cristo, beije estas pobres páginas, mais frias do que a neve e as geleiras da montanha. Então, as almas que procuram verão claramente a beleza e a verdade do Cristianismo, o amor de Deus pelos homens, o dever e a necessidade que eles têm de amar sobrenaturalmente a Deus.

ÍNDICE

Prefácio	5
CAP.	
I — A IGNORÂNCIA RELIGIOSA	7
1 — Tríplice forma de ignorância religiosa ...	8
2 — Catecismo e apologética	14
3 — Exposição orgânica do Cristianismo	16
Recapitulação	19
II — O PROBLEMA DA VIDA	21
1 — A vida desorganizada	22
2 — A vida organizada	26
3 — As três organizações possíveis da vida .	28
Recapitulação	37
III — A ORDEM NATURAL E A ORDEM SOBRENATURAL	39
1 — Definição das duas ordens	40
2 — O homem na ordem natural	43
3 — O homem na ordem sobrenatural	47
4 — A dignidade dos filhos de Deus	51
Recapitulação	53
IV — A GRAÇA	54
1 — O dom da divinização	56
2 — O dom divino e os dons humanos	59
3 — A fonte da graça	60
4 — Os filhos de Deus	62
5 — O valor das ações divinizadas	65
6 — A graça e o Paraíso	68
7 — Os séculos cristãos e a graça	69
Recapitulação	71

V — A QUEDA	73
I — Os Anjos	74
1. Os Anjos e a ordem sobrenatural .	75
2. Nós e os Anjos	75
II — A queda do homem	78
1. O homem elevado e o homem decaído	79
2. Objeções e respostas	86
III — O pecado	88
1. A gravidade do pecado	89
2. O estado do pecador	91
Recapitulação	93
VI — CRISTO NA HISTÓRIA	95
1 — O conceito cristão da história	97
2 — Jesus Cristo e o povo hebreu	101
3 — Jesus Cristo e os povos antigos	103
4 — A história depois da vinda de Cristo ...	106
5 — Conseqüências práticas	109
Recapitulação	111
VII — A BÍBLIA	112
1 — A inspiração	112
2 — A leitura da Bíblia	114
3 — Os protestantes e a Bíblia	117
4 — O sobrenatural e a Bíblia	120
5 — Métodos errados ou incompletos	124
Recapitulação	127
VIII — A SANTÍSSIMA TRINDADE	128
1 — O dogma trinitário	130
2 — Uma palavra de esclarecimento	133
3 — A Trindade e os demais dogmas cristãos	137
4 — A Trindade e a vida sobrenatural	137
5 — A Trindade e a oração cristã	139
Recapitulação	142
IX — O VERBO ENCARNADO, REDENTOR	
DO MUNDO	143
1 — O dogma da Encarnação	143
2 — A possibilidade da Encarnação	145

3 — O Verbo Encarnado	147
4 — Os motivos da Encarnação	150
5 — A Redenção	153
6 — A grandeza divina de Cristo	158
Recapitulação	160
X — MARIA	161
1 — A Imaculada, a Virgem, a Mãe	164
2 — A devoção a Maria e o sobrenatural ...	169
Recapitulação	170
XI — A IGREJA	171
1 — A Igreja é um organismo cuja cabeça é Cristo	171
2 — A alma da Igreja é o Espírito Santo .	174
3 — Os membros da Igreja	175
4 — A Comunhão dos Santos	176
5 — As notas da Igreja	177
Recapitulação	179
XII — A IGREJA E A NOSSA UNIÃO SOBRE- NATURAL COM DEUS	181
1 — A liturgia	183
1. O que não é a liturgia	183
2. Que é a liturgia	184
3. A liturgia e o dogma	185
II — Os Sacramentos	187
1. Número dos Sacramentos	187
2. Definição de Sacramento	189
3. Os Sacramentos significam e produzem a graça	190
4. O sujeito e o ministro dos Sacramentos	192
5. Conclusão	193
III — O sacrifício e a Comunhão	194
1. A Santa Missa	196
2. A Comunhão	198
IV — A Hierarquia	201
1. A hierarquia e o sobrenatural	203

	2. O Papa	204
	3. Os Bispos	207
	4. Os Sacerdotes	208
	Recapitulação	211
XIII — A VIDA CRISTÃ		213
I — O cristão e a oração		215
1. A união com Deus		217
2. Métodos e exemplos		220
3. Objeções e erros		226
4. Votos e esperanças		231
Recapitulação		233
II — O cristão e a natureza		234
1. Os métodos no estudo da natureza		235
2. Conselhos práticos		240
Recapitulação		244
III — O cristão e a vida		245
Recapitulação		251
IV — O cristão e a dor		251
1. Diversos modos de sofrer		252
2. A solução do problema da dor ...		255
Recapitulação		261
XIV — CATECISMO DA MORTE		263
1 — O sobrenatural em face da morte		264
2 — Os últimos Sacramentos		265
3 — A agonia e a morte cristã		270
4 — Depois da morte		272
Recapitulação		274
XV — O ALÉM		275
1 — Premissas necessárias		276
2 — O Inferno		278
3 — O Purgatório		280
4 — O Paraíso		284
5 — O Juízo universal		288
Recapitulação		289
CONCLUSÃO		291